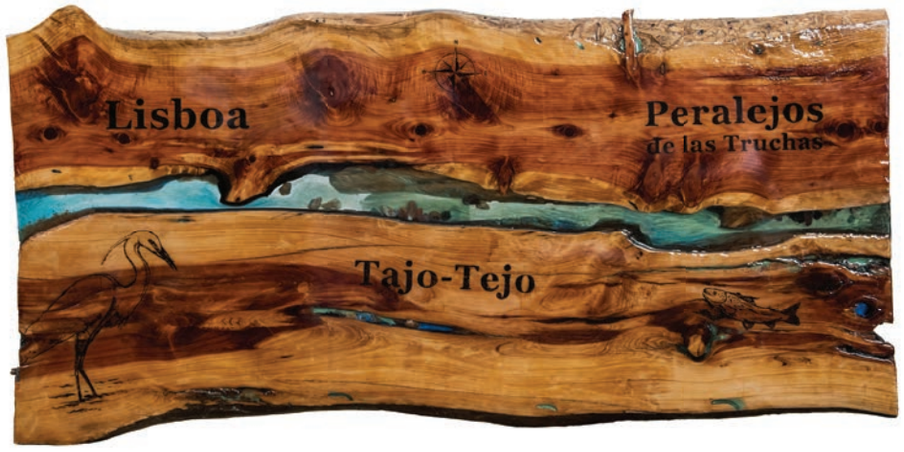


DEPOIS DE NASCER na serra de Albarracín, a 1593 metros de altitude, o Tejo percorre cerca de 1070 quilómetros até se diluir nas águas frias do Atlântico, o que faz dele o rio mais extenso da Península Ibérica. Antes do seu encontro final com o oceano ainda dá forma a um grandioso estuário, o maior da Europa Ocidental, reconhecido pelo seu valor ecológico e biodiversidade. Ao longo da sua viagem ibérica atravessa valiosos espaços naturais, ornamenta cidades e vilas históricas de grande valor patrimonial, e mantém na memória aldeias e lugares de antigas tradições fluviais. Este guia é um convite à descoberta dos locais mais notáveis banhados pelo Tejo, desde os magníficos *canyons* do Parque Natural do Alto Tajo até ao amplo estuário que ajudou a nascer a cidade de Lisboa. Esta peça de arte em madeira e outros materiais locais foi elaborada e oferecida pelas gentes de Peralejos de las Truchas, a primeira aldeia do rio. Sinal de união entre a nascente e a foz do Tejo.

9 789895 314393

EDIÇÕES LISBOA CAPITAL VERDE EUROPEIA 2020
COLEÇÃO LISBOA

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

LISBOA
Vencedor 2020
CAPITAL VERDE
EUROPEIA

Guia do rio TEJO DESDE A NASCENTE ATÉ À FOZ

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

LISBOA
Vencedor 2020
CAPITAL VERDE
EUROPEIA

Guia do rio TEJO

DESDE A NASCENTE ATÉ À FOZ

2ª Edição Aumentada

Lisboa Capital Verde Europeia 2020

EDIÇÕES LISBOA CAPITAL VERDE EUROPEIA 2020

COLEÇÃO LISBOA

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

LISBOA
CAPITAL VERDE
EUROPEIA

Ficha Técnica

EDIÇÃO: Câmara Municipal de Lisboa (Pelouro do Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia)

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Câmara Municipal de Lisboa (2.ª edição aumentada - 2021), David Travassos (1.ª edição - 2013)

TEXTOS: ***Câmara Municipal de Lisboa*** [pp. 50-55, 134-135, 145, 165, 173 (Azambuja), 221-223, 230-231, 234-235, 256-262, 264, 269, 272, 277-279, 282, 285, 288-289, 292-295, 308-309, 318-323], ***Cláudia Pinto*** (geomonumentos), ***David Travassos*** [pp. 10-11, 34-49, 56-65, 68-133, 134 (1ª coluna), 136-144, 146-164, 166-172, 173 (Muge e Valada), 174-219, 220 (excetuando as "referências"), 226-229 (excetuando a caixa final), 232-233, 248-254, 265-268, 271 (excetuando o Teatro Romano), 273-276, 283-284, 290, 310-315], ***João Paulo Gomes*** (pp. 16-33 e flora dos parques e jardins de Lisboa), ***Nuno Ludovice*** (pp. 300-307), ***Vânia Proença*** (pp. 12-15).

FOTOGRAFIA: ***Ana L. Alvim/CML*** [p. 229, 264 (c), 278 (b), 279, 314 (a)], ***Ana S. Serra/CML*** [p. 269 (a), 278 (c), 278 (d), 289 (d), 294 (a), 304-307, 311 (b), 322], ***Américo Simas/CML*** [p. 289 (b), 295 (b), 308 (a), 317 (b), 321 (a)], ***Armindo S. Ribeiro/CML*** [p. 259 (a), 261 (a), 264 (a) e (b), 309 (b)], ***Asociación Terra Naturalis*** [p. 66 (a)], ***Carlos M. D. Silva/CML*** [p. 257 (c), 258, 272 (a), 289 (a), 292 (a), 294 (b), 309 (a), 311 (a)], ***C. M. Golegã*** (p. 162), ***C. M. Idanha-a-Nova*** (p. 135), ***C. M. Loures*** (p. 221), ***C. M. Mação*** (p. 145), ***David Travassos*** [pp. 10-33, 56-65, 67 (a), 68-96, 97 (b), 98-134, 136-144, 146-161, 163-164, 165 (a, b), 166-171, 172 (b), 174-220, 226-228, 230-233, 236-247, 248 (b), 249-255, 263, 265-267, 270 (a), 271 (a), 273-276, 280-281, 283-284, 286-287, 290, 296-302, 308 (b), 314 (b), 315-316, 317 (a)], ***José Avelar - Museu de Lisboa / EGEAC*** [p. 271 (b)], ***José Vicente*** (geomonumentos), ***Lisboa Ocidental SRU*** [p. 260 (a)], ***Luís F. Catarino/CML*** [p. 272 (b)], ***Manuel R. Levita/CML*** [p. 269 (b), 278 (e), 282, 285 (b), 288 (a), 289 (c), 295 (a), 310)], ***Marcos Gulbenkian*** (foto da capa), ***Nuno Correia/CML*** [p. 257 (d), 262 (c), 277, 285 (a), 288 (b), 293], ***P. Pina/Oceanário de Lisboa*** (p. 320), ***Visitfoods*** (p. 55).

ILUSTRAÇÕES: ***António Braga/CML*** (pp. 324-325), ***C. M. Loures*** (p. 222), ***Cláudia Baeta*** [pp. 50, 51 (a) e (c), 52-54], ***Instituto Hidrográfico/Marinha*** (p. 320), ***Miguel Félix*** (pp. 34-49), ***Pedro Salgado*** [p. 51 (b)].

DESENHO DE MAPAS: João Paulo Gomes

PRODUÇÃO GRÁFICA: Ibloom Digital

ASSESSORIA ADMINISTRATIVA: Inês Matias, Rita Folgosa e Sara Veiga (CML)

DEPÓSITO LEGAL N.º 489994/21

ISBN: 978-989-53143-9-3

IMPRESSÃO: Rainho & Neves, Lda.

TIRAGEM: 500 exemplares

LISBOA – 2.ª edição aumentada (outubro de 2021), 1.ª edição (julho de 2013)

Guia do Rio

TEJO

DESDE A NASCENTE ATÉ À FOZ

2ª Edição Aumentada

ÍNDICE

Prefácio 06
Mapa Geral do Rio Tejo na Península Ibérica 08
A Grande Viagem do Tejo (introdução) 10
A Vida do Tejo 12
A Flora 16
A Fauna - Aves 34
A Fauna - Mamíferos 47
A Fauna - Peixes 50
Gastronomia 55
TROÇO 1 56
O Berço do Tejo 58
Parque Natural do Alto Tajo 62
Alto Tajo / Peralejos de Las Truchas 66
Trillo 78
Zorita de los Canes 80
Fuentidueña de Tajo e Villamanrique de Tajo 83
TROÇO 2 84
Aranjuez 86
Toledo 92
Talavera de la Reina 102
TROÇO 3 106
Parque Nacional de Monfragüe 108
Alcántara 118
TROÇO 4 122
Parque Natural do Tajo Internacional 124
Parque Natural do Tejo Internacional 128
TROÇO 5 136
Monumento Natural das Portas de Ródão 128
Amieira do Tejo, Belver e Alamal 141
Mação 145
Abrantes 146
TROÇO 6 150
Constância 152
Almourol 156
Tancos e Arripiado 158
Vila Nova da Barquinha 160
Golegã e Reserva Natural do Paul do Boquilobo 162
Chamusca, Alpiarça e Almeirim 165
Santarém 166
Cartaxo, Muge, Valada 172
Salvaterra de Magos, Benavente e Coruche 174
Rio Sorraia 176
As Aldeias Avieiras 177

TROÇO 7 182
Reserva Natural do Estuário do Tejo....184
Alcochete 196
Salinas do Samouco....200
Montijo e Moita....204
Barreiro 208
Seixal....210
Almada....214
Vila Franca de Xira....220
Loures 221
TROÇO 8
Lisboa, a Capital do Tejo 226
Corredor Verde Ribeirinho....230
Parque das Nações
O futuro Parque Interconcelhio Lisboa/Loures, a ponte ciclopedonal do Trancão
e as Jornadas da Juventude 2023....232
O Parque das Nações – Jardins e Equipamentos 234
Parque do Tejo e do Trancão - À Beira do Tejo....236
Jardim Garcia de Orta - Jardins do Mundo em Português....242
Da Torre Vasco da Gama ao Cabeço das Rolas....248
Corredor Verde Ribeirinho Oriental
Parque Ribeirinho Oriente - Nova Vida Junto ao Tejo....252
Corredor Verde Ribeirinho Oriental - Quintas, Praças, Palácios e Conventos 256
Jardim do Museu da Água - O Jardim da Água....263
De São Vicente e Alfama pela Baixa Pombalina até Santos
Jardim Botto Machado / Jardim de Santa Clara - O Jardim da Feira da Ladra 265
Bairro de Alfama / Miradouros....267
Jardim do Campo das Cebolas....271
Baixa Pombalina....273
Jardim da Ribeira das Naus 276
Jardim Roque Gameiro (Cais do Sodré) 277
Pela encosta de São Francisco 278
Jardim Sá da Bandeira / Praça D. Luís I - O Jardim do Mercado da Ribeira....280
Miradouro do Alto de Santa Catarina / Jardim do Adamastor - A Vista do Adamastor 283
Jardim Nuno Álvares / Jardim de Santos - O Jardim das Tipuanas....286
Jardim 9 de Abril / Jardim da Rocha Conde de Óbidos - Um Olhar Sobre o Porto....290
Frente Ribeirinha Ocidental - De Alcântara a Belém
Conjunto Monumental de Belém - A Sala de Visitas 296
Jardim do Império / J. Vasco da Gama / J. Afonso de Albuquerque / J. do Palácio de Belém 298
Ôutros Monumentos no Conjunto Monumental de Belém....308
Mapa do Conjunto de Belém 312
Jardim da Torre de Belém - Uma Joia do Tejo....315
Que Futuro Entre Lisboa e o Mar? 318

Fotografia: ANA LUÍSA ALVIM / CML

ESTE CÉU QUE **NOS UNE**

Por JOSÉ SÁ FERNANDES*

COMO LISBOETA sou fascinado pelo rio Tejo. Aprendi a conviver com ele enquanto meu confidente. Sempre que é preciso, ele lá está, pronto para me ouvir ou apenas para confortar-me as ideias.

Lisboa é indissociável do Tejo. É ele que a envolve, que lhe dá forma, que recebe quem nos visita, que vê partir quem nos deixa. Mas o Tejo é muito mais do que Lisboa. É a lezíria, é a história que se estende por mais de 1000 km, palco de batalhas e de muitas paixões. É mais do que um curso de água, é vida e sustento de muitos; foi via de comunicação preferencial entre po-

vos e países. É o sítio para onde se estende o olhar de milhões de pessoas.

Pensar no Tejo traz-me à memória dois episódios de uma das minhas viagens à sua descoberta. Um dia, em Albarracín, ao passear pela serra em busca do princípio do Tajo, encontrei um pastor a quem perguntei onde era a nascente do rio que nos une. Ele, acenando com a cabeça para cima, respondeu: "del cielo señor, del cielo", expressão que Cervantes usou à chegada a Lisboa, num momento em que uma das suas personagens, o grumete, exclama ao avistá-la, "El cielo señor".

No dia seguinte, na primeira aldeia do rio, Peralejos de las Truchas, um velho homem, quando me viu chegar, e percebendo que eu não era dali, perguntou-me, com um sorriso nos lábios, de onde vinha e, quando lhe disse que era de Lisboa, levantou-se, alargou a alegria aos olhos, estendeu-me os braços para um abraço, dizendo: "somos vizinhos, moramos ao lado do mesmo rio, eu no princípio e tu no fim".

Este ano, organizámos um encontro entre os dois lugares, cá e lá, e maravilhámo-nos mutuamente com as histórias e gentes do nosso rio que, simbolicamente, mostramos na capa com um painel artístico carinhosamente produzido por uma artista local, em conjunto com os restantes habitantes de Peralejos de las Truchas.

O Tejo começa num sítio belo. Nasce de facto do céu, sem nascente, e vai ganhando forma, por entre serras e vales, até acabar, em toda a sua grandeza, em Lisboa. E é esta ligação que inspira poetas e escritores desde há muito.

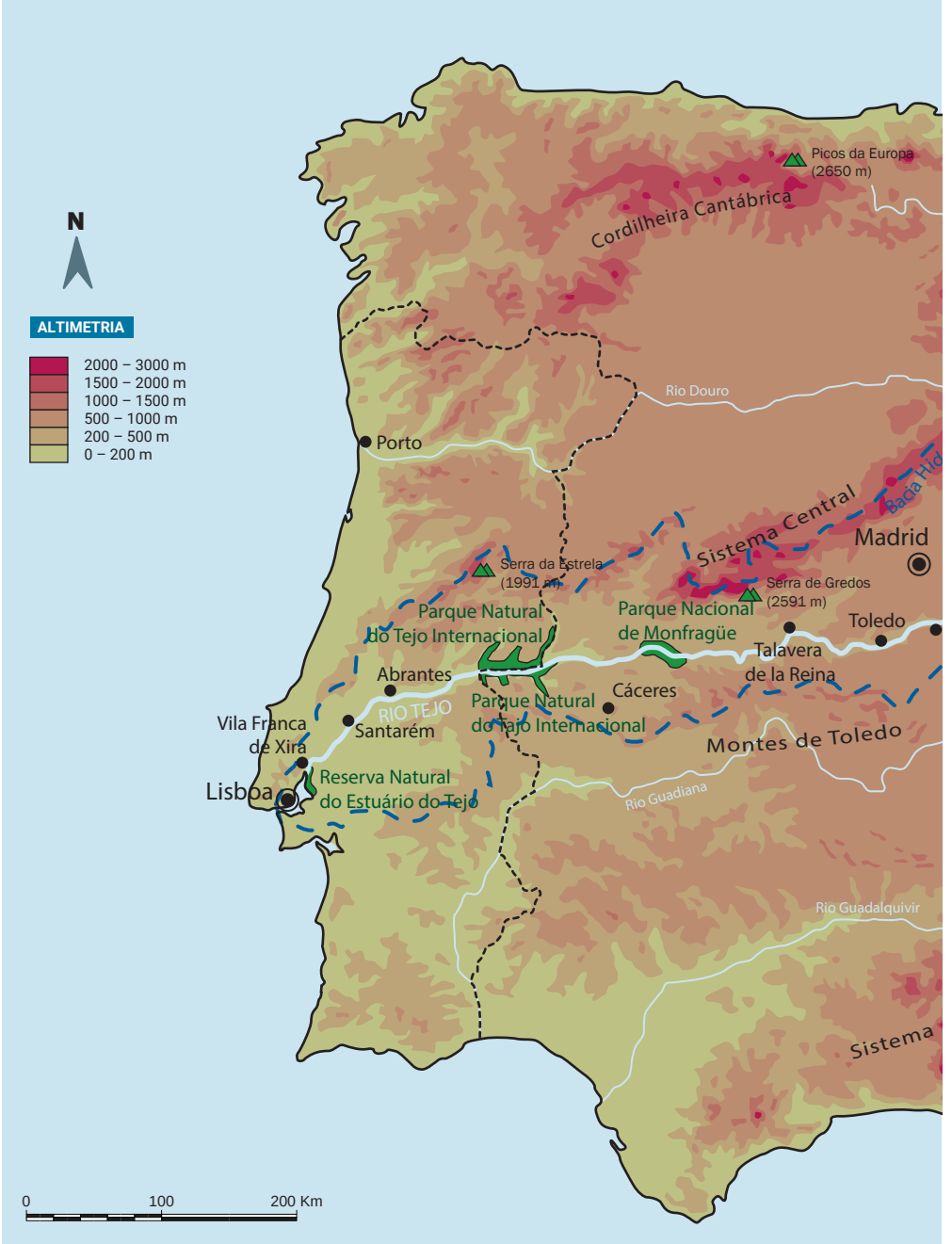
É com orgulho que Lisboa reedita este guia. Hoje, o estuário do Tejo está mais limpo e tem mais biodiversidade e a frente ribeirinha lisboeta está mais rica, tem mais sítio, melhores acessos e é cada vez mais de todos nós.

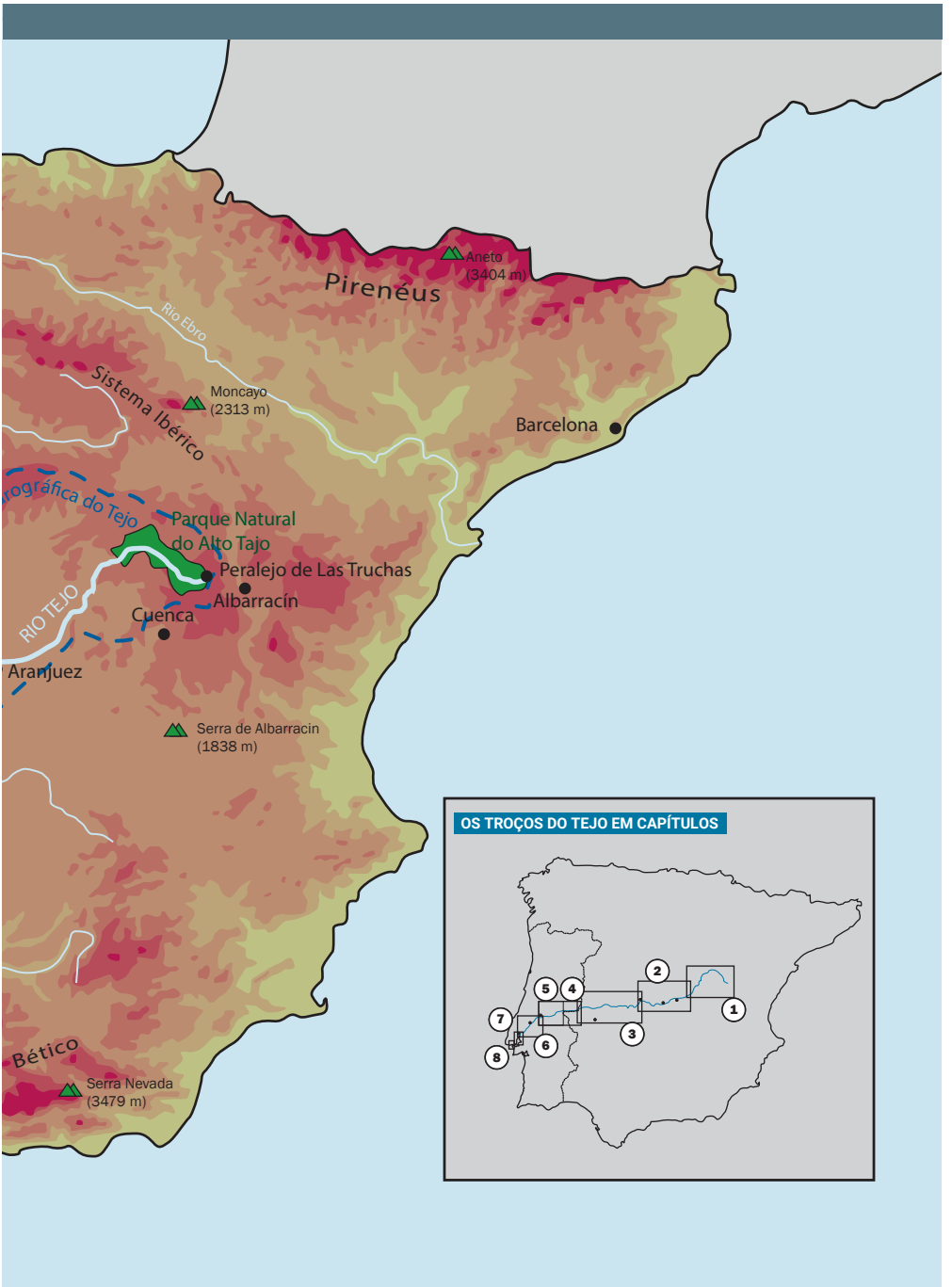
Ao fim de catorze anos no executivo da Câmara Municipal de Lisboa (2007 a 2021), lembro que, antes, mais de cem mil casas despejavam os resíduos directamente no rio. Hoje, tal já não acontece e, quase todos os dias, somos visitados por golfinhos. Entretanto, estão envolvidas mais entidades no compromisso da salvaguarda ambiental do rio – Carta dos Direitos do Estuário do Tejo – e os concelhos de Lisboa e Loures têm um projeto de futuro comum, o de construir um grande parque ribeirinho, que também os vai unir.

Este Guia continua, pois, a fazer falta, para que cada vez mais pessoas se apaixonem por este rio notável, para que mais pessoas se deixem inspirar pelas suas marés.

** Vereador do Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia*

Mapa da **PENÍNSULA IBÉRICA**




Aneto
(3404 m)
Pirenéus
Río Ebro
Sistema Ibérico
Moncayo
(2313 m)
Barcelona
Parque Natural
do Alto Tajo
Peralejo de Las Truchas
Albarracín
Cuenca
RIO TEJO
Aranjuez
Serra de Albarracin
(1838 m)
Bético
Serra Nevada
(3479 m)
OS TROÇOS DO TEJO EM CAPÍTULOS
1
2
3
4
5
6
7
8

A Grande Viagem do TEJO

David Travassos

DEPOIS DE NASCER na serra de Albarracín, a 1593 metros de altitude, o Tejo percorre cerca de 1070 quilómetros (dos quais 272 quilómetros em Portugal, ou partilhando a fronteira) até desaguar no imenso Atlântico, o que faz dele o rio mais extenso da Península Ibérica. Antes do seu encontro com o oceano dá forma a um grandioso estuário, o maior da Europa Ocidental, que alcança cerca de 15 quilómetros de largura máxima.

Durante este longo trajecto, o curso do Tejo é interrompido e represado por mais de 10 barragens, para além das suas águas serem desviadas, em Espanha, para a bacia hidrográfica do rio Segura, respondendo assim às necessidades hídricas do sudeste espanhol, uma região de grande pressão agrícola e turística. Soma-se, ainda, a captação de água (exterior às albufeiras), a regularização das margens e a drenagem de amplas zonas húmidas adjacentes, efectuada durante séculos para a agricultura.

Apesar de tudo isto e da poluição mais ou menos presente em determinados troços ou locais, o Tejo encontra-se associado a grandes cenários naturais de elevado valor ecológico. No seu percurso, o grande rio atravessa os territórios de um parque nacional (de Monfragüe), três parques naturais (o do Alto Tajo e dois no Tejo Internacional), uma reserva natural (do

Estuário do Tejo), e uma série de outras áreas, sobretudo em Espanha, classificadas pela sua importância ecológica (tanto pelos habitats como pela biodiversidade que abrigam) no âmbito da Rede Natura 2000.

Uma viagem cenográfica

Nesta viagem, a fisionomia do Tejo e as paisagens que atravessa revelam em muitos lugares notáveis efeitos cénicos. Entre a serra de Albarracín, onde nasce, e a vila de Trillo, onde se desenvolve, o Tejo assume a condição de verdadeiro rio de montanha, sobretudo quando dá forma ao vasto Parque Natural do Alto Tajo através do imponente *canyon* que esculpiu ao longo de milhões de anos. As suas águas fluem depois por declives moderados, mas ainda sob uma tonalidade azul-glaciar, como na bela paisagem de Zorita de los Canes, até se esquecerem da sua origem e se suavizarem entre extensos campos de cultivo.

O Tejo aproxima-se de três importantes centros urbanos em terras de Espanha, cujas identidades foram por si moldadas durante séculos: as cidades de Aranjuez, Toledo e Talavera de la Reina. A riqueza monumental e cultural das duas primeiras levou à sua classificação pela UNESCO como Património Mundial.

Inicia-se depois o seu périplo pela Extremadura espanhola, numa paisagem dominada por montados de azinheiras e sobreiros, bosques mediterrânicos, lugares e aldeias recônditas. Quando atravessa num vale encaixado o Parque Nacional de Monfragüe, serve de refúgio a grifos, abutres-do-Egipto, águias-reais, cegonhas-pretas, entre muitas outras espécies de grande valor biológico. A seguir chega à histórica localidade de Alcántara, passando sob uma monumental ponte romana com quase 2000 anos e prossegue a sua viagem já na raia portuguesa.

As fronteiras do Tejo

Demarcando a fronteira entre Portugal e Espanha, ao longo de mais de 40 quilómetros, o rio margina pela primeira vez o território português. São os domínios do Tejo Internacional, abrangido por dois parques naturais fronteiriços, numa paisagem muito pouco povoada mas fértil em vida selvagem. É um verdadeiro santuário para aves de rapina, incluindo diversas espécies ameaçadas à escala mundial. Um pouco mais a jusante, e ainda antes de banhar a cidade de Abrantes, o Tejo atravessa uma imponente crista quartzítica – as Portas de Ródão –, fluindo sob o olhar altaneiro do castelo de Belver.

Depois de Abrantes, o Tejo recebe junto à bela vila de Constância as águas do rio Zêzere, o seu principal afluente ao longo de todo o percurso, para logo a seguir abraçar o simbólico Castelo de Almourol, erguido numa pequena ilha fragosa. A partir de Vila Nova da Barquinha, o vale alarga-se, formando as férteis planícies da Lezíria, onde espreita a antiga cidade de Santarém erguida numa colina sobranceira ao rio. É um troço de antigas tradições fluviais, incluindo a singular cultura dos Avieiros e das suas aldeias ribeirinhas de casas palafíticas.

Prosseguindo em direcção à foz, o Tejo chega a Vila Franca de Xira e inicia a sua derradeira etapa: abre-se num amplo estuário de grande valor ecológico, histórico e cultural, como bem comprovam a Reserva Natural do Estuário do Tejo, as Salinas do Samouco, os moinhos de maré centenários, os centros históricos ribeirinhos, e claro, Lisboa, a cidade que o Tejo ajudou a nascer. Depois de passar sob a Ponte 25 de Abril, o grande rio vai progressivamente diluindo as suas águas no oceano Atlântico.

Durante a Primavera os barbos (*Barbus bocagei*) sobem o Tejo, percorrendo centenas de quilómetros, até aos seus quartéis de reprodução.

A vida do TEJO, desde a nascente até à foz

A VIDA AO LONGO de um rio é determinada pela sucessão de ambientes biofísicos, desde a nascente até à foz. Podem ser definidos três grandes troços no decurso de um rio como o Tejo: o curso alto, da nascente, tipicamente a maior altitude; o curso médio, já com maior caudal, onde o rio alarga o seu leito; e o curso inferior, da foz, ao nível do mar. A extensão e forma de cada troço dependem da geomorfologia da paisagem e variam de rio para rio.

No caso do Tejo, o curso alto estende-se desde a nascente, na serra de Albarracín, até à povoação de Trillo. Segue-se o curso médio, e o mais extenso, até Vila Franca de Xira, onde se inicia o curso inferior marcado pelo grande estuário. É ainda de destacar a lezíria do Ribatejo, uma extensa planície aluvionar, actualmente dedicada ao uso agrícola e gerida com sistemas de rega e drenagem, por onde o rio se espraiava em alturas de maior caudal, fertilizando a terra com nutrientes vindos de montante, e mantendo altos níveis de produtividade nos ecossistemas alagados.

As comunidades dos ecossistemas lóticos (sistemas de águas correntes) são

modeladas pelas condições ambientais encontradas em cada troço fluvial. Apesar da caracterização generalista por troços, as comunidades não se encontram compartimentadas, são antes entidades dinâmicas que se substituem progressivamente ao longo do rio.

O curso alto

O curso alto é marcado por águas turbulentas, transparentes e bem oxigenadas, que correm num leito acidentado e declivoso. Esta morfologia traduz-se numa corrente forte e com capacidade erosiva que abre caminho para jusante, arrastando consigo pedras e sedimentos que mais tarde irão guarnecer o leito do rio. À turbulência e rapidez das águas junta-se o ensombramento pelos bosques ribeirinhos que se erguem sobre um rio ainda estreito. Estas condições limitam a fixação e desenvolvimento de algas e plantas aquáticas. Assim, a base da cadeia trófica é assegurada por folhas e outros restos orgânicos que vão caindo das copas e que servem de alimento a invertebrados bentónicos (que habitam o fundo do rio).

Neste contexto dominam os invertebrados trituradores com peças bucais mastigadoras, como as larvas de algumas espécies de dípteros que ao alimentarem-se da folhada a trituram em pedaços gradualmente mais pequenos. A par dos trituradores são também abundantes os invertebrados filtradores, como as larvas de algumas espécies de tricópteros que se posicionam contra-corrente e se alimentam de pequenas partículas orgânicas transportadas pela água. Na comunidade piscícola, as trutas (Salmo truta) são uma das espécies características do Alto Tejo. Estes peixes preferem troços de águas frias e de corrente forte a moderada, e aí acorrem em zonas com alguma profundidade, sendo a reprodução feita em águas bem oxigenadas, com fundos de seixos e cascalho.

No curso alto do Tejo as águas correm cristalinas num leito estreito e rochoso.

O curso médio

À medida que o declive diminui, o leito alarga e o caudal do rio aumenta – alimentado por aquíferos subterrâneos e afluentes –, a velocidade da água reduz-se e a morfologia do rio altera-se. Em resultado da maior largura, surge uma zona central fora da influência das copas. A entrada de luz e a profundidade ainda relativamente baixa nas zonas mais a montante criam as condições para o crescimento de algas e

O estuário do Tejo estabelece a transição entre o ambiente fluvial e o ambiente marinho.

plantas, que se tornam numa importante fonte de alimento. Os grupos de invertebrados respondem a esta alteração na base da cadeia trófica com a redução da proporção de organismos trituradores e o aumento da proporção de raspadores, como os búzios e as larvas de efémeras, que se alimentam raspando as algas acumuladas no substrato rochoso. Os invertebrados filtradores continuam a representar uma importante fracção da comunidade, e os predadores, como as larvas das libélulas e libelinhas, mantêm uma proporção moderada, comum a todos os troços, e adequada ao seu papel funcional.

As comunidades piscícolas são particularmente ricas no troço médio, uma vez que aqui encontram uma maior disponibilidade de alimento e diversidade de habitats, promovida pelos meandros e ilhas que se encontram ao longo do rio. O barbo (*Barbus bocagei*) é uma das espécies características. Estes peixes preferem águas mais profundas e de corrente lenta. No entanto, durante a época de reprodução, entre Abril e Junho, fazem grandes migrações para montante em busca de águas baixas, bem oxigenadas e com substrato de areia ou cascalho onde desovam.

O curso inferior

No curso inferior, as águas são turvas, devido à maior profundidade da coluna de água, à acumulação de sedimentos finos e aos nutrientes trazidos pela corrente (com águas menos oxigenadas), o que restringe a distribuição das plantas aquáticas às margens, e das algas às zonas superficiais. Assim, reduz-se a proporção de invertebrados raspadores e aumenta significativamente a proporção de invertebrados colectores, como as minhocas, que se alimentam dos nutrientes e pequenas

partículas que se depositam no leito do rio.

A zona do estuário, que no caso do Tejo é emblemática e de elevado valor ecológico, estabelece a transição entre o ambiente fluvial e o ambiente marinho. Os ecossistemas estuarinos apresentam uma elevada produtividade – em virtude da concentração de nutrientes de origem marinha e fluvial –, e uma grande diversidade de habitats (como bancos de vasa, sapais e caniçais). Daí o importante papel destes ecossistemas como viveiro e maternidade de muitas espécies de peixes e de crustáceos, que por sua vez constituem a base de alimentação de muitas espécies de aves residentes e migratórias.

No contexto das comunidades do rio, o estuário é um troço inevitável para os peixes migradores, quer os migradores anádromos, como a lampreia ou o sável, que vivem a fase adulta em ambiente marinho e regressam ao rio para se reproduzirem, quer os catádromos, como a enguia ou a fataça, que vivem a fase adulta no rio e se reproduzem no mar.

Os impactos das actividades humanas

Os peixes migradores são particularmente vulneráveis às actividades e intervenções humanas ao longo do percurso do rio. É o caso das barragens que bloqueiam o movimento destas espécies e assim afectam severamente o seu ciclo de vida (as passagens para peixes nas barragens constituem um meio de mitigação do problema, mas a sua eficácia é limitada).

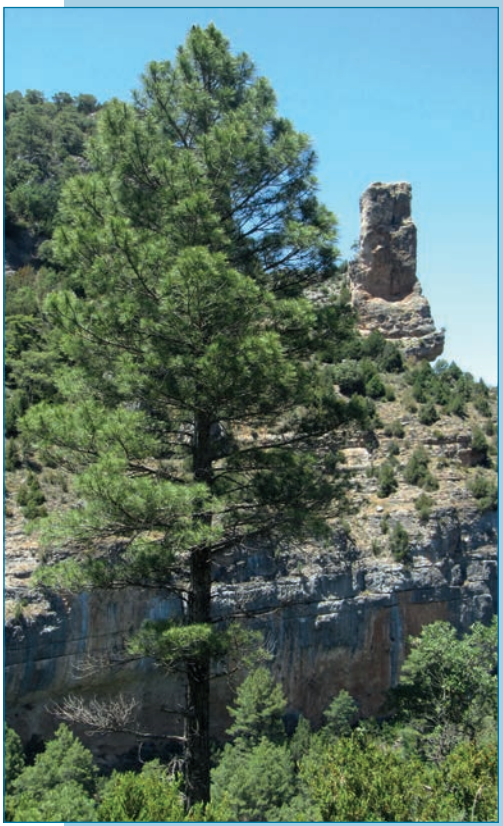
Além dos impactos na ecologia das espécies migradoras, as barragens alteram a morfologia do rio e as condições biofísicas a jusante e na zona da albufeira (como a profundidade, a disponibilidade de luz, o fluxo de nutrientes e sedimentos, a variação sazonal do caudal) e consequentemente a estrutura das comunidades. Por exemplo, a criação de uma albufeira no curso médio do rio reduz a diversidade de habitats, conduz a alterações na composição das comunidades, com perda de espécies, e retém o fluxo de sedimentos, nutrientes e de água para jusante.

Barragem de Alcántara, no Tejo em território espanhol. As barragens afectam drasticamente a fisionomia de um rio, alterando as condições ecológicas na sua área de influência directa e a jusante.

As barragens são apenas um exemplo de uma extensa lista de actividades e intervenções humanas que alteram os processos ecológicos no rio e que, não só afectam as comunidades fluviais e as comunidades terrestres circundantes, como põem em risco a condição dos recursos hídricos e de serviços de ecossistema relevantes para as populações humanas (pesca, transporte de nutrientes e fertilização dos solos, transporte de sedimentos para zonas costeiras, etc.). A gestão destes riscos e a protecção dos rios, e do Tejo em particular, exige uma abordagem integrada que avalie as implicações das opções de gestão no eixo montante-jusante e nas áreas circundantes, e não apenas à escala de cada actividade ou intervenção.

A Flora

Pela sua importância ou representatividade ao longo de todo o curso do Tejo, são destacadas neste guia mais de 20 espécies de árvores e de arbustos. Um convite para a descoberta da flora que caracteriza o território do maior rio ibérico, desde os bosques de coníferas do Alto Tejo até aos sapais do Estuário do Tejo, passando pelos montados e matos mediterrânicos de Monfragüe e do Tejo Internacional.



Pinheiro-negro *Pinus nigra*

Pinheiro-silvestre *Pinus sylvestris*

Pinheiros *Pinus* sp.

Os pinheiros são árvores bem conhecidas por todos. Encontram-se bastante disseminados na região mediterrânica em variadíssimos habitats, desde as areias litorais até às regiões montanhosas. A sua distribuição natural é difícil de precisar por serem utilizados e plantados pelo homem desde tempos remotos. Os pinheiros têm um lugar de destaque nos bosques europeus onde, representados por mais de 10 espécies, ocupam vastas áreas, tanto na região mediterrânica como na eurosiberiana.

Na Península Ibérica surgem cinco espécies: o *Pinus pinea* (pinheiro-manso), o *Pinus pinaster* (pinheiro-bravo) e o *Pinus halepensis* (pinheiro-de-Alepo) nas zonas de maior influência mediterrânica, e o *Pinus sylvestris* (pinheiro-silvestre) e o *Pinus nigra* (pinheiro-negro) nas regiões de clima mais continental, associado às zonas de montanha. O pinheiro-silvestre é o único representante da região eurosiberiana

a formar verdadeiros bosques na Península Ibérica.

Pinheiro-negro *Pinus nigra*

Este pinheiro surge distribuído por toda a Europa mediterrânica, embora de forma descontínua. Encontra-se associado a zonas montanhosas onde a pouca chuva estival e o frio do Inverno permitem-lhe competir com os carvalhos marcescentes.
Na Península Ibérica encontra-se nos sistemas montanhosos mais orientais, surgindo também de forma reliquial no Sistema Central. É no Sistema Ibérico que surgem os principais bosques de pinheiro-negro, contemplando os Montes Universais onde se insere o Parque Natural do Alto Tajo. A Norte surge de forma mais dispersa por entre os bosque de pinheiro-silvestre, passando a dominar nas zonas mais a sul onde este pinheiro tem de se refugiar nas encostas mais ensombradas e húmidas. O pinheiro-negro não se encontra de forma espontânea em Portugal.
O seu nome deve-se à tonalidade verde-escura das suas folhas, embora a subespécie que surge na Península Ibérica (*Pinus nigra* subsp. *salzmannii*) não tenha esta característica tão marcada como a que surge mais a oriente (*Pinus nigra* subsp. *nigra*).
Das espécies de *Pinus* existentes na Península Ibérica é a que apresenta maior longevidade, estando referenciados indivíduos com 1700 anos de idade na região da Anatólia, na Turquia. Na Península Ibérica podemos encontrar exemplares com cerca de 900 anos nas montanhas do Sistema Bético, que incluem a serra Nevada. A área do Parque Natural do Alto Tajo alberga árvores que rondam os 500 anos de idade.
Com uma madeira de boa qualidade tem sido plantado para diversos fins, desde a construção ao mobiliário.

Pinheiro-silvestre *Pinus sylvestris*

É a espécie que cobre a maior área dos bosques europeus. Distribui-se por um grande intervalo latitudinal e longitudinal, desde o Norte da Escandinávia até à serra Nevada, e das serras de León até á Manchúria. Na Península Ibérica encontra-se maioritariamente nos sistemas montanhosos Pirenaico, Ibérico e Central. Em Portugal surge espontâneo nas zonas mais altas da serra do Gerês. Por ser muito plantado na Península Ibérica verifica-se alguma dificuldade no reconhecimento das populações autóctones. No Parque Natural do Alto Tajo ocupa o bosque superior das montanhas, surgindo por vezes misturado com o pinheiro-negro.
O pinheiro-silvestre distingue-se bem das outras espécies de pinheiros pela cor alaranjada que a casca adquire na parte superior do tronco. As suas pequenas folhas e pinhas são também características a observar na sua identificação. Estas árvores podem atingir portes de 30 a 40 metros de altura. Têm um sistema radicular particularmente forte que lhes permite resistir a ventos, mesmo em solos rochosos menos estáveis. Na serra de Guadalarrama encontra-se um exemplar com perto de 30 metros de altura e mais de 350 anos de idade, sendo considerado um dos maiores de Espanha.

Zimbros e sabinas

O género *Juniperus*, que inclui zimbros e sabinas, engloba variadas espécies arbóreas e arbustivas pertencentes à família das *Cupresaceas*, de que faz parte o conhecido cipreste (*Cupressus semprervirens*). As formações de espécies deste género ocupam áreas onde as árvores mais comuns encontram dificuldade em vingar, compondo paisagens muito originais e singulares. Utilizando a morfologia das suas folhas, podemos dividir estas espécies em dois grupos: as que apresentam folhas aciculares (em forma de agulhas) quando jovens e escamiformes (em forma de escamas, como nos ciprestes) na fase adulta – as sabinas –, e as que apresentam folhas sempre aciculares – os zimbros.

A Península Ibérica (excluindo as ilhas) alberga cerca de sete espécies, entre as quais um endemismo no litoral português: o *Juniperus navicularis* (zimbro-piorro). Das restantes, o *Juniperus communis* (zimbro-comum) é a que apresenta maior área de distribuição, cobrindo boa parte do Hemisfério Norte temperado. O *Juniperus oxycedrus* (zimbro-oxicedro) e o *Juniperus turbinata* (sabina-das-praias) surgem em Portugal e Espanha, enquanto o *Juniperus phoenicea* (sabina-negral), o *Juniperus sabina* (sabina-rasteira) e o *Juniperus thurifera* (sabina-espanhola) estão ausentes no território português.

Zimbro-oxicedro *Juniperus oxicedrus*

Esta espécie de zimbro surge em Portugal nas áreas mais secas e quentes das bacias hidrográficas do Douro e do Tejo, e em boa parte de Espanha, com excepção da Galiza e parte do País Basco. No vale do Tejo tem maior expressão na Extremadura espanhola, e do Tejo Internacional às Portas de Ródão.

Tal como a sabina-espanhola, este zimbro forma verdadeiros bosques, também abertos, e muitas vezes associados a azinheiras e carvalhos-cerquinhos. Os zimbrais "puros" normalmente surgem por corte das azinheiras e dos carvalhos pelo homem ou por se encontrarem em solos demasiado esqueléticos para estas árvores vingarem.

Mais ramificado na base do que a sabina-espanhola, o zimbro-oxicedro pode atingir os 15 metros de altura. Os frutos são vermelho-acastanhados como os do *Juniperus phoenicea*, mas as folhas são sempre aciculares (incluindo na fase adulta).

Sabina-espanhola *(Juniperus thurifera)*

Apesar de localizados, os sabinares (bosques de sabinas) de *Juniperus thurifera* são os que ocupam maior área na Península Ibérica. A sua distribuição é um reflexo da sua capacidade de sobreviver em solos de baixa qualidade e de resistir a um clima de forte continentalidade (com grande amplitude térmica ao longo do ano). Estes sabinares estão presentes nas montanhas do interior de Espanha, nos Alpes ocidentais, na Córsega e em Marrocos.

Os bosques são abertos, conferindo um aspecto de "montado" à paisagem, onde surgem com frequência algumas espécies associadas como a azinheira (*Quercus rotundifolia*), o carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*) e o pinheiro-negro (*Pinus nigra*). No Parque Natural do Alto Tajo há formações peculiares de *Juniperus thurifera* com pinheiro-silvestre (*Pinus sylvestris*) e *Juniperus sabina*.

A sabina-espanhola pode alcançar 20 metros de altura, embora alcance geralmente entre 4 e 8 metros. Como o seu crescimento é muito lento (1 a 3 mm de diâmetro por ano) é de supor que exemplares com troncos de 2 metros de diâmetro possam rondar os mil anos de idade.

Os frutos da sabina-espanhola – gálbulos baciformes – têm 1 cm de diâmetro e têm uma tonalidade negra-azulada. Esta característica pode servir para a distinguir da sabina-negral cujo fruto maduro é vermelho-acastanhado. Em relação à sabina-rasteira, a diferença maior está no porte, pois esta espécie apresenta uma forma rasteira ou prostrada. Todos estes *Juniperus* apresentam folhas adultas escamiformes.

A madeira desta espécie de sabina não apodrece, o que a torna muito apetecível na construção e no fabrico de móveis. Por outro lado, embora não forme brasas, tem um alto poder calorífico, sendo por isso bastante procurada para lenha.

Sobreiro *Quercus suber*

A distribuição original do sobreiro restringe-se à região ocidental do Mediterrâneo. Ocorre em Portugal (com 33% da área mundial), Espanha (23%), Norte de África (33%, no conjunto de Marrocos, Argélia e Tunísia), Itália e França (11%).
Podendo alcançar os 20 metros de altura, o sobreiro tem os troncos e ramos revestidos por cortiça. As folhas, rijas e persistentes, são ovais com margens dentadas, apresentando um verde esbranquiçado na página inferior. De grande valor comercial por causa da cortiça, o sobreiro apresenta também um enorme valor de conservação pelos ecossistemas associados. A cortiça desempenha um papel ecológico importante para a árvore, protegendo-a da acção do fogo e de fungos e parasitas, podendo ainda albergar comunidades importantes de insectos e proporcionar abrigo durante o dia (em concavidades) ao morcego-anão (*Pipistrellus pipistrellus*), por exemplo.

No passado, o sobreiro formou frondosos bosques naturais em associação com outras espécies do género *Quercus*, encontrando-se actualmente "confinado" a formações agro-silvo-pastoris denominadas de "montados".
A cortiça é extraída pela primeira vez quando o sobreiro atinge os 20 anos de idade, e a seguir, de 9 em 9 anos. Depois de retirada das árvores (no Verão) a cortiça é empilhada em placas. Estas, após estagiarem alguns meses entram no processo de tratamento, sendo cozidas e depois seleccionadas e armazenadas antes de seguirem para a indústria transformadora. Embora centrada no fabrico de rolhas, a utilização da cortiça é hoje diversificada, desde a sua transformação em materiais isolantes, até peças de vestuário, calçado e produtos de design. A extracção de cortiça é feita até o sobreiro atingir os 140 anos de idade, mas a árvore pode viver até aos 300.

Azinheira *Quercus rotundifolia*

Originária da Bacia do Mediterrâneo, a azinheira encontra-se distribuída por todo o interior de Portugal e a maior parte Espanha – onde é a espécie com maior área de ocupação florestal –, ocorrendo apenas com menor expressão no país vizinho nas zonas costeiras e montanhosas do norte. A azinheira está presente ao longo do vale do Tejo com maior relevância na Extremadura espanhola, no Tejo Internacional e no Alto Alentejo.

O seu porte, que pode chegar aos 20 metros, está normalmente condicionado por práticas culturais que o moldam, resultando em copas abertas e largas. As folhas são semelhantes às do sobreiro, podendo apresentar as margens lisas ou dentado-espinhosas. É uma árvore de grande longevidade, podendo alcançar os mil anos.

As flores surgem entre Março e Junho, com as masculinas agrupadas em amentilhos (cachos estreitos) amarelos, muito vistosos, e as femininas, mais discretas, de cor esverdeada, começam a produzir no Verão os seus frutos, as bolotas, que amadurecem no Outono. Estas podem ser doces ou amargas, consoante a árvore que as produz, característica que leva alguns autores a classificá-las como subespécies diferentes.

Os azinhais, de grande importância ecológica, já terão ocupado boa parte do território nacional. Actualmente a azinheira encontra-se quase exclusivamente "confinada" a sistemas agro-silvo-pastoris denominados de "montados", que por sua vez têm assistido a uma progressiva redução da sua área em Portugal.

Os principais usos do montado de azinho são a produção de bolota (para alimentação de porcos de raça preta), carvão e lenha, e a agricultura extensiva. A utilização de bolotas para alimentação humana (assadas ou na confecção de farinhas) já tem muito pouca expressão. Hoje assiste-se a uma diversificação da exploração deste montado, como por exemplo, com a produção de mel e cogumelos.

Tílias *Tilia sp.*

O género *Tilia* tem dois representantes espontâneos na Península Ibérica: a tília-de-folhas-grandes (*Tilia platyphyllos*) e a tília-de-folhas-pequenas (*Tilia cordata*). Ambas são espécies tipicamente euro-siberianas, constituindo provavelmente um testemunho reliquial dos bosques mais húmidos do período Holocénico que se iniciou há cerca de 10 mil anos.

A sua presença na Península Ibérica é escassa, estando confinada aos bosques de caducifólias setentrionais e às linhas de água de vales profundos associados a relevos calcários no Sistema Ibérico, onde se inclui o Parque Natural do Alto Tajo.

Nestes vales as tílias ocupam as zonas de depósitos de vertente, onde os solos são mais ricos em nutrientes, e encontram-se normalmente misturadas com sorveiras (*Sorbus aria*), aveleiras (*Corylus avellana*), zelhas (*Acer monspessulanum*) e pilriteiros (*Crataegus monogyna*), destacando-se, no entanto, mais pelo porte que adquirem do que pela quantidade de indivíduos.

Quando a humidade é elevada, as tílias podem chegar a ocupar a maior parte das encostas dos vales, como se verifica em algumas zonas da Cordilheira Cantábrica e dos Pirenéus. Mais a sul restringem-se aos depósitos de vertente ou mesmo às margens dos rios, formando galerias ripícolas com o choupo-negro (*Populus nigra*), por exemplo.

As tílias são árvores de grande porte, atingindo os 40 metros de altura, cujas copas arredondadas projectam uma sombra fresca muito apreciada em parques e alamedas. As flores surgem agrupadas em pequenos "cachos" (cimeiras), penduradas e encimadas por uma característica bráctea (folha modificada). Quando se desprendem, os frutos são transportados pelo vento para fora da copa da árvore-mãe, podendo germinar e dar origem a novos indivíduos. As flores das tílias são muito utilizadas em infusões, consumidas pelas suas propriedades calmantes.

As principais diferenças entre estas duas espécies de tílias são os ramos jovens peludos e as flores em conjuntos de 1 a 6 na *T. platyphyllos*, e os ramos jovens glabros e as flores em conjuntos de 4 a 15 na *T. cordata*. Porém, estas duas espécies formam um híbrido que se distingue pelas folhas sem pêlos na página inferior.

Lódão *Celtis australis*

O lódão é uma árvore originária do Sul da Europa (de onde lhe advém o epíteto "australis"), com uma distribuição ao longo da bacia do mediterrâneo. Na Península Ibérica, embora abrangendo uma área alargada, surge de forma dispersa, ocorrendo no entanto em boa parte do Centro-Oeste, incluindo Portugal. Muito associada às galerias ribeirinhas, é uma espécie bastante plástica quanto aos tipos de solos e habitats onde aparece. Tanto surge em zonas de solos rochosos e secos, desde que com alguma humidade atmosférica, como a compor as galerias ribeirinhas onde o clima seja mais seco. Ao longo do rio Tejo encontra-se principalmente associado às galerias ripícolas, acompanhando amieiros (*Alnus glutinosa*), salgueiros (*Salix* sp.) e freixos (*Fraxinus* sp.).

O lódão é uma árvore de folha caduca que pode atingir os 15 metros de altura, apresentando um tronco liso de cor acinzentada. As folhas são pontiagudas de margens serrilhadas, fazendo lembrar as da urtiga (*Urtica dioica*), razão pela qual tem o nome em inglês de "nettle tree".

O lódão também é conhecido por "ginjinha-do-Rei" porque o seu fruto, em forma de baga, é comestível pelo homem (ao natural ou em compotas), constituindo ainda um recurso importante na alimentação das aves, que são o seu principal meio de propagação.

A madeira do lódão era muito utilizada no fabrico de ferramentas agrícolas. Actualmente é uma árvore muito comum nos arruamentos em meio urbano, tolerando bem a poluição, embora se encontre por vezes misturado com o lódão-americano (*Celtis occidentalis*). Este distingue-se do primeiro pela rugosidade do tronco que apresenta e pelas folhas menos pontiagudas.

Choupos *Populus sp.*

Existem cerca de 40 espécies de choupos distribuídas pelo Hemisfério Norte, das quais três estão presentes na Península Ibérica: o choupo-branco (*Populus alba*), o choupo-negro (*Populus nigra*) e o choupo-tremedor (*Populus tremula*). Enquanto o primeiro encontra-se sobretudo associado a sistemas montanhosos, as outras duas espécies apresentam uma distribuição mais alargada, formando muitas vezes em conjunto as galerias ripícolas, como acontece ao longo das margens do Tejo. O choupo-branco gosta de temperaturas mais elevadas, diminuindo gradualmente a sua ocorrência com o aumento da altitude, até desaparecer acima dos 1300 m. Pelo contrário, torna-se mais frequente quando se aproxima do litoral. A preferência dos choupos por solos húmidos associa-os às margens de cursos de água. Os choupos apresentam folhas distintas: o choupo-tremedor apresenta um pecíolo (pé da folha) mais comprido e ligeiramente achatado, conferindo-lhe um "abanar" característico com o vento; o choupo-branco tem folhas com margens mais irregulares e a página inferior esbranquiçada e revestida de pequenos pêlos. As folhas do choupo-negro são mais triangulares.

Freixo *Fraxinus angustifolia*

Árvore de folha caduca, originária do Mediterrâneo Ocidental, é espontânea nas margens de cursos de água de norte a sul da Península Ibérica, podendo alcançar os 200 anos de idade. Os freixos surgem nas margens do Tejo e dos seus afluentes associados a outras espécies ripícolas, como os salgueiros.

Com uma copa colunar, mas larga, esta árvore pode atingir 20 metros de altura, apresentando um tronco muito fissurado. As folhas são compostas por várias "pequenas folhas" (folíolos) estreitas e aguçadas, e de margens serrilhadas.

O freixo é uma das árvores cujas folhas começam a desabrochar mais cedo, geralmente no final de Fevereiro. Os frutos – as sâmaras – são leves e alados, permitindo que as suas sementes, ao demorarem mais tempo a atingir o solo, possam ser dispersas pelo vento.

A forte presença desta espécie em Portugal está bem patente na toponímia, existindo várias povoações com o nome de "Freixo" ou um seu derivado. A sua madeira é utilizada em marcenaria, com boas características de resistência e uma cor clara. Em Espanha surgem outras duas espécies de freixos, com distribuições mais localizadas: o *Fraxinus excelsior* e o *Fraxinus ornus*.

Salgueiros *Salix sp.*

Os salgueiros são plantas do género *Salix*. Na Península Ibérica existem cerca de 30 espécies diferentes, maioritariamente associadas a ambientes ribeirinhos, parte das quais acompanham as margens do Tejo em quase todo o seu percurso. O porte dos salgueiros varia entre o arbustivo e o arbóreo consoante a espécie, mas também em indivíduos da mesma espécie segundo o meio onde se encontram. Indivíduos com porte arbóreo surgem nas margens de cursos de água permanente e de baixa energia (pouca corrente), podendo ocupar ainda zonas mais afastadas das linhas de água. Os salgueiros com porte arbustivo encontram-se normalmente associados aos cursos de água de regime torrencial, onde o caudal é mais irregular ao longo do tempo.

Os bosques ribeirinhos podem ser formados por uma espécie de árvore, embora seja mais comum apresentarem-se diversificados. A acompanhar os salgueiros surgem árvores como o amieiro (*Alnus glutinosa*), os choupos (*Populus* sp.), o lódão (*Celtis australis*) e os freixos (*Fraxinus* sp.), enquanto o sub-bosque pode ser constituído por pilriteiros (*Crataegus monogyna*), sanguinhos-das-ribeiras (*Frangula alnus*) e silvas (*Rubus* sp.).

Os salgueiros são plantas dióicas (flores masculinas e femininas em indivíduos diferentes) que usam o vento como meio de polinização. Para tal, desenvolveram ramos flexíveis que, ao agitarem-se com o vento, sacodem os amentilhos (estruturas como cachos onde se agrupam as flores) e libertam o pólen. O vento encarrega-se do transporte do pólen até ás flores femininas. Para além do seu grande valor paisagístico e estético, os salgueiros cumprem um importante papel ecológico na fixação das margens dos cursos de água. Os ramos, flexíveis e resistentes, são utilizados desde tempos ancestrais em trabalhos de cestaria. Um outro benefício para o homem foi a vulgar aspirina que surgiu no final do século XIX, após se ter conseguido sintetizar o ácido salicílico existente nos salgueiros.

Oliveira *Olea europaea*

A oliveira é apontada como sendo o resultado da domesticação do zambujeiro (*Olea europaea* var. *sylvestris*) – uma espécie nativa em Portugal e Espanha –, através de sucessivos cruzamentos e selecções ao longo de muitas gerações. Ao longo do Tejo a sua presença destaca-se sobretudo em Portugal, plantada nas encostas do vale entre a Beira Interior e o Alto Alentejo. Com o abandono agrícola muitos destes olivais têm vindo a renaturalizar-se com o desenvolvimento de outras espécies nativas.

A cultura da oliveira tem origem na Ásia Ocidental há mais de 4000 anos. Pelo seu grande valor para o Homem como alimento (azeitonas e azeite), no fabrico de ferramentas e móveis, na iluminação e na medicina alternativa, a oliveira foi-se espalhando por todo o Mediterrâneo onde se naturalizou, tornando difícil precisar a sua verdadeira origem. É uma árvore que pode chegar aos 10 metros de altura, embora raramente os alcance devido às intervenções culturais.

Reconhecidas pela cor cinza da sua folhagem e os troncos bem marcados pelo passar dos anos, as oliveiras são árvores de grande longevidade, existindo espécimes que ultrapassam os 2000 anos.

Murta *Myrtus communis*

A murta é um arbusto de folhas lustrosas que pode chegar aos 5 metros de altura. É oriunda do Sul da Europa, Noroeste de África e do Médio Oriente, encontrando-se distribuída na Península Ibérica principalmente pelo Centro e Sul. Ao longo do vale do Tejo surge normalmente próxima da água, quer do grande rio quer dos seus afluentes.

Despontando entre Maio e Setembro, as flores são brancas e perfumadas, podendo ser usadas em saladas. Os frutos

são utilizados na medicina tradicional, na produção de aguardente, e juntamente com as folhas têm uso na culinária, tanto frescas como secas.

Estevas *Cistus* sp.

A este género pertencem cerca de 20 espécies distribuídas pelo Mediterrâneo. Na Península Ibérica existem 12 espécies (das quais 10 em Portugal), todas pequenos arbustos de flores brancas ou rosadas, formadas por cinco pétalas que duram pouco mais de um dia. As estevas estão associadas a solos secos e rochosos, substituindo normalmente como espécies pioneiras o coberto vegetal que tenha sucumbido à acção de incêndios. São plantas que de certo modo preparam o solo para espécies mais exigentes poderem vingar. Esta capacidade de se desenvolverem em solos pobres é facilitada pela associação micorrízica que fazem com fungos do género *Tuber*.

Em grande parte do vale do Tejo, entre as espécies mais comuns encontra-se a esteva (*Cistus ladanifer*), a roselha (*Cistus crispus*) e o sargaço (*Cistus monspeliensis*).

Esteva *Cistus ladanifer*

A esteva é a mais alta das espécies deste género, podendo ultrapassar os três metros. As suas folhas (lineares e compridas) são viscosas, e as flores brancas, das maiores da flora ibérica, podem apresentar uma mancha púrpura na base de cada pétala. Em Portugal surge por todo o território, excepto no Noroeste. As estevas contêm uma resina, o ládano, que tem diversos usos medicinais e na perfumaria. Na Península Ibérica distribui-se sobretudo pelo Centro e Sul.

Roselha *Cistus crispus*

A roselha é um pequeno arbusto que geralmente não ultrapassa um metro de altura, de flores cor-de-rosa (Abril a Junho), e folhas sem pêlos com margens onduladas (o epíteto "*crispus*" refere-se às folhas crespadas). Na Península Ibérica distribui-se principalmente pelo Centro e Sul.

Sargaço *Cistus monspeliensis*

O sargaço é um pequeno arbusto compacto de flores brancas (Abril a Junho) que raramente alcança um metro de altura. As folhas são semelhantes às da esteva, mas não são "resinosas". Esta espécie é indiferente ao tipo de solo, distribuindo-se pelo Centro e Sul da Península Ibérica.

Esteva *Cistus ladanifer*

Roselha *Cistus crispus*

Sargaço *Cistus monspeliensis*

Medronheiro *Arbutus unedo*

O medronheiro é um arbusto de porte arbóreo, podendo ultrapassar os cinco metros de altura, com um tronco bastante retorcido de cor levemente avermelhada. É espontâneo na Península Ibérica, principalmente a sul do Tejo, embora climaticamente se encontre tanto em regiões mediterrânicas como atlânticas. Suportando algum ensombramento, surge por entre as copas de sobreiros e azinheiras, e nas encostas atingidas por incêndios recentes cresce em pleno sol, dominando a vegetação mais alta.

As folhas, persistentes, apresentam a margem serrada com um pecíolo ("pé" da folha) avermelhado. As flores, em forma de sinos, surgem em Outubro-Novembro, em simultâneo com os frutos que levaram um ano a amadurecer. Estes são comestíveis e bastante ornamentais, colorindo as copas de amarelos e vermelhos nas várias fases de amadurecimento. O fruto é comido cru ou cozinhado, mas o seu uso mais conhecido é na produção de licores e aguardentes depois de fermentado.

Rosmaninhos e alfazemas *Lavandula* sp.

As plantas do género *Lavandula* contam com 39 espécies e uma ampla distribuição geográfica, desde a região macaronésica e a bacia do Mediterrâneo até ao sul asiático. Na Península Ibérica ocorrem oito espécies, maioritariamente no sul, destacando-se duas pela sua distribuição mais alargada, incluindo todo o vale do Tejo: o rosmaninho (*Lavandula stoechas*) e o rosmaninho-maior (*Lavandula pedunculata*).

O nome científico do género deriva da palavra latina "lavare" que significa "lavar", pois os romanos utilizavam estas plantas para perfumar as águas dos banhos. O óleo extraído, as flores (dispostas em espigas) e as folhas são utilizadas em produtos de cosmética, na medicina tradicional e na culinária.

Tanto o rosmaninho como o rosmaninho-maior apresentam no topo das espigas três brácteas (folhas modificadas parecidas com pétalas) levantadas, de cor violeta. As duas espécies distinguem-se sobretudo por a primeira apresentar um pedúnculo (raminho que sustenta a espiga) muito curto, ao contrário do pedúnculo longo do rosmaninho-maior.

Aderno *Phillyrea latifolia*

Da mesma família que as oliveiras (*Oleaceae*), o aderno é um arbusto de folha persistente com porte arbóreo, podendo alcançar os 15 metros de altura. Esta planta encontra-se na Península Ibérica em regiões pouco expostas a geadas, sendo indiferente à natureza do solo, ocorrendo em áreas de floresta e matos altos, desde que haja alguma humidade. As folhas são opostas (saindo aos pares para lados contrários em cada nó dos raminhos). Os frutos, ovais, são muito procurados pelas aves.

A madeira é rija, originando um bom carvão, utilizado antigamente pelos ferreiros. As folhas e frutos são aplicadas pela medicina tradicional no tratamento de úlceras e inflamações da boca. Tal como o sanguinho-das-sebes (*Rhamnus alaternus*), é usado em sebes de jardins.

Folhado *Viburnum tinus*

Autóctone na Península Ibérica, o folhado é nativo no Mediterrâneo e na Macaronésia (região biogeográfica que em Portugal abrange os Açores e a Madeira). É uma das espécies-relíquia das antigas florestas do Terciário (cerca de 66 Ma a 1,8 Ma), como o medronheiro (*Arbutus unedo*) e o azereiro (*Prunus lusitanica*), partilhando com eles características como as folhas verde-escuras, perenes, e os pecíolos ("pés" da folha) avermelhados.
O habitat do folhado está associado a bosques e galerias ribeirinhas. Os folhados surgem no território do Tejo próximos de cursos de água e sob a sombra da árvores e arbustos altos em locais mais húmidos.
De utilização ornamental, apresenta bonitas e perfumadas flores brancas no Inverno, revestindo-se depois de frutos (bagas) azuis-metálicos que aumentam o seu valor ornamental e servem de alimento a aves.

Os sapais

Os sapais são ecossistemas formados na interface terra-mar em superfícies protegidas da agitação marítima. Esta protecção, resultante de sistemas de ilhas-barreira, de lagunas ou de estuários, permite que, ao entrarem em contacto com a água salgada do mar, os sedimentos transportados pelos rios se depositem, formando zonas de lodos ou areias. Estas áreas são depois colonizadas por plantas denominadas de "halófitas", estando adaptadas a sobreviver em condições tão adversas. Algumas destas adaptações passam pela redução da área foliar, por um maior desenvolvimento dos órgãos subterrâneos em detrimento das partes aéreas, e pelo desenvolvimento de mecanismos que permitam a regulação de trocas salinas com o meio (como glândulas epidérmicas capazes de expelir o sal em excesso).
A vegetação do sapal encontra-se "organizada" segundo um gradiente ecológico resultante de vários factores como a salinidade, o pH, os períodos de imersão, os tipos de sedimentos, entre outros. Deste modo, e de uma forma simplificada, é possível dividir o sapal paralelamente à linha de costa em duas áreas: o sapal externo, mais afastado da terra, com maior influência da água do mar, e o sapal interno, onde predomina a influência da água doce fluvial.
O sapal interno é dominado por espécies como o junquilho (*Scirpus maritimus*), os juncos (*Juncus* sp.), a

tabúa-larga (*Typha latifolia*) e o caniço (*Phragmites australis*). Já o sapal externo pode ser subdividido em baixo e alto, variando aqui o grau de salinidade e a frequência de inundações. No sapal externo baixo o domínio pertence à morraça (*Spartina maritima*), enquanto o sapal externo alto é dominado por espécies da família das *Amaranthaceae*, como as *Salicornia* sp., as *Arthrocnemum* sp. e as *Sarcocornia* sp.

O sapal é considerado um dos ecossistemas mais produtivos do planeta. Uma intensa actividade fotossintética permite gerar uma elevada produção de biomassa vegetal, que por sua vez sustenta toda uma cadeia alimentar, incluindo muitas espécies de aves que usam os sapais como zonas de alimentação, descanso, abrigo e reprodução. Os extensos sapais do estuário do Tejo assumem uma grande importância europeia para as aves aquáticas migradoras. O sapal tem também um papel importante na depuração e remoção de partículas metálicas tóxicas da água.

AS AVES

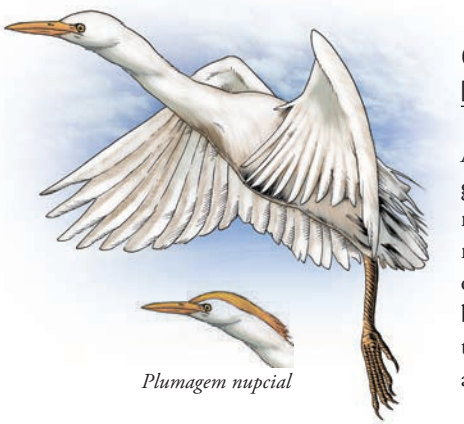
As aves são a classe de vertebrados mais facilmente observada na natureza e das que mais fascínio desperta nos observadores de vida selvagem. Foram por isso destacadas face a outros grupos de animais. Entre as mais de 250 espécies residentes e migradoras que ocorrem ao longo do Tejo, foram seleccionadas 24 que representam os diversos habitats abrangidos pelo maior rio ibérico.

Garça-real *Ardea cinerea*

[Comp. 84-102 cm; Env. 160-180 cm]

É uma garça de grande dimensão, cujo comprimento pode atingir um metro e a envergadura mais de 170 centímetros. Distribui-se praticamente por toda a Europa, sendo muito comum ao longo do rio Tejo (em Portugal e Espanha), nalgumas áreas como espécie residente, noutras apenas como invernante. Durante o seu voo "pesado" pode emitir sonoros grasnidos ("craog") que lembram os de um corvídeo.

Onde cria, a garça-real costuma formar colónias, escolhendo árvores para instalar os seus grandes ninhos, geralmente nas margens de pauis, estuários, albufeiras e de rios. Quando avista alguma presa, projecta o seu bico com uma rapidez e precisão extremas. A sua dieta alimentar é variada, englobando sobretudo peixes mas também insectos, pequenos roedores, répteis, anfíbios e até mesmo aves.



Plumagem nupcial

Garça-boeira *Bubulcus ibis*

[Comp. 45-52 cm; Env. 82-95 cm]

A garça-boeira ou carraceiro é um pouco menor que a garça-branca (*Egretta garzetta*). Durante a plumagem nupcial é facilmente distinguida desta pelas suas plumas alaranjadas na cabeça, peito e manto. Durante o resto do ano, é totalmente branca, mas mantém o bico amarelo (preto na garça-branca) e as pernas de tonalidade clara, ao contrário das pernas pretas e patas amarelas da garça-branca.

Cegonha-preta *Ciconia nigra*
[Comp. 90-105 cm; Env. 173-205 cm]

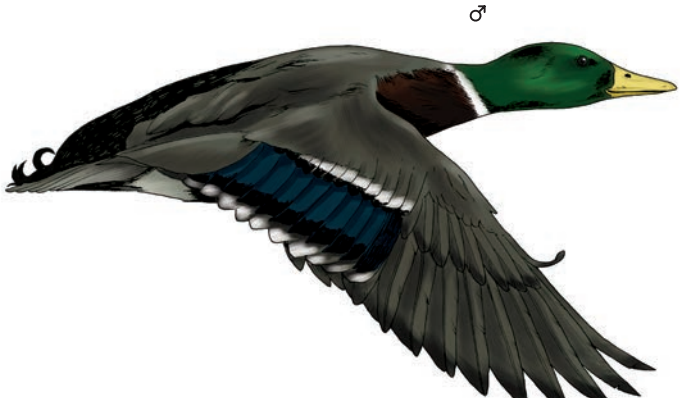
Com uma dimensão semelhante à da cegonha-branca (*Ciconia ciconia*), é uma ave de hábitos discretos, associada a ambientes inóspitos, com pouca perturbação humana. Depois de invernar nos trópicos, regressa à Europa na época de reprodução. Na Península Ibérica, as cegonhas-pretas, reunidas geralmente em casais isolados, escolhem vertentes rochosas para nidificar, embora também possam estabelecer os seus ninhos em copas de árvores. Ao contrário da sua congénere branca, a cegonha-preta tem uma alimentação baseada em peixes.

Em Portugal, onde é considerada uma espécie ameaçada (com o estatuto de "Vulnerável"), a sua população ronda apenas os 100 casais, distribuídos sobretudo pelas bacias do Douro, Tejo e Guadiana. Ao longo do vale do Tejo a cegonha-preta ocorre principalmente no Parque Nacional de Monfragüe e nos dois parques naturais do Tejo Internacional.

A garça-boieira forma colónias de nidificação, reunindo-se em dormitórios, por vezes associada a outras garças, em salgueiros e freixos à beira de água (açudes, pauis e albufeiras), mas também em zonas secas, utilizando pinheiros-mansos, sobreiros e azinheiras, e até em ilhéus ao largo da costa.

É comum ser observada à procura alimento (insectos, moluscos, répteis, anfíbios e até pequenos mamíferos) em habitats geralmente secos, sobretudo em campos agrícolas ou prados, incluindo na proximidade do gado, esta espécie distribui-se ao longo de quase todo o vale do Tejo, exceptuando o troço alto e montanhoso do rio.

Flamingo *Phoenicopterus ruber*
[Comp. 120-140 cm; Env. 140-170 cm]



Pato-real *Anas platyrhynchos*
[Comp. 50-60 cm; Env. 81-95 cm]

É a espécie de pato mais comum em toda a Europa, sendo uma das poucas aves aquáticas residentes ao longo de todo o rio Tejo. A sua abundância e vasta distribuição geográfica, abrangendo diversos continentes, são reveladores do grande poder de adaptação desta ave.

Ao contrário dos seus parentes mergulhadores, apenas submerge a cabeça enquanto busca alimento, mantendo a parte posterior do corpo à superfície. Durante quase todo o ano os patos-reais vivem em casais, reunidos geralmente em grupos maiores. Nas paradas nupciais exibem um leque variado de comportamentos. A sua alimentação varia desde plantas aquáticas e raízes, a caracóis, vermes, girinos e até rãs.

O longo pescoço e pernas, o bico robusto, e a típica tonalidade rosa, fazem dos flamingos uma espécie inconfundível e admirada pela sua beleza. São aves de grande porte, podendo alcançar os 145 centímetros de comprimento. A sua alimentação é baseada em pequenos invertebrados, como crustáceos e anelídeos, capturados em zonas de águas baixas, como os bancos de vaza, os arrozais e as salinas. É aos alimentos que os flamingos vão buscar a sua tonalidade rosa, mais especificamente aos pigmentos carotenóides presentes em espécies como os camarões e outros crustáceos.

Os flamingos são aves gregárias que podem formar colónias de centenas de indivíduos. Em todo o percurso do Tejo apenas ocorrem no seu grande estuário. Embora não nidifiquem, podem aqui ser observados ao longo de todo o ano, especialmente na Reserva Natural do Estuário do Tejo e nas Salinas do Samouco. A principal afluência de indivíduos, oriundos das grandes colónias de nidificação, como as existentes na Andaluzia, em Espanha, ocorre após a época de reprodução, sobretudo no Outono.

Grifo *Gyps fulvus*

[Comp. 95-110 cm; Env. 230-265 cm]

Os grifos são aves de grande porte cuja envergadura pode ultrapassar os 2,5 metros. Nas vertentes rochosas, onde criam nas saliências, podem formar colónias de dezenas de casais. São aves necrófagas que se alimentam essencialmente de vísceras de mamíferos de grande e médio porte, desempenhando assim um importante papel ecológico no processamento e eliminação de carcaças de animais.

Em Portugal, a população de grifos terá sofrido uma grande regressão durante o século XX, nomeadamente devido à ingestão de carne envenenada destinada a predadores como os lobos. No final do século XX, e embora o uso de veneno continue a ser uma ameaça, assistiu-se a uma recuperação significativa das populações, que poderá ter sido promovida quer pelo êxodo rural (que reduziu os factores de ameaça), quer por esforços activos de conservação com a instalação de alimentadores para abutres.

Ao longo do Tejo, as principais populações de grifos, com centenas de casais, reúnem-se sobretudo nas áreas protegidas do Alto Tajo, de Monfragüe e do Tejo Internacional. Mais a jusante, o Monumento Natural das Portas de Ródão alberga uma colónia com cerca de 30 pares reprodutores, constituindo um dos locais de referência em Portugal para a observação destas aves.

Abutre-do-Egipto *Neophron percnopterus*
[Comp. 55-65 cm; Env. 155-170 cm]

O abutre-do-Egipto ou britango é uma espécie estival, estando presente na bacia do Tejo desde a Primavera até ao início do Outono, altura em que retorna a África, em particular à região do Sahel, onde passa o Inverno. Em Portugal e Espanha o abutre-do-Egipto está classificado como uma espécie "Em Perigo", em virtude do baixo efectivo populacional que em Portugal se estima em cerca de 80 casais. Estes abutres de médio porte exibem uma cauda cuneiforme e uma distintiva plumagem branca onde sobressai a cabeça e o pescoço de cor amarela. Alimentam-se de cadáveres em decomposição, não só de mamíferos mas também de animais mais pequenos como anfíbios e répteis, ou até de desperdícios alimentares à beira de povoações.

Como aves rupícolas que são, nidificam em saliências ou cavidades rochosas. As posturas são em geral de dois ovos, e as crias mantêm-se no ninho durante os primeiros meses, começando a voar aos 70-90 dias de idade.

Águia-real
Aquila chrysaetos
[Comp. 80-95 cm; Env. 190-225 cm]

É uma das maiores águias que ocorrem na Península Ibérica – onde é sedentária –, com uma envergadura que pode ultrapassar os dois metros. Habita zonas remotas, com baixa densidade populacional, onde perscruta territórios extensos com reduzido coberto arbóreo. Caça presas de pequeno e médio porte como coelhos, lebres, perdizes e pombos, podendo incluir também gralhas, raposas ou saca-rabos.

A imponente águia-real nidifica em vertentes escarpadas, não excluindo por vezes as árvores. Embora se distribua por quase todo o Hemisfério Norte, é uma espécie ameaçada com estatuto de "Em perigo" em Portugal e "Quase Ameaçada" em Espanha. A perseguição directa feita pelo homem (iscos envenenados, destruição de ninhos, caça furtiva) e a degradação dos locais de nidificação são os seus principais factores de ameaça.

Ao longo de todo o curso do Tejo, as águias-reais residem sobretudo nos vales escarpados das áreas protegidas do Alto Tajo, de Monfragüe e do Tejo Internacional.

Durante o percurso do Tejo, os abutres-do--Egipto podem ser observados sobretudo nas áreas protegidas do Alto Tajo, de Monfragüe e do Tejo Internacional, sendo no entanto bastante mais raros que os grifos.

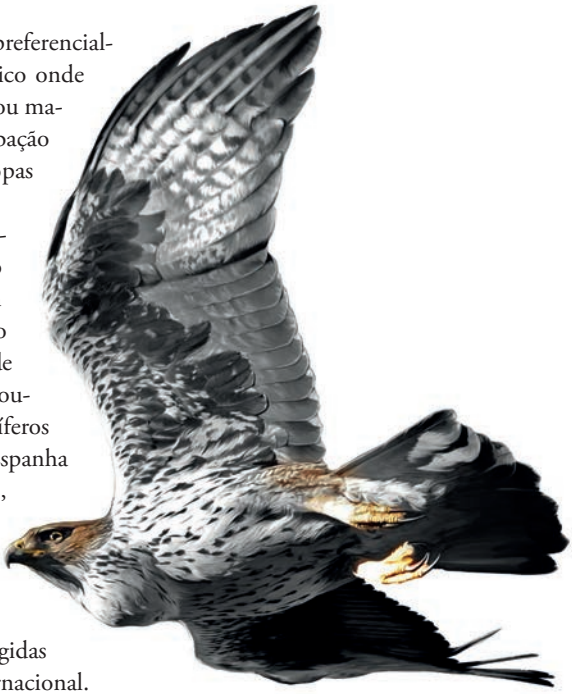
Águia-de-Bonelli *Aquila fasciatus*

[Comp. 55-65 cm; Env. 145-165 cm]

Esta ave de rapina de grande porte ocorre preferencialmente em zonas de ambiente mediterrânico onde se alternam áreas abertas (como pastagens ou matos) e áreas florestais com reduzida perturbação humana. Nidificam em escarpas ou nas copas de grandes árvores.

A águia-de-Bonelli é uma espécie sedentária, permanecendo durante todo o ano nos locais de nidificação, onde podem manter mais do que um ninho que vão usando ao longo das diferentes épocas de reprodução. A sua alimentação abrange outras aves, como pombos e perdizes, e mamíferos como os coelhos e lebres. Em Portugal e Espanha é considerada uma espécie "Em Perigo", ameaçada pela alteração do habitat, caça furtiva e perturbação dos locais de nidificação.

Ao longo do vale do Tejo, as águias-de-Bonelli residem sobretudo nas áreas protegidas do Alto Tajo, de Monfragüe e do Tejo Internacional.



Milhafre-preto *Milvus migrans*
[Comp. 48-58 cm; Env. 130-155 cm]

Um pouco maior que a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), o milhafre-preto inverna em África e regressa à Europa para nidificar, sendo comum ao longo de todo o vale do Tejo. A cauda bifurcada é uma característica única, não existindo em mais nenhuma ave de rapina na Europa, à excepção do milhafre-real (*Milvus milvus*), cujo recorte é mais pronunciado.

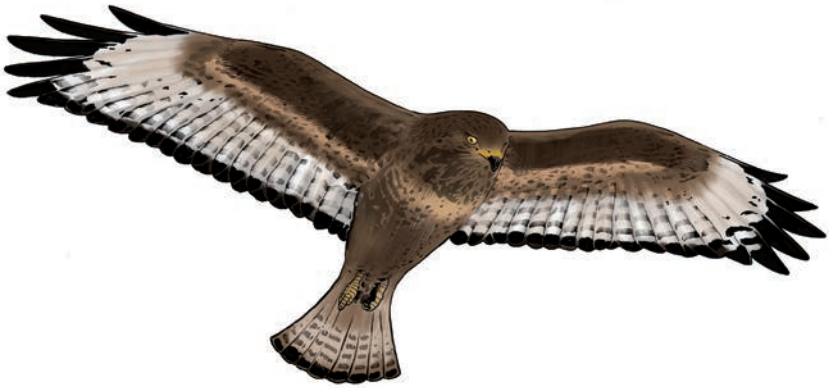
O milhafre-preto ocupa cidades como Istambul, onde é abundante. Como espécie gregária, pode formar grandes colónias, por vezes em associação com garças e cegonhas-brancas. Uma das maiores colónias da Europa, em meio urbano, fica na Mata do Choupal, em Coimbra.

Esta ave de rapina ocupa uma grande diversidade de habitats, desde as imediações de rios, lagoas e albufeiras, a florestas, montados, campos de cultivo e meios urbanos. A sua dieta alimentar também é variada, incluindo peixes, carcaças (apanhadas por vezes nas bermas das estradas), anfíbios e outros animais.

Perdiz *Alectoris rufa* [Comp. 32-35 cm]

A perdiz é uma ave residente em quase toda a Península Ibérica, sendo muito comum ao longo do vale do Tejo. Vive ao nível do solo, onde choca os seus ovos numa cova esgravatada, e é uma hábil corredora, sendo essa a sua primeira estratégia de fuga quando assustada, só depois levantando voo caso se sinta mais ameaçada. O voo é efectuado próximo do chão, com as asas arqueadas para baixo.

As perdizes esgravatam o solo à procura de alimentos (rebentos de plantas, sementes e insectos). Os mais rijos são amolecidos no papo e triturados na moela que "funciona como uma mó", com a ajuda dos grãos de terra engolidos com os alimentos. Quando saem dos ovos, os perdigotos conseguem logo abandonar o ninho mesmo antes de saberem voar. É uma das "estratégias" de sobrevivência das aves que nidificam no solo, já que ficam sujeitas a inúmeros predadores. Por isso as perdizes são consideradas aves nidífugas, tal como as abetardas (*Otis tarda*) e os sisões (*Tetrax tetrax*).



Águia-de-asa-redonda *Buteo buteo* [Comp. 46-58 cm; Env. 110-132 cm]

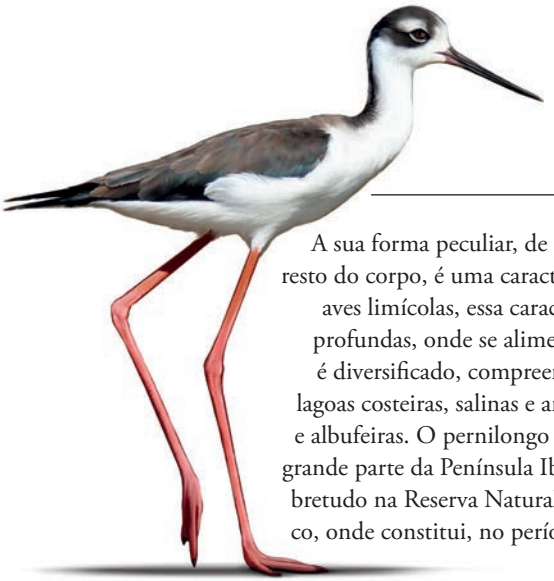
É a ave de rapina mais comum na Europa, residente em toda a Península Ibérica, incluindo, claro, todo o vale do Tejo. A águia-de-asa-redonda, também conhecida como "búteo", revela uma extraordinária capacidade de adaptação a ambientes diversificados.

Com uma envergadura de cerca de 130 centímetros, pode ser identificada pela parte inferior das asas esbranquiçada e pelo abdómen escuro. Quando os búteos voam, emitem por vezes um piar característico, audível a grande distância. Costumam poisar em postes à beira de estradas e caminhos. Durante as paradas nupciais voam em círculos bem no alto e descem em "quedas livres". As suas presas abrangem pequenos roedores, lagartos, cobras, pequenas aves e insectos.

Alfaiate *Recurvirostra avosetta*
[Comp. 42-46 cm]

O alfaiate é uma ave pernalta de médio porte com uma plumagem branco e preta, e um bico longo e fino curvado para cima que o torna inconfundível. É com o bico que estas aves perscrutam os leitos de vaza, varrendo os sedimentos com movimentos laterais e capturando pequenos invertebrados como minhocas e poliquetas.

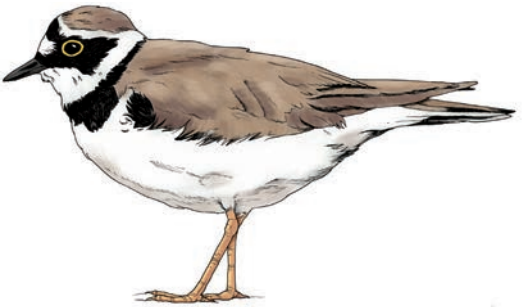
Embora já ocorram algumas populações reprodutoras na Península Ibérica, o alfaiate é sobretudo uma espécie migradora invernante. É depois do Verão que forma grandes bandos de centenas a vários milhares de indivíduos, como acontece no estuário do Tejo, onde se situa a principal área de invernada em toda a Península Ibérica, e uma das mais importantes da Europa Ocidental. Por esse facto, o alfaiate representa o símbolo da Reserva Natural do Estuário do Tejo.



Pernilongo

Himantopus himantopus [Comp. 33-36 cm]

A sua forma peculiar, de pernas desproporcionadamente longas face ao resto do corpo, é uma característica inconfundível. Ao contrário de outras aves limícolas, essa característica permite-lhe caminhar em águas mais profundas, onde se alimenta de pequenos invertebrados. O seu habitat é diversificado, compreendendo sobretudo zonas estuarinas, incluindo lagoas costeiras, salinas e arrozais, e com menor frequência pauis, açudes e albufeiras. O pernilongo pode ser observado durante todo o ano numa grande parte da Península Ibérica, ocorrendo ao longo do vale do Tejo sobretudo na Reserva Natural do Estuário do Tejo e nas Salinas do Samouco, onde constitui, no período estival, importantes núcleos reprodutores.



Borrelho-pequeno-de-coleira *Charadrius dubius* [Comp. 16-18 cm]

O borrelho-pequeno-de-coleira é uma pequena ave típica de margens de rios e ribeiras, lagoas e albufeiras. É ligeiramente mais pequeno que os seus parentes mais associados a habitats costeiros, como o borrelho-de-coleira-interrompida (*Charadrius alexadrinus*) e o borrelho-grande-de-coleira (*Charadrius hiaticula*). Ao contrário destes, quando voa não apresenta riscas brancas bem definidas na parte superior das asas. Desloca-se com pequenos passos muito rápidos, costumando parar e baloiçar o corpo. Ao levantar voo, emite um som característico.

Estes borrelhos invernam na África tropical e na Ásia, regressando à Europa para nidificar, incluindo toda a Península Ibérica e a maior parte do vale do Tejo, onde podem ser observados, geralmente em casais, nas margens do rio. Nidificam em pequenas depressões no chão de cascalho ou areia e alimentam-se de pequenos invertebrados.

Maçarico-de-bico-direito
Limosa limosa [Comp. 37-42 cm]

É uma ave característica de ambientes estuarinos, incluindo também salinas, arrozais e até campos de cultivo alagados, onde procura alimento na água ou no solo lamacento com a ajuda do seu longo bico.

Na Península Ibérica, o maçarico-de-bico-direito, também conhecido por milherango, é uma espécie invernante ou migradora de passagem, regressando todas as primaveras ao centro e norte da Europa onde nidifica. Aí exibe uma plumagem nupcial vistosa, com o pescoço e a parte frontal do peito a adquirirem uma cor vermelha-ferruginosa. Já durante o Outono e Inverno o milherango veste-se de uma tonalidade acinzentada. Todavia, ao voar, e em qualquer das plumagens, apresenta uma vistosa faixa branca na parte superior de cada asa.

Ao longo de todo o vale do Tejo o maçarico-de-bico-direito ocorre sobretudo na área do estuário, onde chega a concentrar uma população superior a 50 mil indivíduos. A Reserva Natural dos Estuário do Tejo e as Salinas do Samouco são os melhores locais para ser observado.

Poupa *Upupa epops*
[Comp. 25-29 cm]

Tal como o nome indica, a poupa que apresenta na cabeça é a característica mais notória desta ave da dimensão de um pombo, apresentando também um bico ligeiramente curvo e comprido. A maior parte das populações inverna em África e regressa à Europa na Primavera para nidificar. No entanto, na Península Ibérica a poupa pode ser observada a sul do Tejo durante todo o ano, sendo uma espécie comum. O som suave emitido pelos machos ("hup-hup-hup"), muito característico, contribuiu para o seu nome científico, ouvindo-se a longa distância.

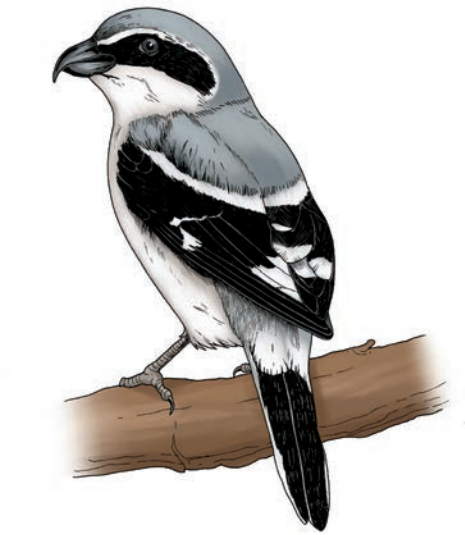
A poupa nidifica em cavidades de árvores e em fendas de rochedos e de muros. A sua alimentação é baseada em insectos, sobretudo grilos e gafanhotos. Estes são picados, atirados ao ar e depois habilmente engolidos.

Abelharuco *Merops apiaster*
[Comp. 25-29 cm]

O abelharuco é uma das aves mais coloridas da Europa. Após invernar em África, regressa à Europa na Primavera para nidificar, sendo muito comum ao longo do vale do Tejo, exceptuando no seu troço alto de montanha.

Como ave gregária, vive em bandos e forma colónias de nidificação. Os abelharucos são hábeis voadores, costumando, por exemplo, beber água em voo como as andorinhas. Anunciam a sua presença com vocalizações características e costumam poisar nos fios eléctricos e de telefone.

Para nidificar, os abelharucos cavam túneis que podem atingir os dois metros de profundidade, geralmente em barrancos argilosos, terminando numa câmara onde depositam os ovos. Estas colónias podem ser mantidas durante dezenas de anos. A sua alimentação é especializada em insectos – incluindo abelhas (tal como o nome indica) –, apanhando-os tanto em voo como no chão.



Picanço-real
Lanius meridionalis [Comp. 24 cm]

É o maior picanço da Europa, de dimensão semelhante à de um melro, sendo uma espécie sedentária na maior parte da Península Ibérica. A ponta do seu bico, em forma de gancho, denota os seus hábitos predadores. Alimenta-se de insectos – como escaravelhos e gafanhotos –, pequenas aves, lagartixas e outros pequenos animais.

Uma das suas particularidades é o facto de espetar as presas em espinhos de plantas ou no arame farpado, constituindo assim a sua despensa alimentar. Durante a Primavera-Verão, uma outra espécie de picanço – o picanço-barreteiro (*Lanius senator*) – regressa dos seus quartéis de Inverno em África para nidificar em grande parte da Europa, incluindo também a Península Ibérica. É pouco maior que um pardal e a parte superior da cabeça é castanha e não cinzenta como no picanço-real.

Pega-azul *Cyanopica cyanus*

[Comp. 31-35 cm]

Também conhecida como "charneco", é uma espécie gregária, reunida sempre em bandos. As pegas-azuis denotam muito a sua presença com os seus movimentos e vocalizações. Para além da Península Ibérica – a única região onde habitam na Europa –, ocorrem ainda, e curiosamente, na Ásia Oriental, o que tem motivado diversas hipóteses científicas na tentativa de explicar esta grande descontinuidade geográfica na sua distribuição.

Na época de reprodução constituem colónias de nidificação, e fora deste período costumam reunir-se diariamente em dormitórios a partir do final da tarde. Numa grande parte do vale do Tejo podem ser observadas nos montados, galerias ribeirinhas e pomares. As pegas-azuis alimentam-se sobretudo de insectos, e no Outono também de bagas e sementes.

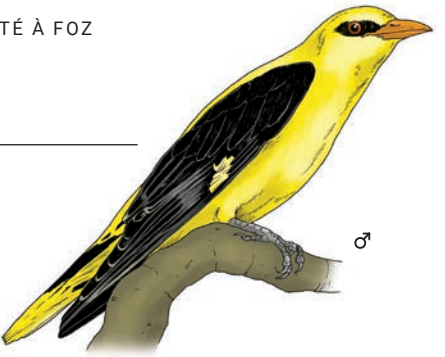
Estorninho-preto

Sturnus unicolor [Comp. 19-22 cm]

Semelhante a um melro, mas com uma cauda muito curta e bico amarelo, o estorninho-preto é uma ave muito sociável, sendo quase sempre observado em bandos por vezes numerosos. É uma espécie sedentária em toda a Península Ibérica, ilhas Baleares, Córsega, Sardenha, Sicília e Norte de África.

Durante o Outono e Inverno, podem confundir-se com os estorninhos-malhados (*Sturnus vulgaris*) que regressam ao sul para nidificar após abandonarem os seus territórios de invernada no norte da Europa. No entanto, estes apresentam uma plumagem invernal salpicada de tons claros.

Ao longo do vale do Tejo, os estorninhos-pretos ocorrem em campos agrícolas, pomares e montados, alimentando-se principalmente de insectos e de bagas.



Papa-figos *Oriolus oriolus* [Comp. 22-25 cm]

É uma das mais belas aves europeias (sobretudo o macho, amarelo e preto), embora não resida durante todo o ano no Velho Continente, pois passa o Inverno nas florestas da África Central, regressando depois para nidificar. Durante a Primavera-Verão distribui-se por toda a Península Ibérica. Ao longo do vale do Tejo pode ser observado principalmente na proximidade das galerias ribeirinhas bem compostas de árvores. O papa-figos é mais facilmente ouvido do que observado já que é uma ave discreta, passando muito tempo entre a folhagem das árvores. Os sons aflautados que emite são muito característicos. Como habitante exclusivo das árvores, nunca poisa no chão, bebendo a água das gotas de orvalho ou em voo como as andorinhas. A sua alimentação é especializada em insectos, especialmente lagartas de borboletas.

Chapim-real *Parus major* [Comp. 14-15 cm]

Do tamanho de um pardal, o chapim-real é uma espécie muito comum em toda a Europa, incluindo todo o vale do Tejo. Quando vagueiam em busca de alimento, os chapins fazem sempre notar muito a sua presença já que vocalizam com frequência. Os chapins-reais são aves cavernícolas, ou seja, constroem os seus ninhos dentro de cavidades. Por isso costumam ocupar as caixas-ninho, sobretudo em locais onde rareiam árvores velhas com os seus buracos "naturais". A sua alimentação abrange insectos e sementes. Em Inglaterra estas aves tornaram-se famosas por terem adquirido o hábito de furar as capinhas de alumínio das garrafas de leite distribuídas nas portas das casas para comerem a nata.

Trigueirão *Emberiza calandra* [Comp. 16-19 cm]

Ligeiramente maior que um pardal, o trigueirão é uma ave muito comum nos campos agrícolas e montados que acompanham uma grande parte do vale do Tejo. A sua presença, sobretudo na Primavera, não passa despercebida, devido ao seu característico matraquear sonoro que é uma constante nesta altura do ano, soando mais ou menos como um "tsi-tsi-tsi-rideriderit" contínuo. Costuma poisar nas vedações dos campos ao longo das estradas e caminhos.

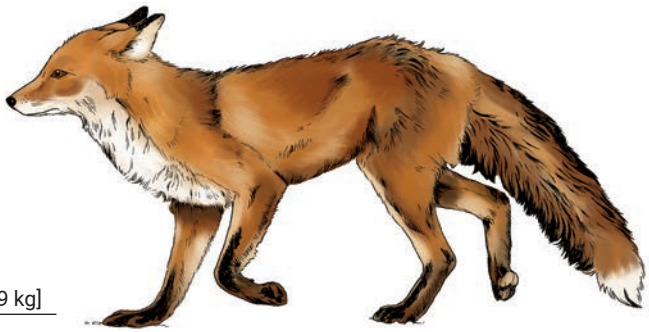
OS MAMÍFEROS

Menos visíveis e mais esquivos do que as aves, outros vertebrados terrestres povoam o vale do Tejo, dos quais mamíferos como texugos, gatos-bravos, sacarrabos e genetas. No entanto, a maior parte dos mamíferos encontra-se mais activa durante a noite ou ao crepúsculo. Foram destacadas seis espécies que, com mais ou menos sorte, poderão ser observadas à luz do dia.

Lontra *Lutra lutra* [Comp. 60-80 cm (corpo) + 35-50 cm (cauda); Peso 6-15 kg]

É um carnívoro de médio porte distribuído por quase toda a Europa, incluindo o Tejo e os seus afluentes. Um macho pode atingir quase um metro de comprimento (excluindo a cauda). Habita meios aquáticos como cursos de água, pauis, lagoas, estuários e albufeiras.

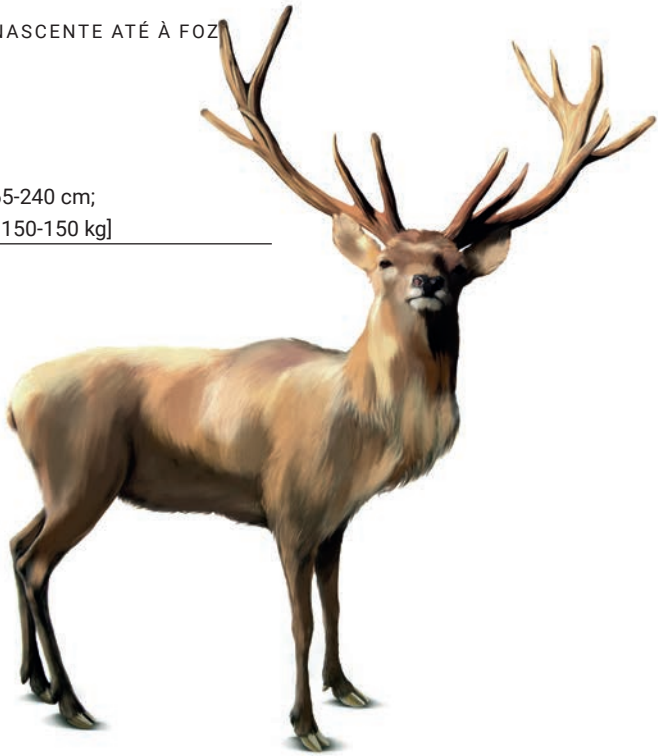
A lontra é uma nadadora exímia, podendo nadar ininterruptamente durante várias horas. De hábitos crepusculares e nocturnos, pode ser observada durante o dia em locais com pouca perturbação humana. Fora do período de acasalamento os machos são solitários, enquanto as fêmeas compõem pequenos grupos familiares de uma ou mais fêmeas e crias. Os excrementos depositados em cima de pedras ou troncos caídos ao longo das margens são um dos indícios da sua presença. A sua alimentação é constituída sobretudo por peixes, crustáceos (como lagostins) e anfíbios.



Raposa *Vulpes vulpes* [Comp. 60-80 cm (corpo) + 35-45 cm (cauda); Peso 6-9 kg]

A raposa é um carnívoro de grande adaptabilidade, tendo conseguido tirar partido da intervenção humana na natureza, encontrando-se hoje espalhada pela América do Norte, Europa, Ásia e Norte de África, e na Austrália (onde foi introduzida). É comum de norte a sul da Península Ibérica, ocupando todo o tipo de habitats – campos agrícolas, zonas de matos, bosques ou florestas, zonas húmidas, sistemas dunares, entre outros.

Os sentidos da visão, olfacto e audição estão bem desenvolvidos. Emite uma grande variedade de sons, desde latidos a uivos. Cria em tocas escavadas no solo por ela própria ou alarga tocas de coelhos e texugos. A sua dieta alimentar é muito variada, incluindo pequenos mamíferos, aves, ovos, insectos, minhocas e frutos.



Veado *Cervus elaphus* [Comp. 165-240 cm; Altura ao garrote 114-122 cm; Peso 150-150 kg]

O veado é o maior cervídeo ibérico e um dos maiores mamíferos terrestres da Europa. Os machos são maiores que as fêmeas e exibem grandes hastes, cada uma das quais pesando em média um quilo (podendo, no entanto, atingir os três quilos). As hastes são estruturas ósseas cujo crescimento se repete todos os anos ao longo de cerca de 100 dias, com início na Primavera logo após a queda das hastes do ano anterior. O nível de ramificação das hastes aumenta com a idade do indivíduo mas também depende do seu estado nutricional.

No Outono, quando se inicia a época de reprodução, machos e fêmeas reúnem-se em grupos mistos, sendo comum ouvir ao anoitecer os intensos bramidos dos machos que assim demonstram o seu vigor e marcam o território. As crias nascem no fim da Primavera após oito meses de gestação. Ao longo do vale do Tejo, e de uma forma geral, os veados podem ser encontrados desde o local onde o rio nasce até Vila Velha de Ródão.

Javali *Sus scrofa* [Comp. 100-160 cm; Altura ao garrote 60-105 cm; Peso 40-120 kg]

De corpo robusto, o javali distribui-se por toda a Europa, à excepção de grande parte das Ilhas Britânicas e da Escandinávia. Comum de norte a sul da Península Ibérica, ocupa uma grande diversidade de habitats, desde bosques e zonas de matos a campos agrícolas (desde que ofereçam locais de abrigo). No macho, os caninos inferiores desenvolvem-se com a idade (as defesas) e podem chegar a atingir 20 centímetros. Apesar da visão ser fraca, os sentidos da audição, do olfac-

Coelho-bravo *Oryctolagus cuniculus*
[Comp. 34-50 cm; Peso 1,2-2,5 kg]

É uma espécie originária da Península Ibérica (e segundo alguns investigadores, também do Norte de África), mas devido à intervenção humana expandiu-se por quase toda a Europa, tendo sido ainda introduzida na América do Norte, América do Sul, Austrália e Nova Zelândia. No entanto, a mixomatose e a doença hemorrágica viral (para as quais ainda não foram descobertas vacinas), a par de uma grande pressão venatória, levaram a um grande declínio populacional nas últimas décadas. Tal reflecte-se nos ecossistemas, pois o coelho-bravo é um elo importante da cadeia alimentar com repercussões em diversas espécies de carnívoros, sendo o lince-ibérico o caso mais notório – mais de 80% da sua alimentação é baseada neste pequeno mamífero.
O coelho-bravo vive em grupos familiares liderados por um macho dominante. As suas tocas – as coelheiras – são formadas por um sistema de galerias subterrâneas. Um dos sinais da sua presença consiste nos seus dejectos pequenos e esféricos dispostos em latrinas. A sua dieta alimentar abrange plantas herbáceas, cereais, raízes, sementes e frutos.

Lebre *Lepus granatensis*
[Comp. 48-70 cm; Peso 3-6 kg]

De maior dimensão que um coelho, incluindo as orelhas, mais longas, a lebre é uma excelente corredora, podendo atingir os 70 quilómetros por hora. Distribui-se por quase toda a Península Ibérica, ocorrendo sobretudo em terrenos abertos e pouco declivosos. Ao contrário do coelho, a lebre não escava tocas nem vive em sociedades hierarquizadas, sendo geralmente solitária, constituindo pares ou pequenos grupos na época de reprodução ou durante a noite quando pasta (facilitando assim a vigilância de predadores). Utiliza camas no solo para descansar, sob a forma de depressões ligeiras atapetadas com vegetação, ou "tocas" moldadas em ervas altas. Apesar da sua actividade ser principalmente crepuscular e nocturna, também pode ser observada durante o dia. A sua alimentação é exclusivamente herbívora.

to e do tacto (na extremidade do focinho) são muito desenvolvidos. São vários os indícios que assinalam a sua presença, como as fossadas (zonas do solo removidas pelo focinho), as camas e os espojadouros (locais de banhos na lama), para além dos excrementos e das pegadas. De uma forma geral, os machos são animais solitários, exceptuando na época de reprodução, ao passo que as fêmeas constituem grupos com as crias e juvenis (até dois anos). A actividade dos javalis é sobretudo crepuscular e nocturna. Sendo um animal omnívoro, a sua alimentação é diversificada, abrangendo plantas verdes, bolbos e tubérculos, frutos (como bolotas e castanhas), minhocas, insectos, pequenos mamíferos, répteis e aves, ovos e carcaças.

OS PEIXES

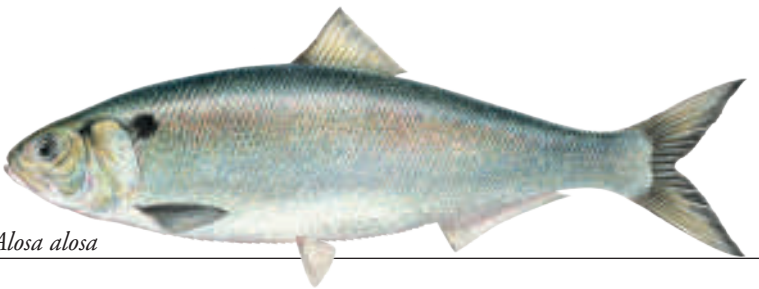
Os peixes do rio e estuário do Tejo estão intimamente ligados ao quotidiano das populações ribeirinhas. A sua importância vai para além dos valores económicos, representados pelas atividades como a pesca, pois a cultura, o património científico e histórico, aliados à extraordinária culinária, talvez ainda sejam mais relevantes. Entre as dezenas de peixes, selecionámos 14 espécies, residentes e migradoras, algumas delas introduzidas no rio e outras exóticas. A ameaça à conservação da fauna piscícola vem da existência destes últimos exemplares, mas também das barragens e da destruição de habitats que prejudicam o seu regular desenvolvimento.

Filipe Ribeiro (seleção) e Cláudia Baeta (Ilustrações)*
Ilustração de *Chelon ramada* por Pedro Salgado

Espécies migradoras

Lampreia-marinha *Petromyzon marinus*

Com o comprimento máximo de 1,5 m, esta espécie apresenta um corpo longo e não apresenta barbatanas peitorais. De destacar a boca em forma de ventosa circular onde se perfilam os dentes. A sua vida larvar é bastante longa. Depois da metamorfose as lampreias migram para o mar para atingir a sua maturidade sexual, regressando novamente ao rio onde se reproduzem. Cada fêmea chega a gerar milhares de ovos. É uma espécie vulnerável, devido à sobrepesca e perda de habitat (barragens e poluição).

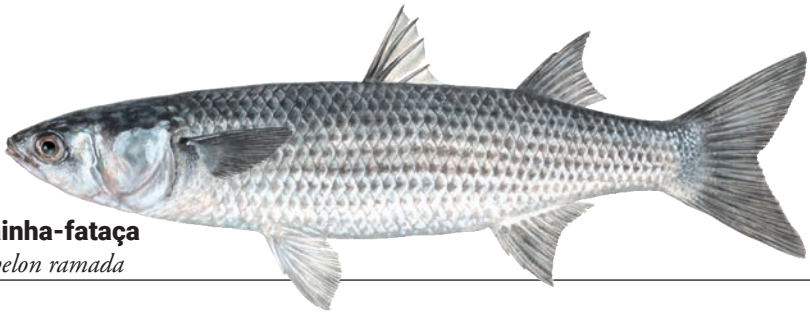


Sável *Alosa alosa*

É um peixe que pode atingir os 70 cm de comprimento. Tem um corpo comprido e alto de cor azulada e cabeça acastanhada. Chega a viver nove anos. Vive no mar até ser adulto, dirigindo-se então aos rios para se reproduzir. Os machos iniciam esta viagem, sendo seguidos pelas fêmeas, cerca de 12 dias mais tarde. Antes de completarem o primeiro ano de vida os juvenis vão para o mar. Em Portugal as suas populações estão em perigo devido à pesca excessiva e à existência de barragens que modificam ou impedem o acesso aos locais de desova e o próprio processo de migração.

Enguia *Anguilla anguilla*

Esta espécie apresenta uma forma alongada e uma cabeça comprimida, podendo atingir mais de 1 m. Pode viver mais de 20 anos. A sua reprodução realiza-se apenas uma vez na vida e sempre no Mar dos Sargaços, no Atlântico Norte. É uma espécie em perigo, não apenas pela perda de habitat como pela pesca furtiva e a venda ilegal do meixão ou angula (fase de metamorfose das larvas quando se aproximam dos rios e estuários).



Tainha-fataça
Chelon ramada

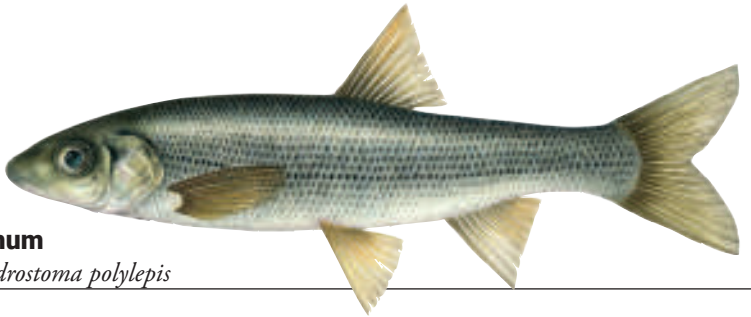
Abundante no rio Tejo e de boca pequena, forma geralmente cardumes e alimenta-se de detritos e organismos que vivem no fundo do rio. Tem cerca de 50 cm e vive aproximadamente 15 anos.

Espécies residentes, nativas

Barbo-comum *Luciobarbus bocagei*

Comum e identitária para muitos pescadores profissionais e desportivos, esta espécie endémica da Península Ibérica apresenta um corpo fusiforme. Pode chegar aos 80 cm e tem uma longevidade de cerca de 10 anos.

**Informação disponível em: Collares-Pereira MJ (coord.), Alves MJ, Ribeiro F, Domingos I, Almeida PR, da Costa L, Gante H, Filipe AF, Aboim MA, Rodrigues PM e Magalhães MF. 2021. Guia dos Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal Continental. Edições Afrontamento. Porto, 292 pp*



Boga-comum
Pseudochondrostoma polylepis

De focinho proeminente, atinge um máximo de 45 cm, podendo viver aproximadamente 10 anos. É muito comum nos troços entre Chamusca e Constância.

Boga-de-boca-arqueada-de-Lisboa
Iberochondrostoma olisiponense

Caracteriza-se por ter os olhos maiores que o focinho. Medem na fase adulta cerca de 10 cm. Foi descoberta apenas em 2006 e ocorre no Tejo entre a Chamusca e a Aldeia das Caneiras (a jusante de Santarém), na foz do rio Trancão e nos rios Maior e de Muge.

Verdemã-comum *Cobitis paludica*

Bastante frequente apresenta um corpo alongado e esguio. Tem, abaixo dos olhos, um espinho eréctil que utiliza para sua defesa. Os machos (7 cm) são bastante mais pequenos que as fêmeas (12-15 cm).

Truta-de-rio *Salmo trutta*

Com uma cabeça e olhos grandes, a sua coloração varia em função da idade. Habita nos leitos fluviais e efetua rio acima pequenas migrações para alcançar as zonas de reprodução. Os adultos podem atingir os 40 cm de comprimento e podem viver mais de 10 anos.

Peixe-rei *Atherina boyeri*

Este pequeno peixe tem um corpo alongado e mede cerca de 18 cm na fase adulta. Apesar de ser um peixe marinho, tolera bem habitats de baixa salinidade e por isso é frequente em zonas húmidas costeiras, estuários e no curso inferior de alguns rios, onde forma densos cardumes.

Espécies exóticas

Lucioperca
Sander lucioperca

Espécie introduzida, oriunda dos mares Cáspio, Aral, Báltico e Negro, de corpo comprido e esguio tem uma boca grande e dentes desenvolvidos. Prefere os fundos rochosos e as águas turvas. Vive cerca de 10 anos e atinge cerca de 1 m. Alimenta-se de peixes e apresenta por vezes comportamentos canibais, ao comer os juvenis.

Peixe-gato-europeu *Silurus glanis*

É um dos maiores peixes de água doce, podendo alcançar 2,8 m e cerca de 100 kg. É comprido e tem 3 pares de barbilhos. Pode viver até 30 anos. Provém das bacias hidrográficas do Danúbio e do Elba.

Alburno *Alburnus alburnus*

Com uma área de distribuição nativa dos Montes Urais até França, peixe pequeno, estreito e comprido, não apresenta escamas na zona da cabeça. Pode cruzar-se com espécies próximas e gerar seres híbridos, o que constitui uma contaminação genética cujos impactos ainda se estudam. Atinge um máximo de 24 cm e tem uma longevidade de aproximadamente 5 anos.

Carpa *Cyprinus carpio*

Nativa da Europa Central, de corpo alto e barbatana dorsal, tem variada coloração e apresenta grandes diferenças entre espécimes, nomeadamente ao nível das escamas. Tem uma longevidade de cerca de 15 anos. Vive em águas profundas e pode percorrer grandes distâncias.

Gastronomia do Tejo

Restaurante "Ó Balcão" em Santarém.

É rica e variada a culinária das povoações que bordejam o rio, que apresenta uma miríade de pratos e produtos típicos. Não compete aqui descrever essa riqueza, pois de um compêndio se trataria, mas não podemos deixar de salientar algumas dessas iguarias e indicar, sumariamente, uma cozinheira popular, um *chef* com restaurante dedicado à comida do Tejo e um prato lisboeta.

Logo no início do Tejo português, Josefina Pissarra, de Penha Garcia, é a Cozinheira. Tem livro de receitas que se recomenda – *Sabores de uma Época, Tradições de uma Terra* – e quem já provou a sua canja de perdiz, as suas migas de peixe do rio sem tomate e sem ovos, o seu arroz de lebre e, à sobremesa, as suas papas de carolo, percebe logo que se trata de uma "mágica" da cozinha.

Ao longo do rio, poderíamos referir dezenas de restaurantes tradicionais de categoria, mas pela singularidade, requinte, variedade e dedicação ao Tejo, porque trabalha profissional e deliciosamente com camarinhas, caranguejo do rio, lúcio, fataça, enguia, sável, lampreia, achigã, barbo e, também, com coelho e lebre e touro da lezíria, distinguimos o Chef Rodrigo Castelo e o seu restaurante Ó Balcão, em Santarém (sugestão de José Sá Fernandes).

Muitos são os pratos lisboetas ligados ao Tejo. Nos moluscos e crustáceos podemos distinguir as ameijoas à Bulhão Pato e a santola recheada. Como lembrança da frota bacalhoeira que de Lisboa saia rumo aos mares do Norte à pesca do bacalhau, as pataniscas e o bacalhau à Bráz. Mas do rio, talvez as grandes receitas, sejam mesmo as filetes de polvo fresco do Estuário e a já pouco lembrada Caldeirada à Fragateira.

Mas despertemos, ainda, a vossa curiosidade para as trutas de escabeche e para o estufado de veado de Peralejos de las Truchas, para o guisado *Carcamusa* de Toledo, para o grão frito com cebola de Talavera de la Reina, para a sopa de peixe de Vila Velha de Ródão, para a caldeirada de enguias de Belver, para a lampreia de Mação, para a fataça na telha de Caneiras, em Santarém, para a sopa da pedra de Almeirim, para o sável frito acompanhado de açorda de ovas de Vila Franca de Xira, para as ameijoas alcochetanas, para a chispalhada à moda do Montijo e para o caldo de peixe da Trafaria, entre tantos outros pitéus.

Com vinhos das regiões vitivinícolas do Tejo e de Lisboa é difícil escolher, mas distingamos o da Quinta da Alorna, por ser um dos produtores mais antigos, e o da própria capital, *Os Corvos de Lisboa* (Vinha do Aeroporto). Arrisquemos ainda salientar a casta Arinto, a rainha das castas brancas portuguesas que deu origem ao Bucelas da zona de Loures.

Para esta "refeição do Tejo", indicamos nos queijos, o de Nisa, nos doces, os bolos de noiva da Golegã e a palha de Abrantes e na fruta, o melão de Almeirim.

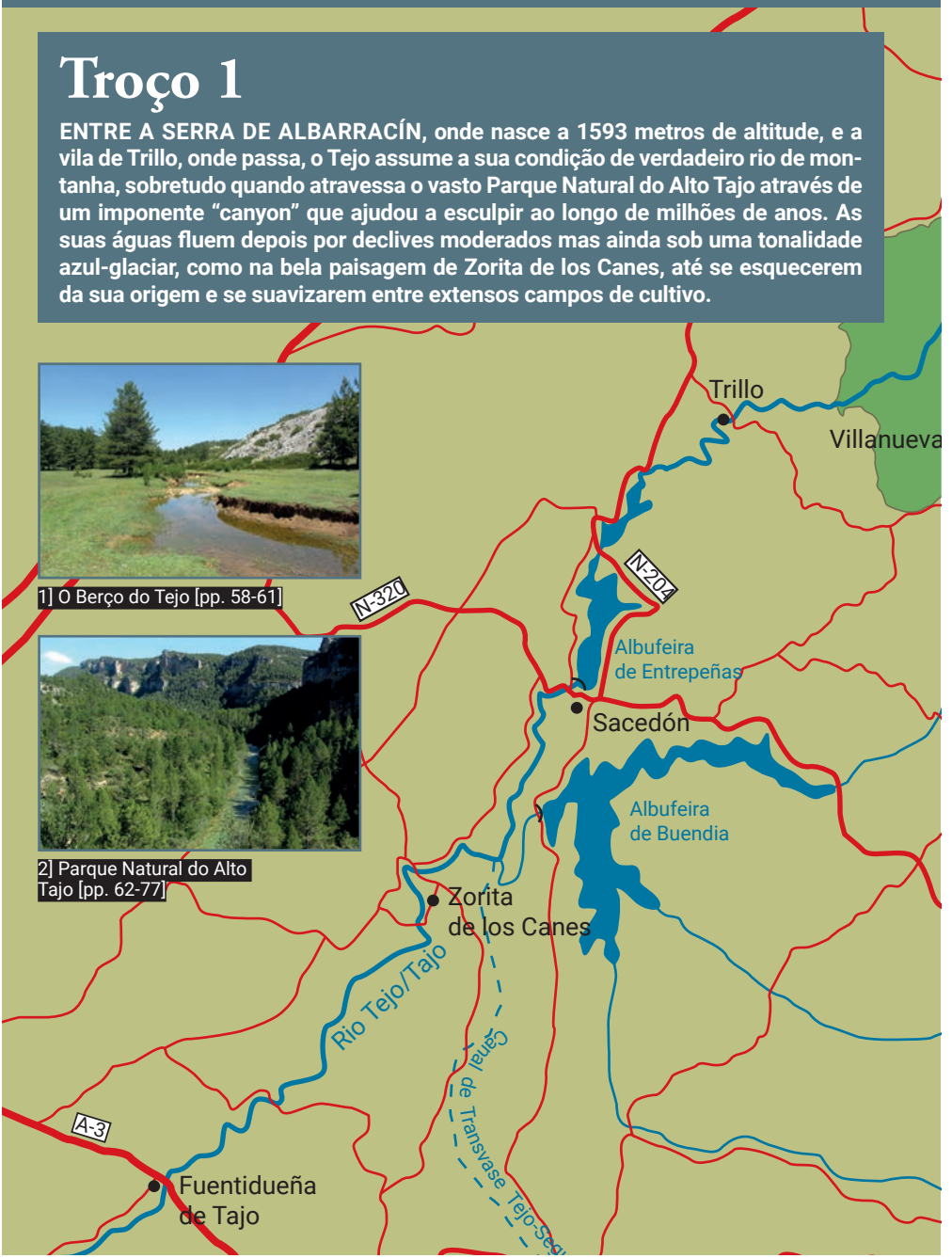
Por fim, apresentamos o "Brás com alface do mar do rio Tejo", criação do Chef Pedro Mendes, que assim, a propósito da alcunha "alfacinhas" (dos lisboetas), de um prato típico da cidade (bacalhau à Brás) e de uma alga comum do rio Tejo, surpreende-nos com um prato novo da cidade de Lisboa.

Troço 1

ENTRE A SERRA DE ALBARRACÍN, onde nasce a 1593 metros de altitude, e a vila de Trillo, onde passa, o Tejo assume a sua condição de verdadeiro rio de montanha, sobretudo quando atravessa o vasto Parque Natural do Alto Tajo através de um imponente "canyon" que ajudou a esculpir ao longo de milhões de anos. As suas águas fluem depois por declives moderados mas ainda sob uma tonalidade azul-glaciar, como na bela paisagem de Zorita de los Canes, até se esquecerem da sua origem e se suavizarem entre extensos campos de cultivo.

1] O Berço do Tejo [pp. 58-61]

2] Parque Natural do Alto Tajo [pp. 62-77]



3] Trillo [pp. 78-79]

4] Zorita de los Canes [pp. 80-83]

O Berço do Tejo

O rio Tejo nasce a 1593 metros de altitude em plena serra de Albarracín (integrada nos Montes Universais), num local conhecido como Fuente de Garcia. Esta é a informação mais consensual e plenamente divulgada, embora sejam referenciadas outras fontes nas imediações com esse contributo – quer individualmente, quer agrupadas formando uma zona de nascente.

A cerca de 300 metros de Fuente de Garcia há um monumento que marca "oficialmente" o berço do maior rio ibérico – o "Monumento al Nacimiento del Tajo" – composto por um conjunto escultórico erigido em 1974. É a partir deste belo local, porventura com a confluência das águas de várias fontes, que o leito do

A quase 1600 metros de altitude, em plena serra de Albarracín, o leito do Tejo começa a tomar forma.

O monumento construído em homenagem ao nascimento do Tejo: a maior estátua – "El Padre Tajo" – acompanhada por três esculturas que representam as províncias espanholas por onde o rio inicia o seu longo percurso.

Tejo começa a tomar forma. Este espaço tornou-se ainda mais aprazível com os trabalhos de recuperação e beneficiação paisagística levados a cabo em 2009 pela Confederación Hidrográfica del Tajo.

No monumento destaca-se a estátua de uma imponente figura humana ("El Padre Tajo"), emergindo de uma montanha com uma espada na mão, e uma estrela de neve coroando a cabeça que representa as neves dos cumes da serra de Albarracín. As longas barbas do titã retratam as diversas fontes que emanam as águas cristalinas da montanha, e o profundo sulco que o percorre do peito aos pés simboliza o leito do Tejo no seu percurso ibérico com mais de mil quilómetros. Por fim, a espada representa o próprio nome do Tejo ("Tagus", para os romanos) – a "fenda" que o rio abre na Península Ibérica de oriente para ocidente. As outras estátuas de menores dimensões simbolizam as três províncias espanholas por onde o Tejo inicia o seu longo percurso: um cavaleiro (Guadalajara), um touro (Teruel) e um cálice (Cuenca).

O local, servido por um parque de me-

O rio Tejo nasce num local aprazível servido por um parque de merendas, percursos pedestres e painéis informativos.

rendas e painéis informativos, convida a uma boa pausa ou a uns passeios a pé, seguindo por exemplo o ainda incipiente leito do Tejo, num agradável prado de montanha salpicado por coníferas. Neste troço inicial a água nem sempre está presente, pois o rio só exibe um caudal permanente após decorridos alguns quilómetros, revelando já todo o seu esplendor no Parque Natural do Alto Tajo. É o início de uma longa jornada com cerca de 1070 quilómetros, até se diluir no oceano Atlântico, embora aqui nasça a cerca de 180 quilómetros do Mar Mediterrâneo.

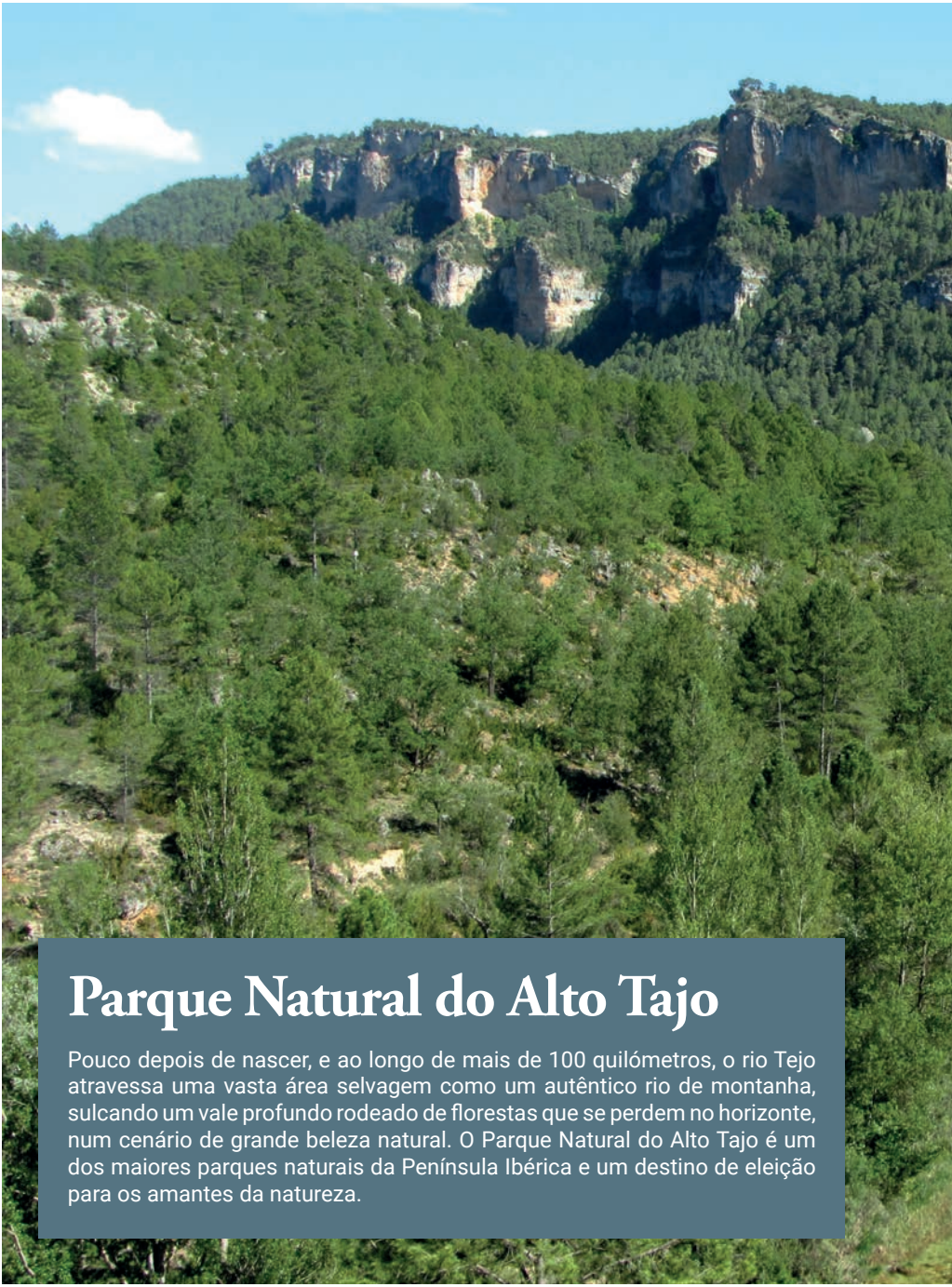
A Fuente de Garcia encontra-se numa propriedade particular situada a cerca de 300 metros do Monumento do Nascimento do Tejo.

A grande rota do Tejo em Espanha

A GRANDE ROTA do Tejo ("El Camino Natural del Tajo" / GR-113) é um circuito pedestre de grande duração ao longo do vale do Tejo em território espanhol, com cerca de 800 quilómetros de extensão, desde a serra de Albarracín até à barragem de Cedilho situada junto à fronteira com Portugal, já em terras da Extremadura. Devidamente marcada no terreno com sinalética própria e painéis informativos, esta rota está organizada numa sucessão de 43 etapas que permitem, no seu conjunto, potenciar a nível turístico e educacional os principais valores paisagísticos, naturais, históricos, culturais e recreativos oferecidos pelo território do Tejo ao longo do seu percurso em Espanha.

No âmbito dos objectivos estratégicos do "Programa de Caminos Naturales de España" pretende-se não só a diversificação da actividade económica da região, como também – e através do enfoque na educação ambiental – fomentar a conservação do património paisagístico, natural e cultural.

Endereço web para aceder ao "Guia del Camino Natural del Tajo": *https://www.mapa.gob.es/es/desarrollo-rural/temas/caminos-naturales/publicaciones/guia_tajo.aspx*



Parque Natural do Alto Tajo

Pouco depois de nascer, e ao longo de mais de 100 quilómetros, o rio Tejo atravessa uma vasta área selvagem como um autêntico rio de montanha, sulcando um vale profundo rodeado de florestas que se perdem no horizonte, num cenário de grande beleza natural. O Parque Natural do Alto Tajo é um dos maiores parques naturais da Península Ibérica e um destino de eleição para os amantes da natureza.

O magnífico "canyon" (ou canhão fluvial) do Tejo é o eixo central de todo o Parque Natural, aqui contemplado do "Mirador del Tajo", em Zaorejas.

Situada a leste de Madrid, esta imensa área protegida ocupa uma superfície superior a 105 mil hectares, rodeada ainda por uma Zona Periférica de Protecção com quase 70 mil hectares. É uma paisagem arrebatadora onde se destaca um amplo e impressionante conjunto de "canyons" (ou canhões fluviais) formados sobretudo pelo Tejo mas também por outros afluentes ao longo de milhões de anos. A sua grande diversidade geomorfológica e climática, aliada a um bom estado de conservação dos recursos naturais, favorecem a manutenção de uma elevada biodiversidade, como a flora e a fauna.

É no sudeste do Parque que se encontram as maiores altitudes, chegando a atingir os 1936 metros em Caimodoro. Estas serras fazem parte dos Montes Universais – um sistema montanhoso situado no limite sudoeste da vasta Cordilheira Ibérica, onde por sua vez nascem alguns dos principais rios da Península Ibérica, como o Tejo e o Douro. Os planaltos ocupam uma grande parte da área do Parque, sobretudo nos sectores ocidental e central, quase sempre situados entre 1100 e 1500 metros de altitude.

Nesta região montanhosa o rio Tejo recebe pela margem direita as águas dos seus principais afluentes, como os rios da Hoz Seca, Cabrillas, Gallo, Arandilla e Ablanquejo, por vezes associados a profundos vales escarpados como é o caso do monumental "Barranco de la Hoz", onde corre o Gallo, o mais importante afluente dentro

do Parque Natural. É com o degelo e as chuvas primaveris que estes rios registam os maiores caudais, manifestando a força das suas águas selvagens.

A densidade populacional em toda esta área é muito reduzida, acentuada pelo despovoamento verificado sobretudo a partir da década de 1950, com a migração de pessoas para as grandes cidades. Nos últimos 50 anos a população passou de cerca de 20 mil habitantes para menos de cinco mil. A economia tradicional da região está baseada na criação de gado, na exploração do caulino e de recursos florestais, embora em declínio. Por outro lado, a criação do Parque Natural em 2000 foi um importante estímulo ao desenvolvimento do turismo de natureza e de actividades ao ar livre, criando assim uma nova fonte de rendimento para as populações locais.

A exploração da madeira representa, aliás, uma das facetas da identidade cultural desta região: os "gancheros". Até ao final da década de 1940 os "gancheros" cortavam troncos de pinheiros nos extensos bosques do Alto Tejo e faziam-nos descer pelo Tejo até às fábricas situadas em Aranjuez (sobretudo), Toledo e mesmo até Talavera de la Reina. Depois, com a construção das barragens de Entrepeñas e de Buendia, e mais tarde, com a concorrência vantajosa do transporte por camiões, esta actividade conheceu o seu fim. Foi uma actividade tradicional que inspirou José Luis Sampedro a escrever o livro "El rio que nos lleva" (1961), que narra a história do último transporte fluvial de madeira realizado na década de 1940 até Aranjuez. O livro, traduzido em várias línguas, foi depois adaptado para cinema em 1989 pelo realizador Antonio del Real.

Ao longo do seu percurso superior a 100 quilómetros no Parque Natural, o Tejo adquire tonalidades surpreendentes.

O "Mirador del Tajo", em Zaorejas, é um local de visita obrigatória pois proporciona uma vista assombrosa sobre o curso alto do maior rio ibérico.

O Alto Tejo

Designa-se como Alto Tejo o troço inicial que o rio percorre a maior altitude e vencendo o maior desnível. Passados poucos quilómetros após nascer na serra de Albarracín, a 1593 metros de altitude, o rio Tejo "entra" no Parque Natural do Alto Tajo, onde percorre cerca de 120 quilómetros. Até então, o seu leito prolonga-se numa superfície pouco desnivelada, para depois entrar num profundo vale rochoso que caracteriza todo o seu curso alto. Nos primeiros 35-40 quilómetros, até à aldeia de Peralejos de las Truchas, o Tejo desce um desnível de 453 metros.

O troço do "canyon" abrangido pelo Tejo, de relevo cársico, estende-se até à Ponte de Martinete, em Peralejos de las Truchas. A partir de aqui, inúmeras fontes subterrâneas alimentam o rio, e até à Ponte de San Pedro, em Zaorejas, o vale estreita-se ainda mais, esculpido num desfiladeiro mais profundo, por onde o Tejo

Peralejos de las Truchas / Histórico encontro entre as gentes da nascente e da foz do rio Tejo

Igreja de Peralejos (séc. XVI).

A primeira cascata do Tejo.

PERALEJOS DE LAS TRUCHAS é a primeira povoação do Tejo. Na região, o afluente Hoz Seca dá-lhe leito, aliás os espanhóis gracejam a este respeito dizendo: *El Tajo lleva fama y el Hoz Seca lleva el agua*. Este é também um pequeno município de Espanha, localizado na província de Guadalajara, comunidade autónoma de Castilla - La Mancha.

Nesta vasta zona, que abrange a Serra de Albarracín e a província de Cuenca, vale a pena conhecer alguns dos afluentes do Tejo e as cidades de Cuenca e de Albarracín, esta última com uma recuperação patrimonial já premiada por diversas vezes, classificada como Património Mundial pela UNESCO, e que se situa perto do monumento ao Tejo atrás referido.

O encontro entre Lisboa e Peralejos, ou antes, entre a nascente e a foz do rio Tejo, foi histórico, alegre, emocionante e afetuosa. As gentes de Peralejos têm um amor pelo Tejo igual ao nosso. Mostraram-nos a primeira cascata, resultado de uma antiga

Por vezes o Tejo revela cenários inesperados, como aqui, perto da ponte de San Pedro, em Zaorejas.

hidroelétrica e o melhor sítio para banhos, de água límpida e refrescante. Maravilhoso. É um início mágico. A população, desde o Alcaide ao dentista, dedica-se à descoberta de trufas – são especialistas – e ao pastoreio, nunca esquecendo que a grande atividade económica do passado desta terra se prendia, como já se disse, com o transporte de madeira pelas correntes do rio até Aranjuez, e por isso estas gentes serão sempre conhecidos por *Gancheros*.

Aqui sente-se o Tempo, desde o mais remoto, como testemunham os fósseis das amêijoas gigantes, às colinas brancas – caulino – que por vezes nos surpreendem nas margens e terrenos adjacentes do rio.

Os montes de cal de Peralejos – caulinos.

O belo encontro entre peralejanos e lisboetas.

Percursos pedestres

O Parque Natural do Alto Tejo é servido por uma série de circuitos pedestres (e para bicicleta), incluindo uma grande rota com cerca de 134 quilómetros que atravessa toda a área, na sua maior parte ao longo do vale do Tejo, e um conjunto de nove rotas de interesse geológico ("geo-rutas") que permitem a descoberta e interpretação dos notáveis valores geomorfológicos desta região. Sobram ainda diversos percursos pedestres locais delineados por alguns municípios. Quanto aos percursos implementados no Parque, destaque para três de pequena rota que abrangem o rio Tejo:

1) Rota "Puente Martinete à Lagoa de Taravilla"
Desde a primeira ponte sobre o rio Tejo, encostado ao seu leito de um verde cristalino, é um dos caminhos a não perder, cujos sons e silêncios são inesquecíveis, até à lagoa mágica donde partem outros percursos.

2) Geo-rota "El Agua: Escultora del Paisage; Puente de San Pedro – Miradoro de Zaorejas" – É uma das rotas de interesse geológico que desvenda sítios notáveis da geomorfologia do vale do Tejo e dos seus afluentes, nomeadamente o "Miradouro del Tajo" (em Zaorejas) onde se contempla um panorama assombroso sobre o imponente "canyon" que o rio esculpiu. Este percurso de trajecto 'circular' tem uma extensão de cerca de oito quilómetros, incluindo alguns troços que podem ser percorridos de automóvel.

3) Rota "Salto de Poveda"– Com um trajecto 'circular' de seis quilómetros é um circuito que se inicia na bonita lagoa de Taravilla, de origem cársica, e acompanha na maior parte do seu percurso as margens do rio sempre envolvidas por bosques, passando por belos lugares como o Salto de Poveda, uma cascata com cerca de 20 metros de desnível que chegou a ser aproveitada para a instalação de uma central hidroeléctrica, hoje desactivada.

4) Rota "Barranco del Horcajo" – Com um trajecto 'circular' de cerca de sete quilómetros, contempla, como o nome indica, o Barranco de Horcajo – um vale encaixado entre grandes penhascos por onde corre um pequeno afluente do Tejo, envolto num bosque de tílias, aveleiras, buxos e outras espécies. Depois percorre num pequeno troço o "canyon" do Tejo e atravessa um bosque de pinheiros-silvestres e pinheiros-negros onde pode ser possível a observação de veados, gamos e corços.

Alguns endereços *web* para descarregar informação sobre os percursos:
» *http://www.parquenaturalaltotajo.es/rutasaltotajo.html*
» *http://www.turismocastillalamancha.es/naturaleza/parque-natural-del-alto-tajo-53072/rutas-por-el-parque/*

Em muitos lugares do Parque a orografia impõe-se com monumentalidade.

serpenteia com maior caudal devido aos contributos importantes, a partir da margem direita, das águas do rio Cabrillas, e junto à Ponte de San Pedro, do rio Gallo, o principal afluente do Alto Tejo. Ainda antes deste local, duas outras pontes permitem contemplar boas vistas sobre o Tejo: as pontes de Poveda e de Peñalén. A força das águas neste troço permitiu a instalação de uma pequena central hidroelétrica, hoje desactivada, que aproveitou uma cascata com cerca de 20 metros de altura – Salto de Poveda – para produzir eletricidade.

Após a Ponte de San Pedro, o vale do Tejo desenha um grande meandro à esquerda, passando a tomar uma direcção de Este-Oeste (em vez de Sudeste-Noroeste) até ao final do Parque Natural, nas

Nalguns troços o Tejo permite a realização de actividades como o "rafting".

A bela Lagoa de Taravilla, de origem cársica, é um ponto de partida e de chegada para um percurso pedestre que acompanha as margens do Tejo.

imediações de Ocentejo. Neste último troço, apesar de o vale se alargar um pouco, volta logo a encaixar-se numa garganta inacessível e sinuosa, onde o Tejo recebe as águas do rio Ablanquejo, também pela margem direita, o último afluente importante em todo este percurso de montanha. É entre os meses de Janeiro e de Abril que o caudal do Tejo é maior, devido às chuvas e ao degelo verificados sobretudo na Primavera. Entre Julho e Outubro o nível da água baixa consideravelmente.

Depois de abandonar os limites do Parque Natural, com cerca de 120 quilómetros percorridos, o Tejo torna-se menos sinuoso e mais suave até chegar a Trillo e à albufeira

O espectacular "Barranco de la Hoz", onde se encontra o "Santuario da Virgen de la Hoz" banhado pelo rio Gallo - o principal afluente do Tejo no Parque Natural.

O Parque Natural do Alto Tajo integra ainda o Monumento Natural do Nacimiento del Río Cuervo, onde um percurso marcado permite a descoberta de notáveis cenários naturais.

de Entrepeñas, onde pela primeira vez é represado por uma grande barragem.

Um clima rigoroso e uma flora diversificada

O clima mediterrânico continental desta região, que alterna verões amenos com invernos frios e nevosos, regista características singulares. Aqui assinalam-se as temperaturas médias anuais mais baixas da Península Ibérica. No observatório meteorológico de Molina de Aragón já se anotaram -28ºC a 17 de Dezembro de 1963, uma das temperaturas mais baixas já registadas em toda a Península Ibérica desde 1947.

Quanto à precipitação, os meses mais chuvosos são, curiosamente, Maio, Abril e Junho, podendo alcançar os 1000 milímetros anuais nas cotas mais altas, embora não costume ultrapassar os 500 milímetros na região mais ocidental do Parque.

A diversidade climática e orográfica e a acção humana ao longo do tempo, condicionaram a composição vegetal do Alto Tejo que alberga cerca de 20% das espécies da flora ibérica. As florestas são dominadas por bosques de coníferas, destacando-se duas espécies: o pinheiro-negro (*Pinus nigra*), o mais abundante, e o pinheiro-silvestre (*Pinus sylvestris*). Embora sejam espécies nativas na Península Ibérica, em

INFORMAÇÕES

ÁREA TOTAL: 105.721 hectares, mais 68.824 hectares de área de protecção periférica

ANO DE CLASSIFICAÇÃO: 2000

COMUNIDADES AUTÓNOMAS E PROVÍNCIAS ABRANGIDAS: comunidade de Castilla-La Mancha, províncias de Guadalajara e de Cuenca

MUNICÍPIOS ABRANGIDOS: 44

OUTROS ESTATUTOS DE PROTEÇÃO: Sítio de Importância Comunitária (Rede Natura 2000/Diretiva "Habitats"), Zona de Proteção Especial (ZPE) para as Aves (Rede Natura 2000/Diretiva "Aves") e futuro Geoparque da UNESCO (em processo de classificação).

CENTROS DE INFORMAÇÃO/ INTERPRETAÇÃO:

» Centro de Interpretación Sequero de Orea
Camino del Río, 2 (Orea)
Tel..: +34 949 88 53 00

» Centro de Interpretación del Parque Natural del Alto Tajo de Zaorejas
Ctra. de Villanueva de Alcorón (Zaorejas)
Tel..: +34 949 84 82 17

» Centro de Interpretación Dehesa de Corduente
CM-2015, Km 85 (Corduente)
Tel.: +34 949 88 53 00

» Museo de la Ganadería Tradicional en el Alto Tajo
Plaza Lorenzo Arrazola (Checa)
Tel..: +34 949 84 82 17

Uma pequena lagoa formada por uma exsurgência de água subterrânea à superfície. A rica geomorfologia cársica do Parque Natural motivou a sua candidatura a Geoparque da UNESCO.

diversas áreas do Parque foram plantadas pelo homem. Por outro lado, nas encostas mais húmidas dos vales surgem bosques caducifólios onde se combinam tílias (*Tilia platyphyllos* e *Tilia cordata*) – não autóctones em Portugal –, zelhas (*Acer monspessulanum*), aveleiras (*Corylus avellana*), que se associam às galerias ribeirinhas formadas sobretudo por freixos (*Fraxinus* sp.) e choupos (*Populus* sp.).

O Alto Tejo é também um território de zimbros onde se encontram diferentes espécies (*Juniperus thurifera*, *Juniperus communis* e *Juniperus phoenicea*). A primeira espécie – o zimbro-espanhol –, que

não ocorre em Portugal, é muito comum nos planaltos acima dos mil metros de altitude, surgindo também em zonas mais húmidas e no meio dos pinhais. Para além do buxo (*Buxus sempervirens*), presente em toda a área do Parque, ocorrem ainda azinheiras (*Quercus rotundifolia*) e carvalhos-cerquinhos (*Quercus faginea*), que outrora constituíram os principais bosques nativos, mas foram sendo progressivamente substituídos por pinhais, ocupando agora áreas de menor dimensão.

Uma fauna diversificada

A reduzida densidade humana e a diversidade orográfica e climática também contribuem para a manutenção de uma rica vida selvagem. Veados (*Cervus elaphus*), gamos (*Dama dama*), corços (*Capreolus capreolus*), cabras-montesas (*Capra pyrenaica*) e javalis (*Sus scrofa*) constituem os mamíferos de maior porte, incluindo ainda

A floresta domina a maior parte da paisagem natural, povoada por veados (*Cervus elaphus*), gamos (*Dama dama*), corços (*Capreolus capreolus*), e cabras-montesas (*Capra pyrenaica*) nas encostas rochosas.

Povoações como Peralejos de las Truchas, Poveda de la Sierra e Zaorejas (na foto) são boas bases de partida para a descoberta do Parque Natural.

os mulflões (*Ovis musimon*), introduzidos para fins cinegéticos. Gatos-bravos (*Felis sylvestris*), genetas (*Genetta genetta*), texugos (*Meles meles*), fuinhas (*Martes foina*), toirões (*Mustela putorius*), raposas (*Vulpes vulpes*), lebres (*Lepus granatensis*) e coelhos (*Oryctolagus cuniculus*) também povoam o Parque, cujos cursos de água são o lar de lontras (*Lutra lutra*) e de toupeiras-de-água (*Galemys pyrenaicus*) – uma espécie endémica da Península Ibérica e dos Pirenéus.

Não são apenas as cabras-montesas que frequentam as grandes encostas rochosas dos vales; elas são também o local de nidificação para uma série de aves de rapina como o grifo (*Gyps fulvus*), o abutre-do-Egipto (*Neophron percnopterus*), a águia-real (*Aquila chrysaetos*), a águia-de-Bonelli (*Aquila fasciatus*), o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), o peneireiro (*Falco tinnunculus*) e o bufo-real (*Bubo bubo*). Já nas extensas massas florestais criam águias-cobreiras (*Circaetus gallicus*), águias-calçadas (*Hieraaetus pennatus*), milhafres-pretos (*Milvus migrans*), açores (*Accipiter gentilis*) e gaviões (*Accipiter nisus*). A importância desta área para as aves no contexto europeu levou à sua classificação pela União Europeia como Zona de Protecção Especial, no âmbito da Rede Natura 2000. Corvos (*Corvus corax*), gralhas-de-bico-vermelho (*Phyrrocorax phyrrocorax*), gralhas-de-nuca-cinzenta (*Corvus monedula*), trepadeiras-das-rochas (*Tycodroma muraria*), cruza-bicos (*Loxia curvirostra*), pica-paus-

Localizados entre os 1100 e os 1500 metros de altitude, os planaltos ocupam uma boa parte desta área, sobretudo nos sectores ocidental e central.

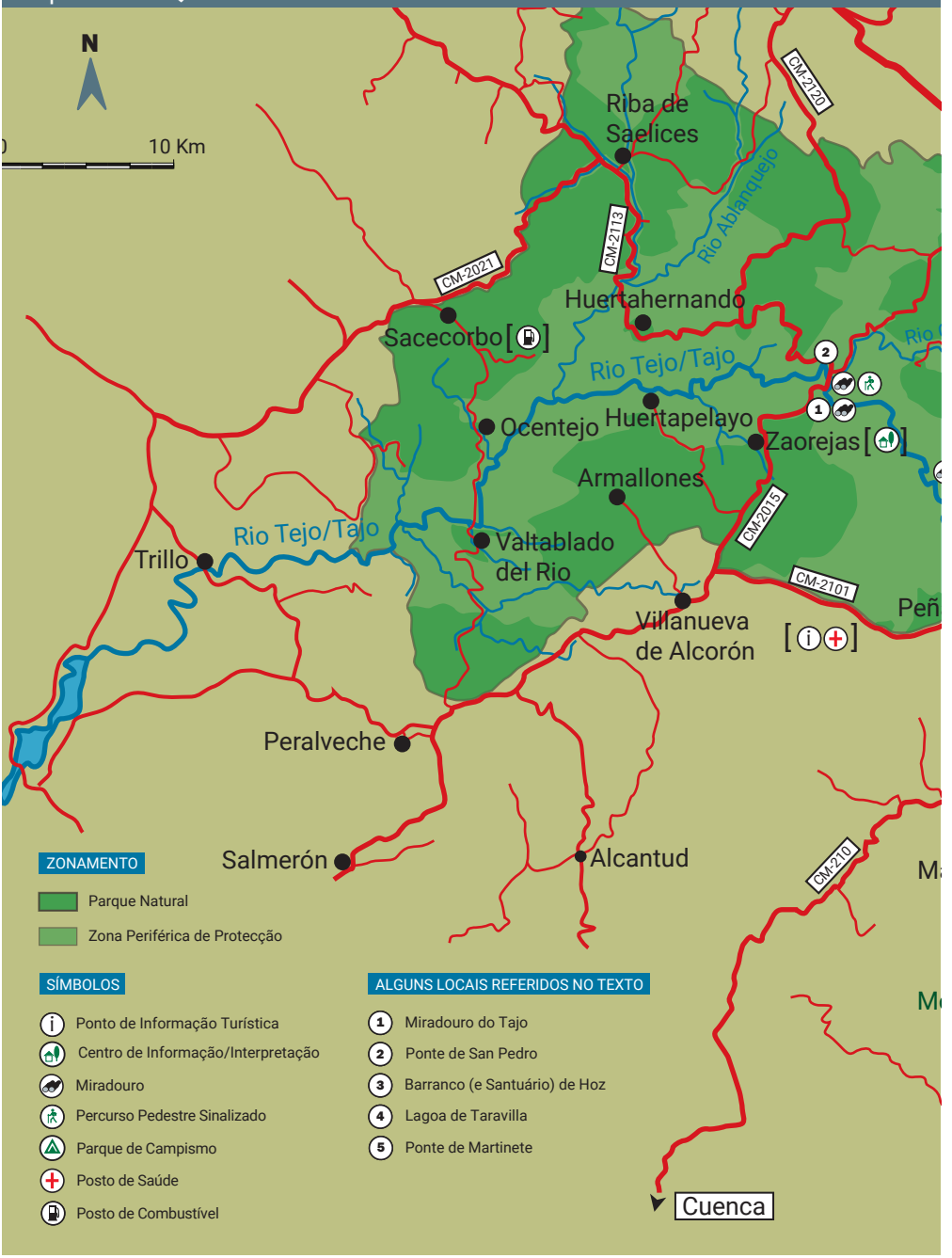
-verdes (*Picus viridis*), pica-paus-malhados (*Dendrocopus major*) somam-se ainda a muitas outras aves que ocorrem nos diversos habitats do Parque, reunidas num conjunto total de cerca de 125 espécies.

Os répteis e anfíbios estão representados pelo sardão (*Lacerta lepida*), a cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*), a víbora-cornuda (*Vipera latastei*), a cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*), o sapo-comum (*Bufo bufo*), o sapo-corredor (*Bufo calamita*) e a salamandra-de-costas-salientes (*Pleurodeles waltl*), entre outros animais.

Nos cursos de água vivem diversas espécies de peixes como a truta-comum (*Salmo trutta*) e alguns endemismos da Península Ibérica como o barbo-comum (*Barbus bocagei*), a boga-comum (*Condrostoma polylepis*) e a panjorca (*Chondrostoma arcasii*). Em suma, o Parque Natural do Alto Tajo é uma área rica em biodiversidade, sendo um óptimo destino na Península Ibérica para a observação da natureza e de grandes paisagens.

O Tejo, enquanto rio de montanha, é povoado por trutas (*Salmo trutta*), barbos (*Barbus* sp.), lontras (*Lutra lutra*), toupeiras-de-água (G*alemys pyrenaicus*) e muitos outros animais.

Mapa do **PARQUE NATURAL DO ALTO TAJO**



Aragoncillo
(1518 m)
N-211
Corduente
Molina de Aragón
Castellar de la Muela
CM-210
Gallo
Taravilla
Terzaga
alén
Poveda de la Sierra
Rio Cabrillas
CM-2111
Alcoroches
Alustante
Chequilla
Checa
Peralejos de las Truchas
Orea
Beteta
asegosa
Orihuela del Tremedal
Rio de la Hoz Seca
CM-2106
Rio Tejo/Tajo
onumento Natural
do Nascimiento
del Rio Cuervo
S. Felipe
(1839 m)
Albarracín
Tragacete

Trillo é uma pitoresca povoação banhada pelo Tejo.

Trillo

CONSIDERADA A "PORTA DO ALTO TEJO", no sentido jusante-montante, Trillo é uma pitoresca povoação, cujo município oferece um conjunto de boas oportunidades para passeios pedestres junto ao Tejo, numa paisagem dominada pela floresta e que assume ainda nesta região alguns traços típicos de montanha.

Em Trillo as águas do Tejo correm límpidas entre margens arborizadas, atravessadas por uma ponte que é um dos ícones da povoação. Com origem provável no século XVI, a ponte foi reconstruída em 1820 após a destruição causada pelos franceses durante a Guerra da Independência. Um outro emblema pitoresco de Trillo é sem dúvida o jogo de quedas de água provocado pelo rio Cifuentes antes de desaguar no Tejo, bem no centro da vila. No passado, o caudal e desnível do Cifuentes foram aproveitados para a instalação e funcionamento de moinhos de água, como pode ser constatado na "Casa de los Molinos" que por sua vez alberga o "Museo de la Energia".

A cerca de dois quilómetros da povoação, seguindo o Tejo para montante, encontra-se um local aprazível na margem esquerda do rio, beneficiado por um manancial de águas termais e medicinais: o Real Balneário de Carlos III. Inaugurada em 1778, esta estância termal foi utilizada como local de descanso e veraneio da Corte espanhola, funcionando ainda hoje com o apoio de modernas instalações. Do antigo balneário conserva-se, por exemplo, a hospedaria central, piscinas de mármore e parte dos jardins. O arvoredo envolve

Uma das imagens de marca de Trillo é o jogo de quedas de água provocado pelo rio Cifuentes antes de desaguar no Tejo, bem no centro da vila.

A ponte sobre o Tejo tem origem provável no século XVI, mas foi reconstruída em 1820 após a destruição causada pelos franceses durante a Guerra da Independência.

todo este cenário onde corre o Tejo ainda indomável, sendo um dos lugares de passagem da grande rota pedestre "El Camino Natural del Tajo".

Percursos pedestres em Trilho

O MUNICÍPIO de Trillo tem apostado no turismo de natureza e apresenta alguns trilhos pedestres locais – "senderos locales – SL" que vale a pena referir, sobretudo a rota "Meandros del Tajo – SL3" que é entre os cinco percursos marcados o que melhor acompanha o Tejo. Todavia, é um circuito linear com 19 quilómetros de extensão (ida), planeado para ser percorrido também de bicicleta. Portanto, uma possibilidade é realizar um passeio de ida e volta de extensão variável consoante o tempo determinado para esse fim.

A rota marcada inicia-se em Trillo e termina na Ermida de Montealejo. Porém, como os primeiros quilómetros se desenvolvem ao longo da vila e depois na berma balizada de uma pequena estrada alcatroada (aliás, muito pouco transitada), sugerimos, por exemplo, a deslocação de carro até ao campo de futebol situado para além da povoação, (re)tomando aí o percurso, já em terra batida, que acompanhará sempre o Tejo num ambiente de grande beleza paisagística.

O Tejo, Zorita de los Canes e o seu castelo: um enquadramento paisagístico admirável.

Zorita de los Canes

A APROXIMAÇÃO A ZORITA DE LOS CANES pela pequena estrada que acompanha o vale do Tejo, a jusante da povoação, é um enquadramento paisagístico admirável. O Tejo corre sob um azul-glaciar, trazendo ainda as marcas da sua etapa anterior de montanha, em contraste com os campos envolventes onde crescem searas e oliveiras. Ao longe destacam-se sobre uma colina as ruínas do Castelo de Zorita de los Canes, e em baixo, à beira-rio, o parco casario de uma aldeia hoje habitada por cerca de 100 habitantes.

O castelo, sobranceiro à vila, e de onde se alcançam amplos panoramas, é de origem árabe (século IX) embora tenha sido reconstruído ou alterado através dos séculos, sobretudo pelas intervenções efectuadas

O Tejo corre aqui sob um azul glaciar, trazendo ainda as marcas da sua anterior etapa de montanha.

A pequena povoação acolhe um agradável espaço de lazer à beira do Tejo.

Recópolis, a cidade visigótica sobranceira ao Tejo

A CERCA DE DOIS quilómetros de Zorita de los Canes, seguindo o rio para jusante, há um outro lugar que merece uma visita, situado no cimo de uma encosta do vale do Tejo, no Cerro de la Oliva: Recópolis, as ruínas de uma cidade visigótica fundada no ano 578 pelo rei Leovigildo. Fora a capital de um Estado conhecido como Reino Visigótico de Toledo, e uma cidade dinâmica até ser abandonada no século IX após a chegada dos muçulmanos (início do século VIII) que edificaram a nova povoação de Zorita.

Para além do palácio como elemento central, a cidade era composta por diversos edifícios civis e religiosos. Para uma melhor conhecimento das ruínas e da respetiva cultura visigótica foi criado um percurso sinalizado no terreno e um centro de interpretação. De resto, as vistas que daqui se obtêm sobre o vale do Tejo, enquadrado na paisagem por Zorita de los Canes e o seu castelo, por si só já merecem o pequeno desvio.

Há um circuito pedestre com cerca de três quilómetros de extensão que faz a ligação entre Zorita de los Canes, o seu castelo e as ruínas de Recópolis, sempre com o Tejo por perto.

As ruínas do castelo foram assumidas como tal e apresentam um pequeno circuito interpretativo onde não faltam grandes panoramas.

pela Ordem de Calatrava entre os séculos XII e XIV que lhe configuraram a matriz actual. Embora se encontre num estado de ruína ainda conserva parte das muralhas, a sua torre albarrã, uma capela românica e as portas de entrada no castelo, incluindo uma em arco de ferradura de origem muçulmana, logo justaposta pela porta cristã de arcos ogivais. As ruínas foram assumidas como tal e podem ser visitadas ao longo de um pequeno circuito sinalizado e acompanhado por painéis informativos, propiciando um passeio de descoberta deste lugar singular já tomado em parte pela natureza.

Na pequena povoação de origem medieval a nossa atenção recai sobre a zona ribeirinha do Tejo – um aprazível espaço de lazer, com parque de merendas, onde se pode contemplar de perto as inesperadas tonalidades de azul das águas do rio.

A ponte de ferro sobre o Tejo construída no século XIX, em Fuentidueã de Tajo.

Em Villamanrique de Tajo destaca-se o seu "parque fluvial" à beira do rio, envolto neste troço por uma frondosa galeria ribeirinha composta por salgueiros (*Salix fragilis*), choupos-negros (*Populus nigra*), choupos-brancos (*Populus alba*) e ulmeiros (*Ulmus* sp.).

Fuentidueña de Tajo e Villamanrique de Tajo

ESTAS DUAS POVOAÇÕES VIZINHAS, sedes municipais separadas por cerca de 10 quilómetros, são banhadas pelo rio Tejo. A fertilidade do vale aproveitada ao longo dos tempos para a exploração agrícola traçou a identidade rural desta região.

Com uma população de cerca de dois mil habitantes, Fuentidueña conserva as marcas da importância que teve outrora como enclave defensivo, como bem testemunha o seu castelo do século XII (ampliado no século XIV), hoje em ruína. Na vila sobressai a sua "plaza mayor", característica do urbanismo renascentista, de que restam alguns edifícios, e a singular torre do relógio construída no século XIX, sob a qual se abre um arco de acesso à praça. Nas imediações da vila o Tejo pode ser atravessado por uma antiga ponte de ferro construída no século XIX.

Villamanrique, situada junto ao Tejo a jusante de Fuentidueña, é uma pequena povoação de cariz rural com cerca de 700 habitantes. A principal referência é destinada ao "parque fluvial" implantado à beira-rio que proporciona bons momentos de lazer e de observação da natureza deste troço do Tejo, sobretudo a frondosidade da galeria ribeirinha composta por salgueiros (*Salix fragilis*), choupos-negros (*Populus nigra)*, choupos--brancos (*Populus alba*) e ulmeiros (*Ulmus* sp.). Diversos painéis informativos sobre a flora do parque (e do Tejo) distribuem-se ao longo dos caminhos. Esta área de ambiente "naturalizado" é servida ainda por um parque de merendas, um parque infantil, um pequeno cais fluvial e um circuito de manutenção.

Para além da grande rota pedestre "El Camino Natural del Tajo"que por aqui passa, proveniente de Fuentidueña de Tajo, existe um pequeno percurso pedestre com pouco mais de 3,5 quilómetros – a "Senda Ecológica de la Ribera del Tajo" – cujo circuito acompanha, numa grande parte da sua extensão, a margem direita do rio, sendo outra boa oportunidade para a observação da fauna e flora do Tejo e dos seus bosques ribeirinhos.

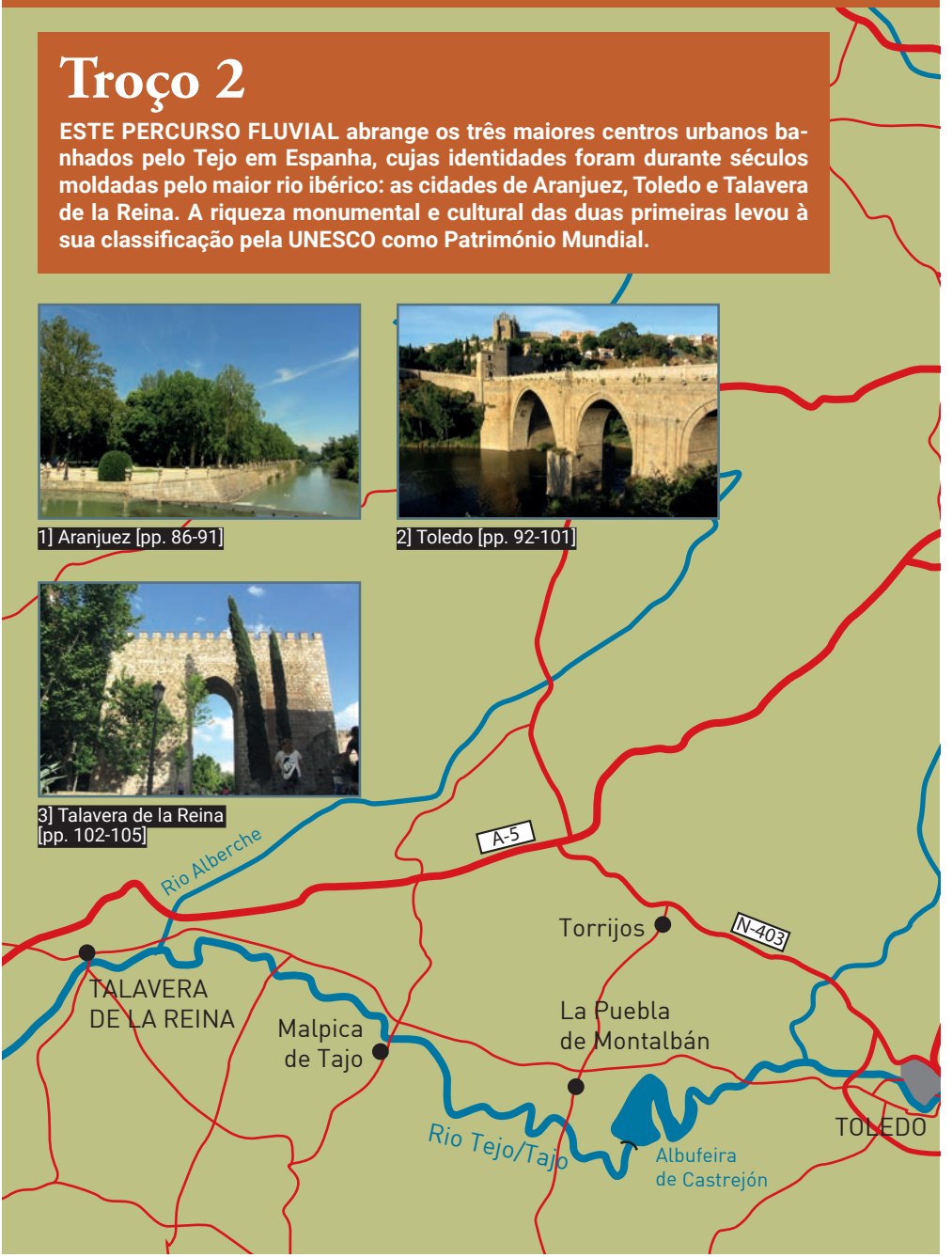
Troço 2

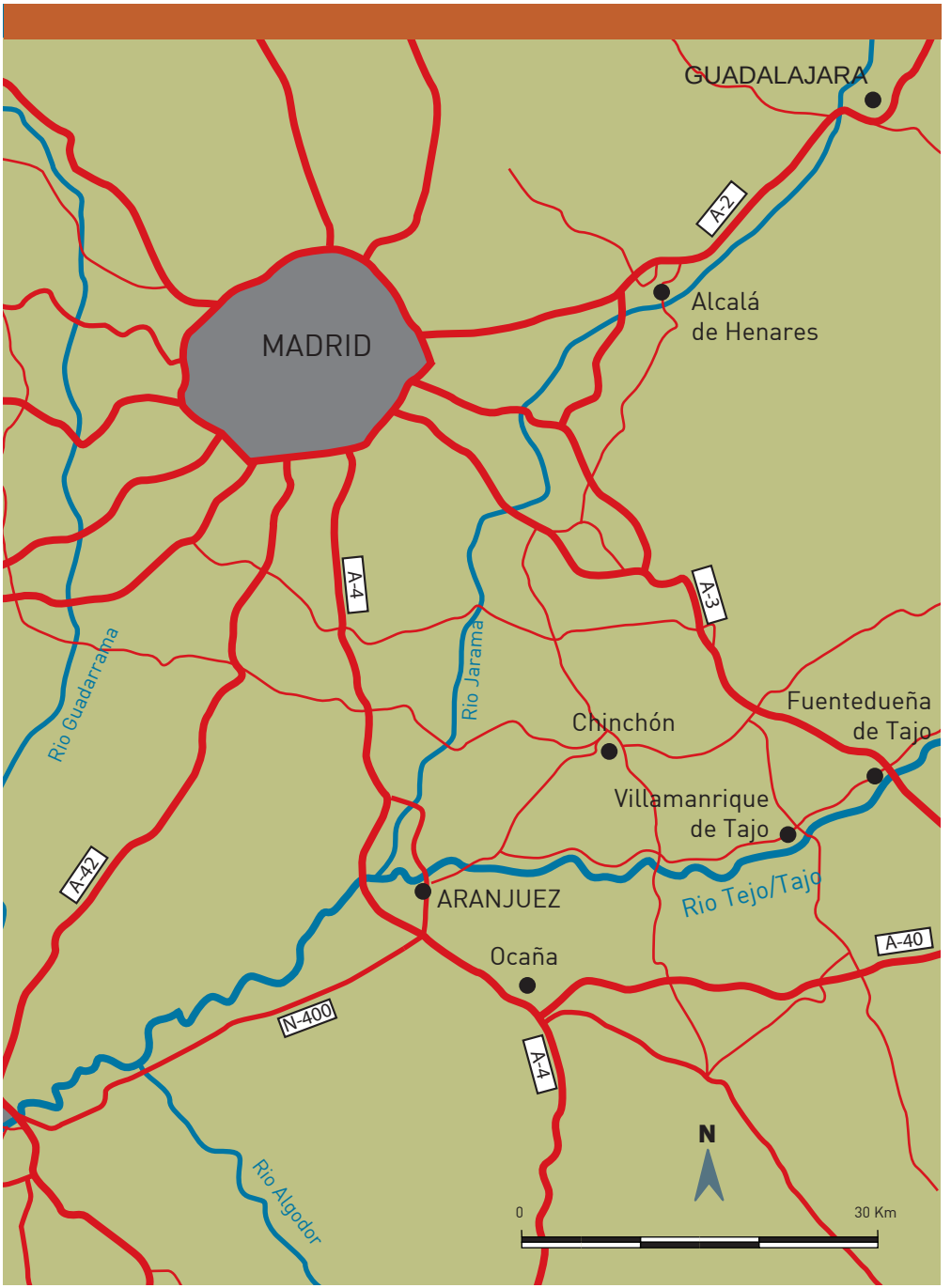
ESTE PERCURSO FLUVIAL abrange os três maiores centros urbanos banhados pelo Tejo em Espanha, cujas identidades foram durante séculos moldadas pelo maior rio ibérico: as cidades de Aranjuez, Toledo e Talavera de la Reina. A riqueza monumental e cultural das duas primeiras levou à sua classificação pela UNESCO como Património Mundial.

1] Aranjuez [pp. 86-91]

2] Toledo [pp. 92-101]

3] Talavera de la Reina [pp. 102-105]




GUADALAJARA
A-2
Alcalá
de Henares
MADRID
A-4
A-3
Rio Jarama
Rio Guadarrama
Chinchón
Fuentedueña
de Tajo
Villamanrique
de Tajo
A-42
ARANJUEZ
Rio Tejo/Tajo
A-40
Ocaña
N-400
A-4
N
Rio Algodor
0
30 Km

Aranjuez

Aranjuez é a primeira cidade marginada pelo Tejo. O grande Palácio Real e sobretudo os seus jardins monumentais de grande valor botânico são uma jóia do património cultural e paisagístico, tendo sido por isso classificados pela UNESCO como Património Mundial. Aqui a história e a cultura combinaram-se com a natureza numa simbiose que foi evoluindo durante séculos. É um livro vivo da história do paisagismo onde se combinaram múltiplas influências. O Tejo é o elemento aglutinador.

A origem do Palácio Real de Aranjuez remonta a 1561, quando o rei Felipe II de Espanha (Filipe I de Portugal) – ordenou a sua construção. No entanto, o palácio foi reconstruído e ampliado sucessivamente no século XVIII a mando dos reis Felipe V, Fernando VI e Carlos III, correspondendo à configuração actual. Foi neste período que Aranjuez atingiu o seu apogeu, quando a Corte da monarquia Bourbon passou a eleger este Sítio Real como estância primaveril, numa tradição que se manteve regularmente até 1890.

Para além da música, da caça e da pesca, havia a tradição dos passeios de falua no Tejo, que era a actividade preferida da rainha Bárbara de Bragança, uma princesa portuguesa, filha única do rei português D. João V, que se tornou rainha consorte de Espanha ao casar com o rei Fernando VI.

A apelidada "Esquadra do Tejo" chegou a ser composta por cinco faluas e 16 barcaças, incluindo as duas faluas construídas para os passeios de Bárbara de Bragança e de Fernando VI. Estas navegavam sempre juntas, acompanhadas ainda por uma outra embarcação ("Santa Bárbara y San Fernando") que acolhia as damas da rainha e 15 músicos. Quando a rainha consorte faleceu em Aranjuez, a esquadra do Tejo não voltou mais a navegar, e o rei Fernando VI, sofrendo de profundo desgosto, recolheu-se no Castelo de Villaviciosa de Odón até à sua morte em 1759, um ano depois da morte da sua mulher, também no mês de Agosto.

Desde os primeiros passos iniciados por Filipe II em Aranjuez que originaram o desenho das avenidas e praças ajardinadas, e o complexo sistema de irrigação de jardins, pomares e campos agrícolas, a paisagem foi sendo gradualmente transformada, destacando-se os magníficos jardins, sobretudo o Jardim da Ilha e o Jardim do Príncipe.

De acordo com a inspiração da monarquia borbónica espanhola, ao invés

O Tejo margina o Palácio Real e os principais jardins de Aranjuez.

Com cerca de 150 hectares, o Jardim do Príncipe é um dos maiores jardins vedados da Europa.

O Jardim do Príncipe alberga o Museu das Faluas Reais, onde estão expostas algumas das embarcações da famosa "Esquadra do Tejo".

da criação de um palácio fechado sobre si mesmo como uma fortificação inacessível, o poder também se manifestava no domínio e desenho dos espaços exteriores, que no caso de Aranjuez significou a criação de um autêntico oásis no seio da aridez circundante. Ano após ano, reinado após reinado, gerações de arquitectos e jardineiros foram criando e modelando os extensos jardins que embelezam hoje Aranjuez, actualmente classificada como Paisagem Cultural da Humanidade numa área de 2048 hectares, acrescida ainda de uma zona tampão de protecção com 16605 hectares.

Para além do Palácio Real e dos seus jardins, aconselha-se ainda um passeio pelo centro histórico da cidade edificado no século XVIII nos arredores do palácio, onde se destacam outros monumentos, grande praças e alamedas ajardinadas.

Jardim do Príncipe

Com cerca de 150 hectares, é o principal jardim de Aranjuez, considerado um dos maiores jardins vedados da Europa. Em toda a sua extensão acompanha as margens arborizadas do Tejo, revelando belos lugares cénicos onde é possível observar a vida selvagem do rio, incluindo, por exemplo, garças-vermelhas (*Ardea purpurea*) no período estival e garças-reais (*Ardea cinerea*) durante todo o ano. Para além das aves aquáticas, habitam aqui dezenas de outras espécies como pombos-torcazes (*Columba palumbus*),

A grande Praça de San Antonio, coroada no topo pela Capela Real homónima, estabelece a ligação entre o Palácio Real e o resto do centro histórico de Aranjuez.

gralhas-de-nuca-cinzenta (*Corvus monedula*), pegas-rabudas (*Pica-pica*), pica-paus-malhados (*Dendrocopus major*) e até faisões (*Phasianus colchicus*).

A implantação deste jardim no final do século XVIII obedeceu ao desejo do então Príncipe das Astúrias, mais tarde rei Carlos IV, e é nele que se encontra o Museu das Faluas Reais, onde é possível contemplar a diversidade e riqueza das embarcações da "Esquadra do Tejo" que proporcionava os passeio lúdicos fluviais da família real. O jardim alberga também o palacete conhecido como "Real Casa del Labrador", construído entre 1794 e 1803 e considerado um dos mais belos edifícios do neoclassicismo espanhol.

Neste parque amplo e frondoso há locais que se assemelham a pequenos bosques. Na sua valiosa colecção botânica destacam-se não só espécies nativas como também espécies oriundas da Ásia e da América Central e do Sul, incluindo muitas árvores de porte monumental. A extensa rede de caminhos é decorada ainda por inúmeras fontes de pedra com estátuas da mitologia clássica, algumas de grande monumentalidade.

Jardim da Ilha

Situado à beira do Palácio Real e do rio Tejo, é um jardim frondoso com cerca de 25 hectares decorado com uma notável colecção de fontes esculpidas em pedra. Construído no século XVI sob o patrocínio do rei Felipe II, incluiu o aproveitamento de um meandro do Tejo em forma de cotovelo para, através de um canal,

transformar uma margem deste troço numa ilha, ligada ao palácio por pequenas pontes. É considerado uma referência dos jardins renascentistas em Espanha, embora a sua evolução ao longo da história tenha combinado influências italianas, francesas e até árabes.

Jardim de Parterre

Também ladeado pelo Tejo, animado por patos e gansos, é um jardim clássico de inspiração francesa, construído no século XVIII a mando do rei Felipe V, antecedendo a fachada principal do Palácio Real. De desenho formal, o jardim é adornado por diversas fontes monumentais, canteiros floridos e alinhamentos de magnólias.

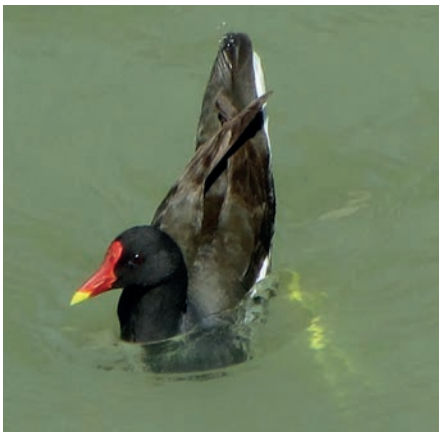
Palácio Real

O Palácio Real é o principal monumento da cidade e a razão de ser de Aranjuez [ver texto principal]. Ladeado pelo Tejo e pelos jardins da Ilha e de Parterre, é um edifício sóbrio de grande dimensão construído em pedra e tijolo, em cujo interior se sucedem espaços ricamente decorados que recriam uma grande diversidade de ambientes.

Praça e Capela Real de San Antonio

É uma praça monumental construída em 1750 para estabelecer uma ligação espacial entre o Palácio Real e a nova urbe então edificada. A praça é coroada no topo por uma igreja dedicada a Santo António, construída no mesmo período também com a função de hospedaria para responder às necessidades religiosas da povoação. De inspiração barroca, o templo destaca-se pela sua cúpula proeminente, articulando-se com a praça através das galerias com arcadas que contornam o espaço.

Os jardins de Aranjuez guardam uma valiosa colecção de fontes monumentais.



Uma galinha-de-água (*Gallinula chloropus*) passeia-se no Tejo em Aranjuez.

Toledo

Toledo é uma das mais belas cidades da Península Ibérica, cujo centro histórico está classificado pela UNESCO como Património Mundial. Conhecida como a "cidade das três culturas" devido há convivência durante séculos entre cristão, judeus e muçulmanos, preserva a memória de igrejas, sinagogas e mesquitas, numa malha urbana bem conservada, pontuada por praças e recantos aprazíveis. E o Tejo marca-lhe a fisionomia, contornando a cidade numa volta com mais de 180 graus, percorrendo um vale de recorte pitoresco e proporcionando a entrada na cidade velha por pontes soberbas que se perdem na história.

A ponte medieval de Alcántara é a mais antiga da cidade. Ao fundo, o Alcazar impõe-se na paisagem do centro histórico, constituindo um autêntico símbolo de Toledo.

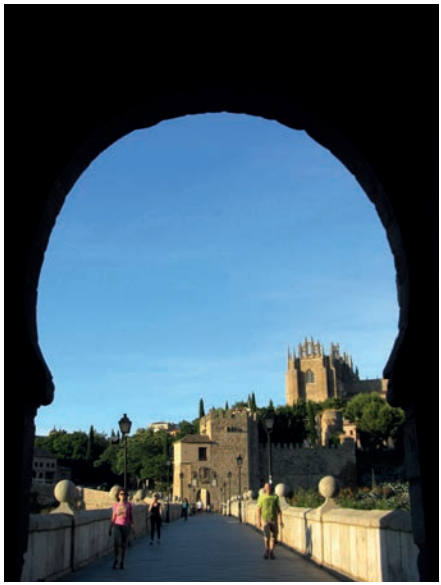
É um prazer para os sentidos percorrer as ruas da antiga cidade de Toledo, depois, claro, de atravessar o Tejo pelas monumentais pontes de San Martin ou de Alcántara. O vale que o grande rio desenhou à volta de grande parte da cidade, num pronunciado meandro conhecido como "Torno del Tajo", constituiu um autêntico fosso natural de protecção da urbe, erguida numa colina com cerca de 100 metros de altura acima do Tejo. A atmosfera, a arquitectura, os monumentos, os ambientes e perspectivas e a própria vida urbana, tornam Toledo uma cidade especial. Com cerca de 84 mil habitantes (2012), é a capital da comunidade autónoma de Castilla-La Mancha.

Desde os tempos da antiga "Toletum", designação atribuída pelos romanos, a cidade manteve uma grande importância ao longo de séculos. Durante a ocupação visigótica foi eleita capital da Hispânia no século VI. Um notável acervo desta herança pode ser admirado no museu dedicado à cultura visigótica. A partir da chegada dos árabes no século VIII, a convivência sã com cristãos e judeus tornou Toledo a "cidade das três culturas" – o seu período de maior esplendor – que originou um notável legado artístico e cultural, rico e diverso, bem presente em todo o centro histórico. Reconquistada para o domínio cristão em 1085, foi séculos mais tarde, em 1519, já sob o reinado de Carlos V, proclamada capital imperial, tendo cedido esse estatuto com a mudança da Corte em 1563 para Madrid.

O labirinto de ruas da cidade velha encontra-se envolvido no flanco norte por uma cintura de muralhas onde se foram

O Tejo contorna a cidade numa volta com mais de 180 graus. Um trilho pedestre permite acompanhar este troço do rio, proporcionando belos recortes paisagísticos e encontros com a vida selvagem.

A Ponte de San Martín, de desenho gótico, oferece notáveis perspectivas sobre o Tejo e o vale pitoresco que contorna o centro histórico.



A melhor forma de entrar em Toledo é atravessando o Tejo pelas magníficas pontes históricas, como a de San Martín, erigida no século XIII.

A catedral de Toledo é um dos expoentes máximos da arquitectura gótica espanhola.

abrindo sucessivas entradas, incluindo a Porta de Afonso VI (ou Porta Velha de Bisagra), edificada no ano 838 e que ainda mantém as genuínas características árabes. A porta mais famosa é no entanto a Porta de Bisagra (ou Porta Nova de Bisagra), o principal acesso à cidade entremuros, de grande monumentalidade, construída no século

Construída no ano 999, a Mesquita de Cristo la Luz é o único edifício conservado em Toledo de origem anterior à reconquista cristã protagonizada por Alfonso VI em 1085.

XVI sobre uma estrutura muçulmana já existente. Vista ao largo, Toledo destaca-se sobretudo pelas quatro torres cilíndricas do grande Alcazar, um dos edifícios mais simbólicos da cidade.

Para além dos templos judeus e muçulmanos, a profusão de igrejas, conventos e mosteiros em Toledo guarda notáveis exemplos da arquitectura e decoração quer gótica quer mudéjar, não faltando porém belos edifícios renascentistas e barrocos. A Catedral é considerada um dos expoentes máximos da arte gótica, bem expressa nos portais e na sua torre que se eleva sob o céu de Toledo. O Mosteiro de San Juan de los Reyes e a Ponte de San Martín são outras duas grandes expressões do gótico na cidade. A particularidade do mudéjar espanhol está bem representada nas Igrejas de Santiago de Arrabal e de San Tomé, cujas torres lembram minaretes de antigas mesquitas.

A Porta de Alfonso VI (ou Porta Velha de Bisagra) é a única porta das muralhas que se conserva intacta desde a sua origem, constituindo assim um dos mais importantes legados do domínio muçulmano de Toledo.

A Igreja de San Tomé é também conhecida por estar associada a um nome que se confunde com a identidade cultural de Toledo: El Greco, como era conhecido o pintor de origem grega Doménikos Theotokópoulos (1541-1614) que residiu na cidade durante 37 anos, até à data da sua morte. O templo acolhe no interior um dos seus quadros mais famosos: "El Entierro del Conde Orgaz". No Museu El Greco pode ser contemplada grande parte da obra deste pintor que muito contribuiu para a fama internacional de Toledo.

Para além do seu centro histórico, a cidade contempla também um trilho pedestre ao longo da margem direita do Tejo – a "senda ecológica" – onde se sucedem belas perspectivas sobre o rio e as escarpas que o ladeiam. Outra boa opção é atravessar uma das pontes e contornar uma grande parte de Toledo pela margem esquerda do Tejo, tomando a conhecida "via panorâmica", e desfrutar das excelentes perspectivas sobre o rio e a cidade proporcionadas por uma série de miradouros.

Toledo, para além de estar intimamente ligada a Lisboa, até por partilhar o mesmo rio, assume uma importância histórica por aí ter sido ratificado, pelos Reis Católicos e D. Afonso V, o Tratado de Alcáçovas. Assinado inicialmente na bela vila alentejana, este viria a ser o antecessor de Tordesilhas, ao dividir o mundo entre portugueses e espanhóis.

Incontornável é também referirmos Dom Quixote de La Mancha, pois esta é a zona das suas aventuras, descritas magistralmente por Miguel Cervantes. Filho de uma portuguesa, logo na introdução do seu livro faz uma referência ao magnífico Tajo, não se esquecendo de aludir ao romance de cavalaria português, Palmeirim de Inglaterra, passado em Almourol, e que o escritor considera um dos dois únicos romances que deviriam ser salvos da fogueira. Idealizar os locais imaginados por Cervantes, desde os moinhos à pousada dos duelos, à casa da Dulcineia, é percorrer caminhos bem reais, mas, na realidade, nunca existentes. A personagem dominou o autor.

Os supostos gigantes (moinhos) que Dom Quixote de La Mancha combateu.

Com origem provável no século XII, a Sinagoga de Santa María la Blanca apresenta um interior de grande riqueza decorativa, sobretudo de influência mudéjar.

O claustro gótico do Mosteiro de San Juan de los Reyes é uma das jóias arquitectónicas deste monumento erigido no século XV.

A torre de influência mudéjar da Igreja de San Tomé é uma das referências de Toledo, lembrando o minarete de uma antiga mesquita.

Ponte de Alcántara

De origem romana, embora reconstruída mais tarde no século XIII, é a ponte mais antiga de Toledo. Era aqui, sobre o Tejo, que durante a Idade Média entravam sob controlo as pessoas e mercadorias na cidade, como ainda bem revela a distinta porta fortificada do lado poente, encimada por ameias. Mais tarde, no período barroco, foi construída a porta situada no lado nascente.

Ponte de San Martín

Erigida sobre as águas do Tejo no século XIII, de onde se contempla um belo panorama do rio a emoldurar a cidade, é uma das entradas nobres em Toledo. Na sua arquitectura gótica sobressaem as notáveis torres defensivas, uma do século XIII e outra do século XVI.

Da Praça de Zocodover – o centro cívico da cidade – irradiam inúmeras ruas que partem à descoberta do centro histórico de Toledo.

A notável fachada do Hospital de Santa Cruz construído no século XVI que hoje alberga um museu de pintura, arqueologia e artes industriais.

Catedral de Toledo

É um dos expoentes máximos da monumentalidade de Toledo e uma referência mundial da arquitectura gótica. Começou a ser edificada em 1226 mas as obras apenas foram concluídas no final do século XV, recebendo por isso diversas influências artísticas ao longo do tempo. Os magníficos portais e a imponente torre que se eleva sob o céu de Toledo são algumas das suas imagens de marca. A igreja mede 120 metros de comprimento, por cerca de 60 metros de altura. O seu interior alberga 26 capelas, para além de um magnífico coro e um altar-mor de características barrocas, numa encenação pétrea agraciada pela luz natural através dos inúmeros vitrais. No Museu da Catedral ("Museo Catedralicio") pode ser admirada uma rica colecção de pintura com obras de Goya, El Greco ou Van Dick.

Alcazar

Quando observada ao largo, Toledo destaca-se pela presença altiva e imponente do alcazar e os seus quatro grandes torreões cilíndricos. A sua função de palácio-castelo-fortaleza atravessou séculos desde a ocupação romana ou muçulmana. A primeira configuração quadrada, protegida nos ângulos por torreões, remonta ao século XVI, tendo sido alvo de diversas transformações desde então. O Alcazar alberga o Museu do Exército e a Biblioteca Regional de Castilla-La Mancha, servida por uma cafetaria num dos torreões com uma vista privilegiada sobre a cidade.

Mosteiro de San Juan de los Reyes

É um magnífico monumento de arquitectura gótica, mandado construir no século XV pelos Reis Católicos como voto de agradecimento pela vitória na Batalha de Toro. De realçar o belo claustro de

A imponente torre da Catedral, sempre acompanhada no Verão pelo voo incessante dos andorinhões.

dois pisos, de grande valor escultórico, tal como a imponente igreja, profusamente ornamentada.

Sinagoga de Santa María la Blanca

Com origem provável no século XII, apresenta um interior de grande riqueza decorativa, sobretudo de influência mudéjar. É composta por cinco naves separadas pelos característicos arcos em forma de ferradura, sustentados por 32 colunas octogonais onde sobressaem belos capitéis esculpidos em relevo, enquanto as paredes estão ornamentadas com motivos vegetalistas e geométricos.

Sinagoga de Tránsito

Construída em 1357, conserva um dos melhores conjuntos artísticos da cidade. O templo alberga ainda o Museu Sefardí (sefardita, em português) onde se encontra exposto um acervo de peças de arte e de objectos utilizados na celebração dos cultos hebraicos.

Igreja de San Tomé

É um dos edifícios mudéjares mais notáveis de Toledo, característica bem patente na sua torre do século XIV que lembra um minarete de uma antiga mesquita. O corpo principal é originário do século XII e no seu interior, que conta com elementos visigóticos, pode ser contemplada uma das mais famosas obras do pintor El Greco: "El Entierro del Conde Orgaz".

Igreja de Santiago del Arrabal

É uma das referências da arte mudéjar de Toledo, sendo por isso também conhecida como a 'Catedral del Mudéjar'.

Igreja de San Román / Museu dos Concilios y la Cultura Visigoda

Instalado na igreja de San Román, construída no século XIII, este museu conserva e expõe um acervo histórico-artístico da cultura visigótica dos séculos VI a VIII. Os frescos das paredes são do período românico, do século XIII.

Mesquita de Cristo de la Luz

Erigida no ano de 999, à semelhança da Mesquita de Córdova, é o único edifício conservado em Toledo de origem anterior à reconquista cristã, protagonizada por Alfonso VI em 1085. No século XII foi adaptada a

igreja cristã, tendo sofrido diversos acrescentos com influências românicas e mudéjares.

Porta de Alfonso VI
(ou Porta Velha de Bisagra)

Construída no ano 838 é a única porta das muralhas que se conserva intacta desde a sua origem, constituindo assim um dos mais importantes legados do domínio muçulmano de Toledo.

Porta de Bisagra
(ou Porta Nova de Bisagra)

É o principal acesso à cidade entremuros e uma referência monumental de Toledo. Foi erigida em 1550 sob uma construção muçulmana pré-existente, destacando-se um grande arco flanqueado por dois imponentes torreões. No portal apresenta esculpido em pedra um enorme escudo imperial com uma águia bicéfala.

Praça de Zocodover

É o centro cívico de Toledo. Outrora albergou um importante mercado árabe, sendo hoje um dos lugares mais concorridos da urbe, envolvido por uma arquitectura atractiva. Daqui irradiam diversas ruas por onde se parte à descoberta dos encantos da cidade antiga.

Museu de Santa Cruz

Este museu com colecções de pintura (incluindo obras de El Greco), arqueologia e artes industriais está instalado no notável edifício de um hospital construído no início do século XVI, que juntamente com o Convento de Santa Fe se converteu também num espaço cultural com exposições temporárias.

Museu El Greco

Alberga o principal espólio deste pintor de origem grega que viveu durante 37 anos em Toledo e que tanta fama internacional conquistou para a cidade.

As torres defensivas das pontes monumentais erigidas sobre o Tejo controlavam a entrada de pessoas e mercadorias na cidade.

Outros motivos de interesse

Porta do Sol, Porta de Cambrón, Igreja de San Sebastián, Igreja de Santa Eulalia, Igreja de El Salvador, Hospital de Tavera (Museu Duque de Lerma), Convento de Santa Úrsula, Convento de San Antonio de Padua, Convento de Santo Domingo, Convento de Santa Isabel de los Reys, Mesquita de Tornerías, Castelo de San Servando.

Talavera de la Reina

Conhecida como a "Cidade da Cerâmica", Talavera de La Reina é uma das quatro cidades espanholas banhadas pelo Tejo (além de Toledo, Aranjuez e da pequena cidade de Alcántara). Os seus cerca de 88 mil habitantes representam o segundo maior núcleo populacional da vasta Comunidade Autónoma de Castilla-La Mancha, superior ainda a Toledo, e apenas ultrapassado pelo de Albacete.

Talavera de la Reina estende-se pelas duas margens do Tejo, ligadas por três pontes – uma das quais de provável origem romana –, embora a margem norte concentre a maior parte da população, onde tem lugar o centro histórico. O rio e as férteis planícies, tal como a sua localização estratégica entre o norte e o sul, fixaram aqui povos ao longo da história, tendo sido, sucessivamente, uma importante urbe romana, visigótica e árabe, até cair sem retorno sob o domínio cristão no século XIII.

Sobre Talavera o geógrafo árabe Mohamed al-Edrisi escreveu que era uma grande vila construída nas margens do Tejo, os bazares eram dignos de se ver e as casas estavam harmoniosamente dispostas, e existia um grande número de moinhos nas margens do rio.

As muralhas construídas pelos árabes para proteger a cidade à beira do Tejo fo-

As grandes torres albarrãs e respectivos arcos monumentais que restam da antiga muralha defensiva são o símbolo da cidade.

ram as maiores e mais sólidas de toda a Hispânia Islâmica, recebendo depois diversas alterações e acrescentos de novas cercas ao longo do tempo, sobretudo nos séculos XII-XIII, de que restam hoje alguns vestígios. No tecido urbano medieval foram sendo edificados importantes templos religiosos, entre inúmeras igrejas e conventos, que constituem hoje um património arquitectónico assinalável.

O século XVI é considerado o 'século de ouro' de Talavera de La Reina, não só pelos contributos nacionais de ilustres conterrâneos, mas sobretudo pela produção cerâmica de louças e azulejos que granjeou fama internacional, sendo exportada para o resto da Europa e Américas para além de ter decorado palácios da Corte espanhola um pouco por todo o país. A história desta tradição, que ainda hoje faz parte da identidade da cidade, está bem patente na

A Ponte Velha sobre o Tejo, de provável origem romana, é de exclusivo acesso pedonal, proporcionando boas vistas sobre o rio e a sua vida selvagem.

Basílica de Nuestra Señora del Prado ou no Museu de Cerâmica "Ruiz de Luna".

A seguir à Guerra Civil Espanhola, a concretização de um grande plano de irrigação converteu as planícies ribeirinhas do

A Igreja de Santa María La Mayor ("La Colegial"), situada na "Plaza del Pan", é uma das referências monumentais da cidade.

Tejo em extensos regadios, para os quais vieram trabalhar milhares de pessoas das comarcas vizinhas, o que levou à duplicação da população de Talavera de la Reina.

Apesar da grande destruição infligida pelos franceses durante as invasões peninsulares, a cidade conserva um património digno de uma visita atempada, quer pelos seus inúmeros monumentos, quer pelos passeios à beira do Tejo. Junto à cidade o rio mantém grandes bolsas de vegetação natural e a vida selvagem ainda se faz sentir, sobretudo diversas espécies de aves aquáticas como caimões (*Porphyrio porphyrio*), garças-reais (*Ardea cinerea*), guarazes (*Nycticorax nycticorax*), e no período estival, garças-vermelhas (*Ardea purpurea*), garças-pequenas (*Ixobrychus minutus*) e borrelhos-pequenos-de-coleira (*Charadrius dubius*).

Ponte Velha ("Puente Viejo")

Com provável origem romana (outrora estabelecendo uma ligação estratégica entre o norte e o sul), é a mais antiga das três pontes de Talavera, cujo aspecto actual se deve sobretudo à reconstrução efectuada no final do século XV. Hoje a ponte tem um acesso exclusivamente pedonal – embora necessitando de obras de restauro – proporcionando bons panoramas sobre o Tejo e a cidade.

Muralhas antigas e torres albarrãs

Durante séculos, Talavera de la Reina foi considerada uma das cidades mais seguras pelas muralhas fortificadas construídas no século XIII, a que se aliava a protecção garantida pelo próprio Tejo. Ainda se conservam algumas das torres albarrãs e respectivos arcos monumentais que são o símbolo da cidade e configuram o seu escudo.

Igreja de Santa María La Mayor ("La Colegial")

É um dos monumentos mais antigos da cidade. A sua origem remonta ao início do século XIII, tendo depois recebido diversas modificações ao longo da história. De estilo mudéjar, apresenta um claustro gótico construído por volta de 1469. É um templo de grandes proporções, destacando-se na sua fachada o conjunto do pórtico e da rosácea. Entre 1704 e 1705 foram acrescentados os dois corpos superiores da torre sineira.

Convento Jerónimo de Santa Catalina (San Prudencio)

Com origem no final do século XIV, embora alvo de alterações posteriores, este complexo monástico é uma referência no centro histórico. As suas velhas paredes e grandes contrafortes conferem uma atmosfera secular às ruas e becos que as rodeiam. Da original construção gótica-mudéjar restam alguns vestígios, sobretudo o que é conhecida como "Puerta de Serafín", localizada em frente da torre da Igreja de Santa María La Mayor ("La Colegial").

Igreja de Santiago El Nuevo

Classificada como Monumento Nacional, e de origem cronológica incerta já que preserva materiais de origem romana e visigótica, é um magnífico exemplo da arte mudéjar, bem ilustrada na azulejaria que a decora.

Igreja de El Salvador

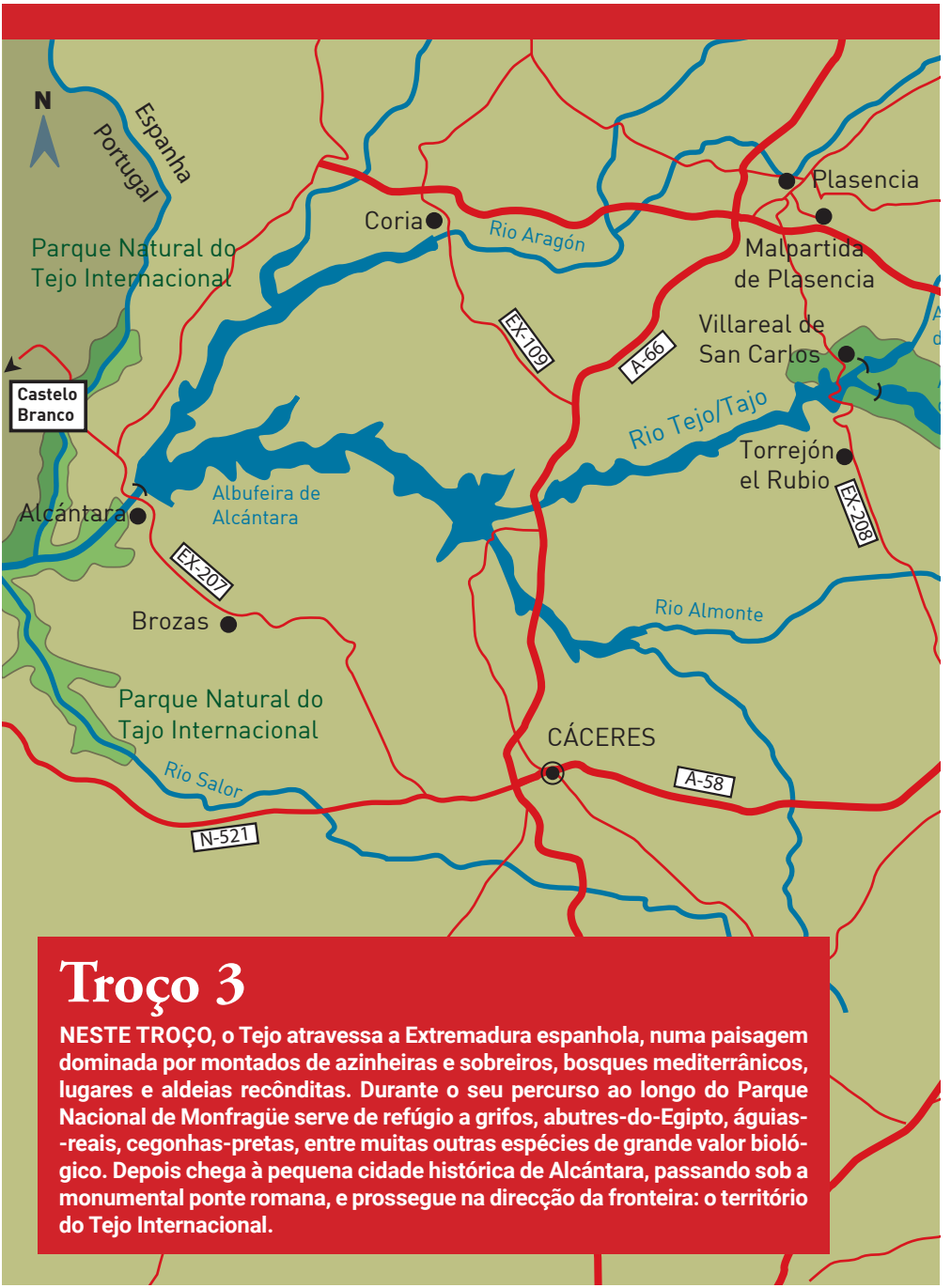
Apesar da sua existência remontar pelo menos a 1145, o seu aspecto actual terá sido configurado até 1570. Da primitiva igreja conserva uma notável abside de características mudéjares, salientando-se ainda o valioso conjunto ornamental dos séculos XVII e XVIII, sobretudo a decoração com cerâmicas de Talavera.

Os Jardins do Prado são um autêntico centro cívico dos habitantes de Talavera de la Reina, sobretudo aos fins-de-semana.

Jardins do Prado (e Basílica de Nuestra Señora del Prado)

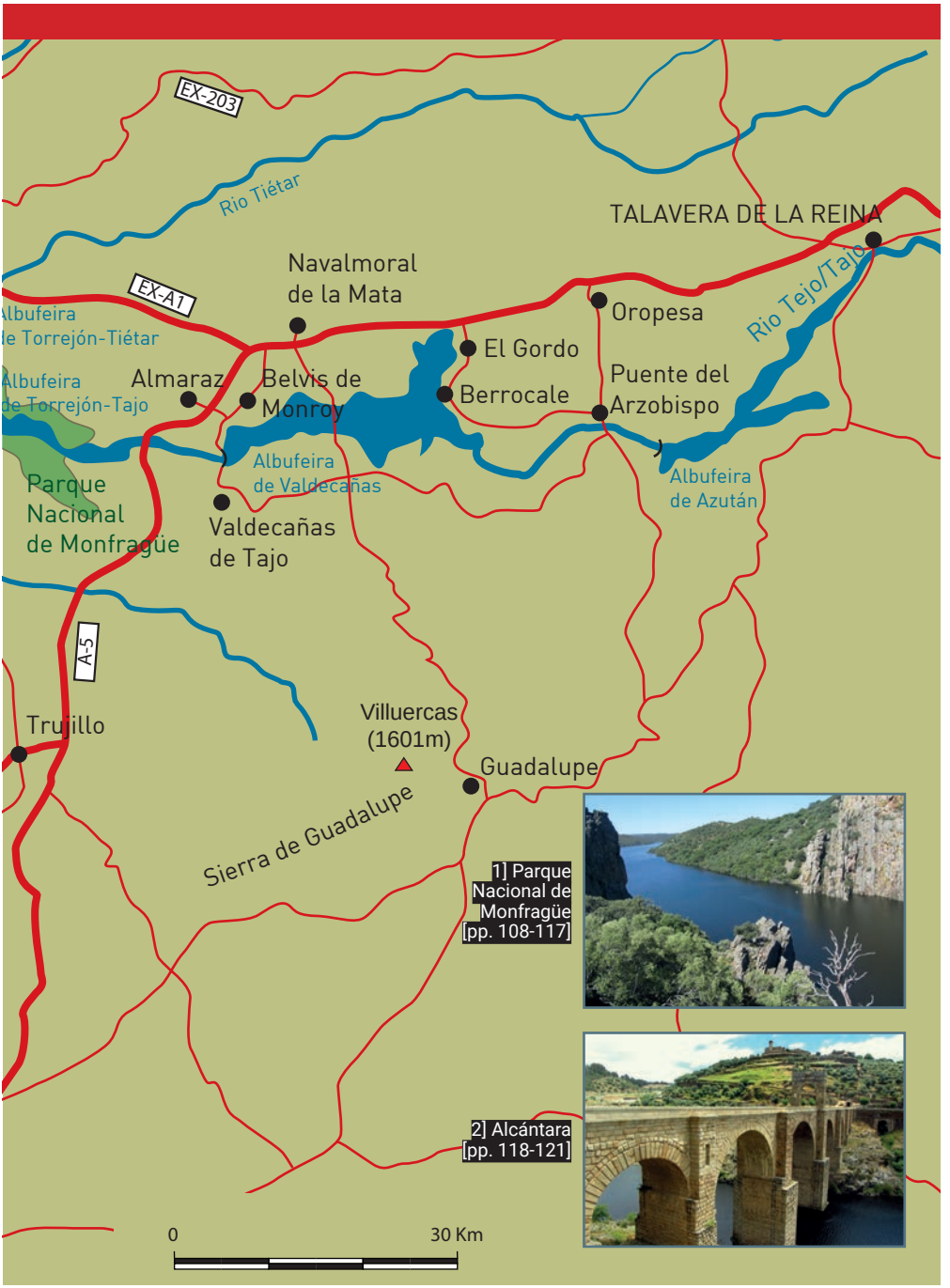
Desenhados em 1864 numa combinação de diferentes estilos europeus e árabe, os jardins do Prado formam um aprazível espaço público muito concorrido pelos habitantes da cidade, onde não faltam esplanadas e diversas zonas de estadia. A cerâmica de Talavera ornamenta fontes, lagos, pequenas pontes e demais construções. Num dos extremos dos jardins encontra-se a Basílica de Nuestra Señora del Prado. Com origem no século XVI, conciliou influências renascentistas e barrocas ao longo do tempo, e apresenta uma rica decoração de cerâmica que percorre cinco séculos.

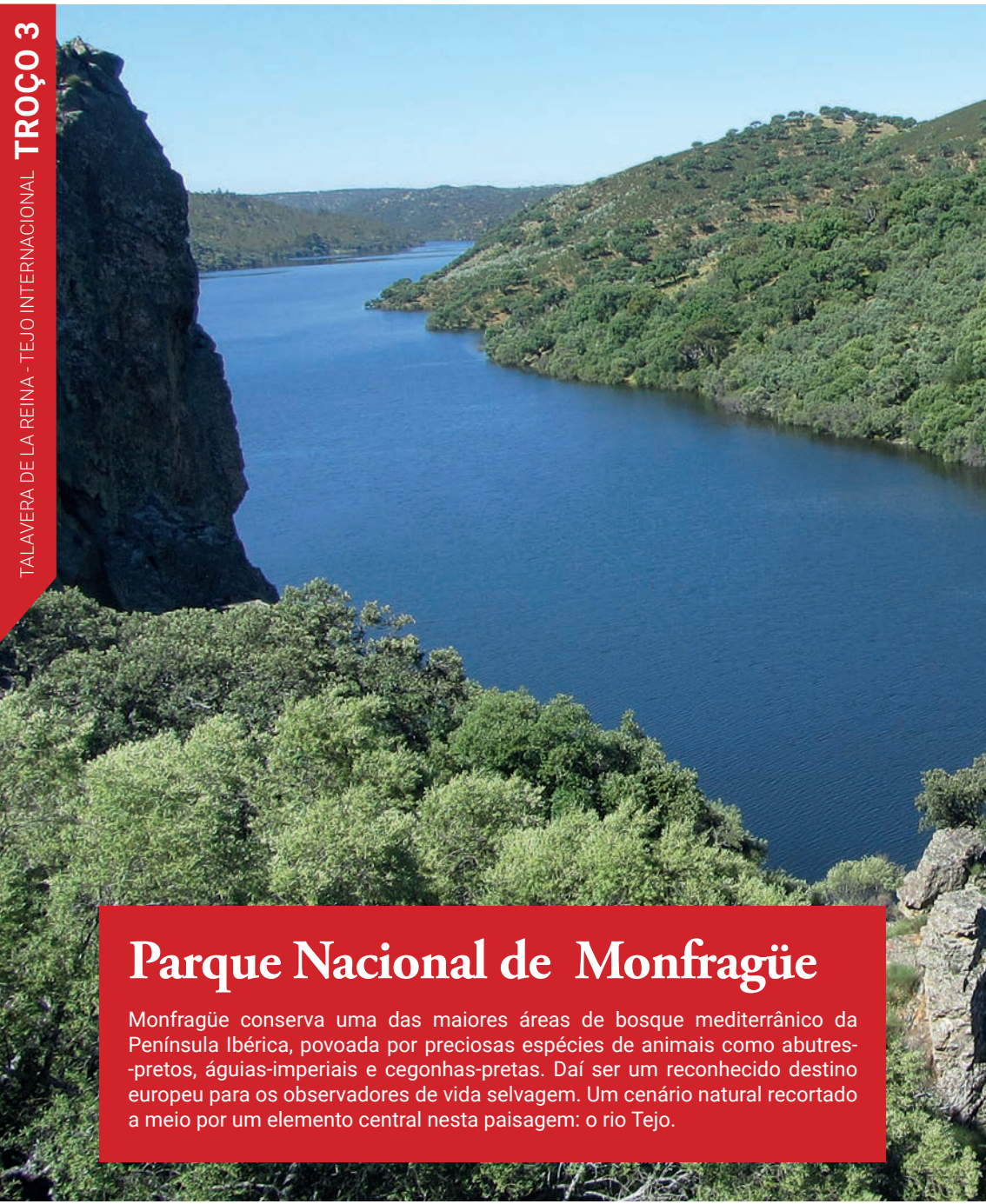
Outros motivos de interesse: Ponte de ferro sobre o Tejo ("Puente de la Reina Sofía") construída em 1904, Museu de Cerâmica "Ruiz de Luna", Igreja de San Agustín el Viejo (século XVII), Igreja de San Andrés (século XVI).



Troço 3

NESTE TROÇO, o Tejo atravessa a Extremadura espanhola, numa paisagem dominada por montados de azinheiras e sobreiros, bosques mediterrânicos, lugares e aldeias recônditas. Durante o seu percurso ao longo do Parque Nacional de Monfragüe serve de refúgio a grifos, abutres-do-Egipto, águias--reais, cegonhas-pretas, entre muitas outras espécies de grande valor biológico. Depois chega à pequena cidade histórica de Alcántara, passando sob a monumental ponte romana, e prossegue na direcção da fronteira: o território do Tejo Internacional.


EX-203
Río Tiétar
TALAVERA DE LA REINA
Navalmoral
de la Mata
EX-A1
Oropesa
Río Tejo/Tajo
Albufeira
de Torrejón-Tiétar
El Gordo
Albufeira
de Torrejón-Tajo
Almaraz
Belvis de
Monroy
Berrocale
Puente del
Arzobispo
Albufeira
de Valdecañas
Albufeira
de Azután
Parque
Nacional
de Monfragüe
Valdecañas
de Tajo
A-5
Trujillo
Villuercas
(1601m)
Guadalupe
Sierra de Guadalupe
1] Parque
Nacional de
Monfragüe
[pp. 108-117]
2] Alcántara
[pp. 118-121]
0
30 Km



Parque Nacional de Monfragüe

Monfragüe conserva uma das maiores áreas de bosque mediterrânico da Península Ibérica, povoada por preciosas espécies de animais como abutres-pretos, águias-imperiais e cegonhas-pretas. Daí ser um reconhecido destino europeu para os observadores de vida selvagem. Um cenário natural recortado a meio por um elemento central nesta paisagem: o rio Tejo.

Classificado pela UNESCO como Reserva da Biosfera, e pela União Europeia como Zona de Protecção Especial para as aves, Monfragüe é um dos 14 parques nacionais de Espanha (incluindo ilhas).

O rio Tejo, e um dos seus afluentes – o rio Tiétar –, formam o eixo central do território de Monfragüe. A presença de grandes fragas está, aliás, na génese do próprio nome do Parque, de origem romana – "Monsfragorum" (monte fragoso). Os bosques e matagais mediterrânicos, os montados (as 'dehesas', em castelhano), as encostas dos vales do Tejo e do Tiétar, e as respectivas massas de água formam um mosaico de habitats e de paisagens notáveis.

Os cerca de 18 mil hectares de território protegido são atravessados por duas estradas com diversos miradouros destinados à observação de aves. Em toda esta área deparamo-nos apenas com uma pequena povoação – Villarreal de San Carlos – que é a porta de entrada do Parque, reunindo aqui uma série de infra-estruturas como um centro de visitantes, um centro de interpretação, um restaurante, um parque de merendas, sendo ainda o ponto de partida para os três percursos pedestres implementados dentro de Monfragüe.

A emblemática escarpa do "Salto del Gitano", banhada pelo Tejo, alberga dezenas de casais de grifos (*Gyps fulvus*), para além de outras aves como as raras cegonhas-pretas (*Ciconia nigra*).

Tesouro natural

O bom estado de conservação dos recursos naturais e a pouca perturbação humana têm contribuído para a manutenção dos grandes valores naturais desta área. Pela sua elevada biodiversidade associada ao bioma mediterrânico, reunindo mais de 200 espécies de vertebrados (aves, mamíferos, répteis, anfíbios e peixes), Monfragüe assume uma importância de relevo na conservação de diversas espécies ameaçadas a nível mundial. E são as grandes aves que coroam este tesouro natural ibérico.

O imponente abutre-preto (*Aegypius monachus*), a maior ave de rapina da Europa e uma das maiores do mundo, reúne em Monfragüe mais de 350 casais. São cerca de 12 os pares reprodutores de águia-imperial-ibérica (*Aquila adalberti*) – uma espécie endémica da Península Ibérica. Estas duas espécies nidificam em árvores, enquanto nos grandes rochedos que marginam os rios Tejo e Tiétar nidificam cegonhas-pretas (*Ciconia nigra*), com mais de 30 casais; grifos (*Gyps fulvus*), uma espécie de abutre cujas colónias superam mais de 600 casais; as majestosas águias-reais (*Aquila chrysaetos*), com cerca de 6 ou 7 casais; o abutre-do-Egipto (*Neophron percnopterus*), que após invernar

Do alto do Castelo de Monfragüe, de origem árabe, contempla-se uma vista fabulosa sobre uma grande parte desta área também classificada pela UNESCO como Reserva da Biosfera.

em África regressa aqui para nidificar, num total superior a 30 pares; e as belas e audazes águias-de-Bonelli (*Aquila fasciatus*), com cerca de 7 casais. Monfragüe é um verdadeiro santuário para aves de rapina, somando ainda diversas outras espécies como milhafres-reais (*Milvus milvus*), milhafres-pretos (*Milvus migrans*), águias-cobreiras (*Circaetus gallicus*), águias-calçadas (*Hieraeetus pennatus*), peneireiros-cinzentos (*Elanus caeruleus*), falcões-peregrinos (*Falco peregrinus*).

Veados (*Cervus elaphus*), javalis (*Sus scrofa*), lontras (*Lutra lutra*), gatos-bravos (*Felix sylvestris*), texugos (*Meles meles*), fuinhas (*Martes foina*), saca-rabos (*Herpestes ichneumon*), genetas (*Genetta genetta*) e raposas (*Vulpes vulpes*), estão entre os mamíferos de Monfragüe, sendo de salientar que este é um território potencial para o regresso do lince-ibérico (*Lynx pardinus*), a espécie de felino mais ameaçada no planeta.

A flora mediterrânica

A azinheira (*Quercus rotundifolia*) é a árvore soberana de Monfragüe, acompanhada depois pelo sobreiro (*Quercus suber*), sobretudo nas áreas de montado envolventes. Embora com menor expressão, o carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*) e o zambujeiro (*Olea europea* var. *sylvestris*) também integram estas paisagens.

O Parque Nacional de Monfragüe é um famoso destino europeu para a observação de aves.

O voo dos abutres, como os grifos, é uma imagem omnipresente no "Salto del Gitano".

Outrora, toda a região da Extremadura espanhola (e de uma grande parte da Península Ibérica) fora dominada por florestas mediterrânicas, de grande valor ecológico, que ao longo da história foram sendo arrebatadas pelo homem (para madeira, lenha, carvão, agricultura, pastorícia, monoculturas de eucalipto e de pinheiro, entre outros usos e actividades). Mesmo em Monfragüe, e já na década de 1970, centenas hectares chegaram a ser desbastados para darem lugar a grandes plantações de eucaliptos. No entanto, têm vindo a ser removidos em prol da regeneração natural dos bosques mediterrânicos, os herdeiros legítimos destas paisagens.

Enquanto os montados são importantes ecossistemas moldados pelo homem para usos agrícolas, silvícolas e pastoris, os matagais mediterrânicos representam em Monfragüe uma etapa de sucessão ecológica a 'caminho' da formação de bosques, caso persistam as condições necessárias à regeneração natural. Diversas espécies de estevas (*Cistus* sp.), medronheiros (*Arbutus unedo*), folhados (*Viburnum tinus*), aroeiras (*Pistacia lentiscus*), rosmaninhos e alfazemas (*Lavandula* sp.), compõem a paleta de cores e aromas mediterrânicos destes matagais onde se incluem muitas outras plantas arbustivas. Já noutro habitat, zimbros (*Juniperus oxicedrus*) e cornualhas (*Pistacia terebinthus*) vingam nas grandes vertentes rochosas que se elevam no Parque.

Nas galerias arbóreas que acompanham os cursos de água medram freixos (*Fraxinus* sp.), amieiros (*Alnus glutinosa*) e lódãos (*Celtis australis*), amenizando com as suas folhagens os verões quentes que aqui se fazem sentir. No entanto, a construção das barragens de Torrejón, no final da década de 1960, submergiram grandes áreas ribeirinhas, perdendo-se assim importantes valores ecológicos e paisagísticos. Aliás, as marcas da influência das barragens estão presentes em todo o curso do Tejo que atravessa Monfragüe, tal como em alguns dos seus afluentes.

As marcas da história

Desde há milénios que a presença humana desenha a história de Monfragüe, como testemunham por exemplo as pinturas rupestres (visitáveis) que perduram na "Cueva del Castilho" (Serra de Corchuelas), remontando às Idades do Cobre, Bronze e Ferro. Restos de castros

O rio Tejo, embora alterado e domesticado por uma barragem situada dentro da área do Parque, não deixa de impressionar pelas suas paisagens.

Percursos pedestres

O PARQUE NACIONAL de Monfragüe tem à disposição três circuitos pedestres devidamente sinalizados no terreno que permitem conhecer os seus valores naturais e paisagísticos, todos eles com início e fim na aldeia de Villareal de San Carlos:

1) Rota "El Castilho" (marcado a vermelho) – Com um trajecto completo de 10,5 a 16 quilómetros (consoante as variantes escolhidas), é único percurso que abrange as margens do rio Tejo. O traçado inclui os valores naturais e culturais mais representativos desta área protegida, assim como a oferta de panoramas arrebatadores. O rochedo do "Salto del Gitano" (uma referência para a observação de aves), o castelo de Monfragüe e a Ponte do Cardeal, são três ícones do Parque Nacional compreendidos no percurso.

2) Rota "Cerro Gimio" (marcado a verde) – Com um trajecto completo de 7,5 quilómetros, este circuito culmina no Cerro Gimio, um excelente miradouro sobre a paisagem selvagem de Monfragüe, incluindo o Tejo, e onde perduram as ruínas de uma antiga atalaia romana.

3) Rota "La Tajadilla" (marcado a amarelo) – Com um trajecto linear de 8,5 quilómetros (ida e volta), esta rota percorre sobretudo o vale do rio Tiétar, incluindo uma série de belos miradouros propícios para a observação das aves selvagens de Monfragüe.

São vários os miradouros e zonas de estadia ao longo do Tejo, e sobretudo do rio Tiétar (um dos seus afluentes).

O alto do Cerro Gimio, aonde se chega apenas por um percurso pedestre, oferece excelentes panoramas. Na foto, o encontro do rio Barbaón (à direita) com as águas do Tejo.

INFORMAÇÕES

ÁREA TOTAL: 18.118 hectares
ANO DE CLASSIFICAÇÃO: 2007
COMUNIDADES AUTÓNOMAS E PROVÍNCIAS ABRANGIDAS: comunidade da Extremadura, província de Cáceres
MUNICÍPIOS ABRANGIDOS: Casas de Miravete, Jaraicejo, Malpartida de Plasencia, Serradilla, Serrejón, Toril e Torrejón el Rubio
OUTROS ESTATUTOS DE PROTEÇÃO: Reserva da Biosfera (UNESCO, 2003), Zona de Proteção Especial (ZPE) para as aves (Rede Natura 2000/Diretiva "Aves", 1994)
ENDEREÇOS WEB:
» *https://www.miteco.gob.es/es/red-parques-nacionales/nuestros-parques/monfrague/*
» *https://www.miteco.gob.es/es/red-parques-nacionales/nuestros-parques/monfrague/guia-monfrague_tcm30-66975.pdf*
» *https://www.spain.info/en/nature/monfrague-national-park/*
TEL.: +34 927 19 91 34

Cerca de dois terços da área do Parque mantêm-se remotos, sem acessos rodoviários, e onde apenas impera a vida selvagem.

pré-romanos atestam a presença de sociedades hierarquizadas que viviam da agricultura e pecuária. Da ocupação romana restam vestígios de atalaias (como no Cerro Gimio) e de calçadas, incluindo ainda a origem do próprio nome do Parque.

Posteriormente, os árabes deixaram o mais impressivo legado histórico na paisagem: o castelo de Monfragüe, construído no século IX com cinco torres e dois perímetros de muralhas. No entanto, o que resta da sua configuração resulta de múltiplas intervenções realizadas ao longo dos tempos pelas ordens militares cristãs que adoptaram

esta praça, como a torre redonda do século XII e a pentagonal do século XV. Este é um dos locais de onde se abarcam panoramas magníficos sobre Monfragüe.

Outro imóvel histórico de referência nesta área é a "Puente del Cardenal", mandada construir em 1450 para, ligando as duas margens do Tejo, facilitar as comunicações entre Plasencia e Trujillo. Como se tornou um lugar obrigatório de passagem entre estas duas terras para os viajantes, acabou por converter a zona num terreno fértil para salteadores, protegidos pelo ambiente selvagem e acidentado. Com o intuito de remediar esta situação, no século XVIII o rei Carlos III ordenou a fundação de uma vila neste interregno bravio – Villarreal de San Carlos –, mas apesar de todos os privilégios concedidos aos seus povoadores nunca passou de uma pequena aldeia. Hoje é a principal porta de entrada em Monfragüe.

Construções tradicionais recuperadas à beira do Tejo.

Mantendo a traça tradicional do casario, Villarreal de San Carlos é a única povoação no Parque. Para além de albergar os centros de informação, é o ponto de partida para os circuitos pedestres implementados.

Centros de informação/interpretação

Villarreal de San Carlos: é a única povoação situada no interior do Parque Nacional e onde se encontram os centros informação e de interpretação de Monfragüe, geridos pelo governo da Extremadura. No Centro de Informação são facultados mapas e brochuras sobre a área, incluindo as rotas pedestres e de automóvel. O Centro de Interpretação da Natureza e o Centro de Interpretação da Água apresentam diversas exposições sobre os valores naturais de Monfragüe. Já o Centro de Documentação e Investigação destina-se a professores, estudantes e investigadores.

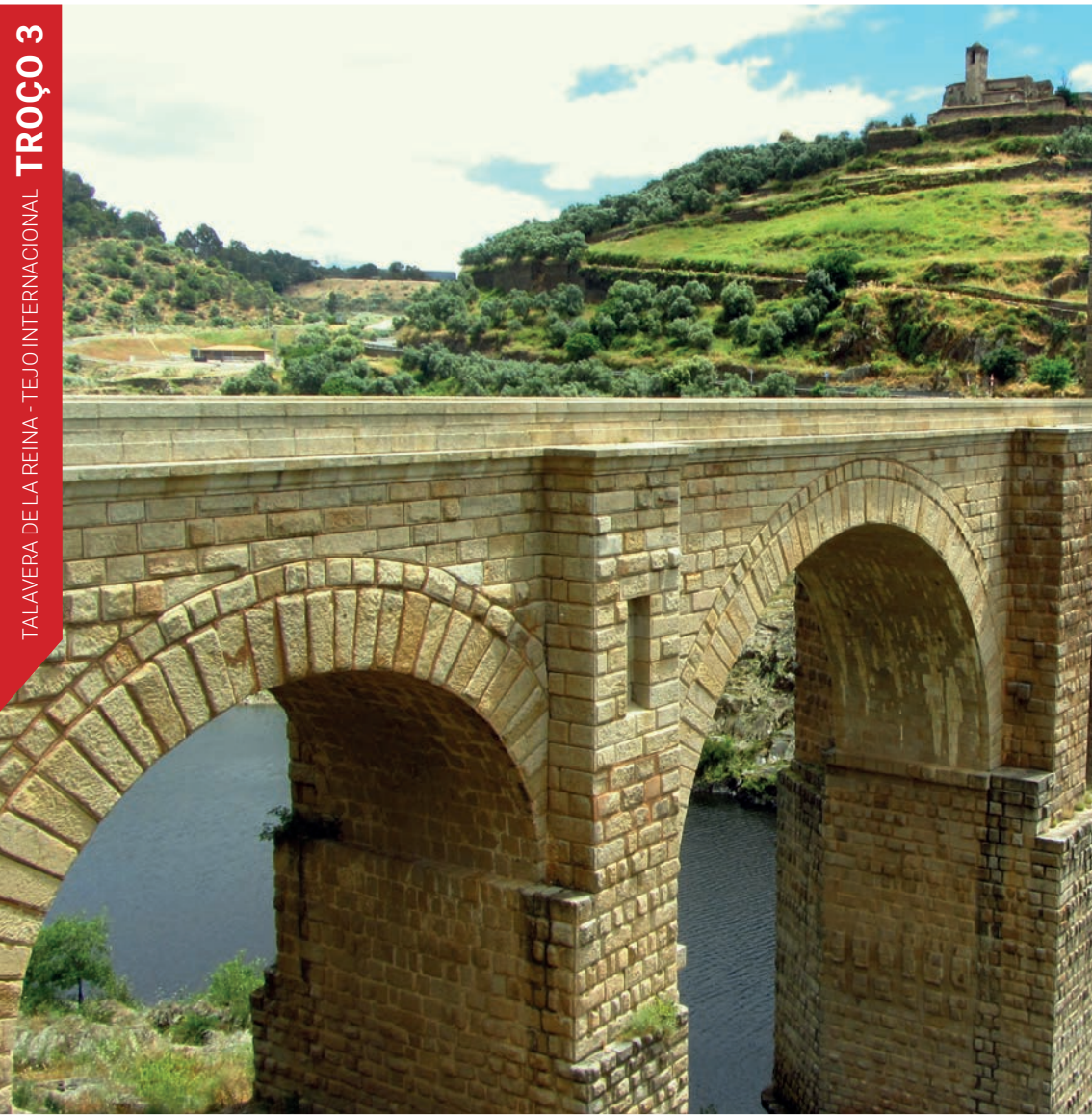
Malpartida de Plasencia: situada a cerca de 20 km de Villareal de San Carlos (e a cerca de 15 km dos limites do Parque), alberga o "Museo de La Dehesa", dedicado ao património histórico, cultural e natural dos montados ("dehesas").

Torrejón el Rubio: situado a 18 quilómetros de Villareal de San Carlos (e a cerca de 10 km da fronteira do Parque), acolhe um Centro de Educação Ambiental também dedicado aos valores culturais e naturais dos montados ("dehesas").

Pontos de informação acreditados: na região há uma série de restaurantes, cafés e unidades de alojamento que disponibilizam informação turística sobre o Parque Nacional de Monfragüe.

Mapa do **PARQUE NACIONAL DE MONFRAGÜE**

Río Tiétar
N
0
4 Km
EX-389
Serrejón
Río Tejo/Tajo
A-5
N-V
Casas de Miravete
Collado las Puercas (676 m)
Miravete (839 m)



Alcántara

LOCALIZADA PRÓXIMA da fronteira com Portugal, Alcántara é a última povoação espanhola (sede de município) servida pelo Tejo antes de o curso do rio entrar em território português, antecedido ainda pelo importante troço dividido pelos dois países: o Tejo Internacional. E é uma das mais interessantes localidades ao longo de todo o

Alcántara é uma das localidades mais interessantes ao longo de todo o percurso do Tejo em terras de Espanha.

percurso do Tejo em Espanha, beneficiada ainda pela sua condição de porta de entrada no Parque Natural do Tajo Internacional.

A origem etimológica de "Alcántara" é a denominação árabe "Al Qantarat", que significa "A Ponte", alusiva à magnífica ponte romana erigida sobre o Tejo no século III, e descrita pelo geógrafo muçulmano al-Idrissi no já distante século XIII como uma das maravilhas do mundo. Para além desta jóia patrimonial, a pacata cidade de Alcántara conserva alguns monumentos que dignificam o seu centro histórico. Uma herança que se deve, em muito, ao papel que a Ordem Militar de Alcántara (iniciada em 1156 como Ordem de San Julian de Pereiro, de origem portuguesa) teve nesta região desde a Idade Média.

Durante os séculos XII e XIII, a Extremadura foi uma zona de fronteira entre os reinos de Leão e os territórios sob domínio muçulmano. Após a reconquista cristã definitiva em 1213, as ordens militares exerceram um forte controlo sobre a região. Logo

no ano 1218 a Ordem de Alcántara estabeleceu aqui a sua sede, que se prolongou durante séculos. O emblemático Convento de San Benito de Alcántara, construído no século XVI, foi, por exemplo, a terceira sede desta ordem militar.

Para além dos monumentos e casas senhoriais do convidativo centro histórico, Alcántara proporciona ainda a continuação de um agradável passeio a pé até à ponte monumental, onde se atravessa o Tejo com belas perspectivas, com a possibilidade de se tomar, já na outra margem, um circuito pedestre que acompanha o rio para jusante em pleno Parque Natural do Tajo Internacional.

Ponte romana

O maior símbolo de Alcántara é um dos mais notáveis monumentos romanos conservados em toda a Península Ibérica. Construída sobre o Tejo entre os anos 75 e 104 d. C. para estabelecer a ligação entre Cáceres e as terras hoje incluídas na Beira Interior, em Portugal, a milenar ponte romana é considerada uma jóia da engenharia civil – para durar enquanto existirem séculos, segundo disse o seu construtor, Caio Júlio Lacer.

Esta grandiosa estrutura de pedra prolonga-se por 194 metros de comprimento, assentes em 6 arcos, e a 71 metros de altura máxima. Na ponte sobressai ainda o enorme "arco do triunfo" com 10 metros de altura construído em homenagem ao imperador Trajano. Outra singularidade é o pequeno templo romano que se encontra à frente da ponte, na margem esquerda (do lado da vila), embora remodelado ao longo dos séculos.

A natureza também assinala a sua presença nesta grande ponte de granito. No período de nidificação são várias as espécies de aves que escolhem a protecção da estrutura para estabelecerem as suas colónias. É o caso, por exemplo, de andorinhas-dos-beirais (*Delichon urbica*), andorinhões-pretos (*Apus apus*), melros-azuis (*Monticola solitarius*), rabirruivos (*Phoenicurus ochruros*), podendo ainda ser observadas gralhas-de-nuca-cinzenta (*Corvus monedula*) e peneireiros (*Falco tinnunculus*), entre outras espécies.

Por outro lado, junto à ponte e na margem direita (oposta à da vila) tem início um dos circuitos pedestres sinalizados no Parque Natural do Tajo Internacional, cujo troço inicial acompanha o curso do rio para jusante.

Convento de San Benito de Alcántara

É o maior monumento do centro histórico de Alcántara. Edificado no século

Construído no século XVI, o Convento de San Benito de Alcántara é o maior monumento do centro histórico.

A Igreja de Santa María de Almocóvar (séc. XIII) é uma das referências da arquitectura românica na Extremadura.

Alcántara é a principal porta de entrada no Parque Natural del Tajo Internacional, cujo território toca nos limites da pequena urbe.

XVI, foi sede da antiga Ordem Militar de Alcántara e inclui convento, igreja e hospedaria. No interior da imponente fachada renascentista sobressai uma notável igreja de abóbada nervada, também de desenho renascentista, e um belo claustro gótico de dois pisos.

Igreja de Santa María de Almocóvar

Esta igreja românica de uma só nave foi construída no século XIII sobre uma antiga mesquita. Mais tarde, no século XVI, foram acrescentadas algumas capelas. No interior guarda importantes peças artísticas como diversos túmulos e cinco obras do célebre pintor espanhol maneirista Luís de Morales (1509-1586).

Centro de Visitantes do Parque Natural do Tajo Internacional

No centro de visitantes é possível assistir a um filme ou percorrer uma interessante exposição sobre os valores naturais e culturais do Tejo Internacional, incluindo várias referências ao Parque Natural do lado português. O centro também disponibiliza toda a informação sobre as rotas pedestres, incluindo mapas e brochuras escritas em português.

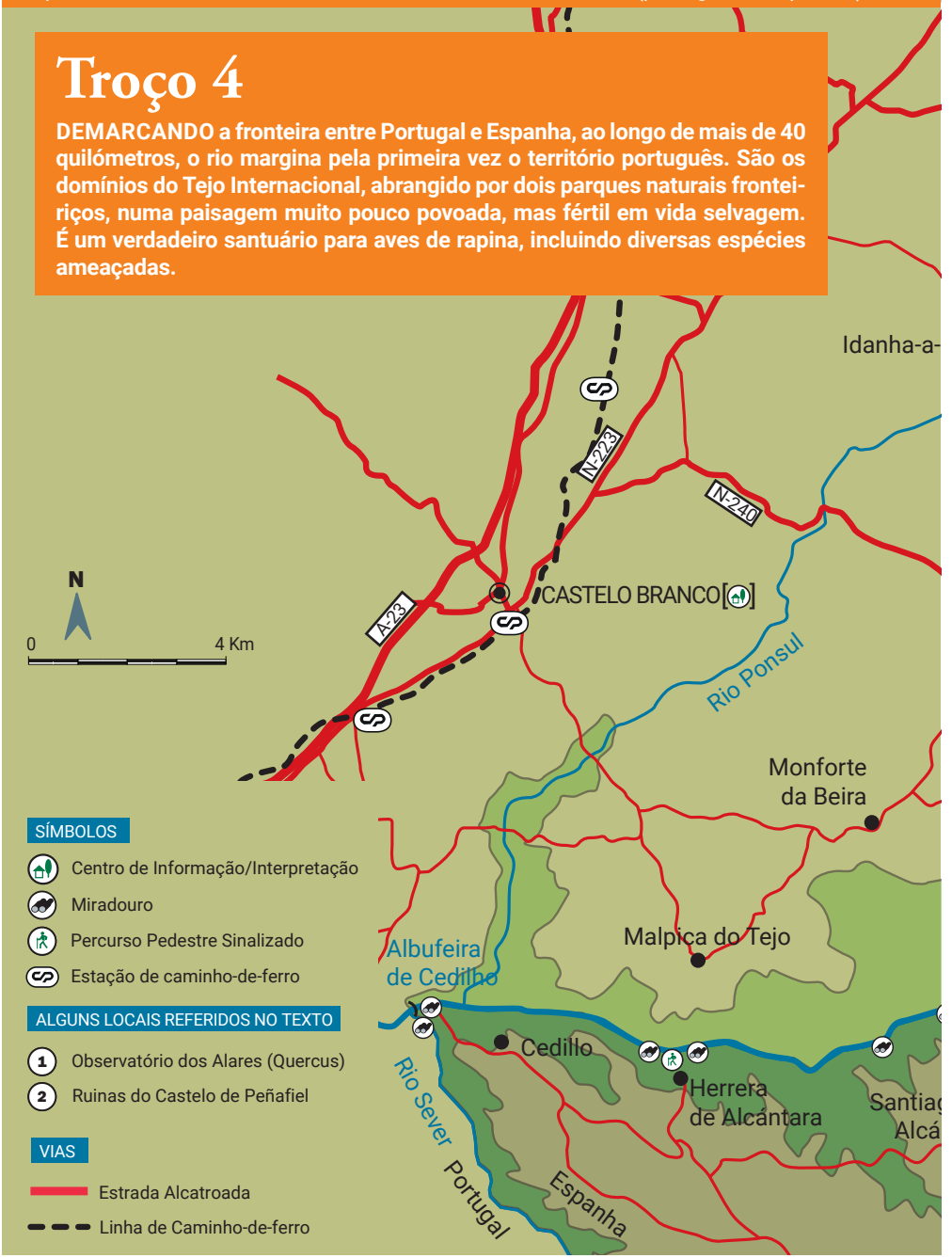
Outros motivos de interesse:

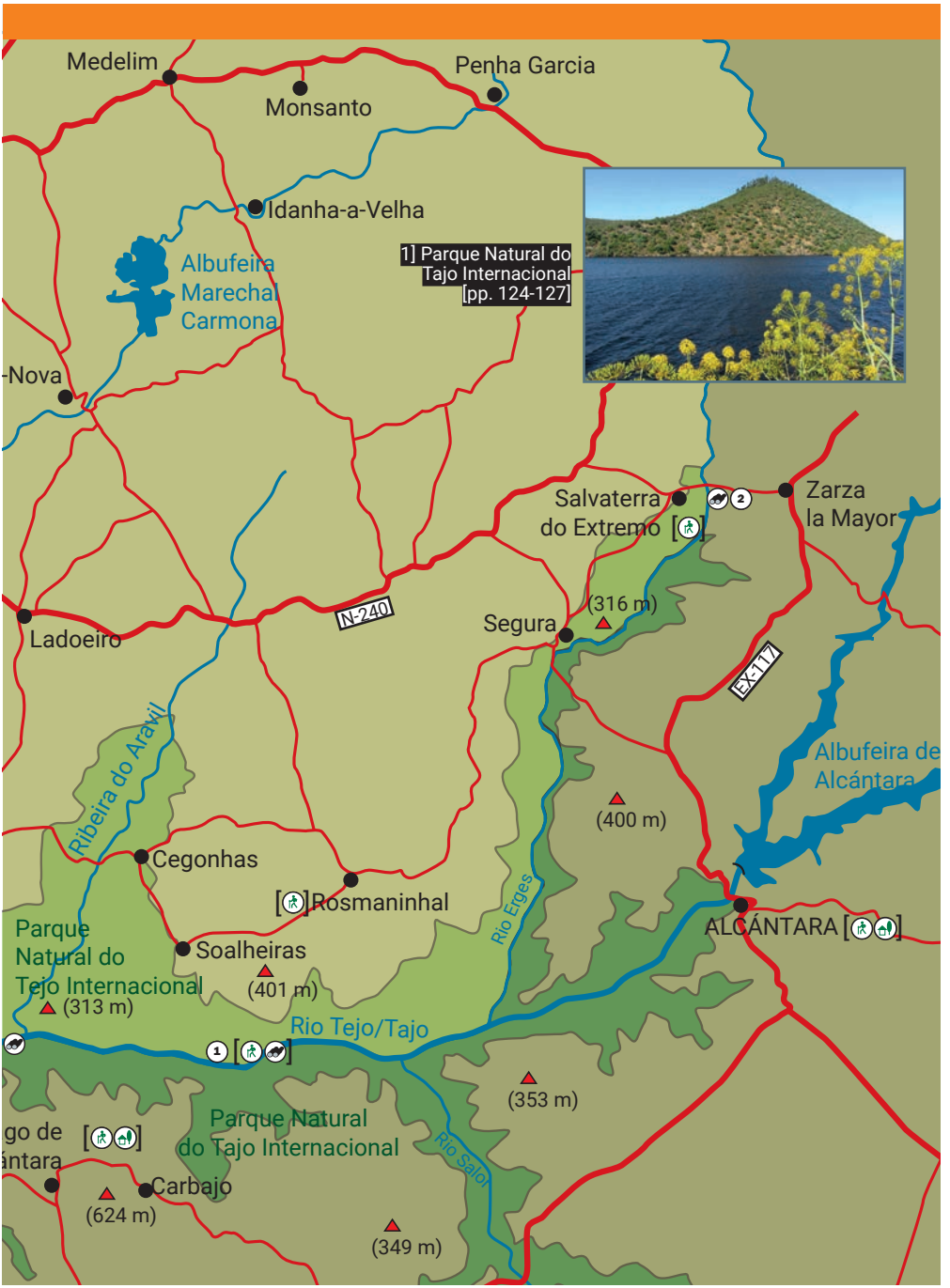
Igreja de San Pedro de Alcántara (séc. XVII); Convento de San Bartolomé (1478), hoje convertido numa pousada; Convento e Igreja do Espíritu Santo (em ruínas); belas casas senhoriais; diversas capelas.

Mapa dos **PARQUES NATURAIS DO TEJO INTERNACIONAL** (português e espanhol)

Troço 4

DEMARCANDO a fronteira entre Portugal e Espanha, ao longo de mais de 40 quilómetros, o rio margina pela primeira vez o território português. São os domínios do Tejo Internacional, abrangido por dois parques naturais fronteiriços, numa paisagem muito pouco povoada, mas fértil em vida selvagem. É um verdadeiro santuário para aves de rapina, incluindo diversas espécies ameaçadas.




Medelim
Monsanto
Penha Garcia
Idanha-a-Velha
Albufeira Marechal Carmona
1] Parque Natural do Tajo Internacional [pp. 124-127]
-Nova
Salvaterra do Extremo
Zarza la Mayor
Ladoeiro
N-240
Segura
(316 m)
EX-117
Albufeira de Alcántara
Ribeira do Aravil
(400 m)
Cegonhas
Rosmaninhal
Rio Erges
ALCÁNTARA
Parque Natural do Tejo Internacional
Soalheiras
(401 m)
(313 m)
Rio Tejo/Tajo
(353 m)
Parque Natural do Tajo Internacional
Rio Salor
Carbajo
(624 m)
(349 m)

Parque Natural do Tajo Internacional

TAL COMO no lado português da fronteira, na Extremadura espanhola o Tejo Internacional também se encontra protegido por um parque natural. Deste modo, a área total protegida em ambos os lados da fronteira atinge os 51.572 hectares (25.088 hectares do lado espanhol e 26.484 hectares do lado português). Em 2012 foi assinado um acordo entre Portugal e Espanha para a criação do primeiro parque natural internacional da Península Ibérica – o Parque Internacional do Tajo-Tejo – a ser gerido em conjunto pelos dois países.

Tal como no lado português, a grande riqueza ornitológica, sobretudo de aves de rapina, e o bom estado de conservação de ecossistemas ribeirinhos mediterrânicos, especialmente ao longo de diversos afluentes do Tejo, como os rios Erjas (Erges, em português), Salor e Sever, levaram à classificação desta área como Parque Natural. Tanto o rio Erges como o Sever também são rios fronteiriços partilhados pelos dois países.

Na sua rota fronteiriça, o rio Tejo percorre um vale com mais de 100 metros de profundidade, servido ainda por inúmeros afluentes, também eles mais ou menos en-

O lírio-amarelo-dos-montes (*Iris lusitanica*), uma espécie endémica do centro de Portugal e da Extremadura espanhola, concentra nesta área a sua maior população.

O futuro Parque Internacional do Tajo-Tejo será a primeira área protegida ibérica com gestão conjunta entre os dois países.

caixados, em contraste com os terrenos da peneplanície envolvente.

Matos e bosques mediterrânicos

As formações vegetais encontram-se, de uma forma geral, em bom estado de conservação, dominadas por uma espécie de árvore tipicamente mediterrânica: a azinheira (*Quercus rotundifolia*), quer sob a forma de montado, quer integrada em bosques. No entanto, este domínio é nalguns locais disputado por outras duas árvores autóctones: o sobreiro (*Quercus suber*) e o zambujeiro (*Olea europaea* var. *sylvestris*)

Nas encostas de vales pouco intervencionados pelo homem subsistem ou se encontram em desenvolvimento áreas de bosque mediterrânico, um habitat que têm vindo a reconquistar o seu espaço natural à custa do abandono agrícola, como testemunham velhos olivais hoje tomados pela vegetação nativa. Nas margens dos cursos de água a salvo da inundação perpetrada pela barragem de Cedilho subsistem galerias ripícolas, por vezes frondosas, com freixos (*Fraxinus* sp.), borrazeiras (*Salix* sp.), lódãos (*Celtis australis*) e amieiros (*Alnus glutinosa*). Distribuído pontualmente por todo o Parque, o zimbro-oxicedro (*Juniperus oxycedrus*), cujo porte pode atingir os 5-6 metros de altura, também marca a paisagem do Tejo Internacional.

Quer ou não sob o abrigo de árvores, as formações arbustivas reúnem uma grande diversidade de plantas, incluindo várias espécies de estevas (*Cistus* sp.), de tojos (*Ulex* sp.), de alfazemas e rosmaninhos (*Lavandula* sp.), para além de medronhei-

ros (*Arbutus unedo*), aroeiras (*Pistacia lentiscus*), cornalheiras (*Pistacia terebinthus*), adernos-de-folha-larga e de-folha-estreita (*Phillyrea latifolia* e *Phillyrea angustifolia*), folhados (*Viburnum tinus*), entre outras espécies que se distribuem consoante a composição dos solos e a maior ou menor exposição solar. Sobre a flora do Parque um destaque ainda para o belo lírio-amarelo-dos-montes (*Iris lusitanica*), uma espécie endémica do centro de Portugal e da província de Cáceres que alberga no Tejo Internacional a sua maior população.

Um refúgio para aves de rapina

À semelhança do lado português, as

No Parque Natural espanhol um conjunto de miradouros oferece belos panoramas sobre a paisagem selvagem do Tejo Internacional.

Percursos pedestres

O PARQUE NATURAL espanhol é servido por uma boa rede de circuitos pedestres, oito no total, devidamente sinalizados no terreno e acompanhados por painéis informativos. Desde o rio Erjas (Erges, em português) ao rio Sever, passando pelo Tejo, o conjunto de percursos abrange a diversidade natural e paisagística deste território.

São cinco as rotas que pelo menos em parte dos seus trajectos abrangem o rio Tejo: uma a partir da ponte romana de Alcántara, duas a partir de Santiago de Alcántara, e outras duas a partir de Herrera de Alcántara. Exceptuando a primeira que é de trajecto circular, embora com cerca de 20 km de extensão, as outras são de trajecto linear, variando entre os 5,5 km e os 14,8 km nas distâncias de ida e volta.

Para além das notáveis vistas sobre o Tejo, os percursos que mais acompanham a margem do rio são a rota "Mari Loza (SL-CC 141)", com um troço com cerca de 1 km que pode ser feito autonomamente, de ida e volta, a partir do cais de Herrera de Alcántara, e a rota "Puente Romano de Alcántara (PR-CC 105)", com um troço com cerca de 2 km que também pode ser percorrido nas mesmas circunstâncias a partir da ponte romana de Alcántara.

aves são a maior riqueza natural do Parque Natural, sobretudo as aves de rapina e a tímida cegonha-preta (*Ciconia nigra*), que aqui regressa todos os anos para nidificar nas escarpas ribeirinhas após invernar em terras distantes africanas.

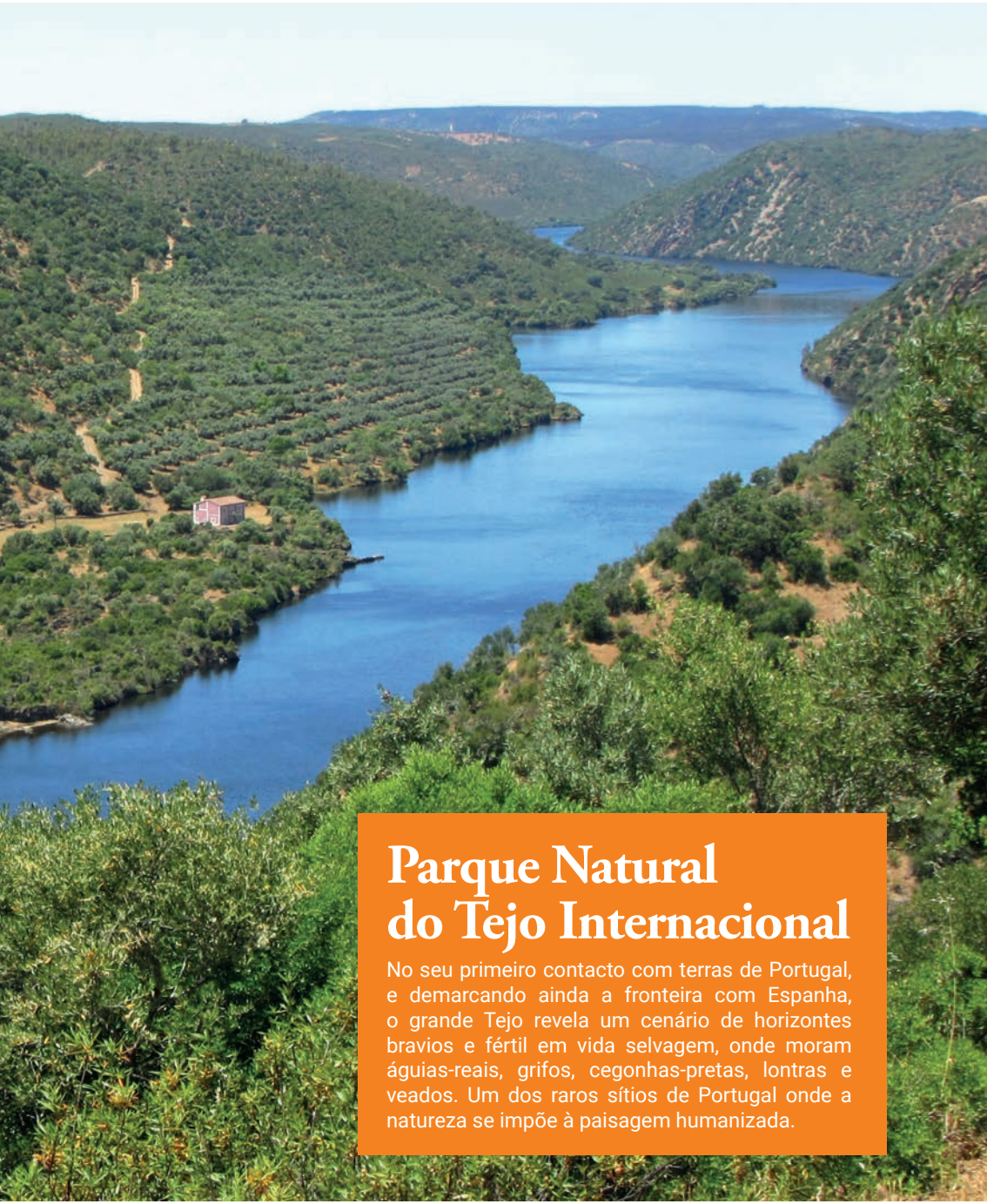
Quanto às rapaces, são várias as espécies sedentárias ou estivais a compor o tesouro ornitológico, a começar pelo feliz regresso da águia-imperial (*Aquila adalberti*) e do abutre-preto (*Aegypius monachus*) que outrora se extinguiram nestas paragens. Grifos (*Gyps fulvus*), abutres-do-Egipto (*Neophron percnopterus*), águias-reais (*Aquila chrysaetos*), águias-de-Bonelli (*Aquila fasciatus*), falcões-peregrinos (*Falco peregrinus*) e bufos-reais (*Bubo bubo*), 'partilham' as escarpas para nidificar, enquanto águias-calçadas (*Hieraaetus pennatus*), águias-cobreiras (*Circaetus gallicus*), milhafres-reais (*Milvus milvus*) e milhafres-pretos (*Milvus migrans*) utilizam as árvores para estabelecerem os seus ninhos. No total, o Tejo Internacional acolhe mais de 100 espécies de aves, das quais algumas se encontram ameaçadas a nível mundial, o que revela a importância desta área protegida para a conservação da biodiversidade.

Para além das aves, e também como no lado português, apesar da extinção do lince-ibérico (*Linx pardinus*) e do lobo (*Canis lupus*) ainda no século passado, muitos outros animais povoam este território – mamíferos como veados (*Cervus elaphus*), javalis (*Sus scrofa*) e lontras (*Lutra lutra*), várias espécies de répteis e anfíbios, e diversos peixes incluindo espécies endémicas da Península Ibérica como o barbo-comum (*Barbus bocagei*), o barbo-cumba (*Barbus comizo*), o escalo-do-sul (*Squalius pyrenaicus*) e o bordalo (*Squalius alburnoides*).

Para um melhor conhecimento sobre esta área recomenda-se uma visita ao centro de visitantes de Alcántara.

INFORMAÇÕES

ÁREA TOTAL: 25.088 hectares
ANO DE CLASSIFICAÇÃO: 2006
OUTROS ESTATUTOS DE PROTECÇÃO: Zona de Protecção Especial (ZPE) para as aves (Rede Natura 2000/Directiva "Aves")
COMUNIDADES AUTÓNOMAS E PROVÍNCIAS ABRANGIDAS: comunidade da Extremadura, província de Cáceres
CONCELHOS ABRANGIDOS: 11 municípios
CENTROS DE VISITANTES / INTERPRETAÇÃO:
» Centro de Visitantes "Casa Natalio" (Alcántara)
» Centro de Interpretação "El Péndere" (Santiago de Alcántara)
» Centro de Visitantes "El Casón" (Cedillo)



Parque Natural do Tejo Internacional

No seu primeiro contacto com terras de Portugal, e demarcando ainda a fronteira com Espanha, o grande Tejo revela um cenário de horizontes bravios e fértil em vida selvagem, onde moram águias-reais, grifos, cegonhas-pretas, lontras e veados. Um dos raros sítios de Portugal onde a natureza se impõe à paisagem humanizada.

Do outro lado, a margem portuguesa; deste lado, a margem espanhola. O conjunto dos dois parques naturais do Tejo Internacional engloba uma área remota com mais de 50 mil hectares.

O Tejo Internacional corresponde a uma das áreas menos densamente povoadas do país, e devido a uma menor perturbação humana, a natureza conservou um riquíssimo património que ainda hoje subsiste.

Indissociável do Tejo Internacional é a própria identidade da Quercurs – Associação Nacional de Conservação da Natureza. Foi ela que durante mais de uma década defendeu a preservação deste espaço de grande importância para a conservação da natureza (onde realizou projectos reconhecidos internacionalmente que incluíram a compra de terrenos), alertou para as ameaças que pendiam, principalmente a profusão de eucaliptos, e defendeu a sua classificação como parque natural, um desejo entretanto cumprido.

Esta área protegida não se limita ao corredor (alargado) do Tejo. Ela acompanha ainda, para o interior, alguns dos seus afluentes, como o rio Erges (fronteiriço), a ribeira do Aravil e o rio Ponsul. Estes cursos de água, associados a vales encaixados, têm um importante contributo nos grandes valores naturais e paisagísticos do Tejo Internacional. As suas encostas alcantiladas servem de refúgio e de local de nidificação para espécies prioritárias para a conservação da natureza, parte das quais ameaçadas a nível europeu.

Um santuário de rapinas

Neste verdadeiro santuário ornitológico encontram-se espécies pouco comuns noutras paragens. É o caso do pequeno chasco-preto (*Oenanthe leucura*) ou da cegonha-preta (*Ciconia nigra*) – o símbolo do Parque –, bem mais tímida que a sua con-

O castelo de Peñafiel, em terras de Espanha, sobranceiro ao canhão fluvial do rio Erges – um afluente do Tejo que também demarca a fronteira entre os dois países.

género branca e menos tolerante à presença humana, que procura, em casais isolados, saliências escarpadas para nidificar.

São as aves de rapina que compõem a maior parte da riqueza natural do Tejo Internacional: a águia-real (*Aquila chrysaetos*), considerada por muitos a rainha das aves, pela sua majestosidade e combinação de força com agilidade; a águia-de-Bonelli (*Aquila fasciatus*), uma audaz predadora típica do bioma mediterrânico; o abutre-do-Egipto (*Neophron percnopterus*), que inverna nas savanas africanas e regressa ao sul da Europa para nidificar; o grifo (*Gyps fulvus*), um abutre que vive em colónias de dezenas de indivíduos; o grande bufo-real (*Bubo bubo*), a maior espécie de mocho do mundo; o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), o mais veloz entre os animais.

O Tejo Internacional também é visitado pelo enorme abutre-preto (*Aegypius monachus*), a maior ave de rapina europeia (e uma das maiores do mundo), cuja envergadura pode chegar aos três metros. E por último, mas tão ou mais relevante, é o facto de na região ter voltado a nidificar, e após uma série de anos de ausência em Portugal, a águia-imperial-ibérica (*Aquila adalberti*) – uma espécie ameaçada a nível mundial, até há uns anos exclusiva de Espanha como nidificante –, beneficiando da recuperação da sua população no outro lado da fronteira.

Para se ter uma noção real da importância do Tejo Internacional para as aves de

O Tejo Internacional abrange um percurso fluvial com cerca de 40 quilómetros.

rapina, basta referir que para além de todas as espécies referidas, ocorrem ainda outras 17, sem contar com as rapaces nocturnas. Excluindo o tartaranhão-ruivo-dos-pauis (*Circus aeruginosus*), já foram aqui observadas todas as espécies deste grupo existentes em Portugal.

O observatório dos Alares, construído pela Quercus, é o miradouro mais emblemático de todo o Parque Natural e uma referência para a observação de vida selvagem.

Veados e lontras

O Parque Natural é ainda habitado por 13 espécies de anfíbios (das 17 existentes em Portugal), 18 espécies de répteis (das 27 presentes em território nacional) e 39 espécies de mamíferos. Este é um dos locais do país onde é mais provável um encontro com veados (*Cervus elaphus*) e javalis (*Sus scrofa*), e observando atentamente o Tejo, uma ou duas lontras (*Lutra lutra*) poderão surgir no campo de visão dos binóculos.

Em suma, este é um dos melhores espaços naturais de Portugal para a observação de vida selvagem. Existe um guia de percursos do Tejo Internacional elaborado

Salvaterra do Extremo [na foto], Segura, Rosmaninhal, Monforte da Beira e Malpica do Tejo estão entre as poucas aldeias inseridas nesta área protegida.

pela Quercus que oferece um bom conjunto de propostas, aliás, um dos raros suportes de informação sobre esta área.

A marca mediterrânica

A compor esta paisagem de transição entre a Beira Baixa e o Alentejo estão os extensos e bem conservados montados de azinheira (*Quercus rotundifolia*) e em menor expressão, os de sobreiro (*Quercus suber*), principalmente nos planaltos adjacentes dos principais cursos de água. Já em zonas menos intervencionadas pelo homem cresce uma vegetação diversificada composta por exemplo por zambujeiros (*Olea europea* var. *sylvestris*) – os parentes selvagens das oliveiras – ou pelas importantes comunidades reliquiais de zimbro-oxicedro (*Juniperus oxicedrus*), uma espécie de arbusto (que pode atingir um porte arbóreo) de folhas espinhosas, cujas bagas são utilizadas para produzir aguardente.

As esquivas e raras cegonhas-pretas (*Ciconia nigra*) são uma das jóias naturais do Tejo Internacional. Invernam em África e regressam aqui para nidificar.

Idanha-a-Velha (Egitânia).

A exuberância vegetal revela-se nas encostas declivosas dos vales, que por serem mais inacessíveis ainda conservam grandes manchas de matagal mediterrânico, em combinações de medronheiros (*Arbutus unedo*), aroeiras (*Pistacia lentiscus*), cornalheiras (*Pistacia terebinthus*), rosmaninhos (*Lavandula stoechas*), e diversas espécies de estevas (*Cistus* sp.). Para reforçar a personalidade mediterrânica desta área, numa associação milenar com o homem não faltam as velhas oliveiras, por vezes dispostas em socalcos.

Picotas e moinhos de água

Na paisagem da região ainda são visíveis vestígios de antigas práticas rurais que o tempo teima em apagar, como as noras e as picotas – uma herança árabe na região – ou ainda os vários moinhos de água do rio Erges, hoje em ruínas. Nalguns locais são também visíveis as furdas – abrigos de pedra solta, de planta circular, para abrigar animais, sobretudo porcos.

Idanha-a-Nova, Castelo Branco e os primeiros afluentes do Tejo português

As poucas aldeias situadas no interior e arredores do Parque Natural, como Salvaterra do Extremo, Segura, Rosmaninhal (todas do concelho de Idanha-a-Nova), Monforte da Beira e Malpica do Tejo (concelho de Castelo Branco), ainda oferecem perspectivas de elementos genuínos das antigas aldeias tradicionais beirãs e são bons pontos de partida para descobrir as paisagens e a biodiversidade do Tejo Internacional.

O Erges é o afluente do Tejo que divide Portugal e Espanha, mesmo junto de Salvaterra do Extremo e Segura. O rio Ponsul, que termina na Barragem de Cedilho, é o primeiro afluente do lado português e é deslumbrante percebê-lo do alto de Penha Garcia ou em Idanha-a-Nova. É imperdível conhecer estas duas vilas, bem como Monsanto e Idanha-a-Velha, a capital da antiga Egitânia.

Na outra margem, e também a acabar na

Penha Garcia com Monsanto no horizonte.

Penha Garcia, Rio Ponsul (concelho de Idanha-a-Nova).

Barragem de Cedilho, surge o rio Sever, que antes passa por Montalvão, marcando também a fronteira com Espanha. Na margem Norte do Tejo aparece, ainda, o rio Ocreza que vem desaguar perto da albufeira de Fratel. Situada a poucos quilómetros do Ocreza encontra-se Castelo Branco, cidade a visitar pelo seu belo centro histórico, Museu Cargaleiro e Jardim do Paço Episcopal, sem esquecer o Centro de Interpretação do Parque do Tejo Internacional.

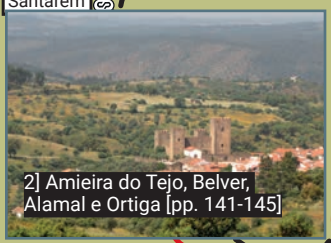
INFORMAÇÕES

ÁREA TOTAL: 26.484 hectares
ANO DE CLASSIFICAÇÃO: 2000
OUTROS ESTATUTOS DE PROTEÇÃO: Zona de Proteção Especial (ZPE) para as aves (Rede Natura 2000/Directiva "Aves")
CONCELHOS ABRANGIDOS: Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão
SÍTIO WEB: http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnti
SEDE E CENTRO DE INTERPRETAÇÃO: Castelo Branco (Rua da Bela Vista)
Tel.: +351 27 234 81 40

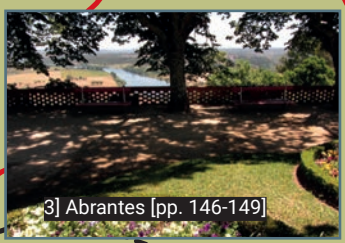
Troço 5

DEMARCANDO TERRAS DE FRONTEIRA, o Tejo margina pela primeira vez o território português. São os domínios do Tejo Internacional, abrangido por dois parques naturais fronteiriços, numa paisagem pouco povoada mas fértil em vida selvagem. É um verdadeiro santuário para aves de rapina, incluindo diversas espécies ameaçadas à escala mundial. Um pouco mais a jusante, e ainda antes de banhar a cidade de Abrantes, o Tejo atravessa uma imponente crista quartzítica – as Portas de Ródão –, fluindo depois sob o olhar altaneiro do castelo de Belver.

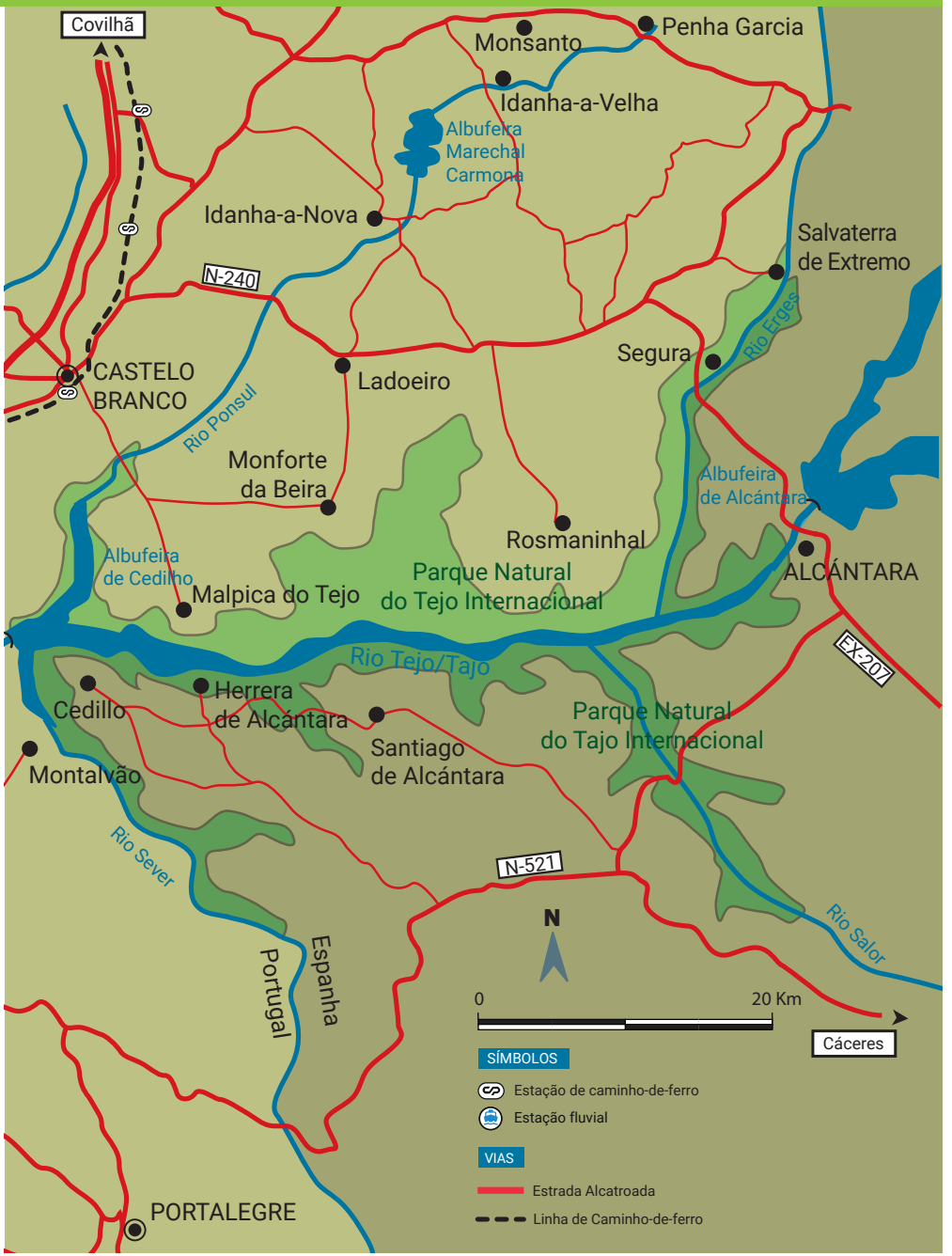
1] Monumento Natural das Portas de Ródão [pp. 138-140]



2] Amieira do Tejo, Belver, Alamal e Ortiga [pp. 141-145]



3] Abrantes [pp. 146-149]


Covilhã
Monsanto
Penha Garcia
Idanha-a-Velha
Albufeira Marechal Carmona
Idanha-a-Nova
Salvaterra de Extremo
N-240
Segura
Rio Erges
CASTELO BRANCO
Ladoeiro
Rio Ponsul
Monforte da Beira
Albufeira de Alcántara
Rosmaninhal
Albufeira de Cedilho
Parque Natural do Tejo Internacional
ALCÁNTARA
Malpica do Tejo
EX-207
Rio Tejo/Tajo
Cedillo
Herrera de Alcántara
Parque Natural do Tajo Internacional
Santiago de Alcántara
Montalvão
Rio Sever
N-521
Rio Salor
N
Portugal
Espanha
0
20 Km
Cáceres
SÍMBOLOS
Estação de caminho-de-ferro
Estação fluvial
VIAS
Estrada Alcatroada
Linha de Caminho-de-ferro
PORTALEGRE

Monumento Natural das Portas de Ródão

Nas Portas de Ródão o rio Tejo estreita-se ao passar numa imponente garganta quartzítica.

A JUSANTE DO TEJO INTERNACIONAL e de Vila Velha de Ródão, a paisagem do grande rio ibérico reconfigura-se num novo cenário que marca a identidade deste troço fluvial: as Portas de Ródão. Trata-se de uma enorme garganta com 260 metros de profundidade escavada em parte pelo Tejo na rocha quartzítica, aproveitando uma passagem proporcionada por uma gigantesca dobra em forma de "U" – o Sinclinal de Ródão – formada há mais de 250 milhões de anos.

A singularidade geomorfológica e paisagística deste local levaram à sua classificação em 2009 como Monumento Natural, compreendendo no entanto uma área mais alargada, com quase mil hectares, onde se incluem não só outros valores geológicos e paisagísticos, como também importantes valores botânicos e faunísticos. As escarpas das Portas de Ródão abrigam, por exemplo, uma das maiores colónias de grifos (*Gyps fulvus*) do país. Estas grandes rapaces necrófagas partilham ainda este imponente cenário com cegonhas-pretas (*Ciconia nigra*), abutres-do-egipto (*Neophron percnopterus*), águias-de-Bonelli (*Aquila fasciatus*) – quer ou não como nidificantes –, entre outras espécies de aves.

O miradouro do Castelo do Rei Wamba

Um dos melhores locais para contemplar um grande panorama deste geomonumento é o miradouro do Castelo do Rei Wamba (nome de um rei visigodo), situado num dos cimos das Portas de Ródão. A construção que aqui se destaca, acompanhada ainda pela rústica Capela da Senhora do Castelo, é na realidade uma antiga torre de vigia, provavelmente erguida no século XIII, com a função de controle

e defesa da fronteira cristã de incursões mouriscas provenientes do sul.

Para além do Sinclinal de Ródão e das grandes aves planadoras, esta nobre varanda debruçada sobre o Tejo permite contemplar outros lugares do Monumento Natural, como a "ilha" da Fonte das Virtudes, que na verdade é uma península formada por uma antiga exploração de inertes usada para a construção da barragem de Cedilho (a montante). No entanto, a natureza tomou conta deste espaço e recriou um belo cenário paisagístico visitado por lontras (*Lutra lutra*), cegonhas-pretas e brancas (*Ciconia nigra* e *C. ciconia*), garças-reais (*Ardea cinerea*), patos-reais (*Anas platyrhynchos*), borrelhos-pequenos-de-coleira (*Charadrius dubius*), entre outras espécies.

A "ilha" da Fonte das Virtudes é outra das singularidades paisagísticas deste troço do Tejo.

Junto à torre medieval sobressai também um dos maiores valores botânicos do Monumento Natural: o zimbro-oxicedro (*Juniperus oxycedrus*), uma espécie de arbusto com porte arbóreo que se dis-

O Geopark Naturtejo

AS PORTAS DE RÓDÃO são um dos 16 geomonumentos abrangidos pelo Geopark Naturterjo da Meseta Meridional, à semelhança de outros sítios como a Garganta do Zêzere ou os Montes-ilha de Monsanto.

Um geoparque é uma área territorial de reconhecido valor geológico que combina a protecção e promoção do património geológico com acções de conservação e educação, para além do fomento do turismo geológico e de natureza. Criado em 2006 como o primeiro geoparque português, abrange um extenso território de 4616 km^2 inserido nos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova, Oleiros, Vila Velha de Ródão e Nisa. Tal como o Geopark Arouca, o segundo geoparque a ser criado em Portugal (2009), integra a Rede Europeia de Geoparques que se

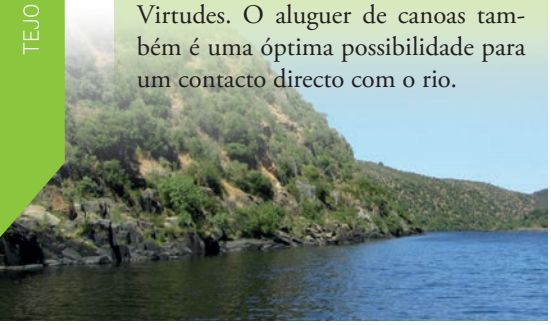
distribui por 17 países englobando um total de 43 áreas.

Para um melhor conhecimento sobre este território recomenda-se a visualização do respectivo sítio web – www.naturtejo.com – que congrega um grande acervo de informação: geomonumentos, áreas protegidas e/ou classificadas, património histórico e cultural, roteiros, percursos pedestres, passeios de barco, mapas, brochuras, alojamento, etc.

Castelo do Rei Wamba, como é conhecida uma antiga torre de vigia com provável origem no século XIII.

Passeios de barco no Tejo

DO CAIS de Vila Velha de Ródão partem passeios de barco no Tejo, quer para montante, ao longo de alguns quilómetros num belo cenário bravio envolvente, e onde é possível visitar um conjunto de pinturas rupestres nas margens do rio, quer para jusante, passando as imponentes Portas de Ródão até à Ilha da Fonte das Virtudes. O aluguer de canoas também é uma óptima possibilidade para um contacto directo com o rio.



O miradouro do Castelo do Rei Wamba proporciona amplos panoramas sobre o Tejo e as Portas de Ródão, onde não falta o voo dos grandes grifos (*Gyps fulvus*).

INFORMAÇÕES

ÁREA TOTAL: 965.34 hectares
ANO DE CLASSIFICAÇÃO: 2000
CONCELHOS ABRANGIDOS: Vila Velha de Ródão e Nisa
MAIS INFORMAÇÕES NA INTERNET:
Folheto interpretativo
www.naturtejo.com/ficheiros/conteudos/files/Folheto%20MNPR.pdf
Informação no portal do Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade
www.icnf.pt/portal/naturaclas/ap/nac/mon-natur-portas-rodao

tribui no país pelas zonas quentes e secas do interior norte e centro, sobretudo nas bacias do Tejo e do Douro. Para além do acesso de automóvel, o miradouro do Castelo do Rei Wamba é servido por uma rota pedestre de cerca de 8 quilómetros de extensão, de trajecto circular, com início e fim em Vila Velha de Ródão – a Rota das Invasões –, que proporciona óptimos panoramas sobre o Tejo e as Portas de Ródão [endereço web para aceder ao folheto deste percurso: www.naturtejo.com/ficheiros/conteudos/pdf/geoturismo/2.33.pdf].

Amieira do Tejo [CONCELHO DE NISA]

A UNS ESCASSOS quilómetros da margem sul do Tejo encontra-se uma pacata povoação alentejana de história ancestral, bem visível na paisagem pelo seu belo castelo que se eleva sobre o casario: Amieira do Tejo. Foi uma das vilas doadas à Ordem dos Hospitalários pelo rei D. Sancho II para solidificar a reconquista cristã sobre territórios mouros, tais como Belver (concelho do Gavião) e Crato.

Lugar da Barca da Amieira. No princípio da década de 2000 ainda havia um barqueiro que estabelecia a ligação entre as duas margens do Tejo.

Mais tarde, no século XIV, pela posição estratégica junto ao rio Tejo e proximidade da fronteira, foi erigido um robusto castelo, de características góticas, bem guarnecido pelas quatro grandes torres nos ângulos da fortaleza, incluindo a torre de menagem, a maior de todas. Fora da muralha principal, mas no interior da barbacã, encontra-se a Capela de São João Baptista, construída em 1566, onde se destaca, no seu interior, um tecto abobadado de caixotões com uma extraordinária composição decorativa.

Seguindo pela pequena estrada que sai da povoação em direcção ao rio, chegamos a um lugar singular à beira do Tejo: a Barca da Amieira. Aqui acaba a estrada, sem continuação para a margem norte por qualquer ponte, embora do outro lado se encontre

O Castelo da Amieira é guarnecido por quatro torres nos ângulos da muralha principal.

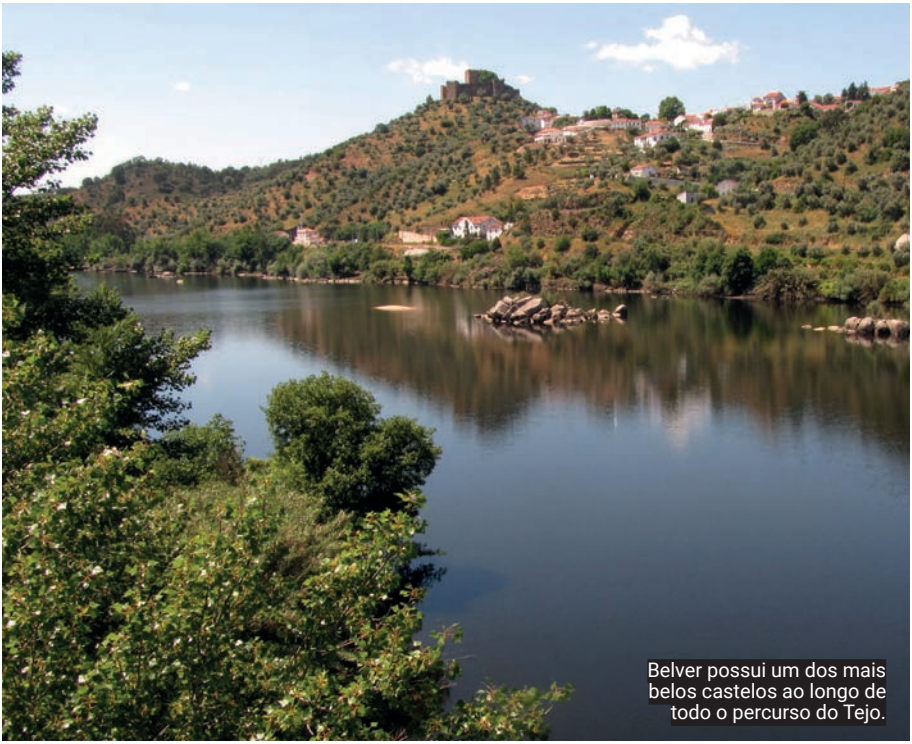
O interior da Capela de São João Baptista (séc. XVI) revela uma abóboda de doze caixotões notavelmente decorados a esgrafito.

uma estação ferroviária da Linha da Beira Baixa. Até meados da década de 2000 ainda era um barqueiro que estabelecia a ligação entre as duas margens, tão bem retratado no documentário "A Casa do Barqueiro" (2007), do realizador Jorge Murteira, premiado no festival internacional de cinema documental (DocLisboa).

É um lugar convidativo a uma boa pausa e a bons passeios à beira do Tejo, onde se pode tomar, por exemplo, o troço ribeirinho da rota pedestre "Trilhos das Jans" [ver caixa] através de um antigo muro de sirga. Este caminho murado permitia o reboque de barcos a partir da margem através de um cabo de sisal – a sirga –, puxado por animais ou pessoas quando a navegação à vela era impossível devido, por exemplo, a fortes correntes. Outrora muito importantes para a navegação fluvial e transporte de mercadorias até Vila Velha de Ródão, os muros de sirga do Tejo entraram em declínio com o surgimento da ferrovia, encontrando-se hoje parcialmente imersos pelas albufeiras de Fratel e de Belver.

Percurso pedestre "Trilhos das Jans"

COM 12,6 quilómetros de extensão, é uma rota de trajecto circular sinalizada no terreno que se inicia e termina na povoação da Amieira do Tejo, cujo grande trunfo é o troço com cerca de três quilómetros ao longo de um antigo muro de sirga que acompanha a margem esquerda do rio. Para quem esteja apenas interessado em fazer este troço, ou parte dele, pode iniciar o passeio junto ao Tejo no aprazível lugar da Barca da Amieira e tomar o percurso para montante ao longo da margem do rio, regressando pelo mesmo caminho quando pretender.
[Endereço web para aceder ao folheto do percurso: www.cm-nisa.pt/desporto/pr1.pdf].

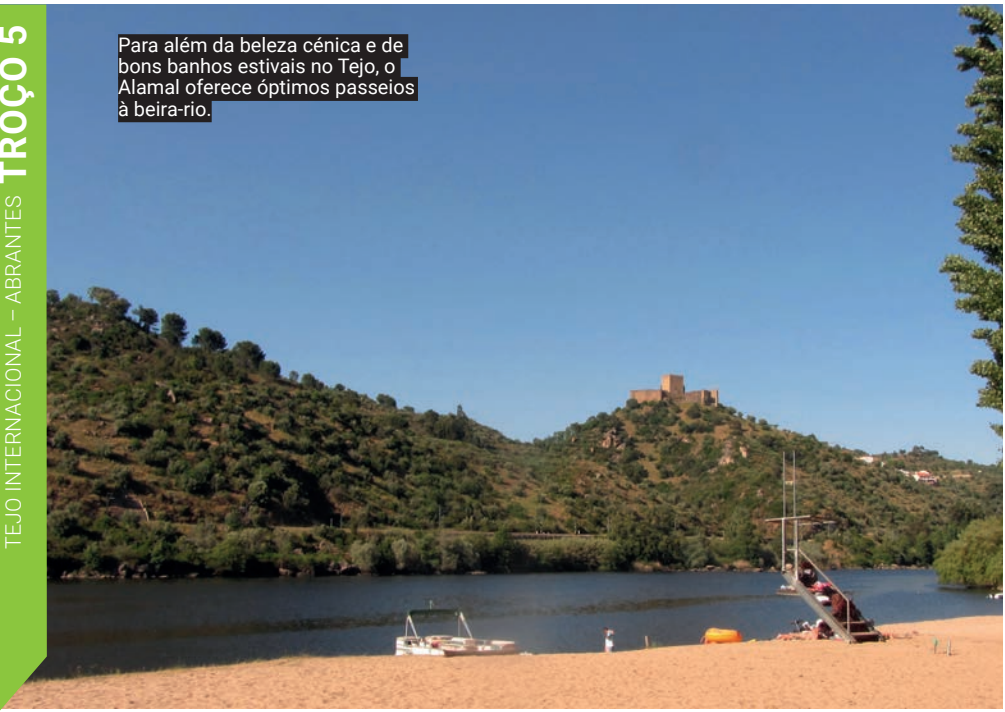


Belver possui um dos mais belos castelos ao longo de todo o percurso do Tejo.

Castelo de Belver [CONCELHO DE GAVIÃO]

QUAL SENTINELA ALTIVA DO TEJO, o Castelo de Belver, concluído em 1212, é um dos mais belos castelos de todo o percurso do grande rio ibérico. Até 1350 foi a casa-mãe da Ordem Militar dos Cavaleiros do Hospital (Ordem dos Hospitalários). Um pouco mais tarde, por volta de 1390, foi alvo de obras de melhoramentos e ampliação, determinando a traça que hoje se mantém. Para além das magníficas vistas que proporciona sobre o Tejo, quer ao longo do caminho pedestre até às suas portas, quer num passeio pelas suas muralhas, o castelo conserva no seu interior uma árvore monumental: um lódão (*Celtis australis*) centenário que resiste, tal como o castelo, ao passar dos tempos.

As muralhas do castelo de Belver garantem belas vistas sobre o Tejo. Na outra margem descortina-se a bonita Praia do Alamal.



Para além da beleza cénica e de bons banhos estivais no Tejo, o Alamal oferece óptimos passeios à beira-rio.

Praia Fluvial do Alamal

[CONCELHO DE GAVIÃO]

SITUADO NA MARGEM ESQUERDA DO TEJO, é um local de grande beleza cénica, perfeito para descansar, contemplar e até nadar, na companhia de freixos, salgueiros e amieiros, com os aromas de arbustos mediterrânicos. Aqui o tempo, tal como as águas do Tejo, corre devagar, num cenário em que o ambiente natural e rural se combina na perfeição. Na outra margem impõem-se a sentinela do Castelo de Belver e as oliveiras a descerem a encosta até ao rio. Recomenda-se um passeio a pé junto ao Tejo, aproveitando parte ou até a totalidade do percurso pedestre assinalado [ver caixa], sobretudo o longo troço que acompanha a borda de água, incluindo, para montante, cerca de dois quilómetros num passadiço de madeira bem integrado no meio envolvente, com um enquadramento cenográfico admirável.

Percurso pedestre "Arribas do Tejo"

É UM PERCURSO PEDESTRE de pequena rota, sinalizado no terreno, de traçado 'circular' com cerca de 15 quilómetros de extensão, e grau de dificuldade médio/baixo. Abrange

Rio Tejo em Ortiga - Mação.

Mação

[FREGUESIA DE ORTIGA]

Ortiga, freguesia de Mação, é uma das resistentes aldeias pesqueiras do rio Tejo. Vale a pena a visita e conhecer a história e as artes de pesca deste sítio encantador que procura recuperar a suas histórias e as suas tradições.

as freguesias de Belver e de Gavião (concelho de Gavião), e percorre locais emblemáticos como o Castelo do Gavião e a Praia Fluvial do Alamal, tendo a paisagem do Tejo como elemento primordial. Apesar de poder ser iniciado em qualquer local do circuito, pois se trata de uma rota 'circular', o ponto de partida estabelecido é o Largo Luís de Camões, em Belver.

[**Endereço web para aceder ao folheto do percurso:** http://www.cm-gaviao.pt/pt/turismo/percursos-pedestres/percurso-pedestre-arribas-do-tejo]

Vista sobre o Tejo a partir do Jardim do Castelo.

Abrantes

ABRANTES é a primeira cidade portuguesa servida pelo Tejo, erguida numa colina a cerca de 180 metros de altitude, a menos de um quilómetro do rio. Possui um centro histórico bem conservado com distintos monumentos, belas casas com varandas de ferro forjado, praças acolhedoras e jardins aprazíveis. Nas duas margens do Tejo foi criada uma nova zona de lazer (o Aquapolis) muito procurada pelos abrantinos que convida a bons momentos de descontracção à beira-rio.

A história de Abrantes quase se perde no tempo. Os romanos atribuíram-lhe o nome de "Aurantes", devido ao ouro outrora encontrado nas areias do Tejo. Foi depois ocupada durante séculos pelos mouros, até serem expulsos em 1148 por D. Afonso Henriques, que em 1179 lhe outorgou o primeiro foral. Um antigo paço real foi local de residência para os reis D. João II e D. Manuel I, tal como berço de diversos infantes. Mais tarde, no início do século XIX, Abrantes foi fustigada pelas Invasões Francesas: em 1807 sofreu a invasão do exército de Junot, incluindo o saque de muitas riquezas artísticas, e entre 9 de Outubro de 1810 e 7 de Março de 1811 resistiu heroicamente a um cerco das tropas de Massena, que acabaram por retirar.

A importância histórica de Abrantes – elevada à condição de cidade em 1916 – foi

Torre de menagem e Igreja de Santa Maria do Castelo.

cimentada pela sua localização estratégica, como ponto de passagem entre o Ribatejo, a Beira Baixa e o Alentejo. Por volta do século XVIII a margem sul viu nascer um novo aglomerado urbano – o Rossio ao Sul do Tejo –, pois nessa curva do rio, em oposição à margem oposta, e embora menos protegida pelas cheias, as águas corriam mais calmas, facilitando em qualquer altura do ano o desembarque de mercadorias. Depois, com a construção da ferrovia em 1863, o comércio grossista voltou a centrar-se na margem norte, o que levou à eclosão de Alferrarede, um aglomerado nascido ao lado da nova estação de caminho-de-ferro.

Centro histórico

Para além dos monumentos descritos nestas páginas, o bem conservado centro histórico de Abrantes convida a um passeio

O Castelo de Abrantes é o maior símbolo da cidade.

a pé pelas suas ruas, praças, largos e jardins. Aliás, pela tradição dos arranjos com plantas e flores nas varandas, pátios e jardins, Abrantes é também conhecida como a "Cidade Florida", tendo sido distinguida em 1996 com o terceiro lugar no Concurso Europeu das Cidades Floridas.

A Praça Raimundo Soares, também conhecida por Praça do Município, é um dos vários locais acolhedores do centro histórico.

Castelo (e jardim)

O castelo e o seu jardim são um verdadeiro emblema de Abrantes. Da velha fortificação restam a torre de menagem – remodelada ao longo do tempo, mantém hoje dois dos três pisos que tinha inicialmente –, a porta de armas e a arcaria de suporte de um trecho da muralha que oferece um excelente panorama sobre o Tejo e a cidade. No recinto do castelo encontra-se a Igreja de Santa Maria do Castelo, com mais de 500 anos de história [ver texto nestas páginas], onde se conserva uma valiosa colecção museológica. Junto às muralhas principais, do lado exterior, o romântico Jardim do Castelo, criado no final do século XIX, proporciona bons momentos de relaxe e contemplação, incluindo também magníficas vistas sobre o Tejo e a paisagem envolvente.

[Monumento Nacional]

Igreja de Santa Maria do Castelo (e Museu D. Lopo de Almeida)

Situada no interior do recinto do castelo, esta igreja é um dos monumentos mais antigos da cidade. De linhas góticas, foi edificada em 1215 e remodelada em 1433. No seu interior foi criado o Museu D. Lopo de Almeida, onde se expõe um importante espólio de arqueologia, pintura, escultura, azulejaria, incluindo um admirável conjunto de túmulos góticos pertencentes à família dos Almeidas.

[Monumento Nacional]

Igreja de São Vicente

É um dos mais belos monumentos de Abrantes. Imponente por fora e de grande riqueza decorativa no interior, desconhece-se a data da sua origem, sabendo-se no entanto que foi reconstruída quase de raiz no século XVI. Um das particularidades do seu aspecto exterior é a torre sineira (construída em 1727) encimada por um alto coruchéu revestido de azulejos.

[Monumento Nacional]

Igreja de São João Baptista

Embora de origem provável no século XIV, a igreja foi alvo de grandes remodelações, sobretudo entre os séculos XVI e XVII, sobressaindo actualmente a sua gran-

A igreja de São Vicente é um dos principais monumentos da cidade.

de volumetria de arquitectura maneirista, bem patente na fachada onde nunca foram concluídas as duas torres projectadas.

Igreja da Misericórdia (séc. XVI) – Sala do Definitório

De valor raro, a merecer visita obrigatória, a Sala do Definitório da Misericórdia de Abrantes, com o seu revestimento azulejar alusivo às obras corporais de misericórdia: 1ª Dar de comer a quem tem fome; 2ª Dar de beber a quem tem sede; 3ª Vestir os nus; 4ª Dar pousada aos peregrinos; 5ª Assistir aos enfermos; 6ª Visitar os presos; 7ª Enterrar os mortos.

Aquapolis – Parque Urbano Ribeirinho de Abrantes

O Aquapolis é um amplo espaço de lazer criado nas duas margens do Tejo composto por espaços verdes, ciclovias, praia fluvial, esplanadas, parque infantil, circuito de

Aquapolis, o novo parque ribeirinho de Abrantes.

manutenção e equipamentos desportivos. Aqui é possível realizar agradáveis passeios à beira-rio e até praticar canoagem ou remo nas águas do Tejo, beneficiando do enorme espelho de água criado por um açude construído a jusante.

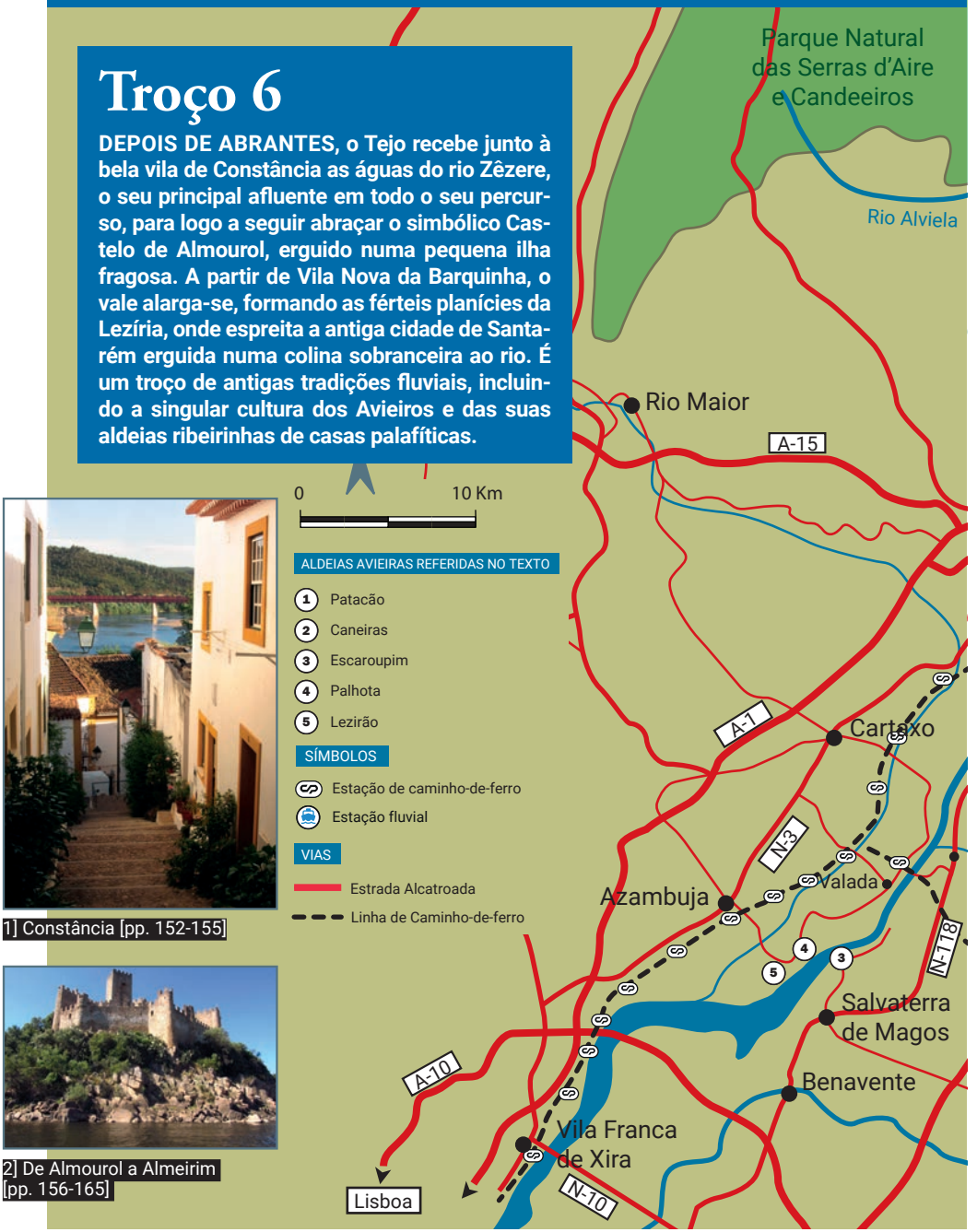
Outros motivos de interesse na cidade de Abrantes: Convento de São Domingos (séc. XVI), Miradouro do Outeiro de São Pedro.

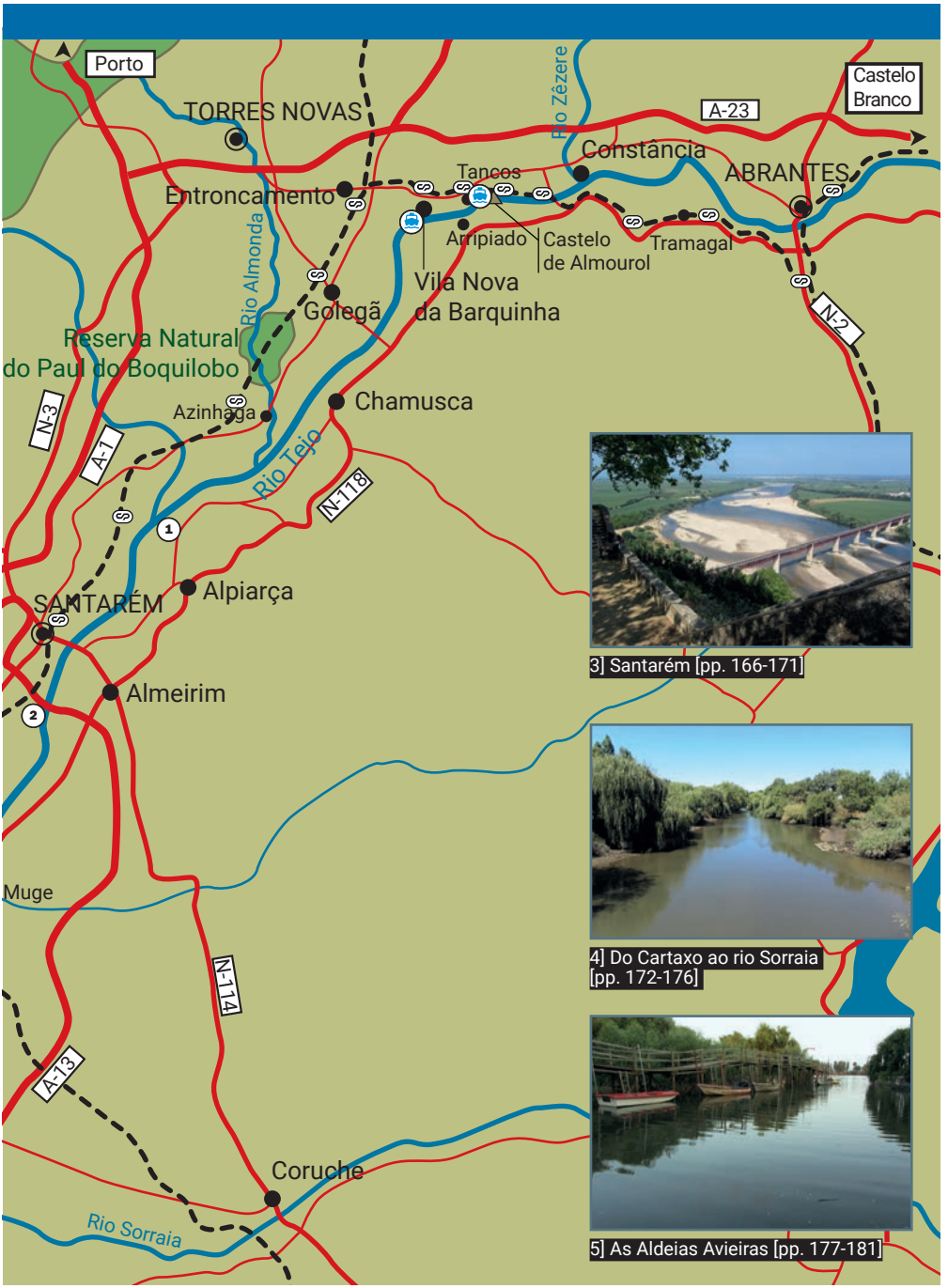
Troço 6

DEPOIS DE ABRANTES, o Tejo recebe junto à bela vila de Constância as águas do rio Zêzere, o seu principal afluente em todo o seu percurso, para logo a seguir abraçar o simbólico Castelo de Almourol, erguido numa pequena ilha fragosa. A partir de Vila Nova da Barquinha, o vale alarga-se, formando as férteis planícies da Lezíria, onde espreita a antiga cidade de Santarém erguida numa colina sobranceira ao rio. É um troço de antigas tradições fluviais, incluindo a singular cultura dos Avieiros e das suas aldeias ribeirinhas de casas palafíticas.

1] Constância [pp. 152-155]

2] De Almourol a Almeirim [pp. 156-165]





3] Santarém [pp. 166-171]

4] Do Cartaxo ao rio Sorraia [pp. 172-176]

5] As Aldeias Avieiras [pp. 177-181]

Constância

SITUADA na confluência do rio Zêzere com o rio Tejo, a vila de Constância é uma das povoações ribeirinhas mais harmoniosas. Ao longo de todo o seu percurso, o Tejo recebe aqui as águas do seu principal afluente – o Zêzere, que nasce a mais de 200 quilómetros na serra da Estrela. No local deste encontro, as margens que ladeiam o centro histórico de Constância estão abrangidas por agradáveis jardins onde se desfrutam bons momentos de lazer.

O dois rios estão de tal forma na génese desta terra que a sua antiga designação – "Punhete" –, nome derivado do romano "Pugna Tagi" (luta do Tejo), refere-se à turbulência das águas na junção dos dois rios. Apenas em 1836 é que esta vila adoptou o actual nome, atribuído pela rainha D. Maria II pela "constância" que o povo aqui revelou no apoio à causa liberal e à sua subida ao trono.

Conquistada aos Mouros em 1150 e proclamada vila e sede de concelho em 1571 pelo rei D. Sebastião, Constância, segundo consta, alojou Luís de Camões por volta de 1546-47, num aparente exílio motivado pelos seus turbulentos amores com D. Catarina de Ataíde, dama de honor da rainha D. Catarina, esposa do rei D. João III. Sobre as ruínas recentemente consolidadas da casa quinhentista onde terá residido o grande poeta da Língua Portuguesa, foi erigida a Casa-Memória de Camões, preservando e divulgando a relação que o poeta estabeleceu com a vila, e que acolherá o futuro Centro Internacional de Estudos Camonianos.

Em Constância o Tejo recebe as águas do Zêzere [à direita, na foto] – o seu maior afluente desde a nascente até à foz.

Praça Alexandre Herculano e o pelourinho da vila de Constância.

Uma rica tradição fluvial

Constância foi durante séculos um porto fluvial importante na ligação de Lisboa com o interior do país. Até à chegada do transporte ferroviário e rodoviário, a construção e reparação navais, a pesca e o transporte fluvial de pessoas e mercadorias marcaram a história desta antiga terra de barqueiros e pescadores. Mesmo até à primeira metade do século XX, cortiça, madeira, cereais, azeite, carvão, lã, entre outras mercadorias provenientes do interior do país, eram transportadas em embarcações rio abaixo até Lisboa. Da capital transportava-se, rio acima, adubos, combustível, produtos alimentares e sobretudo sal. Estas viagens fluviais de ida e volta eram longas, podendo estender-se por quatro dias.

A navegação fluvial no Tejo, incluindo a pesca, incrementou a construção naval, uma actividade que também celebrizou Constância. Nos seus estaleiros montados a céu aberto em praias abrigadas do Tejo e do Zêzere foi construída uma grande diversidade de embarcações – varinos, desalijos, catrafusos, barcas de passagem, bateiras, entre outras – com recurso especialmente a madeira de pinheiro (manso e bravo).

Para além do transporte fluvial e da construção e reparação navais, a vida ribeirinha de Constância era também animada por uma outra actividade: a pesca. A fataça, a enguia, o sável, a lampreia e a saboga eram o ganha-pão de muitos pescadores de Constância e arredores, que recorriam a uma grande variedade de redes como a nassa, a varina, a tarrafa, a savara ou o tresmalho, consoante o tipo de peixe mais abundante na época.

Centro histórico

O bem conservado núcleo histórico de Constância, que se estende às margens do Tejo e do Zêzere, merece uma visita atenta. Na sua planta de ruas, ruelas e escadarias floridas, largos e praças aprazíveis, e distintos edifícios residenciais, destacam-se vários motivos de interesse, começando logo pela

O Jardim-Horto de Camões reúne mais de 50 espécies botânicas referidas pelo poeta na sua obra "Os Lusíadas".

Praça Alexandre Herculano que é o coração da vila, onde se encontra o pelourinho. Nesta praça encontram-se assinalados os níveis das grandes cheias que no passado inundaram grande parte do centro histórico ribeirinho.

No alto da povoação, espreita a Igreja Matriz (Igreja de Nossa Senhora dos Mártires), fundada em 1636, em cujo interior sobressai a notável imagem pintada no tecto por José Malhoa no final do século XIX. Ao largo, um miradouro oferece um amplo panorama sobre o casario de Constância emoldurado pelo Tejo.

Outro templo de realce é a Igreja da Misericórdia (1696) forrada no seu interior por belos azulejos do século XVII. De salientar ainda a Torre do Relógio (o que subsiste de uma antiga capela), também com a função de miradouro – o Miradouro do Tempo –, de onde se contempla uma grande perspectiva sobre a vila. Reparado em 2002, o relógio público foi instalado no final do século XVIII e é um dos poucos deste género a funcionar em Portugal, apresentando apenas o ponteiro das horas.

Museu dos Rios e das Artes Marítimas

Este museu é dedicado ao estudo e divulgação da tradição fluvial que marcou a história de Constância, desde o transporte fluvial de mercadorias e a pesca, à construção e reparação navais, incluindo os modos de vida das suas gentes (como barqueiros e pescadores) e tradições religiosas como a Festa da Nossa Senhora da Boa Viagem – a santa

O Museu dos Rios e das Artes Marítimas é um notável testemunho da rica tradição fluvial de Constância.

protectora dos homens do rio. Inaugurado em 1998, o Museu dos Rios e das Artes Marítimas é a maior referência museológica sobre o património histórico e cultural do Tejo no interior do país.

Jardim-Horto de Camões

Situado próximo das margens do Tejo e do Zêzere, este singular jardim foi concebido em memória de Luís de Camões que terá residido na vila durante um curto período. Com a autoria do arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, aqui encontra-se reunida uma colecção botânica com 52 espécies de plantas referidas pelo poeta na sua obra. Para além da grande esfera armilar que assinala os 500 anos dos Descobrimentos portugueses, imortalizados em "Os Lusíadas", o jardim conta ainda com um painel de azulejos onde se encontram ilustradas as diversas partes do mundo que Camões percorreu, desde África à Índia e Macau.

Ponte sobre o Tejo

Construída entre 1887 e 1890 e com cerca de 500 metros de extensão, esta ponte substituiu uma congénere anterior, ferroviária, erigida em 1861, que foi nesse período a primeira ponte a ser construída sobre o Tejo em território português.

Outros motivos de interesse (na vila): Biblioteca Municipal Alexandre O' Neill, Capela de Santa Ana e Cruzeiro (século XVIII), Casa-Museu Vasco de Lima Couto (edifício do final do século XVIII).

Castelo de Almourol

[CONCELHO DE VILA NOVA DA BARQUINHA]

O Castelo de Almourol é um dos locais mais extraordinários ao longo de todo o percurso do Tejo.

É QUASE UMA FANTASIA tornada realidade. O Castelo de Almourol, erguido numa pequena ilha alcantilada a meio do Tejo, é sem dúvida um dos locais mais excepcionais de todo o percurso do grande rio ibérico, não encontrando rival em qualquer outro lugar de Portugal.

Conquistado aos mouros em 1129 pelos cristãos portugueses, o castelo então existente denominava-se "Almorolan", tendo sido reedificado e ampliado até 1171 (ano da conclusão das obras), a mando de Gualdim Pais, cavaleiro do rei D. Afonso Henriques e famoso grão-mestre dos Templários (Ordem do Templo) em Portugal. Nesse período, para além de procederem ao povoamento do território entre os rios Mondego e Tejo, os Templários eram também os principais responsáveis pela defesa de Coimbra, na altura capital de Portugal.

Este nobre testemunho da história medieval do Tejo conserva os traços da arquitectura militar templária: a disposição quadrangular dos espaços, as altas muralhas protegidas por torres circulares adossadas, e a grande torre de menagem, que é um miradouro sublime sobre este conjunto cenográfico envolvido pelas águas do rio.

Entre as alterações que o castelo recebeu, contam-se as do século XIX, sobretudo decorativas, imbuídas pelo ideal romântico de revalorização dos elementos medievais, que

Isolado numa pequena ilha escarpada do Tejo, o Castelo de Almourol é acessível apenas por barco.

se traduziram, por exemplo, no coroamento uniforme das ameias e merlões. Já no século XX o castelo foi adaptado a Residência Oficial da República, tendo dado lugar a eventos importantes durante o Estado Novo.

As visitas ao Castelo de Almourol são asseguradas por um barco que faz diariamente uma série de ligações a partir de um cais situado na margem direita do Tejo.

Incontornável falar-se aqui do já citado romance de cavalaria, Palmeirim de Inglaterra, do transmontano Francisco de Moraes (1500-1572) e lembrar as lutas de Palmeirim por Miraguarda e Polinarda contra o gigante Almourol e o Cavaleiro Triste.

Entre Almourol, Tancos e Arripiado é possível realizar agradáveis passeios fluviais.

Tancos

[CONCELHO DE VILA NOVA DA BARQUINHA]

O cais fluvial de Tancos, o Tejo e a aldeia do Arripiado, na outra margem.

TANCOS é uma das localidades mais pitorescas situadas à beira do Tejo. O seu epíteto de "Vila Florida" já lhe valeu em 1999 uma medalha de bronze no Concurso Europeu de Vilas Floridas. A sua relação histórica com o Tejo está bem patente na sua frente ribeirinha, de onde partem do cais fluvial alguns barcos para visitar o Castelo de Almourol ou para atravessar o rio até à aldeia do Arripiado, situada mesmo em frente na outra margem.

Tancos foi um importante porto fluvial no século XVI, estabelecendo a ligação entre a capital e o interior do país, o que na altura lhe conferiu prosperidade económica. Desde a Igreja da Misericórdia (remodelada como centro cultural) situada junto ao cais, até à imponente Igreja Matriz que se impõe sobre o casario, a vila convida a um passeio a pé pelas suas ruas e travessas floridas. Lá no alto, no adro da Igreja Matriz, construída no século XVI, a vista espraia-se num amplo panorama, onde se destaca o rio Tejo, o Castelo de Almourol, e na outra margem, a vila do Arripiado.

Em 1999, a povoação de Tancos foi galardoada com uma medalha de bronze no Concurso Europeu de Vilas Floridas.

Em Tancos não faltam lugares para se contemplar o Tejo.

Aldeia do Arripiado vista a partir de um jardim ribeirinho de Tancos.

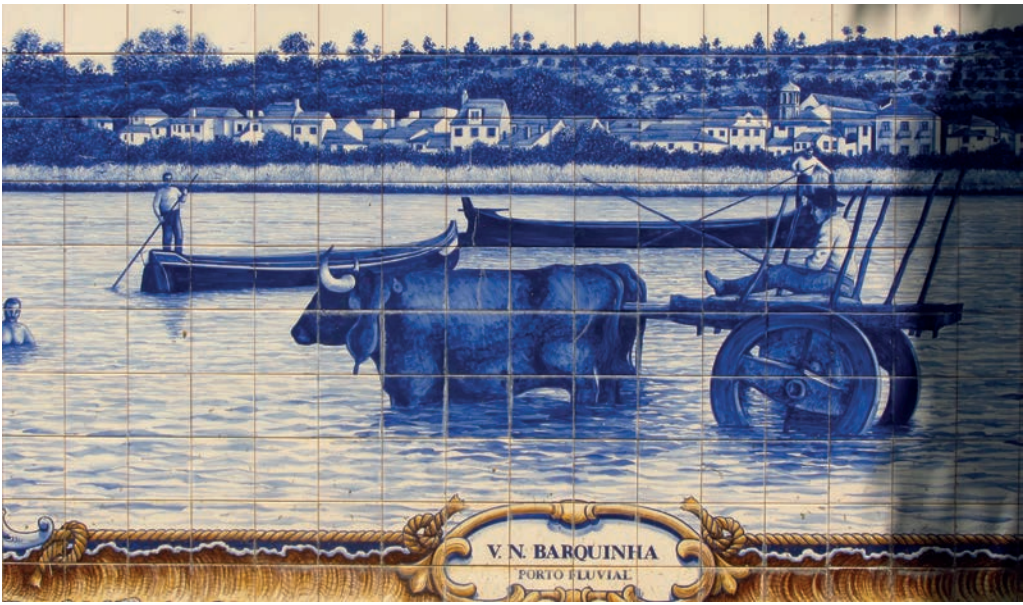
Arripiado [CONCELHO DA CHAMUSCA]

O ARRIPIADO é uma pequena povoação debruçada sobre o rio, de escadarias e ruas inclinadas, que se estende junto à margem do Tejo por um amplo jardim. No cais, uma barca de passagem ainda estabelece a ligação fluvial com a aldeia de Tancos, que espreita à beira de água na outra margem. Daqui também partem barcos para visitar o Castelo de Almourol.

Uma das particularidades do Arripiado é a curiosa história da Igreja de São Marcos, que remonta aos finais da década de 1950. Este novo templo substituiu, noutro local, a antiga capela de São Marcos outrora situada junto ao rio, mas que fora demolida por ser regularmente danificada pelas cheias do Tejo. Ora, a nova igreja incorporou a antiga fachada da Igreja de Santa Apolónia, de Lisboa, cujo edifício foi na altura derrubado por causa das obras de alargamento da estação ferroviária. Sabendo que tal iria acontecer, Ruy Sommer D'Andrade (dono da Quinta do Arripiado), sendo amigo pessoal do Cardeal Patriarca de Lisboa, pediu-lhe que a fachada fosse salvaguardada, para ser reerguida na construção da nova igreja da aldeia. E assim aconteceu no ano de 1958. Depois de desmantelada e catalogada, foi transportada por comboio até Tancos, por barco até ao Cais de São Marcos, e em carros de bois até ao novo local de construção da igreja, concluída em 1960 e inaugurada com festejos solenes.

Em 1950, a construção da Igreja de São Marcos, no Arripiado, incorporou a fachada da antiga Igreja de Santa Apolónia, de Lisboa, que fora demolida por causa das obras de alargamento da conhecida estação ferroviária.

Ainda hoje, no mês de Agosto e comemorando o aniversário da inauguração da nova igreja, continua a ser realizada uma procissão em honra de São Marcos, incluindo uma travessia de barco entre Tancos e Arripiado.



Memórias da tradição fluvial de Vila Nova da Barquinha.

Vila Nova da Barquinha

OUTRORA UM PORTO fluvial importante, Vila Nova da Barquinha é uma simpática povoação com uma história determinada pelo Tejo. Antes da chegada do caminho-de-ferro e mais tarde, das rodovias, os tempos de navegabilidade e de tráfego no rio originaram os portos fluviais de Tancos (século XVI) e de Barquinha (século XVIII), que foram importantes entrepostos comerciais para o transporte de madeiras, cortiça, sal, azeite, cereais, entre muitos outros produtos. Na década de 1830, a correspondente prosperidade económica conduziu à elevação de Barquinha a vila e a sede de concelho. Hoje, a criação de um amplo e aprazível parque ribeirinho reforçou a ligação umbilical desta terra com o Tejo.

Galardoado com o Prémio Nacional de Arquitectura Paisagista 2007, na categoria de "Espaços Exteriores de Uso Público", o Barquinha Parque, com cerca de sete hectares, é actualmente um dos locais de referência no concelho. Neste grande espaço

O Barquinha Parque foi galardoado com o Prémio Nacional de Arquitectura Paisagista 2007, na categoria de "Espaços Exteriores de Uso Público".

Neste troço do Tejo ainda se lançam as redes de pesca ao rio.

Vila Nova da Barquinha é uma simpática povoação com uma história determinada pelo Tejo.

de lazer na companhia do Tejo não faltam equipamentos infantis, esplanadas e um parque de merendas. A somar a estes ingredientes, em 2012 foi aqui implantado o Parque de Escultura Contemporânea Almourol, com obras de 11 reconhecidos escultores contemporâneos portugueses, entre os quais, Joana Vasconcelos.

Golegã

Casa-estúdio Carlos Relvas.

SITUADA EM PLENA LEZÍRIA RIBATEJANA e envolvida por extensos campos agrícolas, a vila da Golegã e sede de concelho encontra-se localizada a cerca de 3 quilómetros da margem direita do rio Tejo. Da sua história antiga preservam-se imóveis notáveis, desde o pelourinho à maior referência monumental da Golegã – a Igreja Matriz (ou Igreja de Nossa Senhora da Conceição), datada do século XVI, classificada como Monumento Nacional, sendo famosa pelo seu magnífico portal manuelino, um dos

Reserva Natural do Paul do Boquilobo

AUTÊNTICO SANTUÁRIO ornitológico de reconhecida importância internacional, abrangendo os concelhos da Golegã e de Torres Novas, o paul do Boquilobo é um lugar natural singular em Portugal, recomendado para a observação de aves, tendo já sido aqui registadas mais de 200 espécies. É uma ampla planície aluvial parcialmente alagada, sob a influência do rio Almonda, incluindo ainda uma extensa rede de valas de drenagem, diques e comportas que desenham também esta paisagem peculiar. Um reino de água e salgueiros habitado por lontras e por milhares de aves aquáticas. Se na primavera o paul se torna um imenso garçal, no inverno quem impera são as espécies de patos, sobretudo os que descem dos locais de nidificação situados no norte da Europa para aqui invernarem.

Classificada como Reserva Natural em 1980, a sua importância natural valeu-lhe a integração na rede internacional de Reservas da Biosfera (UNESCO), a classificação como Zona Húmida de Importância Internacional (a abrigo da Convenção de Ramsar) e no âmbito da União Europeia, a classificação como Zona de Proteção Especial (ZPE) da Rede Natura 2000. O paul não é uma ilha isolada incólume a problemas. A sua integridade está sempre sujeita às mais diversas ameaças, desde a poluição de origem agrícola e industrial do rio Almonda ao impacto de espécies exóticas invasoras como o jacinto-de-água. Despre-

mais belos de Portugal. Outro dos maiores ícones do património cultural da vila é a distinta Casa-Estúdio Carlos Relvas. O edifício de cariz romântico e revivalista, e um exemplo expressivo da arquitetura do ferro e vidro, foi construído entre 1871 e 1875 por iniciativa de Carlos Relvas, com o objetivo de estabelecer, no 2.º piso, e de raiz, um estúdio e laboratório de fotografia, constituindo hoje uma referência única a nível mundial.

A história e tradição cultural da Golegã prolonga-se pelo resto do concelho, onde perduram quintas seculares de grande valor patrimonial, como é o caso da Quinta da Cardiga que pertenceu à Ordem do Templo (doada por D. Afonso Henriques) e depois à Ordem de Cristo, onde subsiste um palácio com origem no século XVI e a torre de menagem de um antigo castelo medieval. A identidade agrícola da Golegã encontra-se bem espelhada na organização da famosa Feira Nacional do Cavalo que decorre anualmente durante o mês de Novembro. Neste âmbito, de destacar ainda o Equuspolis - Museu Municipal Martins Correia, situado na Horta da Baralha, dedicado quer à história do cavalo e sua ligação secular à Golegã, quer ao espólio do Mestre Martins Correia, onde se encontram expostas cerca de 600 peças entre esculturas, pinturas e desenhos. Uma ampla zona verde - o Parque Juventude – define a área envolvente, com diversas zonas de recreio e lazer.

Perto passa o rio Alviela, vindo da sua nascente, sita no Parque Natural da Serra D'Aire e Candeeiros, que desagua no Tejo e cuja água, até recentemente, era a que abastecia a cidade de Lisboa. Deslumbrante é igualmente a nascente do rio Almonda, sita na mesma serra e que atravessa os municípios de Torres Novas e Golegã.

zados durante séculos, os pauis foram sendo drenados para aproveitamento agrícola. Foi o que se passou em Salvaterra de Magos, Muge, Valada, entre muitos outros locais das lezírias do Tejo. Zonas húmidas como estas (e estuários) são dos ecossistemas com maior produtividade biológica do planeta, albergando ricas comunidades de seres vivos. Depois, pela sua concentração de vida selvagem, são excelentes locais para a observação da natureza.

Algumas infraestruturas servem de apoio à visitação da Reserva Natural do Paul do Boquilobo, destacando-se o seu centro de interpretação situado junto à entrada da Reserva, com informação sobre o património natural, e de onde parte um percurso pedestre de trajeto circular que acede a um observatório de aves, proporcionando um contacto com a intimidade da vida selvagem do paul.

A Reserva Natural do Paul do Boquilobo é uma das áreas naturais mais importantes em Portugal albergando um dos poucos pauis que escaparam à drenagem para fins agrícolas no vale do Tejo.

Do miradouro da Ermida de Nossa Senhora do Pranto alcança-se um grande panorama sobre a Chamusca, emoldurada ao fundo pelo Tejo.

Chamusca

ELEVADA a vila em 1561, a Chamusca está localizada em plena lezíria ribatejana, a poucas centenas de metros do Tejo. A sua malha urbana, com lugares muito pitorescos e belos edifícios residenciais, convidam a uma visita. A começar, por exemplo, por subir a escadaria que trepa a encosta da vila até à Ermida de Nossa Senhora do Pranto (séc. XVII), e do seu miradouro contemplar um vasto panorama sobre o casario, com o Tejo em pano de fundo. Embora situado já fora da povoação, outro miradouro a assinalar, de onde se alcança também uma vista alargada, é o da Capela de Jesus do Bonfim (séc. XVIII), envolvida por uma área de lazer com parque de merendas.

Na zona baixa, entre as igrejas da vila destaca-se o corpo da Igreja Matriz de São Brás (séc. XVI-XVII), que exibe um portal manuelino de volta redonda e um peculiar adro murado de original efeito estético. O passeio pelas ruas da Chamusca pode ainda prolongar-se até à margem do Tejo, situado a pouco mais de 500 metros de distância, seguindo na direcção do Porto das Mulheres. É um lugar muito aprazível, onde uma extensa praia fluvial proporciona bons passeios à beira-rio. Outra sugestão neste local é percorrer a pé o Dique de Nossa Senhora das Dores (Tapadão). Construído para proteger a vila e as terras das cheias do Tejo, foi adaptado a via panorâmica, possibilitando apreciar toda a paisagem envolvente.

No lugar do Porto das Mulheres (Chamusca) estende-se uma ampla praia banhada pelo Tejo.

Igreja Matriz de São Brás (séc. XVI-XVII), na vila da Chamusca.

Casa dos Patudos (Alpiarça).

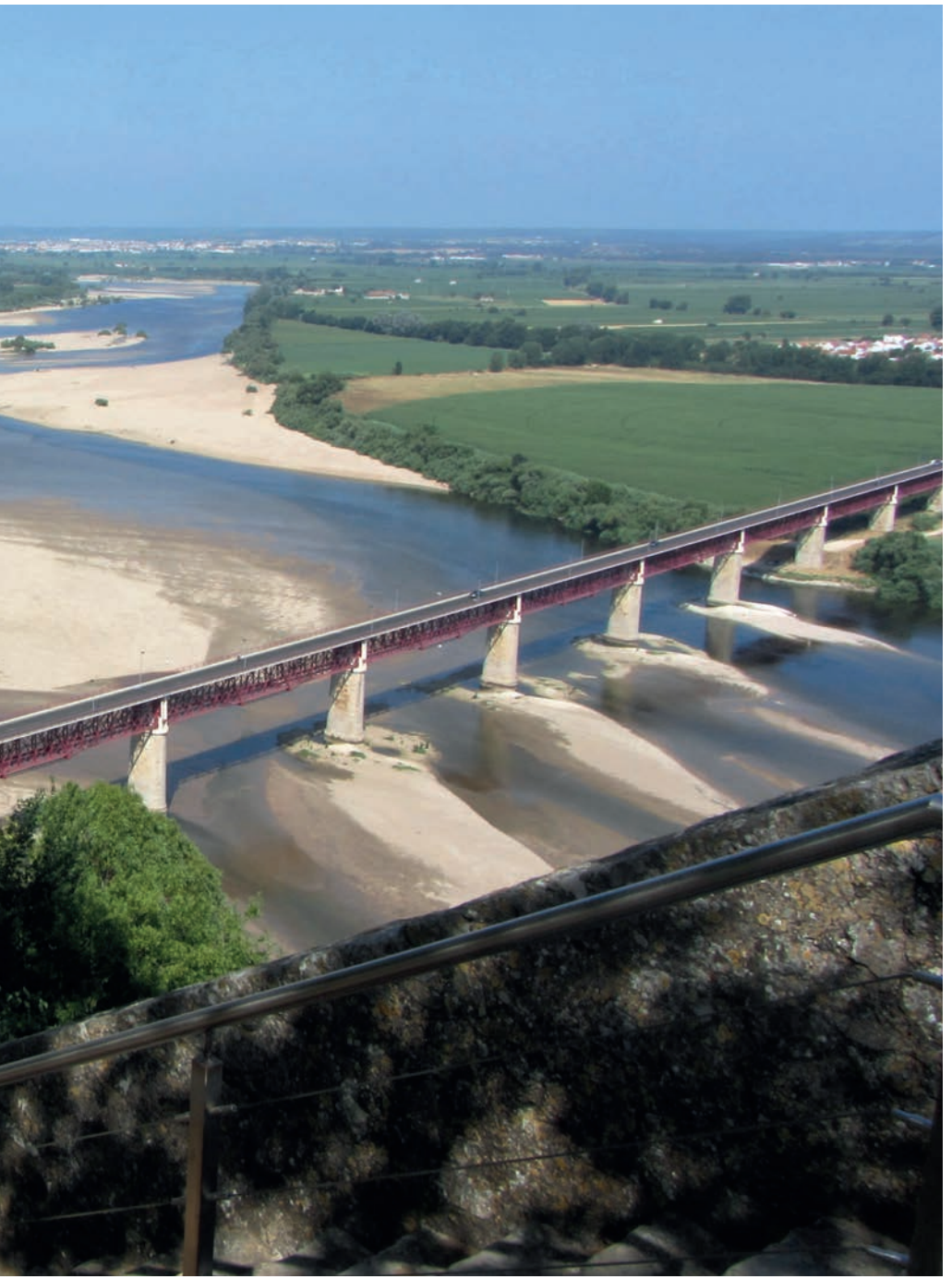
Alpiarça e Almeirim

PELA ESTRADA Nº 118 chegamos a duas conhecidas vilas ribatejanas. Em Alpiarça, a morada de José Relvas, a Casa dos Patudos é uma surpresa pela arquitetura de Raúl Lino, mas principalmente pelo recheio de grande riqueza artística e histórica [ver aldeia avieira de Patacão na página 180].

Em Almeirim, a tradicional Sopa da Pedra é rainha, paragem de milhares de comensais que também procuram, na época certa, o famoso melão da região.

Santarém

Erguida numa colina sobranceira ao rio, Santarém é uma das cidades monumentais do Tejo. Do alto do seu castelo, ou do que dele resta no lugar da Porta do Sol, a vista abarca um amplo cenário onde reina o Tejo percorrendo as vastas planuras da lezíria ribatejana. A "Capital do Gótico" em Portugal, como é designada, alberga um conjunto monumental, reunindo uma vasta colecção de estilos arquitectónicos, desde o românico ao gótico, e da renascença ao barroco, para além de outros edifícios de grande valor patrimonial.



A Praça Sá da Bandeira é o coração do centro histórico de Santarém. Em primeiro plano, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Seminário), e ao lado direito, a Igreja de Nossa Senhora da Piedade.

A localização geo-estratégica de Santarém à beira do Tejo, numa alta colina com vantagens defensivas, rodeada de terrenos férteis, foi determinante no desenvolvimento da sua história. Durante a ocupação romana foi-lhe atribuído o nome de "Scallabis", substituído mais tarde pelo de "Sant' Arein", derivado do culto de Santa Iria que se desenvolveu no bairro ribeirinho hoje conhecido como Ribeira de Santarém.

Santarém foi tomada pelos mouros em 715, onde se estabeleceram até serem expulsos em 1147 por D. Afonso Henriques, que lhe concedeu foral em 1179. Durante os séculos seguintes, o desenvolvimento agrícola e o surto comercial proporcionado pela navegação no Tejo conduziram à expansão e consolidação urbana de Santarém. Aliás, na Ribeira de Santarém, a própria toponímia é uma herança deste importante porto fluvial do Tejo: Ribeira dos Barcos, Rua do Sal, Rua do Mel, Travessa da Saboaria. Mais tarde, a inauguração do caminho-de-ferro em 1861-62 iniciou o declínio das funções comerciais do Tejo.

Santarém desempenhou um papel importante ao longo da história de Portugal, tendo alojado monarcas e reunido as Cortes por 17 vezes. Em 1817 foi elevada à categoria de cidade, sendo reconhecida desde há muito como a "Capital do Ribatejo". Para além do seu vasto património monumental, Santarém é também um dos mais ricos repositórios da arte do azulejo no país, bem patente, por exemplo, e ao longo de várias épocas, no interior da Igreja de Nossa Senhora de Marvila, no Seminário, ou nos mais recentes edifícios do mercado municipal e da estação ferroviária.

Muralhas e Jardim da Porta do Sol

Situado no local da antiga alcáçova do castelo, o Jardim da Porta do Sol é o miradouro mais ilustre da cidade e um dos seus lugares mais emblemáticos. Daqui obtém-se uma excelente vista sobre o Tejo e a vasta planície da Lezíria que o rio atravessa. O nome do jardim refere-se a uma das sete portas que outrora a cerca antiga da cidade albergava. Aqui se encontra instalado o Centro de Interpretação Urbi Scallabis, onde é possível percorrer toda a história de Santarém.

A grande colina sobranceira ao Tejo onde assenta Santarém assumiu ao longo da história um papel defensivo fundamental.

Centro de Interpretação Urbi Scallabis

É um moderno espaço museológico localizado no Jardim da Porta do Sol onde, através de uma sugestiva componente multimédia, podemos conhecer a evolução histórica da cidade. Aqui também se encontra exposta uma colecção de achados arqueológicos da antiga alcáçova e arredores.

O jardim e miradouro da Porta do Sol é um dos locais mais emblemáticos da cidade.

[Monumento Nacional]

Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Seminário)

Emoldurando a bonita Praça Sá da Bandeira – o coração do centro histórico da cidade – é uma igreja de grandes proporções, medindo cerca de 40 metros de comprimento e 16 de largura. Foi construída entre 1672 e 1711 sobre as ruínas do antigo Paço Real, e apresenta uma fachada maneirista, que acompanhada pelos dois edifícios laterais forma um singular conjunto monumental. O interior é de grande riqueza barroca.

[Monumento Nacional]

Igreja de Nossa Senhora da Graça

Erigida entre 1380 e 1420, é o expoente máximo do Gótico em Santarém. Na sua fachada ressaltam à vista o magnífico pórtico e a rosácea flamejante. No interior conserva, em campa rasa, a sepultura de Pedro Álvares Cabral (o navegador que em 1500 descobriu o Brasil), e o túmulo monumental de D. Pedro de Menezes (1º Cônsul Geral de Ceuta) e de Beatriz Coutinho, sua mulher.

[Monumento Nacional]

Torre das Cabaças

Com cerca de 30 metros de altura, é um dos monumentos mais emblemáticos

Após importantes obras de restauro e conservação, o Convento de São Francisco abriu as portas ao público em 2009.

A Igreja de Nossa Senhora da Graça é o expoente máximo da arte gótica em Santarém.

da cidade. Com origem provável numa torre das antigas muralhas, foi depois no século XV adaptada a torre-relógio – uma das primeiras a surgirem em Portugal. A sua designação remonta ao século XVIII, decorrente das cabaças de barro colocadas na estrutura para amplificarem o som do enorme sino datado de 1604.

[Monumento Nacional]
Igreja de São João de Alporão / Núcleo Museológico de Arte e Arqueologia

Com origem no século XII, é a maior referência românica da cidade, embora conjugue também elementos góticos acrescentados posteriormente. Uma das alterações que sofreu ao longo dos tempos foi a demolição da torre da igreja no século XVIII. No seu interior encontra-se exposto um valioso espólio de arte e arqueologia.

[Monumento Nacional]
Igreja de Nossa Senhora de Marvila

Com provável origem nos séculos XII-XIII, e diversas influências que recebeu ao longo dos séculos, é o mais importante vestígio do Manuelino na cidade, bem patente no pórtico da fachada principal. O interior alberga o maior conjunto de azulejos do século XVII do país, o que lhe conferiu o epíteto de "catedral do azulejo seiscentista".

[Monumento Nacional]
Convento de São Francisco

Fundado pelo rei D. Sancho II em 1242, originalmente de cunho gótico (de que é exemplo o seu belo claustro), é um dos maiores monumentos de Santarém. Foi alvo de diversas alterações e acrescentos ao longo dos séculos, conservando elementos manuelinos (incluindo três portais), renascentistas e maneiristas. Após trabalhos de restauro, o convento abriu as portas ao público em 2009.

[Monumento Nacional]
Igreja de Santa Clara

Localizada na periferia do centro histórico, é um dos templos góticos mais ilustres,

O grande Chafariz das Figueiras, de arquitectura gótica, está classificado como Monumento Nacional.

cuja origem remonta a meados do século XIII. Foi sofrendo alterações ao longo do tempo, sobretudo após o sismo de 1531 que lhe causou grandes danos. No interior, onde sobressaem grandes colunas e capitéis lavrados, a iluminação natural é recebida por uma rosácea e por inúmeras frestas e janelas.

[Monumento Nacional]

Chafariz das Figueiras

Situado na encosta que desce para o vale da Atamarma, num local envolto por denso arvoredo, o Chafariz das Figueiras é uma obra monumental de arquitectura gótica, construída nos séculos XIII-XIV. A sua estrutura fortificada é um testemunho da antiga necessidade de proteger a água como recurso vital. Este singular chafariz pode ser acedido, a partir do centro histórico, pela Calçada das Figueiras.

Emoldurada pela paisagem do Tejo e da Lezíria, a Igreja de Santa Cruz destaca-se sobre os telhados da Ribeira de Santarém.

Ribeira de Santarém (e Igreja de Santa Cruz)

No velho burgo ribeirinho de Santarém, com as suas ruas, ruelas e becos característicos, sobressai sobre o velho casario a Igreja de Santa Cruz, com o Tejo em pano de fundo. Classificado como Monumento Nacional, é um templo gótico edificado no século XIII, alojando, no entanto, outras influências posteriores, como o portal lateral e a torre barroca (século XVIII).

Outros motivos de interesse em Santarém: Igreja de Santo Estevão/Santuário do Santíssimo Milagre (séc. XVI-XVIII, classificada como Monumento Nacional), Igreja da Misericórdia (séc. XVI-XVIII, classificada como Monumento Nacional), Igreja do Hospital de Jesus Cristo (séc. XVII-XVIII, classificada como Monumento Nacional), Igreja de Nossa Senhora da Piedade (séc. XVII), Mercado Municipal (com destaque para o notável conjunto de painéis de azulejos), Casa do Brasil (espaço-memória da relação de Santarém com os Descobrimentos, sobretudo com o Brasil), Casa Museu Passos Canavarro, Casa Museu Anselmo Braamcamp Freire [ver aldeia avieira de Caneiras na página 181].

Cartaxo

LOCALIZADA a cerca de 6 quilómetros da margem direita do Tejo, a vila do Cartaxo, sede de concelho, é uma terra associada à cultura da vinha e produção de vinhos, como bem testemunham diversas quintas e o Museu Rural e do Vinho do Concelho do Cartaxo, integrado no Complexo Desportivo e Cultural da Quinta das Pratas. Do património contruído da vila é de salientar um cruzeiro manuelino do início do século XVI, situado junto à Igreja Matriz, no Largo de São João Baptista, e classificado como Monumento Nacional. Já em Porto de Muge (Valada), uma ponte sobre o Tejo chama a atenção – a Ponte Rainha D. Amélia, considerada uma notável obra de engenharia, com projeto do famoso engenheiro francês Gustavo Eifel, com projeto do famoso engenheiro francês Gustavo Eifel, com 840 metros de comprimento, inaugurada a 14 de Janeiro de 1904 pelo Rei D. Carlos, com o propósito de estabelecer uma ligação ferroviária e pedonal entre as duas margens.

A ponte Rainha D. Amélia une o concelho do Cartaxo a Muge.

Cais de recreio da Valada: aqui o Tejo forma um largo espelho de água.

Muge

[CONCELHO DE SALVATERRA DE MAGOS]

A VILA DE MUGE está localizada a menos de um quilómetro da margem esquerda do Tejo. Do seu valioso património arqueológico salientam-se os famosos concheiros de Muge, descobertos em 1863 ao longo das margens da ribeira de Muge, que é um afluente do Tejo. São locais caracterizados por grandes acumulações de conchas (entre restos de outros animais), testemunhando o estabelecimento sazonal de comunidades de caçadores-recolectores que no período Mesolítico faziam da pesca e apanha de moluscos uma das suas principais atividades. Reconhecidos internacionalmente, os concheiros de Muge são uma das mais importantes estações arqueológicas da pré-história em Portugal. Do património histórico e cultural de Muge são ainda de salientar a Ponte Romana sobre a ribeira de Muge e o Palácio da Casa Cadaval, também conhecido como Palácio dos Duques de Cadaval.

Azambuja

ENTRE O CARTAXO e a Azambuja corre o rio Maior, um dos afluentes do Tejo. No seu percurso é de salientar a notável Vala Real da Azambuja, um extenso canal que servia para unir o rio Tejo à vila, palco de idas e vindas reais que levou à construção do denominado Palácio da Rainha, antiga estalagem que dava abrigo aos viajantes. Quem conseguir ir até Manique do Intendente vai ficar surpreendido pelo mini, mas igualmente belo, Terreiro do Paço que ali encontramos [ver aldeia avieira de Lezirão na página 181].

Valada [CONCELHO DO CARTAXO]

VALADA é uma típica povoação ribatejana banhada pelo Tejo, num dos troços mais belos do seu percurso. Aqui o rio segue largo, formando um amplo espelho de água bordejado sobretudo por salgueiros. Para além de um pequeno parque ribeirinho, Valada possui uma praia fluvial e um cais de recreio de onde partem passeios de barco no Tejo, abrangendo nos circuitos não só as aldeias avieiras, como também os diversos mouchões que pontuam o rio nesta região. Entre o casario de Valada e o Tejo prolonga-se o antigo dique de protecção contra as cheias, hoje adaptado para passeios a pé, permitindo contemplar bons panoramas sobre o rio. É à freguesia de Valada que pertence a emblemática aldeia avieira da Palhota, localizada uns escassos quilómetros a jusante [ver página 181].

No Museu do Rio estão preservadas algumas memórias da história e tradições fluviais de Salvaterra.

Salvaterra de Magos

A Capela Real [ao fundo, na foto] sobreviveu ao grande incêndio que arruinou o antigo Paço Real.

DESDE O SÉCULO XVI, Salvaterra de Magos tornou-se um local de eleição da família real que aqui se alojava num palácio, realizava caçadas numa grande coutada e assistia a espectáculos numa Casa de Ópera onde cantaram e representaram os maiores artistas da época. Partindo de Lisboa, a família real navegava rio acima, prosseguindo depois pela Vala Real num pequeno troço com cerca de 1500 metros que ainda hoje estabelece a ligação do Tejo com a vila. O Paço Real, incluindo o teatro, foram arruinados em 1817 por um violento incêndio, restando apenas a Capela Real, e nas imediações, as instalações da Falcoaria Real, de provável fundação no século XVIII – uma estrutura única na Península Ibérica, recuperada em 2009, e actualmente aberta ao público.

A Vala Real, utilizada pela Corte nas suas deslocações fluviais, está intimamente associada à história de Salvaterra de Magos pela célere ligação que estabelecia com o Tejo. Durante séculos, e até à década de 1950, esta vila ribatejana foi um entreposto comercial importante, de onde partiam e chegavam pessoas e mercadorias, em rotas que incluíam não só a capital como também outros cais fluviais situados a montante, no interior do país. Essas memórias estão hoje bem patentes no Museu do Rio, localizado junto ao Cais da Vala, tal como o património cultural das comunidades ribeirinhas do concelho, incluindo os avieiros do Tejo.

A partir do cais desenvolve-se o núcleo histórico de Salvaterra de Magos, de ruas largas e direitas, onde sobressaem distintos edifícios seculares, incluindo as Igrejas de São Paulo (sobretudo séc. XVI-XVIII) e da Misericórdia (séc. XVII-XVIII), de belos interiores, e a notável Capela Real, de matriz renascentista originária do século XVI, que acolheu ainda no século seguinte os frescos do tecto e o altar em talha dourada.

Nos arredores da vila, já na margem do rio Tejo e num belo recorte paisagístico, fica a pitoresca aldeia avieira de Escaroupim [ver página 181].

Benavente

Benavente - pelourinho e edifício dos Paços do Concelho.

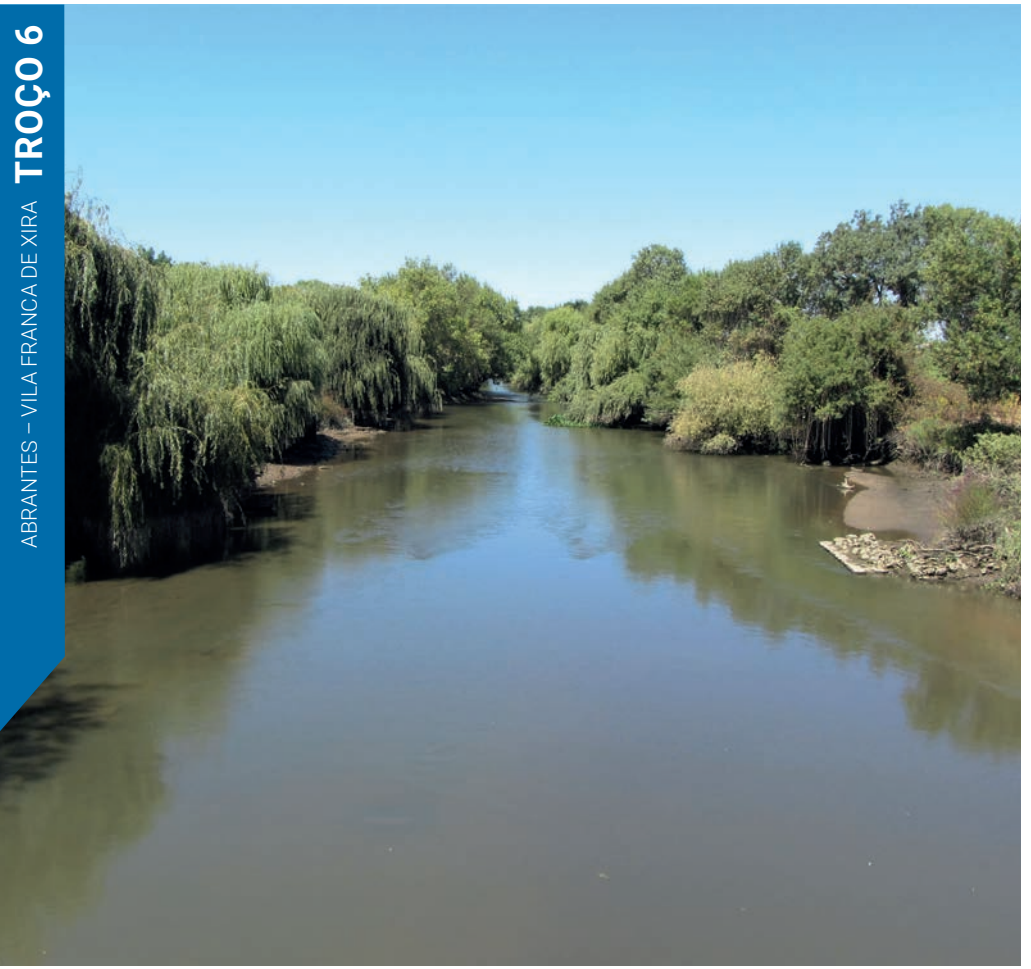
BENAVENTE, sede de concelho, encontra-se a cerca de 5 quilómetros do Tejo, na margem de um dos seus principais afluentes, o rio Sorraia. Em plena lezíria a paisagem é marcada por uma extensa planície com campos agrícolas e pastagens. O ano de 1909 marcou a história recente de Benavente, quando um terramoto ocorrido a 23 de Abril danificou grande parte da urbe. Do património construído são de salientar o pelourinho quinhentista, a Igreja da Misericórdia (séculos XVI-XVIII, restaurada após o terramoto) ou o edifício dos Paços do Concelho (século XIX). Já nas margens do rio Sorraia estende-se o Parque Ribeirinho de Benavente com ligações pedonais ao Cais da Vala Nova e Parque de Merendas, e ao Complexo Desportivo e de Lazer dos Camarinhais. Merece também uma visita o Museu Municipal de Benavente, alojado num palacete do século XVIII, com informação sobre a história e o património cultural do município.

Obrigatória é, também, a visita à Companhia das Lezírias, na freguesia de Samora Correia, pela paisagem, pela coudelaria e o cavalo Lusitano.

Coruche

Coruche implantada à beira do rio Sorraia.

CORUCHE é uma vila implantada à beira do rio Sorraia, envolvida por férteis planícies agrícolas, como se pode bem constatar a partir do outeiro onde se ergue a Ermida de Nossa Senhora do Castelo. No centro histórico recomenda-se uma visita ao pelourinho, à Igreja da Misericórdia (século XVI), ao Museu Municipal de Coruche, e sem esquecer, claro, toda a frente ribeirinha que inclui a Praia Fluvial do Sorraia. Para além do montado de sobro que constitui grande parte do concelho – contribuindo para a denominação de Coruche como Capital Mundial da Cortiça – destacam-se duas áreas naturais: a Paisagem Protegida Local do Açude do Monte da Barca, englobando uma albufeira com cerca de 2,5 quilómetros de comprimento, numa área de 884 hectares, e a Paisagem Protegida Local do Açude da Agolada, com 226 hectares e um açude com um quilómetro de comprimento.



Rio Sorraia

COM 155 quilómetros de extensão, o rio Sorraia é um dos principais afluentes do Tejo em Portugal. Até ao início do século XX era um rio navegável, servindo para transporte de cortiça, madeira e cereais. Na segunda metade do século XX, com a implementação do Plano de Irrigação do Vale do Sorraia (incluindo a construção das barragens de Montargil e Maranhão) o Sorraia passa a estar essencialmente associado à produção agrícola da região. Além disso, hoje é também um dos rios mais populares em Portugal para a pesca desportiva, sofrendo, no entanto, dos impactos ambientais negativos provocados pela invasão do jacinto-de-água, uma espécie exótica proveniente da América do Sul.

O cais palafítico da emblemática aldeia da Palhota, no concelho do Cartaxo.

As aldeias avieiras

À borda de água e na companhia dos grandes salgueiros que adornam as margens alargadas do Tejo, descobrem-se pequenos núcleos de casas de madeira, de cores garridas, assentes em palafitas para se protegerem das cheias do rio. São as antigas aldeias avieiras, que representam uma das expressões culturais mais singulares ao longo de todo o percurso do Tejo.

Estas aldeias, como Palhota, Escaroupim ou Caneiras, erguidas sobretudo entre Alpiarça e Vila Franca de Xira entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, são o corolário de um fenómeno sócio-cultural, também ele de grande singularidade.

Por volta de 1830, pescadores da Praia da Vieira (freguesia de Vieira de Leiria, concelho da Marinha Grande), contrariando as difíceis condições do mar invernoso da costa desabrigada do litoral centro e o pouco proveito que obtinham, iniciaram uma série de migrações sazonais para as margens do Tejo, de águas mais tranquilas e férteis. Durante os meses do Outono e Inverno famílias inteiras aqui procuraram o seu sustento, aproveitando a fartura então oferecida pelo "jardim do peixe": sáveis, lampreias, bogas, enguias, fataças, entre outras espécies, quer sedentárias, quer migradoras. Com o fim das campanhas do sável, lampreia, robalo

As praias do Tejo junto à aldeia de Caneiras, no concelho de Santarém.

ou enguia, estes pescadores regressavam às terras de origem, na Primavera e Verão, até que, mais tarde, jamais regressaram.

No início, os avieiros (ou seja, oriundos da Viera) viviam com as suas famílias nos próprios barcos, que mediam cerca de 6,60 metros, por cerca de 1,60 metros de largura máxima, navegando rio acima, rio abaixo, com o "quarto" à proa, a "cozinha" ao meio e a "oficina de pesca" à ré. Havia ainda o toldo, armado junto à proa, que os abrigava da chuva e do sol. Nos seus barcos pescavam, cozinhavam, comiam e dormiam. Daí terem sido apelidados de "ciganos do rio".

Casa da aldeia da Palhota onde viveu temporariamente Alves Redol, o escritor da obra "Avieiros", publicada em 1949.

Da vida nómada à vida sedentária

Mais tarde, com o consentimento dos proprietários das terras ribeirinhas, os avieiros fixaram arraiais, trocando a vida nómada pela vida sedentária. Construíram as suas pequenas habitações, primeiro de caniço e depois de madeira, assentes em pilares (palafitas) como os palheiros da Praia de Vieira, ideais para a protecção contra as cheias do Tejo. Geralmente eram compostas por pequenas divisões separadas por tabiques: dois quartos, uma sala e uma cozinha, onde podiam também guardar os

O cais recuperado da aldeia avieira de Escaroupim.

utensílios de pesca. Na aldeia de Escaroupim, no concelho de Salvaterra de Magos, uma casa-museu revela o interior de uma típica casa avieira.

Apesar de pouco estudada até um passado recente, a cultura avieira fora já imortalizada na obra literária "Avieiros", de 1942, do escritor António Alves Redol (1911-1969) – um romance mas também um ensaio antropológico já que, em 1941, o autor viveu na aldeia da Palhota durante vários meses na intimidade dos avieiros, retratando os seus costumes e modos de vida: "Incerto o pão na sua praia, só certa a morte no mar que os leva, eles partem. Da Vieira de Leiria vêm ao Ribatejo. Aqui labutam, alguns voltam ainda, ávidos de saudade do seu mar. Muitos ficam."

Hoje são poucos os que vivem apenas do peixe do rio, e as suas aldeias, algumas se mantiveram e ainda hoje são habitadas, outras se despovoaram e encontram-se em ruínas. No passado, as margens do Tejo chegaram a acolher cerca de 80 assentamentos ou aldeias avieiras. Das cinco aldeias referidas neste guia, a do Patacão (Alpiarça) não resistiu ao passar do tempo, embora haja intenções de a recuperar do abandono. As outras, Palhota (Cartaxo), Escaroupim (Salvaterra de Magos), Caneiras (Santarém) e Lezirão, também conhecida como Porto da Palha (Azambuja), ainda são habitadas e, consoante os casos, foram mais ou menos alteradas na sua fisionomia ao longo do tempo. Embora a madeira ainda esteja presente em muitas casas, noutras foi substituída pelo tijolo.

As aldeias avieiras guardam ainda belos segredos deste troço do Tejo, das águas espelhadas do seu leito folgado, das praias e salgueiros frondosos ao longo das suas margens, e das ilhas (mouchões) povoadas por grandes aves aquáticas.

Na aldeia de Caneiras longos areais acompanham o Tejo.

Patacão *(aldeia avieira e praia fluvial)*

[CONCELHO DE ALPIARÇA]

O Patacão é uma pequena e singular aldeia avieira abandonada que aguarda a concretização de um projecto de recuperação. Ao contrário das outras aldeias avieiras referidas neste guia, o Patacão não se encontra na margem do Tejo, embora se situe na sua proximidade. Já à beira-rio revela-se a Praia Fluvial do Patacão, de grande amplitude e com um notável recorte natural, cujo extenso areal proporciona excelentes passeios ao lado do Tejo.

Caneiras *(aldeia avieira)*

[CONCELHO DE SANTARÉM]

A partir de montante, Caneiras é a primeira aldeia avieira habitada do Tejo, situada cerca de quatro quilómetros a jusante de Santarém. Na sua disposição paralela ao rio distribuem-se pequenos cais com as suas bateiras coloridas, emoldurados por uma bela paisagem fluvial onde sobressaem os longos areais à beira de água.

Em Escaroupim o Tejo forma um belo cenário natural.

Palhota *(aldeia avieira)*

[CONCELHO DO CARTAXO]

Localizada na margem direita do Tejo, cerca de dois quilómetros a jusante de Valada, a Palhota é uma das mais emblemáticas aldeias avieiras. Foi aqui que Alves Redol viveu e se inspirou quando escreveu o romance "Avieiros", publicado em 1949, e que constitui hoje uma referência bibliográfica sobre a cultura avieira. A frondosidade dos salgueiros à beira do Tejo e os seus aprazíveis recantos intimistas, configuram uma notável envolvente paisagística, como facilmente pode ser constatado junto ao pequeno cais palafítico, onde também se encontra um parque de merendas.

Escaroupim *(aldeia avieira)*

[CONCELHO DE SALVATERRA DE MAGOS]

Situada a cerca de dois quilómetros de Salvaterra de Magos, é uma das aldeias avieiras de referência do Tejo, envolvida por um belo cenário natural onde sobressaem alguns mouchões do rio, incluindo o Mouchão das Garças onde nidificam garças-brancas (*Egretta garzetta*), garças-boeiras (*Bubulcus ibis*), gorazes (*Nycticorax nycticorax*), colhereiros (*Plateola leucorodia*) e íbis-pretas (*Plagadis falcinellus*). Para além do cais de onde partem passeios fluviais, há uma casa-museu que não só salvaguarda a memória colectiva desta comunidade como também permite conhecer o peculiar interior de uma típica casa avieira.

Lezirão *(aldeia avieira)*

[CONCELHO DA AZAMBUJA]

Situada na margem direita do Tejo, num local também conhecido por Porto da Palha, a pouco mais de três quilómetros a jusante da Palhota, é outra pequena aldeia avieira que ainda resiste ao passar dos tempos.

Na casa-museu de Escaroupim é possível conhecer o interior de uma típica casa avieira.

A peculiar aldeia avieira do Patacão, disposta em linha, encontra-se abandonada, aguardando a sua recuperação.

A extensa Praia Fluvial do Patacão apresenta um notável recorte natural.

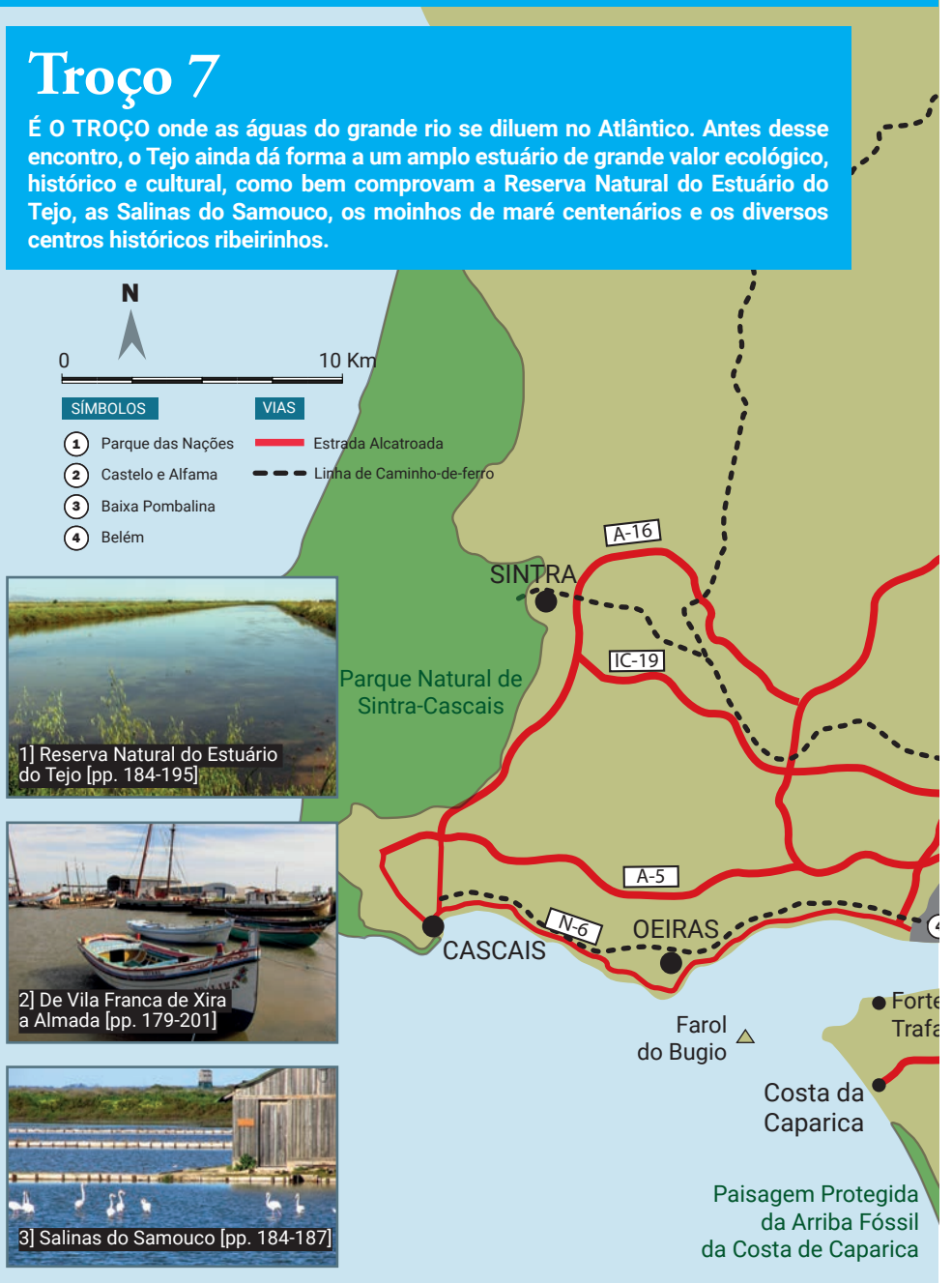
Troço 7

É O TROÇO onde as águas do grande rio se diluem no Atlântico. Antes desse encontro, o Tejo ainda dá forma a um amplo estuário de grande valor ecológico, histórico e cultural, como bem comprovam a Reserva Natural do Estuário do Tejo, as Salinas do Samouco, os moinhos de maré centenários e os diversos centros históricos ribeirinhos.

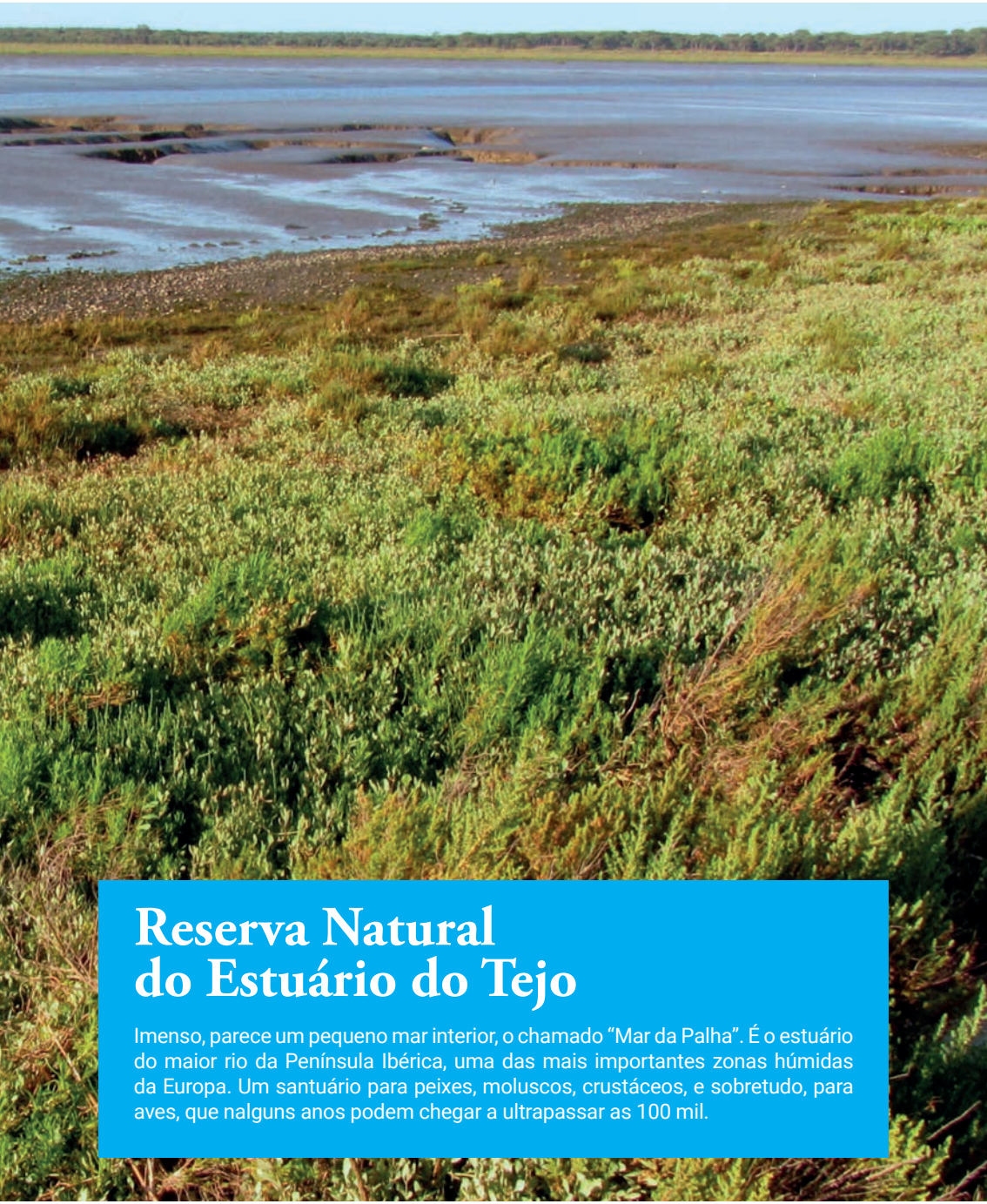
1] Reserva Natural do Estuário do Tejo [pp. 184-195]

2] De Vila Franca de Xira a Almada [pp. 179-201]

3] Salinas do Samouco [pp. 184-187]



Benavente
VILA FRANCA DE XIRA
N-10
Alhandra
Samora Correia
Alverca do Ribatejo
A-1
A-9
Rio Trancão
Rio Sorraia
N-118
Póvoa de Santa Iria
LOURES
Reserva Natural do Estuário do Tejo
Ponte Vasco da Gama
ALCOCHETE
Salinas do Samouco
LISBOA
MONTIJO
Ponte 25 de Abril
ALMADA
Rosário
Alfeite
BARREIRO
IC-32
A-12
Sapal de Corroios
MOITA
SEIXAL
A-2
A-33
Reserva Natural Local do Sapal do Rio Coina e Mata Nacional da Machada
Fonte da Telha
Ribeira de Coina



Reserva Natural do Estuário do Tejo

Imenso, parece um pequeno mar interior, o chamado "Mar da Palha". É o estuário do maior rio da Península Ibérica, uma das mais importantes zonas húmidas da Europa. Um santuário para peixes, moluscos, crustáceos, e sobretudo, para aves, que nalguns anos podem chegar a ultrapassar as 100 mil.

No sítio das Hortas, perto de Alcochete, contemplam-se belos panoramas do estuário do Tejo, que na maré-vazia deixa a descoberto extensos bancos lamacentos onde se alimentam muitas aves aquáticas.

Após um percurso superior a 1000 quilómetros desde a serra de Albarracín, onde nasce, no centro da Península Ibérica, o grande rio Tejo, ainda antes de se diluir no mar, espraia-se por um imenso estuário, o maior da Europa Ocidental. São cerca de 34 mil hectares, onde desaguam ainda rios como o Sorraia ou o Trancão. São vastos horizontes e muita luz.

As suas margens estão hoje rodeadas por uma cintura urbana e industrial quase contínua, com excepção sobretudo da parte integrada na Reserva, desde os mouchões até às imediações de Alcochete. É um mosaico de habitats que se sucedem do centro para a periferia: águas pouco profundas, bancos de vasa, sapais e caniçais, salinas, os campos da lezíria e já na orla da Reserva, os montados de sobro com pinheiro-manso. Para cada um destes biótopos recombinam-se diferentes comunidades de animais e de plantas.

Restam ainda os mouchões do Tejo, ilhas fluviais formadas por materiais de aluvião, hoje convertidas em terrenos agrícolas. O do Lombo do Tejo tem uma lagoa importante para a nidificação de aves, que é uma das duas áreas de Reserva Integral (sob o mote da mínima perturbação humana) desta zona protegida. A outra Reserva Integral, situada entre a foz do rio Sorraia e Alcochete, abrange mais de mil hectares de sapal e de bancos de vasa.

A chave da riqueza

Apesar de ignorados (e destruídos) ao longo da história, os sapais e os extensos bancos de vasa (compostos pela acumulação de lodos, areias e matéria orgânica), emersos e submersos ao longo das marés, são a chave da grande riqueza do estuário. Ambos ocupam uma área superior a 13 mil hectares, bem visíveis sobretudo durante a

maré-vazia. Enquanto os bancos de vasa estão desprovidos de vegetação, os sapais resultam da colonização dessas vasas, já nas margens do estuário, por formações de plantas bem adaptadas à grande salinidade e às amplitudes das marés. Estão entre os ecossistemas do planeta com maior produtividade biológica.

Os nutrientes orgânicos e minerais, continuamente transportados pelos cursos de água que drenam para o estuário e pelas marés, e a decomposição da matéria vegetal pelos sapais, são a base da cadeia alimentar de uma riquíssima comunidade de seres vivos: plâncton, algas, poliquetas, moluscos, crustáceos, peixes, aves.

Os possantes touros-bravos são indissociáveis da paisagem envolvente da Reserva.

Uma imensa maternidade

A grande disponibilidade de alimento e abrigo proporcionado pelo estuário explica o seu importante papel de maternidade ou de viveiro para uma grande diversidade de peixes. Robalos (*Dicentrarchus labrax*), linguados (*Solea* sp.), corvinas (*Argyrosomus regius*), biqueirões (*Engraulis encrasicolus*), são algumas espécies marinhas que utilizam o estuário ou para uma fase do seu crescimento ou para desovar. A lampreia-do-mar (*Petromyzon marinus*), a lampreia-do-rio (*Lampetra fluviatilis*), o sável (*Alosa alosa*), a savelha (*Alosa fallax*) e a enguia (*Anguilla anguilla*), como espécies migradoras que são, atravessam o estuário rio acima. Já o peixe-rei (*Atherina presbiter*), o rodovalho (*Scophthalmus rhombus*) ou as raias (*Raja* sp.) são espécies marinhas costeiras que utilizam o troço terminal do estuário como zona de alimentação. No total, são cerca de 40 espécies de ocorrência regular. Daí também a importância deste ecossistema para o litoral adjacente.

Mas são as aves a face visível deste esplendor de diversidade biológica. Enquanto na maré-cheia pequenos peixes e invertebrados dão alimento a outros animais, durante a maré-vazia grandes concentrações de diferentes espécies de aves procuram esse alimento disponível, proporcionando grandes espectáculos de vida selvagem. Nenhum outro tipo de ecossistema origina tal concentração de diversidade e quantidade.

Uma metrópole de aves

Em certos períodos do ano o estuário pode albergar mais de 100 mil aves aquáticas, sobretudo migradoras. Embora no Inverno possamos assistir a grandes concentrações de espécies oriundas do Norte da Europa, é sobretudo em Setembro e Março, durante as passagens migratórias, que o seu número total é maior. É um período em que se combinam as invernantes que ainda não partiram com as estivais que já chegaram (e vice-versa), as migradoras de passagem (que estão em trânsito entre o Norte da Europa e África, em ambos os sentidos), e claro, as residentes.

Qualquer zona húmida que albergue mais de um por cento da população regional (europeia) de uma espécie passa a ser considerada de importância internacional. O estuário do Tejo reúne essas condições para cerca de 15 espécies, das quais se

As salinas (abandonadas) de Vale Frades cumprem um papel ecológico importante para a vida selvagem.

destaca o alfaiate (*Recurvirostra avosetta*) – símbolo da Reserva, característico pelo seu bico comprido curvado para cima, que aqui chega a agrupar cerca de um quarto da sua população europeia.

O estuário do Tejo é ainda importante como local de invernada para o maçarico-de-bico-direito (*Limosa limosa*), tarambola-cinzenta (*Pluvialis squatarola*), pato-trombeteiro (*Anas clypeata*), perna-vermelha (*Tringa totanus*), garça-branca (*Egretta garzetta*), ganso-comum (*Anser anser*); como local de reprodução para a garça-vermelha (*Ardea purpurea*), perna-longa (*Himantopus himantopus*) e perdiz-do-mar (*Glareola pratincola*); e como local de passagem para o

Sobreiros (*Quercus suber*) e pinheiros-mansos (*Pinus pinea*) formam belos montados que se enfeitam de flores na Primavera.

O local do Monte de Pancas é um dos raros sítios habitados no interior da Reserva Natural.

Antigas salinas marcam a paisagem em diversos locais, constituindo um dos habitats importantes desta área.

flamingo (*Phoenicopterus ruber*) e maçarico-de-bico-direito (*Limosa limosa*).

Dois terços das espécies que ocorrem em Portugal

Entre aves aquáticas e terrestres são cerca de 190 as espécies de ocorrência regular (dois terços do total nacional, incluindo várias com populações significativas). O ganso-comum praticamente só aqui ocorre em Portugal, chegando a ultrapassar as três mil aves. Este é também um local de grande importância para a águia-sapeira ou tartaranhão-ruivo-dos-pauis (*Circus aeroginosus*), uma espécie com estatuto de ameaça em Portugal. Os caniçais e sapais, onde nidifica no solo, são fundamentais para quase metade dos casais existentes em Portugal.

Dos caniçais, por exemplo, que formam algumas áreas importantes na zona do Mouchão das Garças, dependem quase em exclusivo algumas espécies para nidificar ou como escala em voos migratórios. É o caso da garça-vermelha que aqui concentra cerca de um terço dos casais reprodutores nacionais.

Lezíria e salinas

Os extensos campos da lezíria conquistados aos sapais, separados destes por extensos diques que os protegem da invasão da água do estuário, são o habitat para uma importante população invernante de sisões (*Tetrax tetrax*) – semelhantes a pequenas abetardas – e para cerca de um terço nacional dos casais reprodutores de perdizes-do-mar. Esta é outra das marcas paisagísticas do estuário do Tejo: pousios, pastagens, cultivos de sequeiro e arrozais da lezíria, formando uma extensa planície abrangida por um complexo sistema de canais e comportas para escoamento de água.

Também as salinas são importantes para muitas espécies de aves, já que nelas encontram refúgio e alimento suplementar, sobretudo durante a maré-cheia. No entanto, hoje a maior parte das salinas (exceptuando as do

O estuário do Tejo apresenta a maior extensão de sapal contínuo do país, parte do qual, dentro da Reserva Natural, está classificada como "reserva integral".

INFORMAÇÕES
ÁREA TOTAL: 14.192 hectares
ANO DE CLASSIFICAÇÃO: 1976
CONCELHOS ABRANGIDOS: Alcochete, Benavente e Vila Franca de Xira
OUTROS ESTATUTOS DE PROTECÇÃO: Zona de Protecção Especial (ZPE) para as Aves (Rede Natura 2000/ Directiva "Aves"), Sítio de Importância Comunitária (Rede Natura 2000/Directiva "Habitats") e Zona Húmida de Importância Internacional (Convenção de Ramsar)
SÍTIO WEB: http://www2.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnet/class-carac
SEDE: Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 1, Alcochete
Tel.: 21 234 80 21

Samouco, situadas fora da Reserva, embora integradas na Zona de Protecção Especial do Estuário do Tejo) está abandonada ou convertida em tanques de aquacultura.

O precioso papel do estuário para as aves migradoras e para a vida subaquática motivaram a criação da Reserva Natural, estando a poluição e a pesca ilegal entre os seus principais inimigos. A poluição, por exemplo, foi já responsável pelo fim da produção de ostras, outrora uma actividade muito lucrativa. Por outro lado, a pesca ilegal do meixão (nome dado às larvas de enguia) com redes de malha tão fina como mosquiteiras, causa grandes danos à vida estuarina.

Mas também há um grande potencial para aumentar a riqueza natural do estuário, através da devolução de terrenos agrícolas da lezíria e dos mouchões a áreas alagadas, sapais ou caniçais (como sucedeu recentemente com a criação do espaço EVOA), ou da gestão das salinas sob o ponto de vista da conservação da natureza (como acontece nas Salinas do Samouco).

O EVOA
– ESPAÇO DE VISITAÇÃO E OBSERVAÇÃO DE AVES

Inaugurado ao público no primeiro semestre de 2013, o EVOA é um espaço notável à beira do estuário do Tejo, pelo projecto singular de conservação da natureza, pelas infra-estruturas de visitação, pela localização e paisagens. São cerca de 70 hectares de zonas húmidas criadas em anteriores terrenos agrícolas da lezíria, proporcionando habitats a dezenas de espécies de aves aquáticas, quer migradoras, quer residentes.

A MAIOR PECULIARIDADE do EVOA é a recuperação e criação de habitats aquáticos para aves subjacente a este projecto, que contou com a consultoria da WWT (Wildfowl and Wetlands Trust), uma entidade com reconhecida experiência na concepção e gestão de zonas húmidas. Para além disso, a Reserva Natural do Estuário do Tejo passou a contar, 37 anos após ter sido criada, com uma estrutura de visitação e de observação de aves, ou seja, com um sistema de observatórios e de percursos (camuflados), permitindo assim contemplar mais de perto a grande riqueza ornitológica do maior estuário da Europa Ocidental. Destaque também para um centro de interpretação sob uma forma arquitectónica singular, com uma exposição permanente de grande qualidade sobre os valores naturais do estuário do Tejo, e uma cafetaria com uma vista privilegiada sobre a paisagem lacustre.

O EVOA está situado numa extremidade da Lezíria Sul (ou Grande Lezíria), à beira do estuário do Tejo. Portanto, para aqui se chegar é necessário atravessar uma grande planície aluvionar com 6.800 hectares, parte dos quais integrados na Reserva Natural. Toda esta imensa área foi conquistada ao estuário, incluindo os

A Lagoa Principal vista a partir do centro de interpretação. Há muito que a Reserva Natural do Estuário do Tejo merecia um projecto como este.

sapais e mouchões até então existentes, e transformada em terrenos agrícolas (dos mais produtivos do país) tendo como base os aluviões que aqui se foram depositando ao longo de séculos.

Marginados pelos rios Tejo e Sorraia (que desagua no estuário num belo local chamado Ponta da Erva), os terrenos da Grande Lezíria (tanto Norte como Sul) são então o resultado de uma secular intervenção humana baseada na regularização das margens do Tejo e num complexo sistema de diques, canais e comportas. Os diques, numa extensão de 62 quilómetros, isolam os terrenos da lezíria das marés e das cheias, enquanto os canais (as valas), que perfazem uma extensão total de centenas de quilómetros, são utilizados para a recolha de água, rega e drenagem. Uma história onde se destaca a emblemática Companhia das Lezírias, fundada em 1836 e é não só proprietária desta imensa área, como é um dos principais parceiros do EVOA.

Este projecto devolveu às aves aquáticas cerca de 70 hectares de habitats lacustres, para além de proporcionar boas condições para a observação de aves. Foram criadas três lagoas, com diferentes profundidades e configurações. Os ambientes e habitats assim originados permitem oferecer condições de refúgio, alimentação e até nidificação para diversas espécies de aves aquáticas, no conjunto das espécies migradoras (invernantes, estivais e migradoras de passagem) e residentes. Garças, patos, limícolas (onde se incluem pilritos, maçaricos, borrelhos) são os principais grupos de aves beneficiados com os novos lares criados. Para além das lagoas ainda foi recuperada a Salina da Saragoça como habitat para as aves aquáticas.

A Lagoa Grande é a maior das três áreas inundadas, cuja profundidade é gerida consoante as necessidades; a Lagoa Principal, com diversas ilhas no seu interior, tem uma profundidade máxima de 1,5 me-

O centro de interpretação alberga uma exposição permanente sobre a Reserva Natural do Estuário do Tejo.

tros e possibilita a permanência de patos (anatídeos) durante todo o ano; a Lagoa Rasa, com uma lâmina de água de cerca de 10-15 centímetros durante o Inverno, permitindo assim acolher sobretudo aves limícolas (invernantes e migradoras de passagem) durante a preia-mar, pode secar no Verão e oferecer condições para a nidificação de algumas espécies de aves.

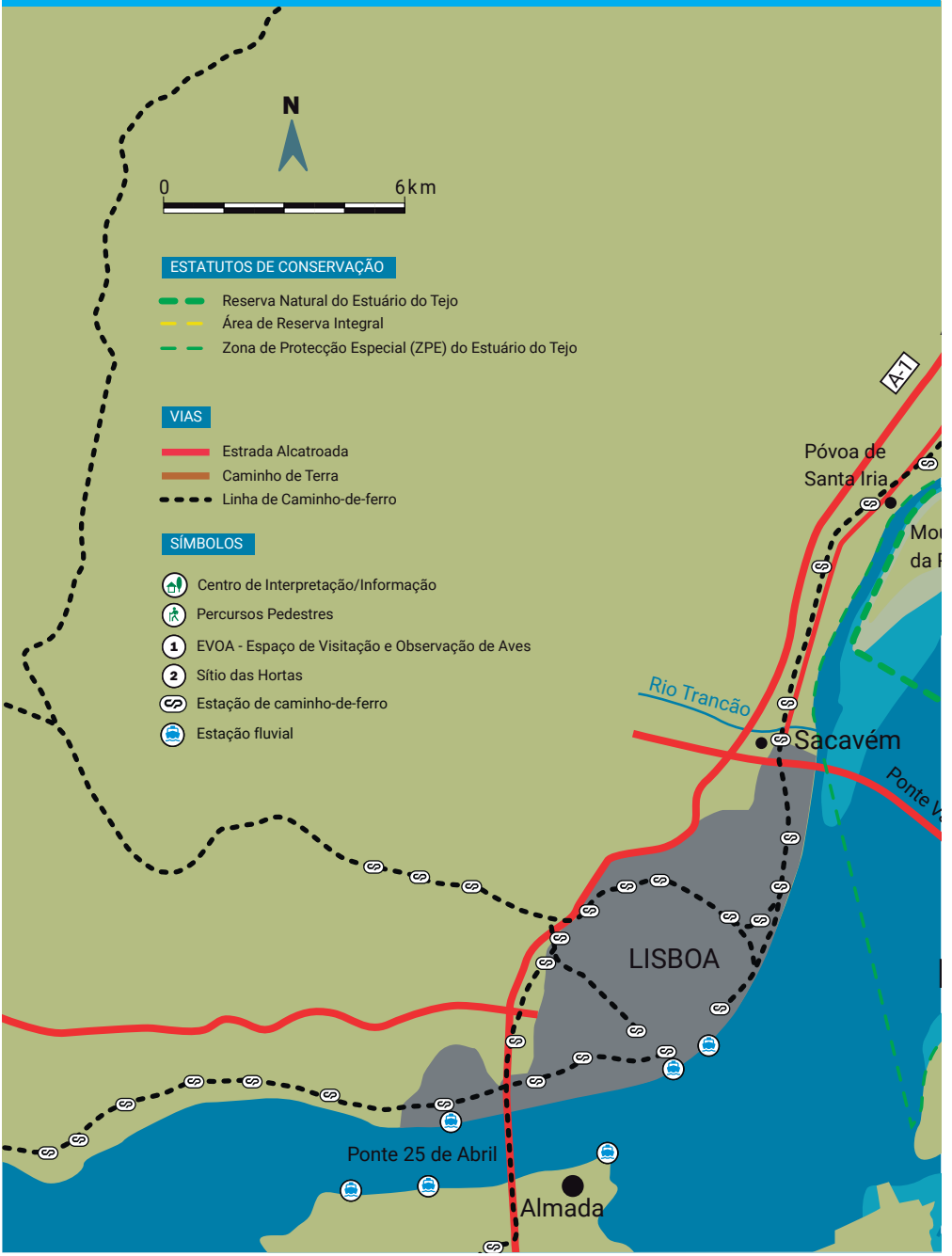
Na envolvência das lagoas foram plantadas espécies autóctones de plantas, como tamargueiras ou tamarizes (*Tamarix* sp.), bunhos (*Shoenoplectus* sp.), caniços (*Phragmites australis*) e junquilhos-dos-salgados (*Bolboschoenus maritimus*). A água é gerida através de um sistema de valas e comportas que interligam as lagoas, e estas com o exterior, num processo controlável à distância. Para benefício do visitante ou observador de aves, as três lagoas são servidas por percursos e pontos de observação, ambos camuflados (com taludes, paliçadas e vegetação), e três observatórios, um por cada lagoa.

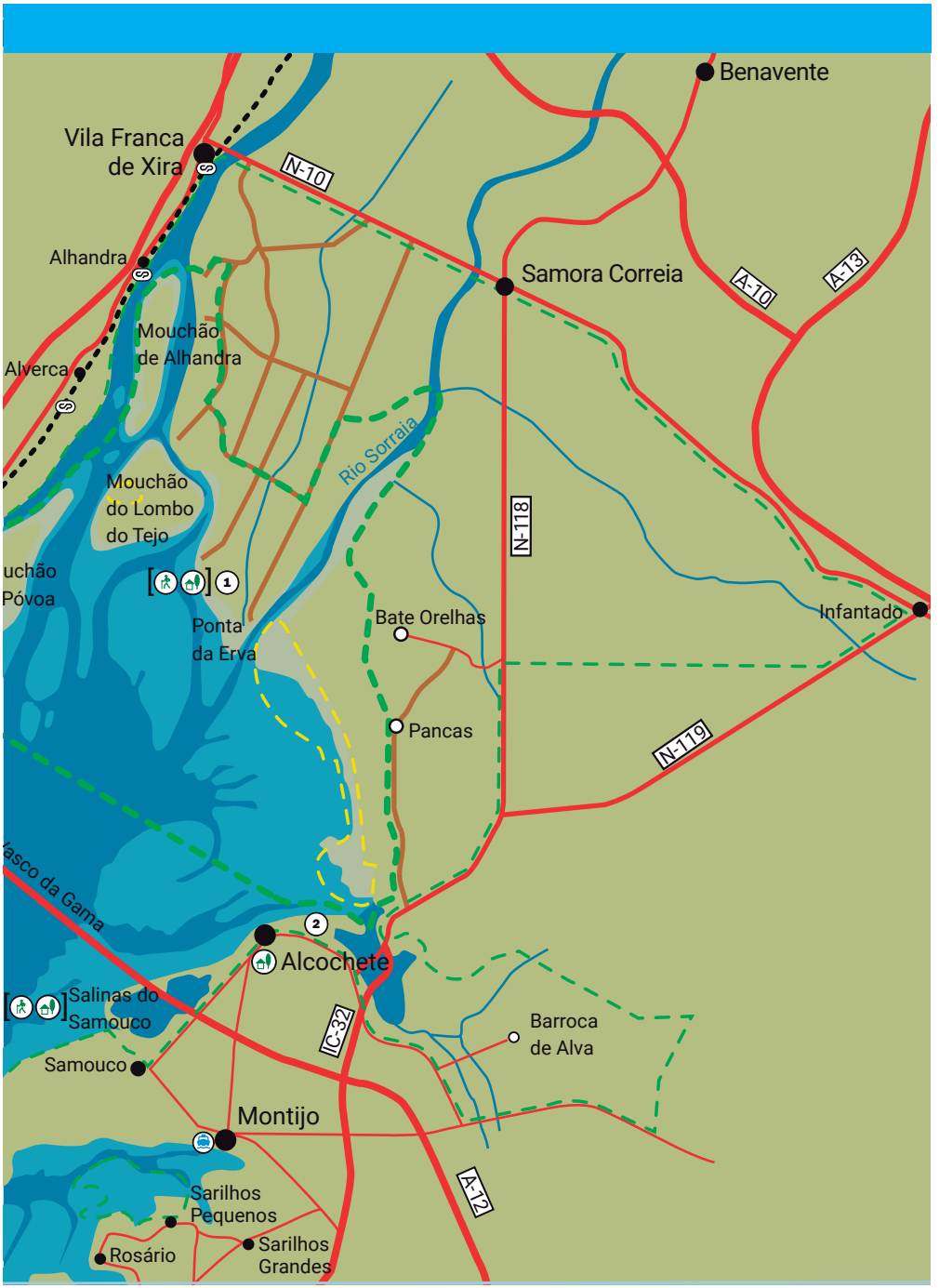
Visitar o EVOA

Para além das três lagoas servidas por trilhos pedestres e observatórios de aves, o EVOA integra um centro de interpretação com uma exposição permanente ("EVOA – Onde o Mundo Encontra o Tejo"), uma cafetaria com vista privilegiada sobre uma das lagoas, um auditório/sala multiusos e uma loja com artigos sobre o estuário do Tejo. Para as escolas existe um programa pedagógico adaptado a diferentes níveis de ensino, do Primeiro Ciclo ao Ensino Secundário, incluindo visitas guiadas e uma série de actividades.

INFORMAÇÕES
SÍTIO WEB: www.evoa.pt
TELEMÓVEL: 92 645 89 63
HORÁRIOS: de terça-feira a domingo, das 10h às 17h (Novembro a Fevereiro) ou das 9h às 19h (Março a Outubro)

Mapa da **RESERVA NATURAL DO ESTUÁRIO DO TEJO**




Benavente
Vila Franca de Xira
N-10
Alhandra
Samora Correia
A-10
A-13
Mouchão de Alhandra
Alverca
Rio Sorraia
Mouchão do Lombo do Tejo
N-118
uchão Póvoa
1
Ponta da Erva
Bate Orelhas
Infantado
Pancas
N-119
asco da Gama
2
Alcochete
Salinas do Samouco
IC-32
Barroca de Alva
Samouco
Montijo
A-12
Sarilhos Pequenos
Rosário
Sarilhos Grandes

Alcochete

Até hoje a salvo da massificação urbanística e industrial, Alcochete conseguiu manter a sua identidade paisagística e cultural.

ALCOCHETE encontra-se localizada entre a Reserva Natural do Estuário do Tejo e as Salinas do Samouco. A harmonia paisagística, um centro histórico vivo e conservado, o imenso espelho de água à sua beira, e o bom peixe à mesa, convidam a uma visita prolongada.

Povoação antiga, Alcochete deve o seu nome à ocupação árabe nos séculos VIII e IX. Foi elevada a vila em 1450 no reinado de D. João II que aqui chegou a estabelecer a sua residência de Verão. Mais tarde, o irmão de D Afonso V, Infante D. Fernando, reedificou a vila, tendo-a escolhido para sua residência. O filho mais ilustre desta terra de salineiros foi o rei D. Manuel I (o palácio onde nasceu foi destruído pelo Terramoto de 1755) que em 1515 atribuiu o foral à vila. Desde esses tempos históricos a vila serviu de morada a famílias fidalgas, sendo ainda hoje bem visíveis diversos solares que pontuam e dignificam o centro histórico.

O Tejo como tradição

A pesca, a construção naval, o transporte fluvial, a salicultura e a agricultura são actividades que desenharam a história de Alcochete. Outrora, enquanto nos estaleiros à beira-rio se construíam e reparavam embarcações, varinos, fragatas e botes atravessavam o Mar da Palha na direcção de Lisboa, carregados sobretudo com carvão, tojo, produtos hortícolas e o sal produzido nas diversas marinhas do concelho, que chegou a ser o maior produtor nacional deste "ouro branco".

Embora os tempos sejam outros, a identidade alcochetana ainda não ficou comprometida com a proliferação urbanística e industrial que grassou em toda a margem esquerda do estuário do Tejo. No entanto, a construção da Ponte Vasco da Gama em

Classificada como Monumento Nacional, a Igreja de São João Baptista é a maior jóia do património histórico e arquitectónico da vila.

A extensa e aprazível área ribeirinha de Alcochete proporciona excelentes momentos à beira do Tejo.

1998 aproximou esta margem à capital, constituindo um estímulo ao crescimento urbano do concelho. De qualquer forma, Alcochete ainda preserva as suas memórias e a harmonia da paisagem, constituindo um dos melhores destinos da região para uma visita prolongada. De referir também os passeios de barco no Tejo promovidos pelo município a bordo da vistosa embarcação "Alcatejo" [contacto telefónico: 212 348 655].

Igreja de São João Baptista – Igreja Matriz

Classificada como Monumento Nacional, é a jóia do património edificado de Alcochete. Foi fundada provavelmente no século XIV sobre os alicerces de uma antiga mesquita, tendo no entanto sido alvo de diversas remodelações ao longo dos séculos. No conjunto destaca-se o belo portal gótico de quatro arquivoltas ogivais, uma imponente rosácea com 12 raios de pedra filigranada (também de cunho gótico), tal como uma torre sineira e um portal lateral manuelinos.

Igreja da Misericórdia (e Núcleo de Arte Sacra)

Situada mesmo à beira do Tejo, é um templo com uma feição singular, onde se

Alcochete alberga o centro histórico mais bem preservado da margem esquerda do estuário.

No Museu Municipal estão guardadas memórias da grande tradição fluvial de Alcochete, desde a exploração do sal ao transporte fluvial.

destaca o alpendre na sua frontaria. Seguindo a tipologia das igrejas das Misericórdias, apresenta uma única nave com cobertura de madeira, separada por alguns degraus que sobem para o altar-mor. Classificada como Imóvel de Interesse Público, a sua origem é do século XVI, embora tenha sofrido alterações posteriores. A igreja foi recuperada e adaptada para albergar o Núcleo de Arte Sacra do Museu Municipal de Alcochete, reunindo uma colecção de pintura, escultura e ourivesaria dos séculos XVI a XIX.

Museu Municipal (Núcleo Sede)

O espólio deste museu municipal abrange áreas temáticas como a história e a etnografia, com particular destaque para as actividades fluviais que marcaram a identidade de Alcochete, desde a construção

Alcochete vive paredes meias com a Reserva Natural do Estuário do Tejo e com as Salinas do Samouco.

naval e o transporte marítimo, à pesca e salicultura.

Museu Municipal (Núcleo do Sal)

Este núcleo museológico pretende preservar as memórias da salicultura, outrora uma actividade muito importante em Alcochete, e que hoje, à excepção das Salinas do Samouco, foi deixada extinguir-se. O núcleo é composto pela Salina do Brito (que foi uma das últimas em actividade) e pela respectiva casa da marinha, onde foi reconstituído o espaço de convívio e repouso dos salineiros, e exposta uma colecção de objectos utilizados no respectivo trabalho.

Poço de São João

É um símbolo do imaginário de Alcochete. Localizado no Largo de São João, foi durante séculos o principal ponto de abastecimento de água para a população, cuja referência mais antiga aponta para o ano de 1498. Após ter sido desactivado e aterrado na década de 1940, a autarquia recuperou-o em 2009, embora já sem a bica que alimentava duas pias em pedra, e as rodas de ferro para a recolha manual da água. Uma estrutura metálica envidraçada permite circular por cima observar o interior do poço.

Outros motivos de interesse: Igreja de Nossa Senhora da Vida (Alcochete); Ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Matos, com origem no século XVI (junto à estrada municipal que liga Alcochete ao Samouco); Igreja de São Brás (praça principal da vila de Samouco).

Como chegar:

Automóvel: Ponte Vasco da Gama » A12 Sul » Saída Alcochete/Porto Alto IC3 » A33 » Saída para a N118 Alcochete/Pegões; **Autocarro:** Carreira Nº 431 dos TST – Lisboa/Montijo; **Barco:** Soflusa – Cais do Sodré » Montijo.

As Salinas do Samouco

São 360 hectares de salinas na margem esquerda do estuário do Tejo, geridas sob o mote da conservação da natureza. Um cenário luminoso povoado ou visitado por muitas espécies de aves aquáticas, sobretudo migradoras. Uma paisagem moldada pela ancestral actividade da salicultura, onde se mantém, após a sua recuperação, a única salina em actividade em todo o estuário do Tejo.

No âmbito dos compromissos assumidos com a construção da Ponte Vasco da Gama, e como medida de compensação e minimização ambientais, o Estado português procedeu à aquisição e gestão das Salinas do Samouco sob a perspectiva da conservação da natureza através de uma fundação criada para o efeito.

Os 360 hectares deste complexo de salinas compreendem um emaranhado sistema de tanques e canais, para além de pequenas parcelas de sapal e de pinhal, e de alguns terrenos agrícolas (incluindo um pomar). Toda a área em contacto com o Tejo está aberta ao público e é um dos melhores locais do estuário para a observação de aves. Para além disso, aqui também reside um pequeno grupo de burros mirandeses, no contexto de um projecto de preservação da única raça autóctone portuguesa desta espécie.

As salinas do estuário do Tejo foram as maiores produtoras de sal do país. Neste complexo do Samouco, apenas a Salina do Canto é a única em actividade na região (2013), e de forma tradicional. Nesta salina é produzido sal grosso, sal traçado e flor de

No âmbito dos compromissos assumidos com a construção da Ponte Vasco da Gama, o Estado português procedeu à aquisição e gestão das Salinas do Samouco sob a perspectiva da conservação da natureza.

sal. As salinas – no caso do Samouco, parte delas ainda abandonadas – são importantes habitats para as aves aquáticas, quer como local de repouso, quer como área de alimentação, sobretudo durante a preia-mar, quando escasseiam as áreas não inundadas. Este é o melhor período para a observação de aves, podendo avistar-se, em determinadas épocas do ano, grandes concentrações de aves limícolas e de gaivotas.

Já foram avistadas nesta área mais de 170 espécies de aves (aproximadamente metade das que ocorrem em Portugal), das quais cerca de 100 são de observação regular. No que diz respeito às aves aquáticas, responsáveis pela riqueza ornitológica do estuário do Tejo, a maior parte das espécies é invernante e/ou migradora de passagem (final do Verão e final do Inverno), podendo no Inverno atingir uma população de 15 mil exemplares.

Como invernantes e/ou migradoras de passagem, destacam-se pela sua abundância o flamingo (*Phoenicopterus ruber*), a garça-branca (*Egretta garzetta*), o alfaiate (*Recurvirostra avosetta*), a tarambola-cinzenta (*Pluvialis squatarola*), o borrelho-grande-de-coleira (*Charadrius hiaticula*), o pilrito-de-peito-preto (*Calidris alpina*), a seixoeira (*Calidris canutus*), o perna-vermelha (*Tringa totanus*), o maçarico-

INFORMAÇÕES

SÍTIO WEB: www.salinasdosamouco.pt
TELEFONE: 21 232 82 00
de segunda-feira a sexta-feira
(excepto feriados) das 8h00 às 17h00
TELEMÓVEL: +351 212 34 80 70
MORADA: Palácio dos Pinheirinhos,
Complexo das Salinas do Samouco,
Alcochete

Visitar as salinas

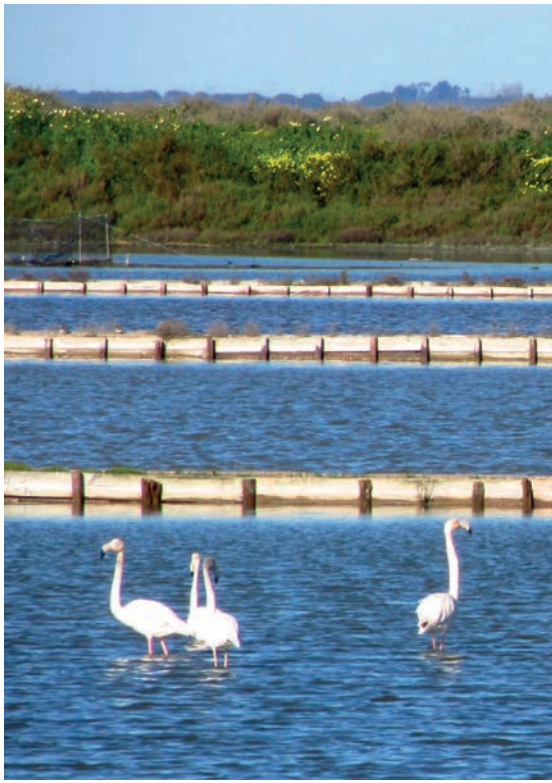
ABERTAS AO PÚBLICO quer a título individual, quer para grupos, sobretudo escolares, com visitas e programas organizados, as Salinas do Samouco oferecem diversos motivos de interesse e opções de visitação.

Os 360 hectares destas marinhas podem ser percorridos em dois trilhos pedestres sinalizados, ambos de traçado circular: o trilho do Flamingo (4,5 km) e o trilho do Pernilongo (7,8 km). Na recepção é possível alugar binóculos e bicicletas.

Neste espaço destaca-se ainda um pólo de educação ambiental, que inclui uma oficina de ambiente e o Palácio dos Pinheirinhos (um centro audiovisual e de exposições), para além de um aprazível parque de merendas.

As visitas em grupo podem ser realizadas com o acompanhamento de um guia que auxiliará os visitantes no conhecimento e interpretação das valências naturais e culturais das Salinas do Samouco: a salicultura e as salinas como património cultural tradicional, e a importância desta área como habitat para a biodiversidade (fauna e flora), etc.

As escolas são um importante grupo-alvo, e como tal as Salinas do Samouco estão organizadas para prestar o apoio e acompanhamento devidos a visitas de estudo, incluindo a oferta de um conjunto de actividades temáticas.



-de-bico-direito (*Limosa limosa*) e o fuselo (*Limosa lapponica*), entre outras espécies. Por outro lado, no período estival há três espécies que se destacam nas Salinas do Samouco pelas suas populações nidificantes: o pernilongo (*Himantopus himantopus*), o borrelho-de-coleira-interrompida (*Charadrius alexandrinus*) e a chilreta ou andorinha-do-mar-anã (*Sterna albifrons*).

No âmbito do estudo e conservação das aves, em 2007 foi criada a Estação de Anilhagem das Salinas do Samouco, de forma a monitorizar as populações de aves que aqui ocorrem, tendo já sido anilhados cerca 7600 espécimes (pertencentes a cerca de 90 espécies) apenas entre 2007 e 2010.

Como chegar:
Em Alcochete apanhar a N119 e seguir a indicação Salinas do Samouco por 2,5km.

No complexo do Samouco, a Salina do Canto (recuperada) é a única em actividade em todo o estuário do Tejo.

Integradas na Zona de Protecção Especial do Estuário do Tejo, embora fora da reserva natural, as Salinas do Samouco são muito importantes para as aves aquáticas.

A Igreja Matriz do Divino Espírito Santo impõe a sua presença na Praça da República, no Montijo.

Montijo

O MONTIJO É UMA POVOAÇÃO ribeirinha cuja história é indissociável do grande estuário. O seu núcleo populacional deverá ter começado a tomar expressão no século XV, habitado principalmente por pescadores, salineiros e agricultores. O sal, vinho, frutas e peixe com destino a Lisboa e a navios ancorados no Tejo marcaram o desenvolvimento do Montijo, cujo foral foi atribuído no início do século XVI. Com o século XX a paisagem transfigurou-se com a industrialização e a expansão urbana, podendo esta ser ainda impulsionada pela Ponte Vasco da Gama inaugurada em 1998 que estabeleceu uma ligação rápida a Lisboa.

Igreja Matriz do Divino Espírito Santo

É um templo cuja volumetria impõe a sua presença na Praça da República, onde sobressaem as duas torres sineiras. Com origem no final do século XV, esta igreja dedicada ao Espírito Santo foi alvo de diversas remodelações desde o início do século XVII. No seu interior conserva um belo conjunto de azulejos do século XVIII e uma capela-mor do tipo manuelino, com abóbadas do século XVI.

Moinho de Maré do Cais

É dos raros moinhos de maré do estuário do Tejo recuperados e musealizados. Apesar das referências documentais conhecidas apontarem o ano de 1646 para a sua construção, há indícios que sugerem uma origem anterior. O moinho foi adquirido pela autarquia em 1995 (em estado de ruína) e reconstruído na década de 2000, incluindo a estrutura arquitectónica e hidráulica e os equipamentos moageiros. Actualmente encontra-se aberto ao público. Os moinhos de maré são autênticos símbolos culturais do estuário do Tejo, havendo estabelecido uma relação secular entre o rio e a actividade agrícola [ver p. 212].

Museu do Pescador

A tradição piscatória do Montijo e uma colecção de miniaturas de barcos tradicionais do estuário do Tejo (faluas, fragatas, canoas, etc.) compõem este simpático museu instala-

Notavelmente recuperado pela autarquia do Montijo, o Moinho de Maré do Cais é um ícone do concelho e uma referência do património cultural do estuário do Tejo.

do no distinto edifício da sede da Sociedade Cooperativa União Piscatória Aldegalense.

Outros motivos de interesse: Casa Mora (Museu Municipal); Moinho de Vento do Esteval; Quinta Nova da Atalaia, que inclui o Museu Agrícola da Atalaia; etc.

Como chegar:
Automóvel: Ponte Vasco da Gama » A12 Sul » Montijo; **Autocarro:** Carreira Nº 431 dos TST – Lisboa/Montijo; **Barco:** Soflusa – Cais do Sodré » Montijo.

A Praça da República da Moita é um excelente ponto de partida para um passeio no núcleo histórico e ribeirinho da vila.

Moita

SITUADA NA MARGEM de um esteiro do estuário do Tejo, a vila da Moita é uma povoação antiga cujo concelho oferece diversos motivos de interesse. Actividades ligadas ao rio como a construção de embarcações, o tráfego fluvial e a salicultura são indissociáveis da história local. Segundo as crónicas foi em Alhos Vedros (outrora sede do concelho) que D. João I se refugiou da epidemia de peste que então assolou Lisboa.

Desde a pacata paisagem ribeirinha de Rosário ao núcleo histórico da Moita uma série de lugares merece uma visita atenta, incluindo um passeio no estuário do Tejo a bordo de um barco varino recuperado pelo município – "O Boa Viagem" – incluindo diversos percursos fluviais organizadas pela câmara municipal de Junho a Outubro [contacto telefónico: 210 852 340].

Núcleo histórico da Moita (e zona ribeirinha)

Estendendo-se até à margem do rio, o

O Rosário, no concelho da Moita, é um dos lugares mais pitorescos do estuário do Tejo.

A extensa Praia do Rosário proporciona bons passeios à beira do estuário, numa paisagem ainda livre da invasão urbanística e industrial.

A Capela do Rosário, um pequeno templo originário do século XVI, é enquadrada por um notável miradouro sobre o Tejo.

Os sapais do Tejo compõem a paisagem do Sítio das Marinhas, onde se encontra um pequeno centro de interpretação ambiental.

núcleo antigo da Moita ainda conserva, no seu ambiente arquitectónico, o carácter das antigas povoações ribeirinhas do estuário do Tejo. No seu coração abre-se uma das praças mais aprazíveis desta margem do estuário – a Praça da República – que é o melhor ponto de partida para um passeio pelas ruas e ruelas da vila. Destaque também para a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Boa Viagem, edificada no século XVII, cujo interior exibe belos painéis de azulejos do início do século XVIII e um altar em talha dourada. É um testemunho das tradições religiosas das gentes ribeirinhas, que para as suas viagens e travessias do Tejo solicitavam a protecção divina da Virgem Maria.

Praia Fluvial e Capela do Rosário

O Rosário é um lugar pitoresco que preserva a tranquilidade rural desta margem do estuário do Tejo. A sua extensa praia fluvial permite bons passeios à beira-rio numa paisagem ainda conservada da invasão urbanística ou industrial, tal como se pode constatar a partir do notável miradouro da Capela do Rosário – um pequeno templo originário do século XVI. Para além de alguns restaurantes, cafés e esplanadas, há um aprazível parque de merendas entre pinheiros-mansos mesmo ao lado do areal. De realçar ainda o largo da povoação com o seu coreto e o singular Pátio do Rosário, onde o tempo parece ter parado.

Sítio das Marinhas – Centro de Interpretação Ambiental

Inaugurado em 2012 e localizado na

Estaleiro naval de Sarilhos Pequenos.

Parque José Afonso, na Baixa da Banheira.

margem do Tejo, junto à estrada que liga Moita a Gaio-Rosário, este espaço inclui uma estrutura com uma exposição sobre as salinas e a exploração de sal, incluindo a importância ecológica das marinhas, sobretudo para as aves aquáticas. No exterior, um circuito ambiental com painéis interpretativos conduz-nos através de uma marinha, sempre com um amplo panorama sobre este braço do estuário envolvido por sapais. O Sítio das Marinhas também é servido por um percurso sinalizado, possibilitando, a pé ou de bicicleta, e acompanhando sempre o Tejo, chegar à praia fluvial do Rosário, passando antes pelo aprazível Parque das Canoas que inclui um parque de merendas, um parque infantil e um relvado com freixos e amieiros à beira de água.

Estaleiro naval e parque de merendas (Sarilhos Pequenos)

É um dos estaleiros navais mais emblemáticos de todo o estuário do Tejo onde ainda hoje se reparam e constroem embarcações tradicionais, como as que têm sido patrocinadas por alguns municípios ribeirinhos. Mesmo ao lado, um parque de merendas propicia um óptimo panorama sobre este braço do estuário, sendo ainda de salientar o curioso assador sob a forma de um barco tradicional do Tejo.

Parque José Afonso (Baixa da Banheira)

Com cerca de 25 hectares, é a maior área verde urbana banhada pelo Tejo em toda a margem esquerda do estuário, enquadrando a vila operária da Baixa da Banheira. Circuitos pedonais e cicláveis, parques de merendas, parques infantis e recintos desportivos, uma torre-miradouro, e muitos locais para momentos de lazer acompanham o recorte natural deste braço estuarino.

Igreja Matriz de S. Lourenço (Alhos Vedros)

O templo destaca-se desde logo pela sua singular cúpula 'mourisca'. O interior, com características sobretudo dos séculos XVII e XVIII, merece uma visita atenta, onde se evidenciam as belas pinturas no tecto de madeira, as cinco capelas, os retábulos de talha dourada, os painéis de azulejos e até um túmulo nobre do século XV.

Como chegar:

Automóvel: Ponte 25 de Abril – A2 Sul – Saída Barreiro/Moita; Ponte Vasco da Gama – 1ª Saída para o A33 (Montijo/Barreiro) – Palmela/Moita; **Comboio:** Lisboa (Roma/Arieiro) – Pinhal Novo – Moita; **Autocarro:** Lisboa (Oriente) Moita, Carreira 333 da TST; **Barco + Autocarro:** Lisboa (Terreiro do Paço) – Barreiro. Barreiro – Moita, carreiras 318, 410 e 326 dos TST.

Barreiro

O Passeio Ribeirinho Augusto Cabrita, no Barreiro, proporciona belas vistas sobre o Tejo e Lisboa.

LOCALIZADA na margem oposta de Lisboa, a cidade do Barreiro encontra-se muito associada ao cariz industrial que lhe marcou a identidade durante o século XX. De facto, a instalação de numerosas fábricas transformou esta antiga vila num dos maiores centros industriais do país, parte das quais hoje desactivada. Até então, o Barreiro, que recebeu a carta de foral em 1521, teve um papel importante na logística dos Descobrimentos e no abastecimento de produtos a Lisboa, à semelhança de outros lugares da margem esquerda do estuário. A madeira, a lenha e carvão, o vinho, o sal, a pesca, a moagem – através de moinhos de marés e dos singulares moinhos de vento que aqui foram erigidos, de forma cónica, na Praia Fluvial da Alburrica – foram bens ou actividades que marcaram a vida do Barreiro ao longo da história.

No entanto, uma parte do concelho conserva ainda hoje uma significativa área de ambiente natural cujo valor levou à criação pelo município da Reserva Natural Local do Sapal do Rio Coina e Mata Nacional da Machada, e que merece uma visita atenta. Já no centro da cidade e representando as memórias do Barreiro, o núcleo antigo estende-se até à beira do Tejo onde, ao longo do Passeio Ribeirinho Augusto Cabrita, e acompanhando o jardim que ladeia a Avenida Bento Gonçalves, se pode contemplar o rio e Lisboa na outra margem. É um agradável espaço de lazer onde, para além das esplanadas e dos pescadores a tentarem a sua sorte nas águas do Tejo, se encontra o curioso Moinho do Jim, de forma cónica, edificado em 1827.

Fica também a sugestão para um passeio a bordo de um dos barcos tradicionais do estuário do Tejo – o barco varino "Pestarola" – adquirido pelo município do Barreiro [marcações através do contacto telefónico 21 099 08 37].

Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Este templo confunde-se com a história da antiga romaria a Nossa Senhora do

Reserva Natural Local do Sapal do Rio Coina e Mata Nacional da Machada

CLASSIFICADA em 2012 por iniciativa do município do Barreiro, esta é a única área protegida a jusante da Zona de Protecção Especial do Estuário do Tejo (que inclui a correspondente Reserva Natural). Os cerca de 800 hectares da reserva abrangem dois espaços naturais de singular valor ecológico: o sapal do Rio Coina e a Mata da Machada.

As águas pouco profundas e ricas em nutrientes do sapal desempenham uma importante função ecológica como habitat para uma série de invertebrados, como berçário de peixes e como local de alimentação para inúmeras aves aquáticas, quer migradoras, quer sedentárias, como é o caso do flamingo (*Phoenicopterus ruber*), do maçarico-de-bico-direito (*Limosa limosa*) ou do borrelho-grande-de-coleira (*Charadrius hiaticula*). Para além disso, alberga uma comunidade específica de plantas que importa conservar.

Por outro lado, os 386 hectares da Mata Nacional da Machada, que representam cerca de 10% do território do concelho, reúnem um mosaico de habitats florestais, sobretudo pinhais de pinheiro-manso (*Pinus pinea*) e de pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), mas também sobreirais (*Quercus suber*), áreas de matos, para além de algumas manchas de espécies exóticas como acácias (*Acacia* sp.) – estas de carácter infestante – e de eucaliptos (*Eucalyptus* sp.). Entre os seus valores botânicos destaca-se a *Euphorbia uliginosa*, uma espécie em risco de extinção em Portugal. Ainda de implementação recente, a reserva possui, no entanto, um centro de educação ambiental que organiza uma série de actividades, incluindo percursos de interpretação da natureza.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Barreiro, está associada a uma das mais antigas procissões da margem sul.

Rosário, um dos mais famosos círios da margem sul. As festividades envolviam uma procissão nas águas do Tejo, com a imagem de nossa senhora transportada de barco desde Lisboa (proveniente da Igreja de São Domingos), escoltada por embarcações enfeitadas a preceito. Esta igreja substituiu no século XVIII a antiga Ermida de São Roque, por esta na altura se revelar demasiado pequena para acolher todos os romeiros que aqui se deslocavam.

Outros motivos de interesse

Igreja de Nossa Senhora da Graça (Palhais), classificada como Monumento Nacional; Moinhos de Vento de Alburrica; Complexo Real de Vale de Zebro.

Como chegar:

Automóvel: Ponte 25 de Abril – A2 Sul – Saída Barreiro/Moita » seguir para o Barreiro pelo IC21; Ponte Vasco da Gama – 1ª Saída para o A33 (Montijo/Barreiro) » Barreiro IC32 e de seguida IC 21; **Barco:** Transtejo-Soflusa – Lisboa (Terreiro do Paço) » Barreiro.

O município do Seixal organiza passeios em dois barcos tradicionais do estuário do Tejo: o varino "Amoroso" (na foto, à direita) e o bote de fragata "Baía do Seixal" (na foto, à esquerda).

Seixal

LOCALIZADA NUM DOS ESTEIROS do estuário, onde o Tejo se ramifica em baías, a cidade do Seixal apresenta uma frente ribeirinha muito aprazível para se percorrer a pé. Embora marcado por uma grande densidade urbanística e industrial, o concelho guarda diversos motivos de interesse, como os moinhos de maré, a Quinta da Fidalga e diversos núcleos museológicos. A baía do Seixal oferece também excelentes condições para passeios de barco no Tejo.

O topónimo do Seixal deriva da abundância de seixos que serviam de lastro para os navios. De origem mais recente que outras povoações da região, como Almada ou Alcochete, o Seixal desenvolveu-se a partir de uma pequena comunidade de pescadores. Vasco da Gama e seu irmão, Paulo da Gama, possuíram aqui uma quinta – a Quinta da Fidalga –, hoje propriedade da câmara e aberta ao público (o pai, Estêvão da Gama, foi comendador do Seixal).

Já em meados do século XX, e ainda antes da grande ocupação urbana e industrial impulsionada com a construção da Ponte 25 de Abril, o Seixal foi um importante porto de tráfego de mercadorias por via fluvial, sobretudo em fragatas e batelões. Estas, como outras embarcações tradicionais do estuário do Tejo, de grande valor patrimonial, podem ser apreciadas (e interpretadas) no núcleo museológico naval de Arrentela, localizado na margem ribeirinha.

O concelho do Seixal é também indissociável dos seus moinhos de maré, outro símbolo do património cultural do baixo Tejo. Embora na sua grande maioria estejam desactivados ou em ruínas, há um que se tornou uma referência em todo o

O moinho de maré recuperado pelo município do Seixal, envolvido pelo sapal de Corroios.

estuário – o moinho de Corroios. Com uma antiguidade superior a 500 anos, é propriedade da câmara municipal, que o recuperou e musealizou, encontrando-se hoje aberto ao público.

Por fim, para contemplar o espelho de água do Tejo nada melhor do que deambular pela extensa frente ribeirinha do Seixal, onde também se destaca o centro histórico, de matriz pouco alterada, em cujas ruas ainda é possível absorver uma atmosfera tradicional e popular. Por fim, fica a sugestão de passeios de barco no estuário do Tejo organizados pelo município, a bordo do varino "Amoroso" ou do bote de fragata "Baía do Seixal" [contacto telefónico: 21 227 57 32].

Núcleo Naval de Arrentela

"Barcos, Memórias do Tejo" é o mote da exposição permanente presente no Núcleo Naval do Ecomuseu Municipal do Seixal. Aqui pode ser apreciado o singular património das embarcações tradicionais do estuário do Tejo. Numa oficina de construção artesanal, as mãos sábias de artífices dão forma a belos modelos executados à escala. A exposição abarca a construção naval, a navegação, a pesca e outros aspectos da história do Seixal e do estuário do Tejo.

A Quinta da Fidalga é um dos melhores exemplos das antigas quintas agrícolas e de recreio da margem esquerda do estuário do Tejo.

Quinta da Fidalga

Com origem no século XV e situada junto ao Tejo, a Quinta da Fidalga é um dos melhores exemplos das antigas quintas agrícolas e de recreio da margem esquerda do estuário. A quinta está historicamente associada à posse de Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, que aqui se instalou para acompanhar a construção e reparação das caravelas utilizadas na descoberta do caminho marítimo para a Índia, iniciada em 1497 e concretizada em 1498. Vasco da Gama também terá passado algumas temporadas no 'solar de veraneios dos Gama'.

Moinho do Cais (concelho do Montijo).

Moinho de Corroios (concelho do Seixal).

Os Moinhos de Maré

SÃO DOS SÍMBOLOS mais característicos do património cultural do estuário do Tejo, integrando uma memória histórica de séculos de idade. Dos que subsistiram ao desenrolar do tempo, na sua maior parte em ruínas, dois se destacam por terem sido recuperados e abertos ao público pelos municípios do Seixal e do Montijo – o Moinho de Corroios (Seixal) e o Moinho do Cais (Montijo).

Aproveitando o ciclo das marés, eram aqui moídos cereais, principalmente trigo, para produzir farinha que, no caso do estuário do Tejo, se destinava principalmente a Lisboa. Os moinhos de maré, na realidade, integram duas componentes: o edifício do moinho propriamente dito, onde se encontram os engenhos, e a caldeira para armazenamento de água, através de um sistema de comportas. Durante a preia-mar, as comportas abertas permitem a caldeira encher de água. Quando a maré começa a descer, as

No século XVIII a quinta já se destacava pelos seus pomares de citrinos, que ainda hoje compõem grande parte da propriedade. Dois poços equipados com noras dotavam a água para rega. Uma notável colecção de fontes, esculturas, azulejos e pérgulas confere um grande ambiente decorativo à quinta. De grande singularidade é o Lago de Maré, um monumento muito raro na arquitectura hidráulica portuguesa – um grande tanque servido pelas águas do estuário permitia a entrada e a manutenção de peixes dentro da propriedade. Em 1952, o palacete e os arruamentos da quinta foram alvo de intervenções coordenadas pelo arquitecto Raul Lino. A quinta é propriedade da Câmara Municipal do Seixal desde 2001 e encontra-se aberta ao público.

O Moinho de Maré de Corroios

Situado na envolvência do sapal de Corroios, no concelho do Seixal, este moinho de maré foi construído em 1403 por ordem de D. Nuno Álvares Pereira, então proprietário de extensos terrenos à beira do estuário do Tejo. No início o moinho fora dotado com três casais de mós, tendo sido ampliado ao longo da história com mais cinco casais de mós. Propriedade do município desde 1981 (e classificado como Imóvel de Interesse Público em 1984), foi objecto de obras de restauro e adaptado como espaço

comportas são fechadas e armazenam a água ao nível da maré-cheia. Quando a maré diminui a um nível abaixo dos rodízios (o 'motor' do moinho) inicia-se a descarga e a água circula através das setias, colocando os rodízios em funcionamento, que através de um sistema de engrenagens fazem girar as diversas mós instaladas no interior dos moinhos, moendo assim os cereais.

Todo este processo é conduzido pelo trabalho do moleiro, responsável por diversas tarefas: a instalação e manutenção dos rodízios e das mós (que tinham de ser picadas), a limpeza dos cereais e a sua colocação nos tegões (onde se deitam os cereais para moer), a gestão dos pejadouros, o ensaque e limpeza das farinhas, etc.

Uma origem antiga

Na Europa, os registos mais antigos de moinhos de marés remontam ao século VII, na Irlanda do Norte. Estas estruturas difundiram-se pelo litoral atlântico europeu desde a Idade Média, surgindo a partir do século XVI noutros continentes. Os moinhos de maré, abrigados em locais com características estuarinas, apresentavam vantagens face aos moinhos de vento e de água – por não dependerem da intensidade do vento ou do caudal de água dos rios e ribeiras, mas antes aproveitando o ciclo diário das marés, o seu funcionamento era regular durante todo o ano, proporcionando um melhor rendimento.

Em Portugal, a sua implantação ao longo do litoral verificou-se sobretudo no estuário do Tejo, destacando-se a seguir a Ria Formosa, e depois outros locais como os estuários do Sado e do Mira. Só na área do estuário do Tejo, de acordo com um painel expositivo do núcleo museológico do Moinho de Corroios, há registos de, pelo menos, 45 moinhos de marés (uma das maiores concentrações na costa europeia), dos quais subsistem 31, embora na sua quase totalidade quer desactivados, quer em ruínas.

museológico. Em 1986 abriu ao público, mantendo-se em funcionamento a título simbólico, incluindo a produção de farinha de trigo e de milho (no início do século XX o moinho também serviu para o descasque de arroz, tendo sido adaptado um dos casais de mós para esse efeito).

Como chegar:

Automóvel: Ponte 25 de Abril » A2 Sul » Saída Fogueteiro/ Seixal; Ponte Vasco da Gama » IC 32 » A2 Sul (sentido Almada/ Lisboa) » Saída Fogueteiro/ Seixal; **Comboio:** Estação de Entrecampos » Estação do Fogueteiro » Autocarro para o Seixal; **Barco:** Terminal Fluvial do Cais do Sodré » Terminal Fluvial do Seixal.

Ao fundo, a Ponta dos Corvos, no concelho do Seixal, onde se mantêm erguidos antigos moinhos de maré, hoje abandonados.

Almada

Almada possui um notável património de perspectivas cénicas sobre o Tejo e Lisboa, as mais altas de toda a margem sul.

É A OUTRA MARGEM DO TEJO, mais próxima de Lisboa e que a Ponte 25 de Abril encurtou, a caminho do Sul. Como uma sentinela da entrada no Tejo, Almada estende-se até ao alto de uma arriba com cerca de 100 metros de altura, como nenhuma outra localidade ribeirinha da Margem Sul. Por isso conserva um património de vistas sobre o Tejo e Lisboa sem igual. O Cristo Rei, o Cais do Ginjal ou a Casa da Cerca são autênticos símbolos que não dispensam uma visita.

Cidade desde 1973, Almada tem raízes muito antigas, tal como o seu nome, de origem árabe. Foi uma das principais praças militares mouriscas até ser conquistada por D. Afonso Henriques em 1147. Do seu antigo castelo altaneiro, que o Terramoto de 1755 deitou por terra, restam hoje apenas alguns retalhos. Almada recebeu o seu primeiro foral em 1170, o primeiro de três, com os restantes a sucederem-se em 1187 e 1513. Até ao final do século XX, Almada foi um dos pólos mais importantes da indústria naval (construção e reparação) em Portugal.

Sobretudo a partir da inauguração da Ponte 25 de Abril em 1966, que incrementou a ligação entre as duas margens do Tejo (anteriormente apenas feita por barco), Almada assistiu a uma massificação urbanística que descaracterizou grande parte da sua paisagem, embora tenha havido desde então várias acções de requalificação urbana. No entanto, sobram vários motivos de interesse para uma visita, começando logo, por exemplo, por chegar a Almada de barco (num cacilheiro), atravessando o grande Tejo a partir de Lisboa.

Cais do Ginjal (e Jardim do Rio)

Bordejando o Tejo e a grande arriba de Almada, o Cais do Ginjal estabelece a li-

O Jardim do Rio, o Cais do Ginjal e as vistas sobre o Tejo, a Ponte 25 de Abril e a cidade Lisboa.

O Jardim do Rio, localizado na continuidade do Cais do Ginjal, é um local onde apetece parar e olhar...

gação entre Cacilhas, aonde se chega de barco a partir de Lisboa, e o Olho de Boi, onde se encontra o Museu Naval. É um percurso a pé com mais de um quilómetro num cais que subsiste, na sua maior parte, desde o século XIX, e que é um dos locais mais emblemáticos de Almada, sempre acompanhado pelo Tejo, e com Lisboa na outra margem. Para além disso, um elevador panorâmico (o Elevador da Boca do Vento) permite vencer o desnível da arriba, com vistas soberbas, e estabelecer uma ligação com o núcleo antigo de Almada,

Outrora, este cais fervilhava de vida em torno dos estaleiros, do transporte de mercadorias, da chegada e partida de navios bacalhoeiros e de outros pesqueiros, e dos armazéns vinícolas e de conservas de peixe. Hoje é um espaço de lazer, para passear ou pescar, onde se contemplam magníficos panoramas, não faltando locais para uma boa pausa como as esplanadas de alguns restaurantes, ou o Jardim do Rio, onde se situa a emblemática Fonte da Pipa (com uma extensão, logo mais abaixo, numa pequena praia fluvial) que não só abasteceu populações como também navios antes das suas viagens.

Apesar do abandono a que está votada

Os pescadores animam diariamente a paisagem do Cais do Ginjal.

uma grande parte do Cais do Ginjal, com vários edifícios arruinados, está prevista a execução de um Plano de Pormenor com vista à sua recuperação e requalificação.

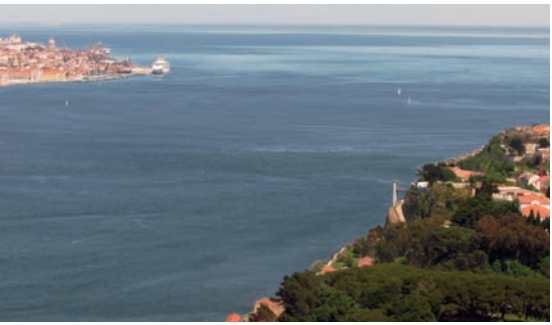
Casa da Cerca

A Casa da Cerca é um dos espaços mais notáveis de Almada, situado no cimo da arriba sobranceira ao estuário do Tejo, na parte velha da cidade. Originalmente é um solar típico dos séculos XVII-XVIII (continua incerta a data de edificação), actualmente recuperado e reconvertido num centro de arte contemporânea (o edifício principal) e num jardim botânico (parte da antiga quinta) que proporciona vistas deslumbrantes sobre o rio, a Ponte 25 de Abril e Lisboa.

A Casa da Cerca é um espaço cultural com um belo jardim literalmente debruçado sobre o Tejo.

Adquirida pela autarquia em 1988, a Casa da Cerca foi transformada num centro cultural dedicado à pintura, desenho, artes gráficas e arquitectura, com um programa regular de exposições. Os espaços exteriores e o jardim botânico "O Chão das Artes" são o elemento fulcral em todo o conjunto. Com base no modelo estrutural de uma antiga quinta de recreio portuguesa – onde se combina jardim, pomar, horta e mata, com diferentes funções –, foi concebido um jardim temático que estabelece a ligação entre as artes plásticas e a natureza, incluindo a vertente científica.

Aqui é possível conhecer e contemplar espécies de plantas (árvores, arbustos, herbáceas) que servem de matéria-prima a óleos, pigmentos e outros produtos utilizados nas artes plásticas. O Jardim dos Pintores, o Jardim dos Óleos, o Jardim das Telas, o Pomar das Gomas, juntamente com uma estufa, um herbário, um anfiteatro ao ar livre e



As vistas soberbas do miradouro do Cristo Rei abarcam um raio de 360 graus.

A monumental Ponte 25 de Abril, inaugurada em 1966.

pitorescos miradouros, combinam-se num aprazível cenário para ser desfrutado, e sempre emoldurado com a paisagem do Tejo.

Monumento ao Cristo-Rei

É um enorme obelisco com a estátua de Jesus Cristo, inaugurado em 1959 num dos pontos mais elevados da margem esquerda do estuário do Tejo, no topo de uma arriba a 113 metros acima do nível do mar. Acresce ainda a altura do próprio monumento que mede 110 metros de altura (a estátua com 28 metros sobre um pedestal com 82 metros). É um miradouro extraordinário sobre o estuário do Tejo, Lisboa e a Ponte 25 de Abril.

Inspirada na imagem do Cristo Redentor do Corcovado, no Rio de Janeiro, e por iniciativa do Cardial Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, a construção do Cristo-Rei, de braços abertos voltado para Lisboa, foi o cumprimento de um voto formulado pelo Episcopado Português em 1940 no Santuário de Fátima: se Portugal ficasse a salvo da II Guerra Mundial, seria erguido um monumento ao Santíssimo Coração de Jesus.

Depois de erguida, a estátua foi esculpida à mão a mais de 100 metros do chão. Cerca de 300 mil pessoas estiveram presentes na cerimónia de inauguração que contou com uma rádio-mensagem do próprio Papa João XXIII. Actualmente, este monumento à paz recebe a visita de cerca de 900 mil pessoas por ano.

Museu Naval

Situado mesmo à beira do rio, é um espaço museológico que conserva um importante acervo da memória e identidade de Almada, sobretudo no que diz respeito à história da construção naval e da pesca. Uma parte relevante do espólio foi doada pela Companhia Portuguesa de Pesca – uma empresa fundada em 1920 neste local (Olho de Boi) que mobilizou um dos maiores tráfegos nacionais de pesca de arrasto de alto-mar.

Arsenal do Alfeite

Numa visita ao Alfeite podemos descobrir um palácio inserido em plena Base Naval de Lisboa, pertencente à Marinha Portuguesa, isolado no meio de um bosque e rodeado por um jardim. Morada de algumas árvores centenárias provenientes de várias partes do mundo, incluindo a árvore de borracha (*Ficus Elastica*), trazida por Vasco da Gama da Índia. Um sítio a visitar com marcação prévia.

Do Convento dos Capuchos à Trafaria

Convento dos Capuchos – uma referência histórica e cultural que inclui um dos melhores miradouros da região.

Convento dos Capuchos e fortes

LOCALIZADO na Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa de Caparica, com um enquadramento natural singular, o Convento dos Capuchos é um antigo convento da Ordem dos Franciscanos, erigido em 1558 por iniciativa de Lourenço Pires de Távora. De linhas sóbrias e elegantes, na sua fachada estão reproduzidos os símbolos da ordem Franciscana, tal como o escudo das armas dos Távoras. Muito danificado pelo Terramoto de 1755, o convento passou por transmissões sucessivas após a extinção das ordens religiosas em 1834, tendo sido depois adquirido em 1950 pela Câmara Municipal de Almada que procedeu ao seu restauro em 1952, incluindo a colocação de painéis de azulejos alusivos aos sermões de Santo António. O Convento dos Capuchos funciona hoje como um espaço cultural onde são organizados espetáculos e exposições, sendo de destacar o Festival Internacional de Música dos Capuchos. Do seu aprazível jardim-miradouro contemplam-se excelentes panoramas, desde a extensa Costa da Caparica até à orla costeira de Lisboa a Cascais, com a serra de Sintra em pano de fundo. Vistas espetaculares são também as dos fortes da Trafaria e da Fonte da Telha, que se deseja que possam abrir ao público em breve.

Praias da Costa da Caparica

A COSTA DA CAPARICA destaca-se pelas suas famosas praias de frente atlântica, sobretudo o extenso areal contínuo com mais de 10 quilómetros que se prolonga desde a cidade até depois da Fonte da Telha. A maior parte desta faixa costeira, incluindo um importante sistema dunar, encontra-se abrangida pela Área de Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa de Caparica. Entre a Costa da Caparica e Fonte da Telha há um peculiar comboio turístico inaugurado em 1960 – o Transpraia – que num percurso de cerca de 9 quilómetros estabelece uma ligação entre as diferentes praias, embora com a circulação temporariamente suspensa desde 2020.

Como chegar: Autocarro: TST – Carreira Nº 394 – Lisboa » Praia da Costa da Caparica.

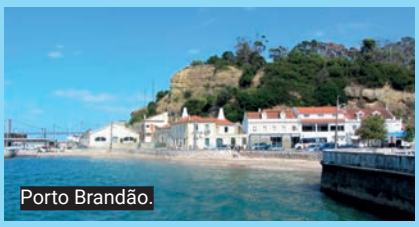
Trafaria

ANTIGO NÚCLEO piscatório, com ligação fluvial a Lisboa (Belém), a Trafaria é uma pitoresca vila ribeirinha à beira do Tejo, com uma boa oferta de restaurantes de comida tradicional. A partir do final do século XIX foi uma estância balnear utilizada pela população lisboeta, como ainda testemunham diversas moradias inspiradas nos chalets suíços, algumas recentemente recuperadas. Indissociáveis

A Área de Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa de Caparica abrange boa parte das praias desta frente atlântica.

da imagem da Trafaria, e visíveis a longa distância, são os enormes silos de cereais que marcam toda a paisagem ribeirinha, assinalando o cunho industrial que também caracteriza a identidade do local. Uma grande área de mata pública, essencialmente pinhal, separa Trafaria da Costa da Caparica, situada 5 quilómetros a sul.

Trafaria.


Porto Brandão.

Porto Brandão

PORTO BRANDÃO é uma pequena localidade a montante da Trafaria, situada no fim de um vale que conflui numa praia entre grandes arribas sobranceiras ao rio. Foi um entreposto comercial a partir do qual eram escoados produtos agrícolas da Caparica para os mercados de Lisboa. A pesca, o transporte marítimo e a construção naval marcam a sua história. A sua localização estratégica determinou no passado a construção de fortificações de defesa marítima. É o caso da Fortaleza da Torre Velha ou Torre de São Sebastião da Caparica, contruída na margem oposta à da Torre de Belém. Localizada entre as enseadas de Porto Brandão e da Paulina, a sua origem remonta a 1488 (edificada sob ordem de D. João II), tendo sofrido desde então diversas alterações arquitetónicas. Hoje encontra-se devoluta e ao abandono apesar da sua classificação como Monumento Nacional. Tal como a Trafaria, Porto Brandão é servido por uma estação fluvial com ligação a Belém, em Lisboa.

Como chegar:

Barco: Belém » Trafaria; **Autocarro:** TST –Cacilhas » Trafaria.

Vila Franca de Xira

É A PARTIR DE VILA FRANCA DE XIRA que o Tejo começa a desenhar o seu estuário, formando três grandes ilhas: os Mouchões da Póvoa, do Lombo do Tejo e de Alhandra, todos integrados na Reserva Natural do Estuário do Tejo. Vila Franca de Xira, cidade desde 1984, tem uma história antiga determinada pelo Tejo e a Lezíria – a exploração agrícola e a criação de gado bravo, a pesca, a produção de sal, e até ao princípio do século XX era um importante porto situado nas rotas fluviais de transporte de mercadorias, quer para jusante, no estuário, quer para montante, rio acima.

No entanto, a industrialização e suburbanização que esta margem do Tejo sofreu sobretudo ao longo da segunda metade do século XX tornaram-se uma pesada herança para o concelho, incluindo Alhandra, Alverca e Póvoa de Santa Iria. Todavia, para além da recuperação do património edificado e de lugares pitorescos que resistiram ao passar dos tempos, encontram-se em execução diversos projectos de requalificação da frente ribeirinha: o Parque Urbano da Póvoa de Santa Iria, que contempla o núcleo museológico "A Póvoa e o Rio" e a benefeciação do cais da sua comunidade avieira, e o Parque Linear Ribeirinho Estuário do Tejo, que inclui o novo Centro de Interpretação do Ambiente e da Paisagem. Estes novos espaços públicos ficarão interligados por acessos pedonais e cicláveis.

No início de Julho de 2013 já se encontrava concluída a requalificação da frente ribeirinha da cidade de Vila Franca de Xira, incluindo o cais, o Jardim Municipal Constantino Palha, o Bairro dos Avieiros, e a criação de um caminho pedonal e ciclável até à vila de Alhandra, ao longo da margem do Tejo. O cais de Vila Franca também recebeu um novo hóspede: o barco varino "Liberdade", recuperado pelo município, e agora investido das novas funções culturais, educativas e de lazer.

O Cais de Vila Franca e ao fundo, a Ponte Marechal Carmona.

Em Vila Franca de Xira encontram-se em execução grandes projectos de requalificação ribeirinha. Agora é possível andar a pé ou de bicicleta desde Vila Franca até Alhandra, sempre junto à margem do Tejo.

Referências: Visita à Quinta Municipal de Subserra (séc. XVII), exemplar de grande interesse patrimonial e com assinalável vista panorâmica. Lembrar uma das grandes figuras de Alhandra, o nadador de águas livres, Baptista Pereira, e uma das obras literárias mais significativas da labuta no rio Tejo, Os Esteiros (1941) de Soeiro Pereira Gomes.

Parque Urbano de Santa Iria de Azóia.

Loures

A QUINTA DOS REMÉDIOS (séc. XVIII), na Bobadela, e o Parque Urbano de Santa Iria de Azóia são exemplos de dois locais onde se pode ver o rio Tejo no concelho de Loures. Em reabilitação encontra-se o Palácio Valflores (Santa Iria de Azóia) que no futuro irá, certamente, ser um ex-libris da zona. No interior, para além de podermos subir ao Castelo de Pirescouxe, é obrigatório ir a Bucelas, local de origem da casta vínica branca Arinto, que lhe deu fama, onde impera a Quinta da Romeira. Segundo a tradição, Shakespeare já salientava o gosto do vinho, produto destas uvas.

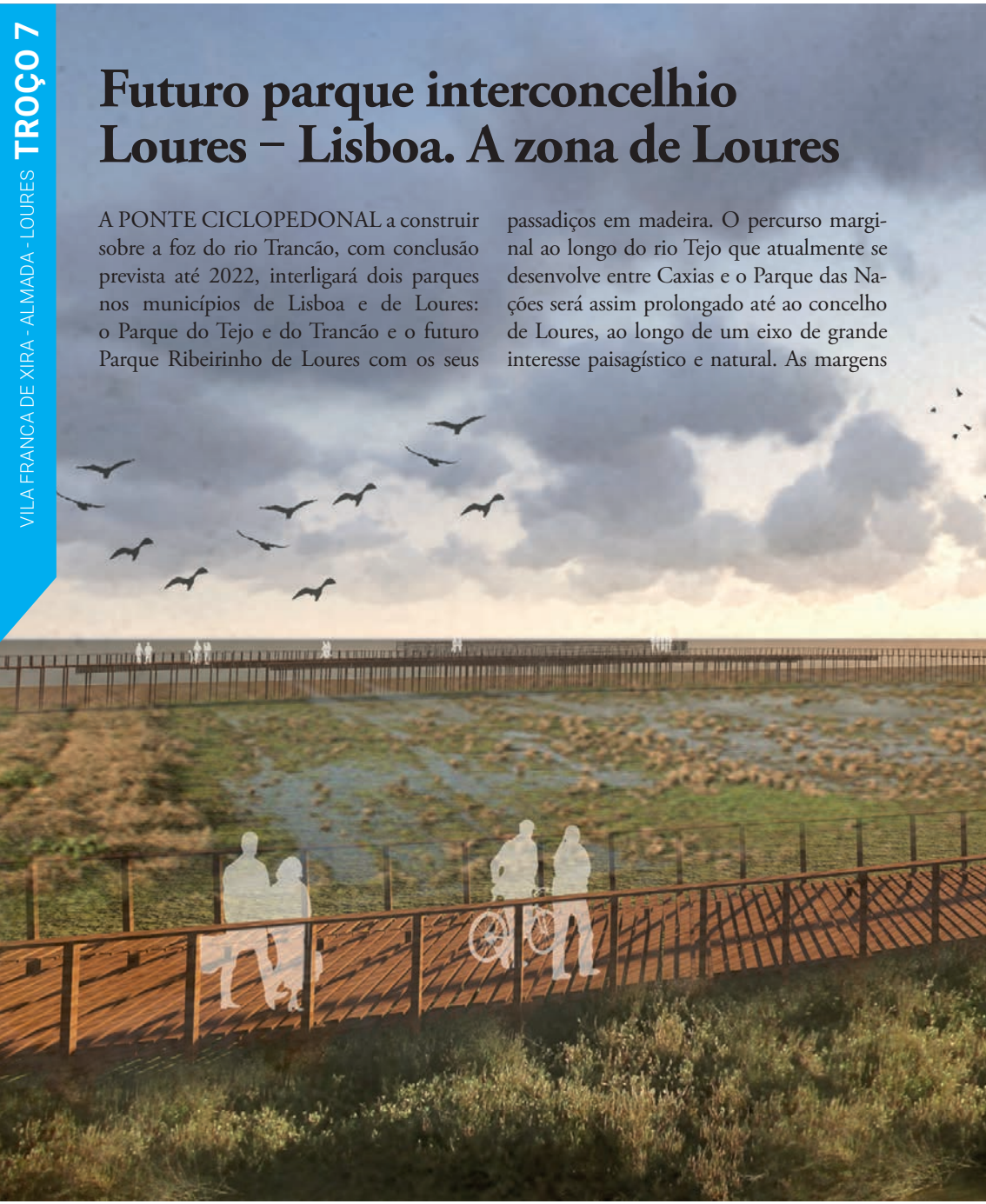
O Palácio dos Arcebispos de Santo Antão do Tojal e a Quinta do Conventinho são dois dos edifícios notáveis do concelho, mas é o Trancão, o afluente que divide

Palácio dos Arcebispos.

Lisboa e Loures, as suas margens e toda a frente ribeirinha que, quando recuperados, vão marcar definitivamente o território, potenciando a aproximação dos lourenses ao rio Tejo. Em 2023, com as Jornadas Mundiais da Juventude e a vinda do Papa Francisco, incluindo o projeto em curso do grande parque interconcelhio, será iniciada essa resposta.

Futuro parque interconcelhio Loures – Lisboa. A zona de Loures

A PONTE CICLOPEDONAL a construir sobre a foz do rio Trancão, com conclusão prevista até 2022, interligará dois parques nos municípios de Lisboa e de Loures: o Parque do Tejo e do Trancão e o futuro Parque Ribeirinho de Loures com os seus passadiços em madeira. O percurso marginal ao longo do rio Tejo que atualmente se desenvolve entre Caxias e o Parque das Nações será assim prolongado até ao concelho de Loures, ao longo de um eixo de grande interesse paisagístico e natural. As margens

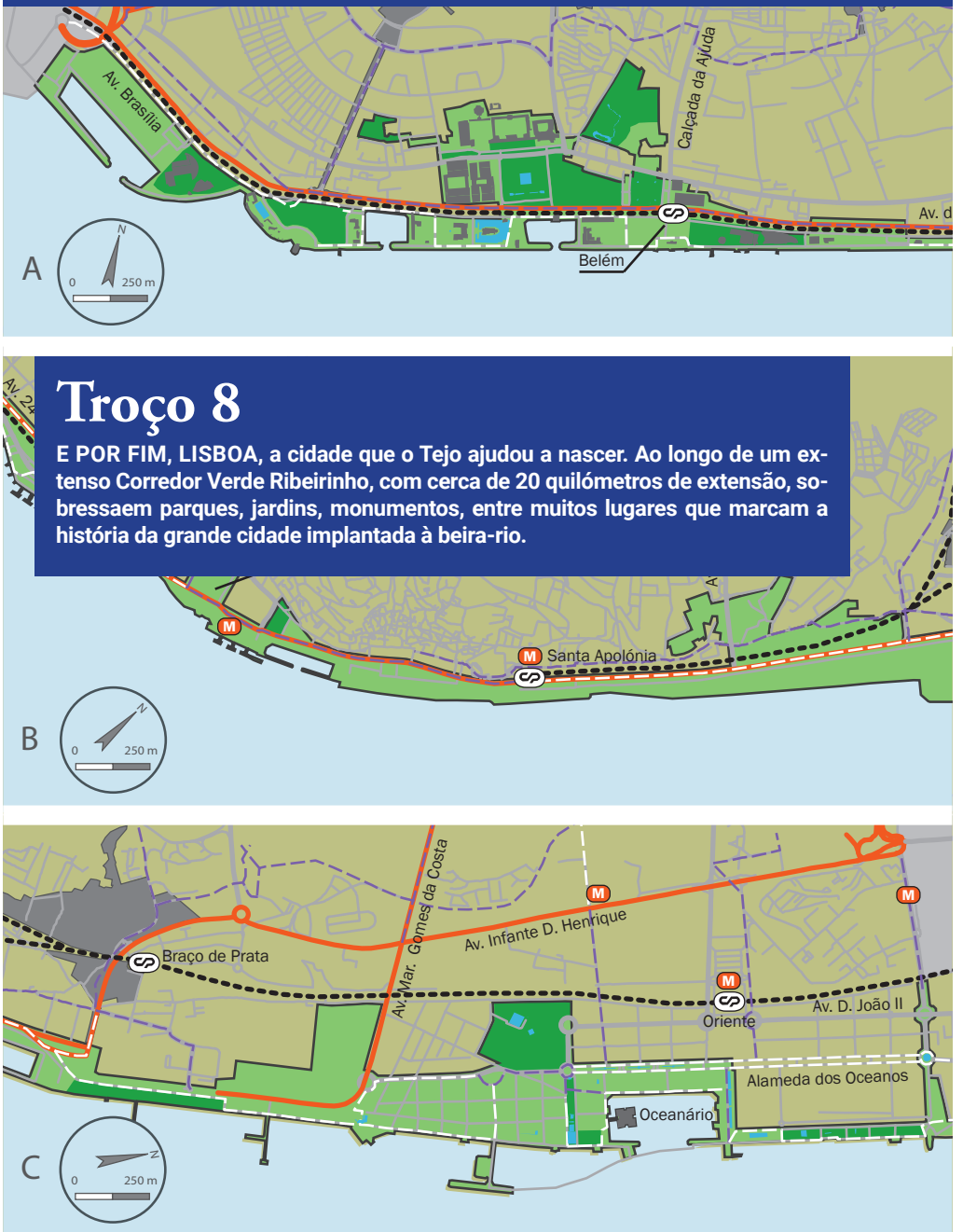


e sapais da foz do Trancão e a área envolvente do estuário do Tejo são locais que proporcionam excelentes oportunidades de observação de aves aquáticas, sobretudo invernantes e migradoras de passagem.

Loures irá executar o projeto do caminho ribeirinho que nos levará até ao concelho de Vila Franca de Xira cuja imagem aqui mostramos.

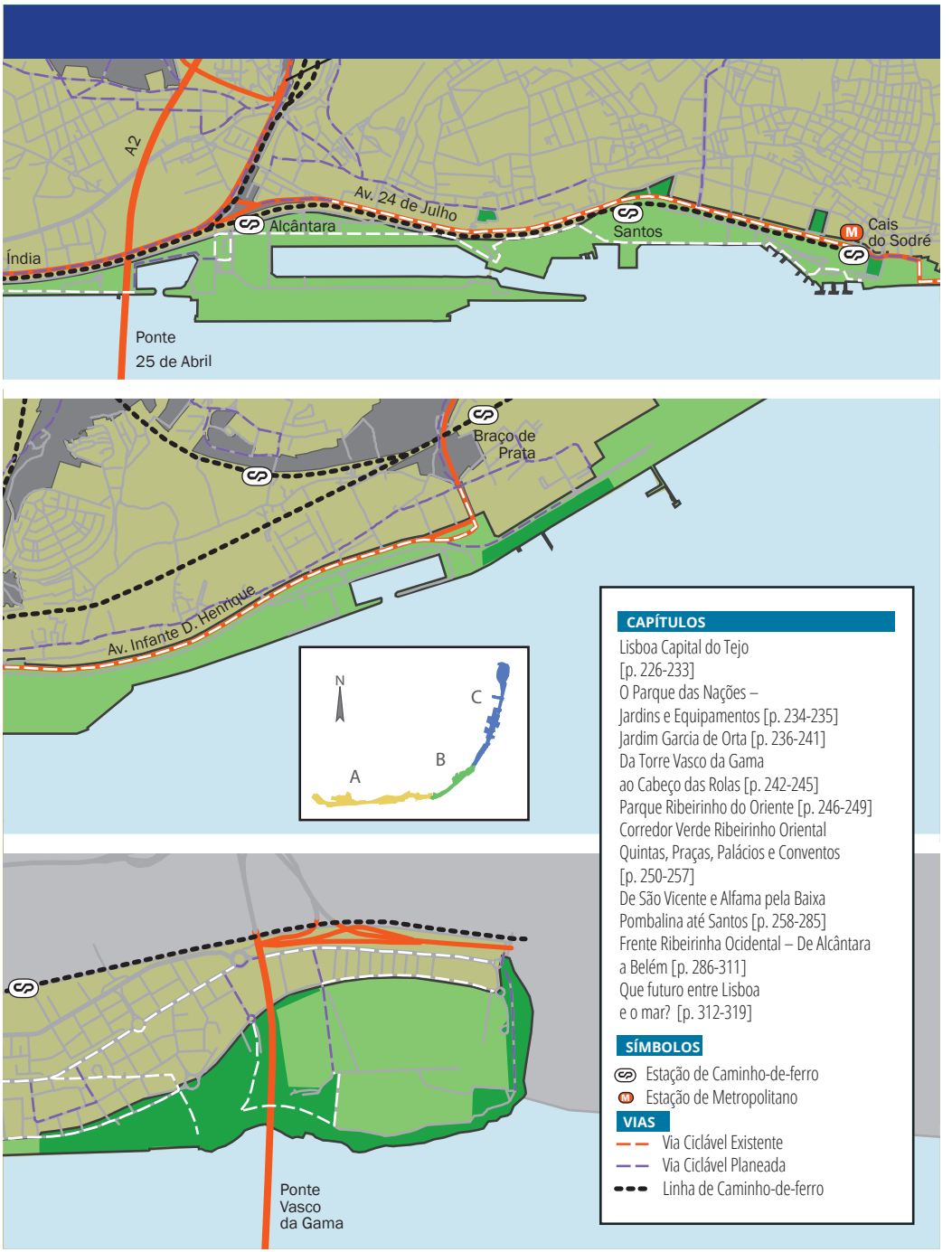
A saída dos antigos depósitos da Petrogal e do terminal de contentores da Bobadela constituem um desafio para a concretização de todo este projeto.

MAPA DO CORREDOR VERDE RIBEIRINHO



Troço 8

E POR FIM, LISBOA, a cidade que o Tejo ajudou a nascer. Ao longo de um extenso Corredor Verde Ribeirinho, com cerca de 20 quilómetros de extensão, sobressaem parques, jardins, monumentos, entre muitos lugares que marcam a história da grande cidade implantada à beira-rio.



CAPÍTULOS

Lisboa Capital do Tejo [p. 226-233]
O Parque das Nações – Jardins e Equipamentos [p. 234-235]
Jardim Garcia de Orta [p. 236-241]
Da Torre Vasco da Gama ao Cabeço das Rolas [p. 242-245]
Parque Ribeirinho do Oriente [p. 246-249]
Corredor Verde Ribeirinho Oriental
Quintas, Praças, Palácios e Conventos [p. 250-257]
De São Vicente e Alfama pela Baixa Pombalina até Santos [p. 258-285]
Frente Ribeirinha Ocidental – De Alcântara a Belém [p. 286-311]
Que futuro entre Lisboa e o mar? [p. 312-319]

SÍMBOLOS

- Estação de Caminho-de-ferro
- Estação de Metropolitano

VIAS

- Via Ciclável Existente
- Via Ciclável Planeada
- Linha de Caminho-de-ferro

Lisboa, a capital do Tejo

O QUE SERIA O TEJO SEM LISBOA ou Lisboa sem o Tejo? Simbolizam uma união perfeita com muitos séculos de cumplicidade. Aqui as águas do rio espraiam-se num imenso estuário, o maior da Europa Ocidental, embelezando mais de 30 quilómetros de frente ribeirinha. Fica o convite para uma viagem à "cidade das sete colinas" com destaque para algumas zonas que alimentam uma relação especial com o Tejo, num percurso entre a história e a modernidade.

Chegar a Lisboa por qualquer uma das pontes do Estuário (25 de Abril e Vasco da Gama) é uma das melhores formas de contemplar o magnífico enquadramento da grande urbe à beira-rio.

Podemos também chegar a Lisboa, acompanhando o Tejo de comboio, desde Belver até Santa Apolónia. No futuro próximo será também possível chegar a pé ou de bicicleta à beira-rio, a partir de Oeiras ou de Vila Fanca de Xira. E para quem chega de barco à cidade da luz, o cenário é grandioso, lembrando a frase que uma das personagens de Cervantes disse ao avistar Lisboa: "É o céu, senhor, é o céu".

Lisboa é uma das cidades mais antigas da Europa, cuja história se perde nos séculos. Há mais de dois mil anos terá aqui existido um porto fluvial onde se estabeleceram possíveis trocas comerciais com os fenícios. Após a ocupação por romanos, suevos, godos e visigodos, Lisboa foi

tomada pelos mouros (berberes e árabes do Norte de África e Médio Oriente) no século VIII, e mais tarde conquistada em 1147 por D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal. Crê-se que nesse período Lisboa albergasse cerca de 150 mil habitantes. Em 1255, D. Afonso III transferiu a Corte de Coimbra para Lisboa, elevando-a a capital do reino.

Entre os séculos XV e XVII Lisboa foi tomada pelo entusiasmo dos Descobrimentos, tendo partido do Tejo as grandes viagens marítimas como a expedição de Vasco da Gama até à Índia e a de Pedro Álvares Cabral ao Brasil. Aliás, o século XVI foi um dos períodos áureos de Lisboa, pois foi o centro de todas as novidades do novo mundo e do comércio de especiarias e de outros bens provenientes de África, Índia, Extremo Oriente e Brasil. Uma época que deu forma a um estilo arquitectónico único, o Manuelino, distintamente ornamental e evocativo das epopeias marítimas, cujos mais ilustres exemplos lisboetas são a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos, ambos classificados pela UNESCO como Património Mundial.

Lisboa é uma das capitais mais antigas da Europa.

A herança de um terramoto

Mais tarde, no século XVIII, um acontecimento veio a marcar indelevelmente a cidade: o Terramoto de 1755, seguido por um maremoto e diversos incêndios, que destruiu a maior parte das suas estruturas e poderá ter vitimado entre 30 mil a 90 mil pessoas (de uma população então estimada entre 200 mil a 275 mil habitantes). Já anteriormente Lisboa havia sido violentamente sacudida por outros sismos, havendo registos de vários nos séculos XIV, XV e XVI, dos quais se destacam os de 1531 e 1597 que, segundo registos, causaram grandes estragos.

Sobre o Terramoto de 1755, os sismólogos creem que se tenha tratado de um dos maiores terramotos da história mundial, cuja magnitude possa ter atingido os 9 graus na escala de Richter. Pereceu a maior parte do património construído da cidade, incluindo edifícios emblemáticos como o Palácio Real, situado no Terreiro do Paço, ou o Hospital Real de Todos os Santos, para além das maiores igrejas, incluindo construções manuelinas. A destruição do Arquivo Real e de valiosas bibliotecas apagou para sempre largos milhares de documentos, grande parte deles relacionados com as explorações marítimas. O que se passou a seguir virou uma página na história urbanística da cidade: a construção da Baixa Pombalina.

Edificada no século XII, a Sé Catedral é a igreja mais antiga e um dos mais preciosos monumentos da capital.

Incontornável é falarmos aqui de dois ícones desta cidade histórica: a Sé Catedral e o Castelo.

Sé Catedral
[Monumento Nacional]

Edificada no século XII em sequência da tomada de Lisboa aos mouros em 1147, é a igreja mais antiga e um dos mais preciosos monumentos da capital. A sua fachada românica de porte robusto e monumental, com as duas torres acasteladas (tal como o resto do corpo) e a grande rosácea ao centro, confere um cariz medieval à entrada do núcleo mais antigo da cidade. É o maior monumento românico de todo o sul de Portugal.

No interior, enquanto o corpo da igreja se desenvolve por três naves de características românicas, com os seus arcos de volta inteira, a capela-mor (a cabeceira da igreja) deu lugar no século XIV a um amplo recinto gótico. Na sacristia seiscentista guarda-se o cofre de prata e madrepérola com as relíquias de São Vicente, proclamado oficialmente em 1173 como o santo de Lisboa (enquanto o padroeiro Santo António foi assim proclamado pelo povo de Lisboa). Associado ao templo encontra-se um belo claustro gótico erguido durante o reinado de D. Dinis, cujas alas são decoradas com peças arqueológicas, incluindo visigóticas. De realçar ainda o Museu do Tesouro da Sé que possui um valiosíssimo espólio de ourivesaria sacra.

Castelo
[Monumento Nacional]

Aqui começou Lisboa: desde o alto da grande colina encimada pelo castelo até à margem do Tejo, passando pela encosta onde serpenteia o Bairro de Alfama. A velha urbe, sucessivamente fortificada ao longo dos séculos para garantir a sua defesa, como testemunham os vestígios da antiga Cerca Moura (ou Cerca Velha), erguida no período muçulmano, ou da Cerca Fernandina (ou Cerca Nova), de perímetro mais alargado, construída entre 1373 e 1375.

Do Castelo a Alfama, as perspectivas sobre a cidade e o Tejo, a atmosfera tradicional e popular que ainda invade ruas, becos e largos, e os edifícios antigos e monumentos, prometem seduzir cada visitante. Indissociável do castelo é o seu bairro residencial, de traçado marcadamente medieval.

O jardim oferece uma série de recantos aprazíveis, para além de toda a muralha

debruçada sobre a paisagem, onde abundam bancos e mesas convidando ao lazer e contemplação. As árvores são sobretudo de espécies autóctones em Portugal como oliveiras, lódãos, alfarrobeiras, sobreiros e pinheiros-mansos. O chão calcetado, os muros e muretes, e a estatuária, fazem conviver a pedra antiga com árvores, transmitindo a atmosfera de um jardim com sabor a história.

Situado no morro mais alto de Lisboa, o castelo proporciona as melhores vistas sobre a cidade. Na ampla Praça de Armas, à sombra de pinheiros-mansos, abrem-se fabulosos panoramas, desde a grande Praça do Comércio até Monsanto, o Tejo, a Ponte 25 de Abril e o Cristo Rei. E no topo do castelejo, um passeio pelas suas muralhas é brindado com vistas de 360 graus que chegam, a oriente, à Ponte Vasco da Gama, passando pelo Mosteiro de São Vicente de Fora e o Panteão Nacional.

O Tejo em Lisboa

O Tejo encontra-se ligado à história da cidade desde a sua génese – pelos recursos que provia e pela localização estratégica que favorecia o desenvolvimento de um importante porto comercial. Mesmo entre o período de ouro dos Descobrimentos e os dias de hoje, com as águas do Tejo sulcadas por modernos navios mercantes, paquetes, cacilheiros, veleiros, o grande estuário assistiu a sucessivos capítulos da história de Portugal.

Durante a primeira metade do século XX daqui partiam as grandes frotas de navios bacalhoeiros rumo às águas frias da Terra Nova, cujas campanhas duravam árduos meses. E até à imposição progressiva e inexorável da ferrovia, e depois, da rodovia, o Tejo ainda assistia ao cortejo intenso de inúmeras e notáveis embarcações tradicionais, transportando gente e mercadorias entre as duas margens, e entre o estuário e as terras do rio acima, como Santarém, Constância e Abrantes. O transporte de sal e peixe, produtos hortícolas e frutas, vinho e azeite, cortiça, madeira, lenha e carvão, e outras mercadorias, faziam do maior rio ibérico uma autêntica estrada fluvial.

Ângelo Mesquita (à esquerda) último diretor municipal do ambiente, portador da carta de Patrão de Alto Mar, na canoa da CML, com o vereador José Sá Fernandes.

HOJE O TEJO é sinónimo de esperança, que liga territórios e pessoas. Muito menos poluído, com mais biodiversidade, com projetos para alargar a frente ribeirinha para uso público entre Lisboa e Loures e com a aquisição de novos barcos ecológicos para unir as margens, tudo são bons sinais que tornam apropriado o nome que a cidade de Lisboa deu à embarcação típica que reabilitou: Esperança.

Corredor Verde Ribeirinho

O CORREDOR VERDE RIBEIRINHO constitui o Sítio que junta Lisboa e o Tejo.

Apesar das margens terem sido fortemente artificializadas ao longo de séculos e da estrutura verde assumir um caracter descontínuo em vários pontos, onde as atividades portuárias adquirem preponderância, desde a requalificação resultante da EXPO'98, assiste-se a um movimento de retorno à fruição deste magnífico e largo espelho de água, como facilmente se nota, não só na zona do Parque das Nações, mas também, principalmente a partir de 2007, no Terreiro do Paço, Ribeira das Naus, Cais do Sodré, Campo das Cebolas e Estação Sul e Sueste.

Por outro lado, quer a ligação ciclável entre o Cais do Sodré e a Torre de Belém, onde, a partir de 2008, foi proibido o estacionamento na margem do rio, quer o trajeto igualmente ciclável entre Santa Apolónia e o rio Trancão, uniu zonas anteriormente isoladas.

Recentemente, foi inaugurado o notável Parque Ribeirinho Oriental, em Marvila, e para a vizinha área da Matinha está previsto igual tratamento, sendo que, para ocidente, falta a construção de uma grande praça verde, junto à Gare Marítima de Alcântara.

Ao longo do percurso do Corredor Verde Ribeirinho, agora com mais árvores, mais zonas de passeio, descanso e contemplação, desaguam uma série de outros corredores e percursos que vale a pena conhecer e calcorrear.

Entre conventos que em tempos mais remotos estavam sobranceiros ao rio, miradouros de vistas impressionantes, praças arborizadas e frescas, ricos monumentos e museus, bancos e esplanadas e relvados aprazíveis, o passeio pela margem do rio é, de facto, único.

A junção ao concelho de Loures, nomeadamente com a construção do grande parque e da ponte ciclopedonal, que vai unir as margens do rio Trancão, constituirá o primeiro grande corredor verde intermunicipal da área metropolitana de Lisboa. Nessa altura, poderemos subir o rio, a pé ou de bicicleta, pela sua margem, desde a barra até Vila Franca de Xira, atravessando o concelho de Loures sempre encostados ao rio.

Entrar pela barra do Tejo, com o testemunho do farol do Bugio, ou descer o rio, passando por baixo da ponte Vasco da Gama, são dois modos de chegar a Lisboa, qualquer deles deslumbrantes e a apelarem ao desejo de conhecer a cidade a partir da margem do Tejo de Lisboa.

O Parque das Nações – Jardins e Equipamentos

O PARQUE DAS NAÇÕES é a face mais moderna do urbanismo de Lisboa, e sempre com a moldura do estuário do Tejo. Espaço público, ambiente, paisagem e arquitectura combinam-se numa imensa área que é hoje uma das principais imagens de marca da capital. O acontecimento que determinou a sua criação foi a realização da Exposição Mundial de Lisboa em 1998, conhecida como Expo'98.

Com o tema "Os Oceanos, Um Património para o Futuro", esta exposição acolheu cerca de 11 milhões de pessoas durante 132 dias. Para a realização deste mega-evento foi levado a cabo um grande programa de requalificação urbana que transformou uma vasta área degradada no actual Parque das Nações, a mais reconhecida experiência portuguesa de gestão integrada do espaço urbano.

A realização da exposição foi uma oportunidade estratégica para fazer emergir uma 'nova cidade' numa área com cerca de 340 hectares, ao longo de 5 quilómetros de mar-

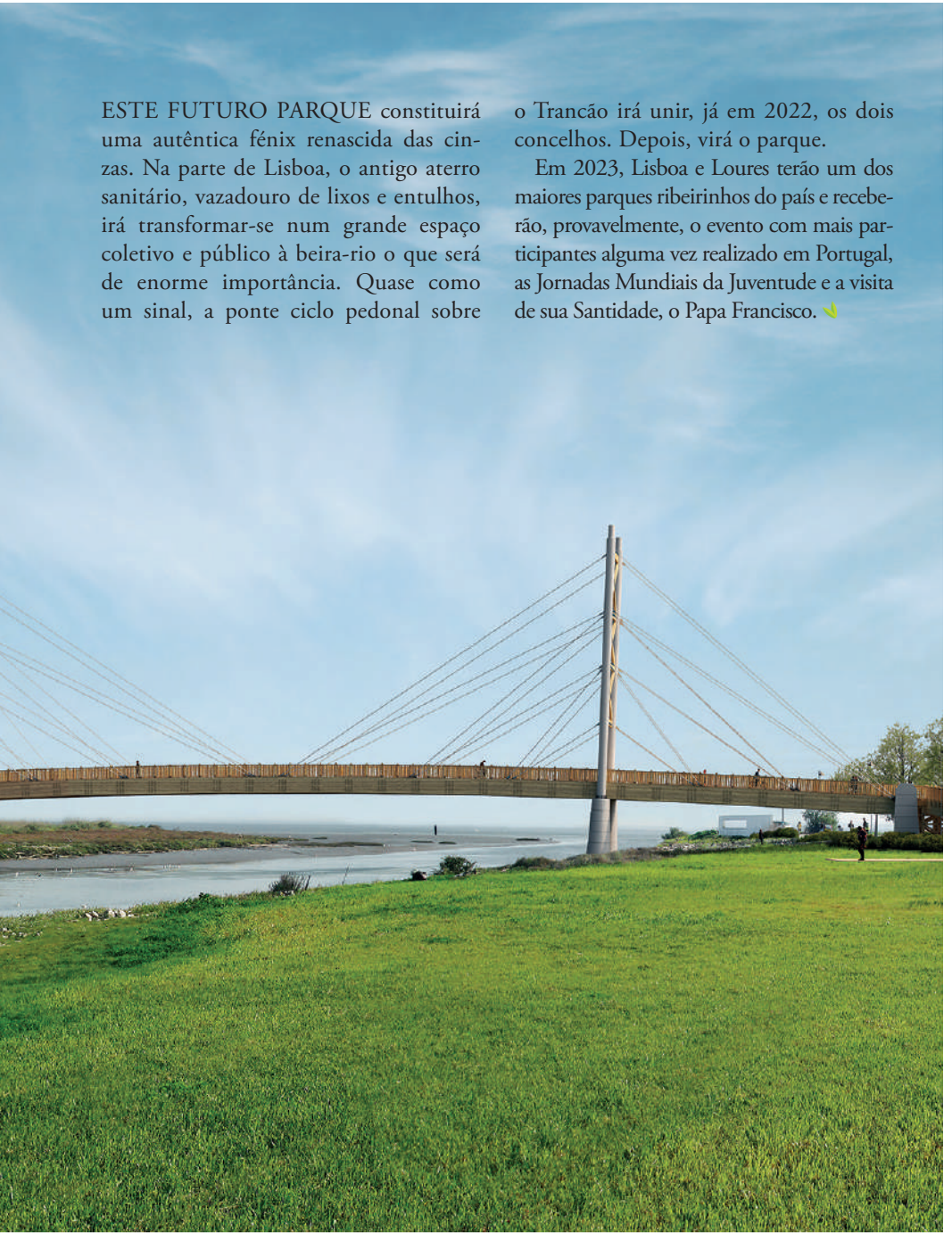
gem do estuário do Tejo (reforçando a ligação da cidade com o rio), assente num novo modelo de urbanismo e de arquitectura que valoriza o espaço público e o ambiente, a funcionalidade e as novas tecnologias, e constitui uma nova centralidade de serviços, comércio, cultura, lazer e turismo.

O ambiente é cosmopolita, os espaços são amplos e desenhados para se andar a pé, e abundam os locais para se contemplar o Tejo. Para além dos equipamentos que vamos referir, assinale-se também o Teatro Camões, a Gare do Oriente e aconselhar o passeio de teleférico.

O futuro parque interconcelhio Lisboa/Loures, a ponte ciclopedonal do Trancão e as Jornadas da Juventude 2023

ESTE FUTURO PARQUE constituirá uma autêntica fénix renascida das cinzas. Na parte de Lisboa, o antigo aterro sanitário, vazadouro de lixos e entulhos, irá transformar-se num grande espaço coletivo e público à beira-rio o que será de enorme importância. Quase como um sinal, a ponte ciclo pedonal sobre o Trancão irá unir, já em 2022, os dois concelhos. Depois, virá o parque.

Em 2023, Lisboa e Loures terão um dos maiores parques ribeirinhos do país e receberão, provavelmente, o evento com mais participantes alguma vez realizado em Portugal, as Jornadas Mundiais da Juventude e a visita de sua Santidade, o Papa Francisco.



PARQUE DO TEJO E DO TRANCÃO

À Beira do Tejo

É o maior espaço verde do Parque das Nações. O imenso estuário do Tejo é uma companhia constante, irradiando a sua luz própria. Um convite para passeios a pé ou de bicicleta, exercício físico, ou para simplesmente se estar e relaxar, sem esquecer ainda a observação de aves.

É UM DOS MAIS APRAZÍVEIS parques de Lisboa, onde crescem dezenas de espécies de árvores e de arbustos. Vários elementos caracterizam este espaço, como é o caso da composição de relevos. A modelação do terreno, com colinas e pequenos "vales", maximiza potencialidades cénicas e vivenciais, criando miradouros (sobre o Tejo, o parque e o sapal), zonas mais tranquilas e de maior intimidade, espaços de lazer, e sempre com corredores visuais para o rio. Depois, a vegetação, com tipologias e elencos florísticos específicos em determinados locais. Tudo interligado por uma rede de caminhos que nos transporta às diversas facetas do parque.

Mas é o Tejo e o seu enorme estuário o grande elemento central. Percorrer as suas

Este é um dos parques mais aprazíveis de Lisboa, privilegiado pela sua localização ímpar à beira do estuário do Tejo.

margens é também uma oportunidade de contactar com uma realidade ecológica particular, onde não falta o trânsito de muitas espécies de aves associadas a zonas húmidas, já que a Reserva Natural do Estuário do Tejo fica a meia dúzia de quilómetros. Diversas espécies de aves aquáticas como maçaricos, pilritos, alfaiates, garças, corvos-marinhos e gaivotas podem ser observadas a alimentar-se, sobretudo durante a maré-vazia, no Inverno e no período das migrações.

Entre pinheiros, palmeiras, figueiras e sobreiros

Ao longo do parque surgem alinhamentos de choupos-da-Lombardia (*Populus nigra* var. *italica*) que referenciam este espaço. No parque surgem três conjuntos de árvores com a particularidade de agruparem, cada um deles, várias espécies de um determinado grupo. Primeiro, um conjunto de palmeiras (1), que pertencem à família *Arecaceae*, incluindo mais de 200 géneros e cerca de 2600 espécies. Distribuem-se maioritariamente pelas regiões tropicais e subtropicais, ocupando uma vasta gama de habitats, desde florestas tropicais a desertos. Genericamente a morfologia das palmeiras consiste num espigue (tronco) vertical e um tufo de folhas no alto, embora existam espécies multitroncos e mesmo algumas acaules (sem tronco). Esta família conta com alguns recordes no reino das plantas, como os coqueiros (*Cocos nucifera*), possuidores da maior semente (40-50 centímetros de diâmetro e 15-30 quilos), e o género *Raphia* com as maiores folhas (até 25 metros de comprimento e 3 metros de largura). Encontramos aqui espécies diferentes como a palmeira-das-Canárias (*Phoenix canariensis*) e a palmeira-rainha (*Syagrus romanzoffiana*).

Segue-se um conjunto de coníferas (2). Apresentam como características gerais as

folhas em forma de agulhas, como nos pinheiros, ou em forma de escamas, como nos ciprestes. Existem mais de 500 espécies de coníferas, na sua maioria árvores. Formaram dos primeiros bosques no planeta, tendo surgido há cerca de 300 milhões de anos, no Período Carbónico. Algumas das espécies existentes na atualidade coexistiram com os dinossauros, ou seja, há mais de 65 milhões de anos, sendo consideradas "fósseis vivos", como a metasequoia (Metasequoia glyptostroboides) e o pinheiro-do-Chile (*Araucaria araucana*). Neste conjunto podemos ver espécies de diferentes regiões como o pinheiro-silvestre (*Pinus sylvestris*), do continente europeu, ou o cedro-dos-Himalaias (*Cedrus deodara*).

Por último, um conjunto do género *Ficus* (3). Este género tem cerca de 800 espécies diferentes, quase todas de climas amenos das regiões tropicais ou subtropicais, e de folha persistente. Urna exceção é uma árvore bem conhecida em Portugal, a figueira (*Ficus carica*). As flores são pouco vistosas e transformam-se em figos, uns mais carnudos do que outros, mas quase todos comestíveis. A existência de fruto está dependente da existência de um determinado inseto que polinize as flores; por sua vez, o inseto está dependente do figo para depositar os seus ovos. Cada espécie de *Ficus* cria uma associação com uma única espécie de vespa. Podemos encontrar neste conjunto diversos representantes, como a figueira, a borracheira (*Ficus elastica*) e a figueira-dos-pagodes (*Ficus religiosa*).

Seguindo sempre pelo "Passeio do Tejo" somos levados a caminhar sobre o rio. No reencontro do passadiço com a terra podemos observar um salgueiro-frágil (*Salix fragilis*) (4) – uma árvore de folha caduca, associada a margens de cursos de água. As suas raízes contribuem para a estabilidade das margens dos rios, retendo o solo e diminuindo a força da corrente. Nas zonas junto à ponte Vasco da Gama surgem oliveiras (*Olea europaea*) e sobreiros (*Quercus suber*), ambas espécies mediterrânicas autóctones em Portugal. A oliveira é uma árvore de grande longevidade, podendo ultrapassar os 2 mil anos de idade. O sobreiro, de grande valor comercial por causa da cortiça, apresenta também um enorme valor natural pelos ecossistemas que forma e integra, ricos em biodiversidade.

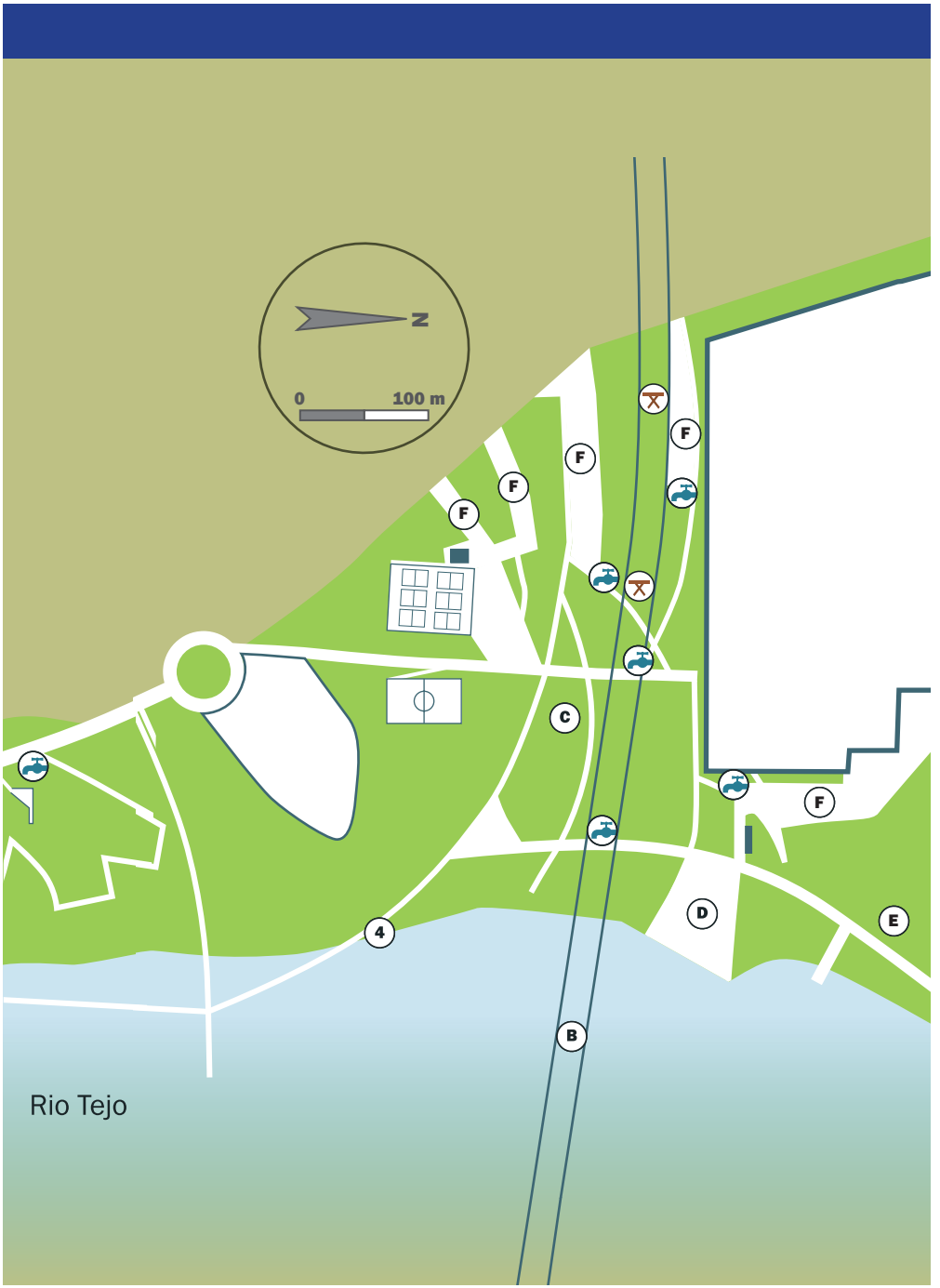
O parque alberga um conjunto diversificado de espécies de plantas.

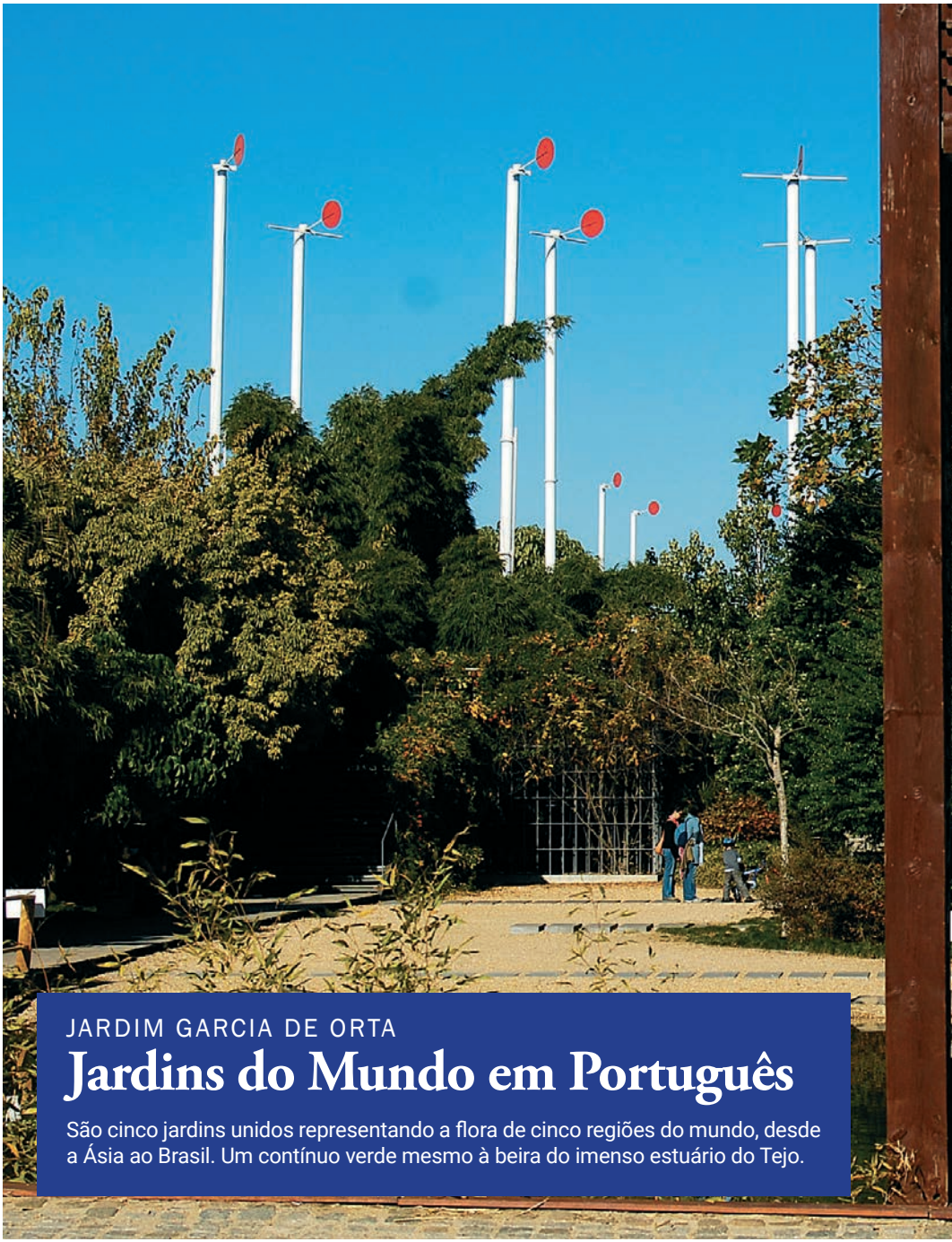
INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** 82 hectares
- **Ano de criação:** 1998
- **Corredor Verde:** Ribeirinho
- **Endereço:** Parque das Nações
- **Entrada:** livre (área não vedada)
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** sim
- **Café, restaurante e esplanada:** sim
- **WC:** sim
- **Parque de merendas:** sim
- **Equipamentos de manutenção física:** sim
- **Acesso a cães:** sim (com trela)

MAPA

SÍMBOLOS
WC
Cafetaria
Parque Infantil
Área de Merendas
Bebedouro
Estatuária
Equipamento de Manutenção Física
A Torre Vasco da Gama
B Ponte Vasco da Gama
C Campo de Padel
D Parque de Skate
E Pista de Pump Track
F Parque de Estacionamento
ESPÉCIES INDICADAS NO TEXTO
1 Conjunto de palmeiras (família Arecaceae)
2 Conjunto de coníferas
3 Conjunto do género Ficus
4 Salgueiro-frágil (Salix fragilis)
A
WC
1
2
3


N
0
100 m
F
F
F
F
F
C
4
D
E
B
Rio Tejo



JARDIM GARCIA DE ORTA

Jardins do Mundo em Português

São cinco jardins unidos representando a flora de cinco regiões do mundo, desde a Ásia ao Brasil. Um contínuo verde mesmo à beira do imenso estuário do Tejo.

Jardim
Garcia d'Orta

Os diversos talhões do jardim representam as regiões e continentes onde os portugueses marcaram a sua presença ao longo da história.

O NOME É DEDICADO a Garcia de Orta (1490-1568), um distinto médico e botânico português do século XVI que viveu durante 30 anos na Índia e estudou um grande número de plantas asiáticas. Coloane (Macau), Goa, São Tomé e Brasil, Macaronésia (onde se inclui a Madeira, os Açores e Cabo Verde) e África, são as regiões representadas nos cinco talhões do jardim. Regiões e continentes onde os portugueses marcaram a sua presença ao longo da história. Coloane é uma ilha da região de Macau, e a vegetação aqui representada é a da China meridional. O talhão de África representa a vegetação do deserto de Moçâmedes (Angola) e da ilha de Inhaca (Moçambique). No talhão de São Tomé e Brasil foi construída uma estrutura que proporciona humidade no ar.

Ao todo foram plantadas inicialmente cerca de 400 espécies de plantas, incluindo o cafeeiro, a cana-do-açúcar e o piri-piri, a mangueira e o bambu.

Talhão de Coloane (Macau) e Talhão de Goa

Ao passarmos o pórtico de madeira, damos início a uma viagem intercontinental através da coleção botânica aqui presente. No primei-

ro Talhão, de Coloane (Macau), encontra-se uma amoreira (*Morus alba*) (1), uma árvore de folha caduca, originária da China. Foi disseminada pelo mundo, principalmente para alimentar os bichos-da-seda, essenciais à indústria da seda que já teve uma significativa presença em Portugal. O seu epíteto remete para a coloração mais clara do fruto, comparativamente ao da amoreira-preta (*Morus nigra*). Os estames, impulsionados por um mecanismo da flor, "catapultam" o pólen a uma velocidade superior a metade da velocidade do som.

No Talhão de Goa podemos ver uma figueira-dos-pagodes (*Ficus religiosa*) (2). Árvore originária do Sudeste da Ásia, é também conhecida por "árvore-de-Buda", por se acreditar que foi à sombra de uma destas árvores que Siddhartha Gautama se sentou a meditar e atingiu o estado de iluminação, sendo sagrada para hindus e budistas. São árvores com grande longevidade – uma das mais velhas de que existe registo tem cerca de 3000 anos, em Bombaim. As folhas são inconfundíveis, com a extremidade fina e comprida e um longo pecíolo (caule que liga a folha ao ramo), que as faz agitar ao mínimo vento. São plantadas principalmente junto a templos budistas, mas também como ornamentais em jardins, e como planta medicinal.

Talhão de São Tomé e Brasil e Talhão da Macaronésia

No Talhão de São Tomé e Brasil assinala-se uma coraleira (*Erythrina crista-galli*) (3), uma árvore de folha caduca originária do Sul do Brasil e Norte da Argentina (país onde as suas flores vermelhas são símbolo nacional). Encontra-se na natureza associada a galerias de vegetação ribeirinha e zonas de solos húmidos, e é plantada em parques urbanos pela sua exuberante floração entre Abril e Outubro. As flores são ricas em néctar e como tal, fonte de alimento a inúmeros insetos que por sua vez atraem aves.

No Talhão da Macaronésia destaque para uma figueira-do-inferno (*Euphorbia piscatoria*) (4) – um arbusto suculento endémico da Madeira, onde é comum. Cresce nas encostas rochosas do litoral, principalmente no Sul da ilha. Podemos ver um bom exemplar no canteiro adjacente às pontes do lado esquerdo. Como todas as plantas do género Euphorbia, apresenta uma seiva leitosa, que é particularmente tóxica, podendo causar ferimentos na pele e até mesmo cegueira se em contacto com os olhos. Os pescadores locais usavam-na para atordoar os peixes.

Talhão de África

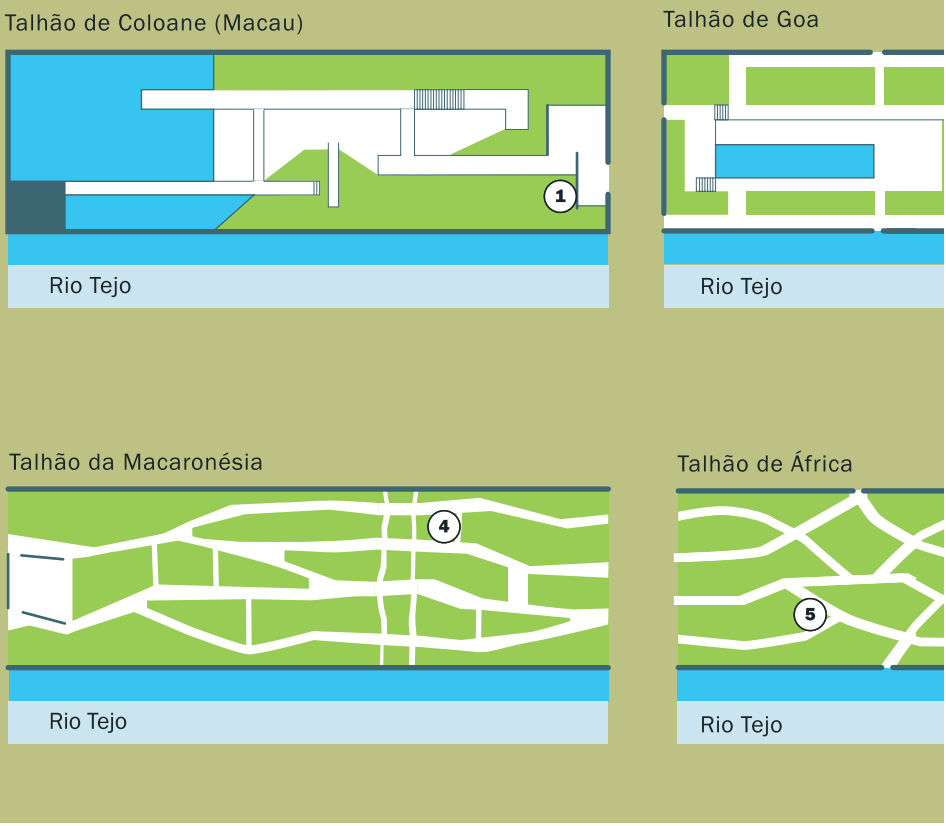
Destacamos aqui uma árvore característica do Sul de África, desde Angola a Moçambique: a acácia-do-Cabo (*Acacia karroo*) (5). Saltam à vista os seus enormes espinhos. Encontra-se associada a zonas de bosque aberto ou de savana. Com a sua longa e profunda raiz principal, e a capacidade de fixar azoto, permite não só a sua própria sobrevivência como a de uma vas-

INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** cerca de 1 hectare
- **Ano de criação:** 1998
- **Corredor Verde:** Ribeirinho
- **Entrada:** livre (jardim sem vedação)
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** não
- **Café, restaurante e esplanada:** sim
- **WC:** não
- **Parque de merendas:** não
- **Acesso a cães:** sim (com trela)

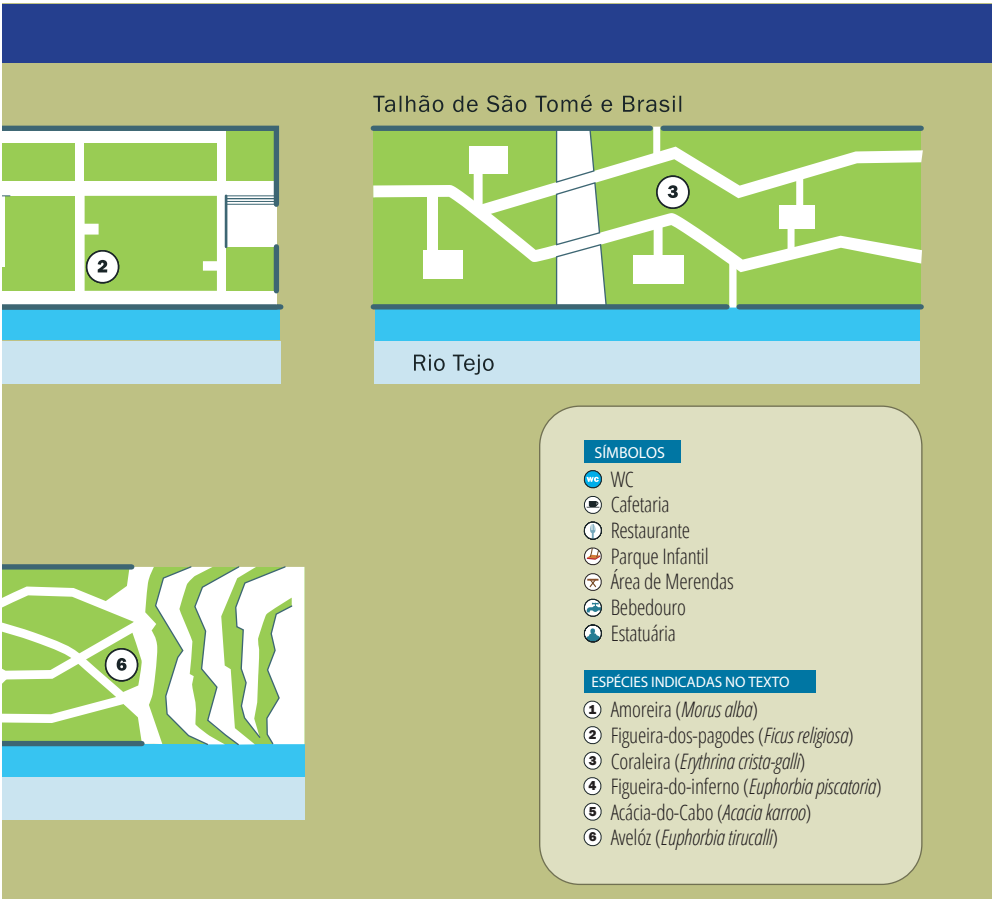
Acácia-do-Cabo (*Acacia karroo*), uma árvore característica do Sul de África, desde Angola a Moçambique, e classificada como espécie invasora em Portugal.

MAPA



ta comunidade de outras plantas, maioritariamente gramíneas. Árvore com uma curta longevidade (30-40 anos), é considerada pioneira, conseguindo crescer sem qualquer proteção de outras plantas. Com grande potencial ornamental pela abundante coloração amarela, é muito apreciada na sua terra nativa para diferentes usos, desde a madeira para construção à seiva adocicada para alimentação.

Ao fundo do talhão podemos observar vários exemplares de avelóz (*Euphorbia tirucalli*) (6). É um arbusto suculento muitas vezes confundido com um cato. Normalmente com 3 a 5 metros de altura, pode, no entanto, atingir os 10 metros. Os seus ramos novos, verdes e cilíndricos, substituem as folhas, muito pequenas, no processo da fotossíntese. Adapta-se a uma grande variedade de habitats, refletindo-se na sua ampla distribuição, desde a Etiópia à África do Sul. Desde muito cedo foi introduzido em muitas partes do globo que apresentam um clima tropical semiárido, dificultando a precisão da sua região original.



Rossio dos Olivais / Torre Vasco da Gama – ligação por um corredor verde até ao Parque do Vale do Silêncio.

Da Torre Vasco da Gama ao Cabeço das Rolas

O edifício do Oceanário, e em segundo plano, o Pavilhão Atlântico e a Torre Vasco da Gama.

Torre Vasco da Gama

Com 145 metros de altura, esta estrutura em aço construída à beira-rio representa a vela de uma caravela. O seu nome foi atribuído em homenagem a Vasco da Gama, o explorador português que foi o primeiro navegador europeu a descobrir o caminho marítimo para a Índia (1498). Três elevadores panorâmicos dão acesso a um miradouro situado a 120 metros de altura com uma vista fabulosa sobre o estuário do Tejo e o Parque das Nações, por baixo do qual existe um restaurante panorâmico. Mais tarde, na face da torre

Jardim das Ondas.

voltada ao Tejo foi acrescentado um hotel com 20 andares, concluído em 2012.

Oceanário

O Oceanário alberga uma vasta colecção de animais marinhos pertencentes a mais de 400 espécies. O tanque principal mede cerca de 1000 m2, tem 7 metros de profundidade e está rodeado por quatro grandes janelas de acrílico. Aqui, neste 'mar aberto', nadam cerca de 100 espécies, incluindo tubarões, raias, barracudas, meros e uma das principais atracções: um enorme peixe-lua.

À volta do tanque central (que representa o oceano global, ou seja, todos os oceanos interligados) distribuem-se quatro grandes tanques, embora de menores dimensões, dedicados a habitats dos oceanos Atlântico (Norte), Índico (tropical), Pacífico (temperado) e Antárctico. Sobra ainda um conjunto de 25 aquários temáticos e outros espaços de visitação e exposições onde a educação ambiental e a conservação da natureza assumem um papel determinante.

Pavilhão Atlântico

Com uma arquitectura modernista, lembrando uma nave espacial, este pavilhão multiusos – o maior do país, com uma capacidade de 20 mil lugares sentados –, é palco de grandes eventos.

Pavilhão de Portugal

Da autoria do arquitecto Álvaro Siza Vieira, reconhecido pela enorme pala de betão suspensa num dos flancos do edifício.

Pavilhão do Conhecimento – Centro Ciência Viva

É um museu interactivo de ciência e tecnologia – o maior do país – que pretende de tornar o conhecimento científico mais acessível a todos com especial destaque para crianças e jovens, incentivando a exploração do mundo físico e a experimentação, de uma forma activa e lúdica.

Jardins da Água e Jardim das Ondas, Passeio Ulisses, Passeio de Neptuno

Situados lado a lado, estes jardins complementam-se no ambiente do Parque das Nações. O jardim da Água, tal como o nome indica, é um tributo ao líquido precioso à vida. E a água está bem presen-

Jardim da Água.

te – um pequeno curso de água simulado percorre diferentes espaços em direção ao Tejo: o Jardim das Palmeiras representa a nascente, seguindo-se o Pomar do Mediterrâneo e o Edifício da Cascata que lança água sobre a praça principal, sucedendo-se o Lago Ulisses que abre portas ao último talhão, o Jardim Hidráulico que evoca diversos engenhos usados pelo Homem para o aproveitamento da água. Entre o Jardim da Água, o Oceanário de Lisboa e o Tejo encontra-se o Jardim das Ondas, um espaço arrelvado com cerca de meio hectare de área, cuja modelação do terreno evoca o movimento da água e a ondulação do mar.

Jardim Alameda dos Oceanos

É um eixo central do Parque das Nações, interligando diversos pontos de interesse, destacando-se os emblemáticos "vulcões de água". Sobreiros, azinheiras, carvalhos, eritrinas, entre muitas outras espécies de árvores, acompanham a alameda, tornando aprazível o passeio pedonal, e onde não faltam bancos de jardim para uma pausa ou descanso.

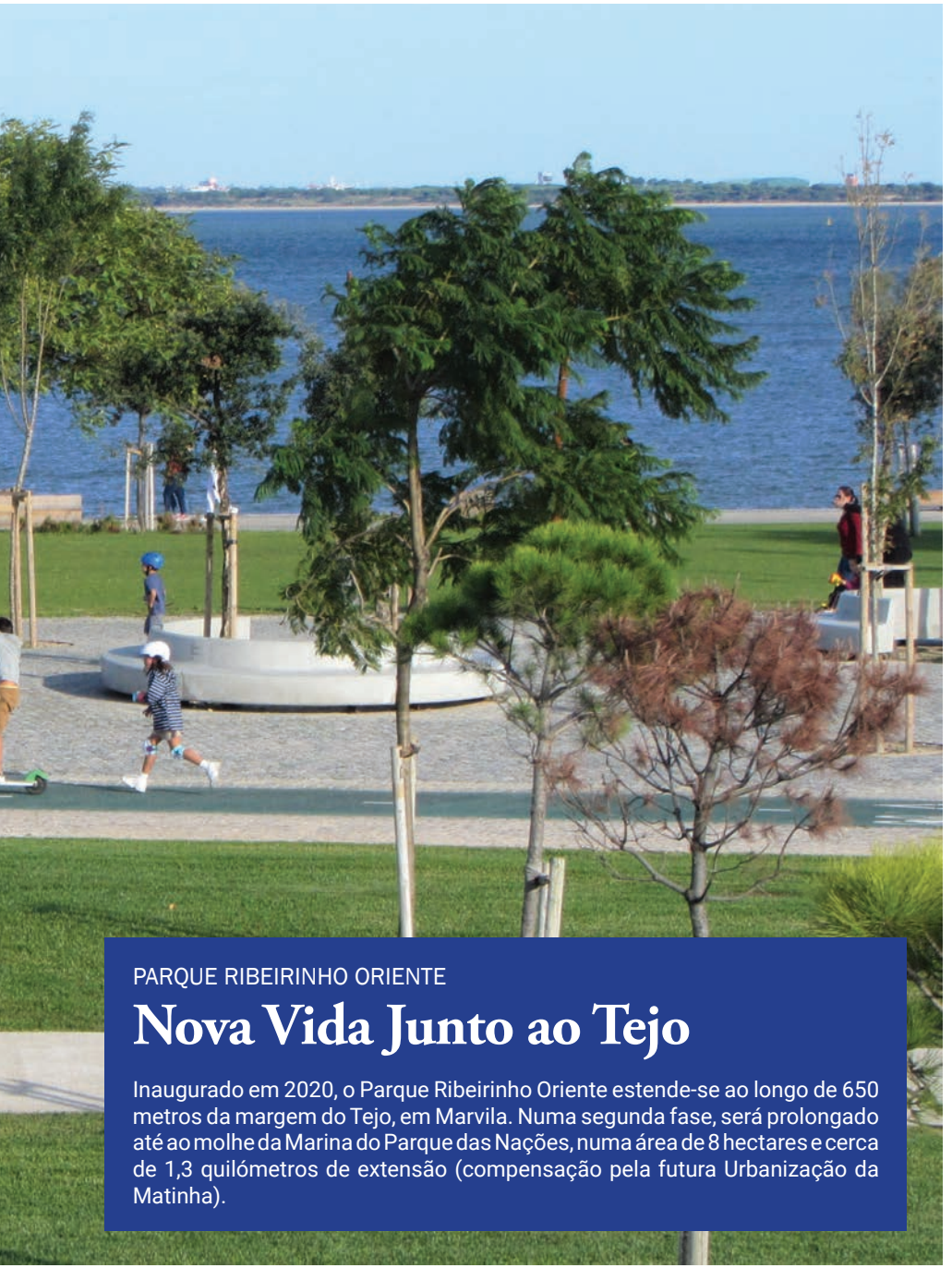
Jardim do Cabeço das Rolas

Devendo o seu nome às rotas migratórias das rolas e à sua passagem por este local, esta elevação natural onde anteriormente existiram tanques de petrolíferas foi transformada num jardim para a Exposição Mundial de Lisboa de 1998 (EXPO'98). O projeto, da autoria do arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles, destaca-se pelas suas muralhas de tijolo avermelha-

Jardim Alameda dos Oceanos.

Jardim do Cabeço das Rolas.

do que suportam as áreas ajardinadas, organizadas em diferentes patamares. As espécies vegetais, sobretudo autóctones, foram selecionadas em função da tradição de quintas e olivais outrora existentes na zona. Localizado sobre a maior elevação existente no Parque das Nações, é um lugar saliente na paisagem, proporcionando uma vista abrangente de toda a área, incluindo o estuário do Tejo.



PARQUE RIBEIRINHO ORIENTE

Nova Vida Junto ao Tejo

Inaugurado em 2020, o Parque Ribeirinho Oriente estende-se ao longo de 650 metros da margem do Tejo, em Marvila. Numa segunda fase, será prolongado até ao molhe da Marina do Parque das Nações, numa área de 8 hectares e cerca de 1,3 quilómetros de extensão (compensação pela futura Urbanização da Matinha).

Para além das árvores, o Parque Ribeirinho Oriente apresenta uma notável composição de espécies autóctones de arbustos.

NESTE PARQUE não faltam boas zonas de estadia que convidam a permanecer, onde se destaca um passeio largo à beira do estuário do Tejo, com bancos e espreguiçadeiras. Para além de dois parques infantis, novas zonas verdes recentemente inauguradas junto ao parque, a sul, expandem a utilização de recreio para um outro parque infantil, mesmo ao lado da icónica escultura de José de Guimarães.

O cenário do Tejo assume aqui uma largura e luminosidade assinaláveis. A modelação do terreno, assente na criação de pequenos relevos, permitiu criar zonas de conforto protegidas do vento.

Para além das árvores de espécies autóctones plantadas como sobreiros, carvalhos-cerquinhos, tamarizes, pinheiros-mansos, choupos, freixos, oliveiras, o Parque Ribeirinho Oriente apresenta uma notável composição de espécies nativas de arbustos – pascoinhas, medronheiros, alecrins, rosmaninhos, estevas, aroeiras, lentiscos, tomilhos, espargos e madressilvas combinam-se numa paleta com diferentes florações e aromas consoante o período do ano, beneficiando a paisagem e a biodiversidade, sobretudo os insetos polinizadores. É um novo ambiente natural renascido das cinzas de uma área anteriormente muito degradada.

O sistema de drenagem pluvial é natural. As águas escoam dos pavimentos e são recolhidas e encaminhadas para poços drenantes localizados no interior das áreas relvadas. O parque, servido por uma ciclovia, estabelece ainda uma ligação com o Corredor Verde Oriental.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** cerca de 4 hectares
- **Ano de criação:** 2020
- **Corredor Verde:** Ribeirinho, com ligação ao CV Oriental
- **Endereço:** Rua Fábrica de Material de Guerra
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** sim
- **Quiosque/cafetaria:** sim
- **Área de merendas:** não

MAPA

N
0
50 m
Estuário
do Tejo
Av. Infante D. Henrique
Doca do
Poço do Bispo
SÍMBOLOS
Quiosque/Cafetaria
Bebedouro
Parque Infantil
Estatuária
Via Ciclável

CORREDOR VERDE RIBEIRINHO ORIENTAL

Quintas, Praças, Palácios e Conventos

Quinta do Beirão.

Praça David Leandro da Silva, Rua do Açúcar.

Praça David Leandro da Silva e Quinta do Beirão

A Praça David Leandro da Silva, rodeada de edifícios de arquitectura invulgar, como os armazéns Abel da Fonseca ou o Clube Oriental, é uma das mais antigas da cidade. A pouco visível Quinta do Beirão, ainda viveiro da Câmara Municipal de Lisboa, aguarda já pela implementação de um projeto de recuperação, onde as flores continuarão a merecer uma especial atenção.

Geomonumento da Rua Capitão Leitão

Curiosidade – aqui foi mar há 16 milhões de anos. No Miocénico Médio, a região de Lisboa ficava perto de um rio, onde se instalaram praias fluviais e campos de dunas e pastavam rinocerontes primitivos (*Hispanoterium*). O *Megacricedonton*, pequeno mamífero primitivo, atualmente extinto, também aqui procurava alimentos. Com a subida do nível do mar, a linha de costa aproximou-se, instalando-se aqui um estuário. Neste estuário, sobre a areia onde vermes e crustáceos escavaram galerias, formaram-se grandes bancos de ostras.

Palácio da Mitra

Tomás da Anunciação, Patriarca de Lis-

Geomonumento da Rua Capitão Leitão.

Palácio da Mitra.

Manutenção Militar.

Hub do Beato.

boa, mandou construir aqui mais uma das suas grandiosas obras. Este palácio situado perto do Tejo possui um jardim de buxo de desenho barroco, inesperado para quem o visita. O outro palácio da Mitra, ainda mais imponente, situa-se em Santo Antão do Tojal, em Loures.

Hub do Beato/Manutenção Militar e Alameda/Convento do Beato

Limitados a nascente pela Calçada do Duque de Lafões, os vastos terrenos da antiga Manutenção Militar são um local em reabilitação, depositário de um magnífico património industrial,, que vai albergar a sede das Jornadas Mundiais da Juventude em 2023. A Alameda do Beato, hoje totalmente reabilitada, ainda ostenta belos jacarandás, que nos conduzem à porta de um dos conventos mais bonitos de Lisboa, atualmente palco de muitos eventos.

Convento do Grilo.

Convento do Grilo - Estrada de Marvila - futuro Corredor Verde dos Alfinetes/Marquês de Abrantes

Este é um itinerário difícil de se fazer a pé, mas apesar disso vale a pena o esforço. O grau de degradação e alteração de todo este território, dificulta, por vezes, a percepção daquilo que podemos apreciar. Recomenda-se uma visita ao jardim do Convento do Grilo, recentemente adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa, e depois subir a Calçada do Grilo e percorrer a Estrada de Marvila, uma das mais belas estradas de Lisboa, parar na Quinta das Pintoras (propriedade privada, mas sendo possível a visita), cujas árvores do jardim se debruçam à nossa passagem. Mais adiante, nos terrenos da antiga fabrica de Sabões, pode ser contemplada uma monumental figueira-da-baía-de-Moreton, também conhecida como figueira-da-Austrália (*Ficus*

Quinta das Pintoras.

Figueira-da-baía-de-Moreton, também conhecida como figueira-da-Austrália (*Ficus macrophylla*), classificada como árvore de Interesse Público.

macrophylla), classificada como árvore de Interesse Público. A seguir podemos adivinhar o desenho idealizado para ligar a Azinhaga dos Alfinetes à Quinta das Flores, e espreitar ainda a fachada do antigo Palácio do Marquês de Abrantes.

Projeto do futuro Corredor Verde dos Alfinetes / Marquês de Abrantes.

Convento da Madre de Deus, Museu do Azulejo.

A partir deste caminho há duas possibilidades: continuar e atravessar a linha de comboio para percorrer os terrenos do futuro "Corredor Verde dos Alfinetes" ou voltar um pouco atrás e descer a Calçada do Duque de Lafões.

Convento da Madre de Deus, Museu do Azulejo.

Do Beato a Marvila, por quintas e palácios

O Convento da Madre de Deus, hoje Museu do Azulejo, onde outrora batiam as águas do rio Tejo, é um dos sítios mais notáveis desta zona da cidade e por diversas razões – pela própria arquitectura do convento, igreja e claustros, pela beleza dos seus interiores e, naturalmente, pela extraordinária colecção de azulejos. Uma pequena nota apenas para referir o painel de azulejos panorâmico que representa a frente ribeirinha de Lisboa, datado dos finais do século XVII.

Geomonumento e Forte de Santa Apolónia

Curiosidade – aqui foi estuário de um grande rio, há 14 milhões de anos. No Miocénico Médio, a região de Lisboa era um estuário de um grande rio, onde a água doce se misturava com a água salgada do mar. Neste ambiente de transição, rico em matéria orgânica, instalaram-se grandes bancos de ostras (*Gryphaea gryphoides*). Alguns exemplares destas ostras chegam a atingir os 40 cm de comprimento.

Geomonumento e Forte de Santa Apolónia

Aqui se construiu o Forte de Santa Apolónia, outrora de interesse estratégico, nomeadamente durante a guerra da Restauração. Hoje é um miradouro privilegiado há muito a necessitar de intervenção que finalmente se irá concretizar permitindo, assim, a sua utilização pela população que reside nesta zona.

Jardim dos Palácios Pancas e Van-Zeller e Claustro do Convento de Santos-o-Novo

Junto à rua de Santa Apolónia destacam-se os Palácios Pancas e Van-Zeller, cujo jardim merece bem uma visita, onde se incluem os distintos dragoeiros que se avistam da rua. Igualmente imperdível é uma visita ao claustro do Convento de Santos-o-Novo (construído no início do século XVII), aproveitando também para admirar a igreja e as capelas. Quer os palácios quer o convento estão classificados como Imóveis de Interesse Público.

Claustro do Convento de Santos-o-Novo.

JARDIM DO MUSEU DA ÁGUA

O Jardim da Água

Escondido num beco da zona oriental da cidade, este pequeno e simpático jardim não dispensa uma visita ao núcleo-sede do Museu da Água. A Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos, inaugurada em 1880, é um dos ícones da história do abastecimento de água a Lisboa.

VÁRIAS ÁRVORES dão vida ao jardim. É o caso de uma alta palmeira-da-Califórnia (*Washingtonia filifera*) acompanhada por duas palmeiras-de-Kentia (*Howea forsteriana*). Entre as palmeiras, encontram-se dois exemplares de dragoeiro (*Dracaena draco*), uma espécie singular, ameaçada de extinção. De salientar ainda neste lado do jardim um eucalipto (*Eucalyptus* sp.) de grande porte e uma árvore-da-borracha (*Ficus elastica*) situada junto à entrada. No relvado por detrás do edifício "Companhia de Águas de Lisboa" ergue-se uma araucária-de-Norfolk (*Araucaria heterophylla*), uma espécie endémica desta ilha a norte da Nova Zelândia, enquanto ao lado alguns jacarandás (*Jacaranda mimosifolia*) ladeiam o caminho entre os dois relvados.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** 0,9 hectares
- **Endereço:** Rua do Alviela
- **Entrada:** paga (com exceções)
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** não
- **Quiosque / esplanada:** não
- **WC:** sim (no museu)
- **Parque de merendas:** não
- **Acesso a cães:** não

De São Vicente e Alfama pela Baixa Pombalina até Santos

A zona de São Vicente – monumentos, vistas e pequenos jardins

O Largo de São Vicente, onde se alinha uma fileira de lódãos, dá acesso a um dos grandes monumentos de Lisboa: o Mosteiro de São Vicente de Fora. Aqui encontram-se os Panteões da Casa Real de Bragança e dos Patriarcas de Lisboa e funciona o Museu do Patriarcado. Para melhor se conhecer a cidade sugere-se uma visita ao mosteiro, incluindo uma subida aos seus terraços.

Salienta-se o grande conjunto de azulejos barrocos, onde se encontra uma série com cenas das fábulas de La Fontaine. Dos vários patamares, as perspectivas da cidade são únicas e podemos ver o casario, os antigos conventos e palácios e os seus jardins e terraços. Lá em cima, a pedra branca do edifício em contraste com o azul do céu e do rio transporta-nos ao mágico e belo que envolve Lisboa.

Panteão Nacional.

Terraços do Mosteiro de São Vicente de Fora.

Perspetiva do jardim do Palácio Teles de Meneses.

JARDIM BOTTO MACHADO / JARDIM DE SANTA CLARA

O Jardim da Feira da Ladra

O estuário do Tejo e a imponente Igreja de Santa Engrácia (Panteão Nacional) são duas distintas vistas proporcionadas por este jardim-miradouro da zona oriental de Lisboa. E na companhia, duas vezes por semana, da peculiar animação da Feira da Ladra, o mais antigo mercado de Lisboa.

A FEIRA DA LADRA realiza-se aqui, no Campo de Santa Clara, todos os sábados e terças-feiras. O jardim está ainda envolvido por um notável conjunto edificado, e a poucos passos do Mosteiro de São Vicente de Fora, uma joia monumental da cidade.

Após o Terramoto de 1755, o Campo de Santa Clara viria a ser ocupado com barracas e tendas de campanha para os

MAPA

desalojados, prolongando-se ainda durante algum tempo, em face do receio de nova catástrofe. O sismo viria também a provocar o desaparecimento do Convento de Santa Clara, ali ficando sepultadas cerca de 400 pessoas debaixo dos escombros. No século XIX destaca-se a construção em 1877 do Mercado de Santa Clara, e a transferência da Feira da Ladra do Campo de Santana para este local a partir de 1882. O jardim é desta época, tendo sido implantado em 1862, e reconstruída a muralha que o sustenta em 1870. Em 1938 o jardim já havia alterado a sua designação para "Jardim Botto Machado", homenageando o republicano Fernão Amaral de Botto Machado (1865-1924).

A perfazer toda a frente do jardim do lado da entrada encontram-se grandes lódãos (*Celtis australis*) (1). No canteiro do parque infantil, junto ao gradeamento, ergue-se uma acácia-do-Japão (*Sophora japonica*) (2). A pontuar todo o interior do recinto encontram-se vários jacarandás (*Jacaranda mimosifolia*) (3).

INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** 0,45 hectares
- **Data de criação:** 1862
- **Endereço:** Campo de Santa Clara
- **Entrada:** livre
- **Abertura:** todos os dias
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** sim
- **Quiosque/cafetaria:** sim
- **WC:** sim (no quiosque)
- **Parque de merendas:** não
- **Acesso a cães:** sim (com trela)
- **Parque canino:** sim

O pequeno bairro do Castelo é um dos locais mais pitorescos de Lisboa.

Bairro de Alfama

É a alma medieval e popular de Lisboa, e o maior bairro típico da cidade, que desde a beira-rio sobe a encosta até às imediações do castelo. Na sua feição primitiva é anterior ao século XII e ficava parcialmente dentro da antiga Cerca Moura. Juntamente com o Bairro do Castelo, Alfama é o núcleo urbano mais antigo de Lisboa. A sua planta é um autêntico labirinto de grandes dimensões onde se combinam ruelas, becos, pátios, largos, escadarias, pórticos, postigos, e perspectivas com o Tejo muitas vezes presente, num jogo espacial pitoresco que surpreende o visitante. É quase uma aldeia dentro da cidade, onde não circulam automóveis e ainda se sente uma atmosfera popular, pelas suas gentes, pelas suas tascas e casas de fado, não faltando restaurantes para se apreciar boa gastronomia portuguesa.

Estátua de São Vicente, segurando numa mão a barca e os corvos que são o símbolo da cidade.

Miradouro/Largo das Portas do Sol

AUTÊNTICA VARANDA sobre Alfama e o Tejo. E tal como o nome indica, é um local abençoado pela luz que tanto caracteriza Lisboa. Do casario de Alfama sobressaem as Igrejas de Santo Estêvão e de São Miguel, e a oriente, a fachada imponente do Mosteiro de São Vicente de Fora. Diante desta vista encontra-se a estátua de São Vicente, o padroeiro de Lisboa desde 1173, segurando numa mão a barca e os corvos que são o símbolo da cidade. No lado interior do largo, o Palácio dos Condes de Azurara alberga o Museu de Artes Decorativas, e em redor não faltam esplanadas com óptimas perspectivas sobre este grande cenário onde o azul e o branco predominam.

Miradouro/Largo de Santa Luzia

Os telhados de Alfama, o Tejo, a margem sul. Assim é a vista de um dos miradouros mais procurados de Lisboa, onde se cruzam lisboetas e turistas dos quatro cantos do mundo. Voltado para sul, é um local bem iluminado ao longo do ano. Inclui um lago, uma esplanada, um pequeno jardim de sebes, uma igreja, painéis de azulejos (os da Igreja de Santa Luzia, do século XIX, representam o feito de Martim Moniz na conquista de Lisboa), um busto de Júlio de Castilho (1840-1919) – um historiador de Lisboa antiga – da autoria de Costa Mota e uma pérgula com bancos de pedra de onde, confortavelmente, se pode contemplar a paisagem.

Apesar da reduzida dimensão, este espaço merece, no entanto, dois destaques botânicos: uma grande buganvília (*Bougainvillea glabra*) e a videira (*Vitis vinifera*) que decora a pérgula.

Este é um dos mais belos jardins-miradouros de Lisboa.

De referir ainda que na rua do Limoeiro, pouco abaixo do miradouro, se encontra uma notável bela-sombra (*Phytolacca dioica*) classificada de Interesse Público.

A bela-sombra (*Phytolacca dioica*) da rua do Limoeiro classificada como árvore de Interesse Público.

Largo Pad Zé (igreja de Santo Estevão).

Largo Pad Zé e Largo de São Miguel

Perdermo-nos em Alfama é uma das coisas mais extraordinárias que se pode fazer em Lisboa. Nas suas ruas podemos procurar a singular palmeira do Largo de São Miguel, os lódãos da Rua do Vigário ou os pinheiros do Largo Pad Zé, junto à Igreja de Santo Estevão. Este último miradouro convida ao descanso, a uma conversa mais íntima, e a olhar o horizonte, que mistura o casario com o rio Tejo.

Largo de São Miguel.

Vista de Alfama.

Geomonumento da Rua da Judiaria

Curiosidade – aqui foi litoral há 17 milhões de anos. No Miocénico Inferior existia aqui um ambiente marinho, pouco profundo, propício à formação de calcários, ricos em fósseis de moluscos, algas e corais. Com a descida do nível do mar estes terrenos ficaram emersos e percorridos por rios, ladeados de praias fluviais e planícies aluviais onde pastavam rinocerontes (*Gaindatherium*), porcos selvagens (*Bunolistriodon*), cervídeos (*Dorcatherium*) e parentes próximos dos atuais elefantes (*Prodeinotherium*). *Meracricedonton* e *Democricetodon*, pequenos mamíferos primitivos atualmente extintos, também aqui procuravam alimentos. Além destes restos de mamíferos, existem nestas areias fósseis de répteis e de peixes de água doce, salobra e marinha, o que denuncia a proximidade da linha de costa.

Jardim do Campo das Cebolas.

Teatro e Museu Romano.

Jardim do Campo das Cebolas

NASCEU UM NOVO jardim no Campo das Cebolas, com parque infantil e vista sobre o Tejo. Um amplo e convidativo relvado com pinheiros-mansos (*Pinus pinea*) que permite contemplar não só o rio, mas também o belo quadro edificado da encosta da Sé, onde sobressaem as torres da velha catedral.

A requalificação do espaço público, anteriormente ocupado por estacionamento desregrado, dignificou este local emblemático do centro histórico de Lisboa, situado ao lado da Praça do Comércio e rodeado de motivos de interesse. É o caso da Casa dos Bicos (século XVI), cuja área envolvente também foi renovada. Aqui se encontra sediada a Fundação José Saramago, dedicada à vida e obra do consagrado Nobel da Literatura. E em frente está uma oliveira, trazida da aldeia de Azinhaga do Ribatejo (terra natal do escritor), um banco de pedra e duas placas que incluem uma frase do seu livro Memorial do Convento: "Mas não subiu para as estrelas se à terra pertencia".

Outras árvores se destacam neste largo. De um lado, uma magnífica paineira-rosa (*Ceiba speciosa*), muito apreciada pelas suas grandes flores de tons rosa, apresentando um tronco em forma de garrafa, protegido por picos cónicos. O seu nome comum "paineira" deve-se ao tipo de algodão produzido dentro do fruto, uma fibra designada de paina, usada para enchimento de almofadas. Do outro lado, distingue-se uma tipuana (*Tipuana tipu*), que na Primavera apresenta flores amarelas e alaranjadas, tornando-a ainda mais atrativa.

Teatro e Museu Romano

Para melhor se conhecer a história Romana de Olissipo, vale a pena visitar o Museu que lhe é dedicada, partindo do Campo das Cebolas, apesar da subida íngreme. Dali vê-se o rio, conta-se a história do garum, pitéu preparado nos tanques de pedra da cidade (por ex. Casa dos Bicos) – a pasta de peixe que percorreu o mundo –, e é-nos apresentada a vida e a morte em Lisboa dessa época, dos Deuses ao quotidiano profano, da escultura ao utensílio doméstico, do fórum ao teatro da cidade. Existiu uma Lisboa Romana, que podemos mapear e ouvi-la, ali, a olhar para o Tejo, no local onde pousam os seus vestígios.

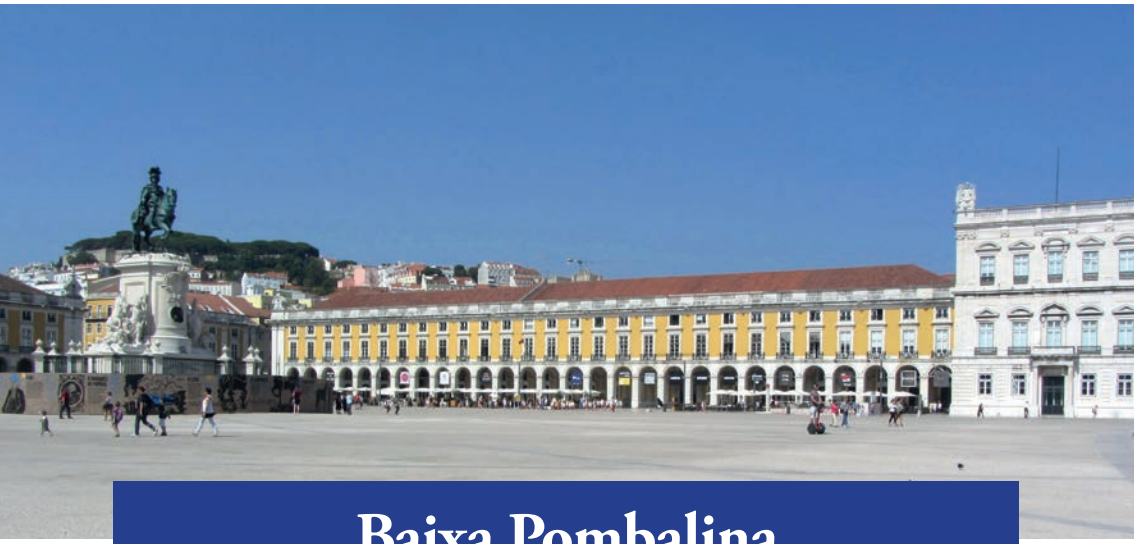
Doca da Marinha.

Estação Sul Sueste e Doca da Marinha

Estação fluvial, *Art Déco*, 1932, da autoria de Cottinelli Telmo, recuperada em 2021, com ampla esplanada, loja e uma bonita exposição sobre o estuário. O cais adjacente é ponto de partida e chegada para vários cais fluviais da outra banda do estuário. A Doca da Marinha serve hoje, finalmente, de porto para embarcações de recreio típicas da região e também para barcos de passeios turísticos no rio Tejo. Ao redor, esplanadas, restaurantes, espreguiçadeiras e renques de árvores, freixos e ginkgos, compõem este enorme ganho para a cidade.

Neste alinhamento situa-se o Terminal de Cruzeiros, onde se prevê para breve que os navios utilizem energia elétrica quando atracados.

Estação Sul Sueste.



Baixa Pombalina

A BAIXA POMBALINA é o centro de Lisboa e o resultado da revolução urbanística e arquitectónica desencadeada pelo fatídico dia 1 de Novembro de 1755, dia do grande terramoto que devastou a cidade e uma grande parte do país. Em pleno reinado de D. José I, Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal), então ministro do rei (e futuro primeiro-ministro), mandou erguer uma 'cidade nova' no centro da capital.

Numa área com cerca de 25 hectares, o novo urbanismo contemplava uma planta de ruas largas rectilíneas e perpendiculares, grandes praças, e uma malha de edifícios cuja fundação assenta sobre estacaria implantada em terrenos de aluvião abaixo do nível freático. Ao nível do rés-do-chão dos edifícios são características as salas abobadadas com tijoleira e os arcos de cantaria. A Baixa Pombalina é um dos primeiros modelos arquitectónicos de construção anti-sísmica, como demonstram as chamadas "gaiolas pombalinas", que são estruturas interiores de madeira, maciças e encorpadas, projectadas para distribuir as forças sísmicas.

Esta zona nobre da cidade compreende a área baixa situada entre colinas, limitada a norte pelas Praças do Rossio e da Figueira, a oeste pelo Cais do Sodré, Chiado e Carmo, a oriente pela colina do Castelo de São Jorge, e a sul pela grandiosa Praça do Comércio (ou Terreiro do Paço) situada à beira-rio.

Praça do Rossio (Praça D. Pedro IV)

Esta praça é desde há séculos um dos centros nevrálgicos de Lisboa, embora com uma configuração diferente antes do Terramoto de 1755 que arrasou a maior parte da cidade. A reconstrução pombalina desenhou-lhe o traçado actual, sendo um dos espaços mais emblemáticos da capital. No topo norte impõem-se a presença do Teatro D. Maria II (século XIX), de vistosa feição neoclássica, e no centro da praça ergue-se a estátua do rei D. Pedro IV (1798-1834) ladeado por duas grandes fontes. Em todo

o redor, lojas, cafés e esplanadas animam o rés-do-chão das harmoniosas fachadas de três andares com águas furtadas.

Praça da Figueira

Situada ao lado da Praça do Rossio, a Praça da Figueira, também um amplo espaço público, é coroada ao centro com uma admirável estátua equestre do rei D. João I erguida em bronze. Das esplanadas da praça contempla-se uma bela perspectiva da cidade encimada pelo Castelo de São Jorge.

Elevador de Santa Justa (e miradouro)

É um dos monumentos mais singulares da Baixa Pombalina. Construído em ferro fundido e ornamentado com decorações em 'filigrana', o Elevador de Santa Justa foi aberto ao público em 1902, estabelecendo uma ligação entre a Baixa e o Bairro Alto. Duas cabinas de madeira sobem aos 45 metros de altura, proporcionando aí uma excelente panorâmica de 360 graus sobre a Baixa, o Convento do Carmo, o Castelo, a Sé Catedral e o Tejo.

O Cais das Colunas é um verdadeiro símbolo da relação histórica de Lisboa com o Tejo.

O Rossio (Praça D. Pedro IV) é o centro nevrálgico da Baixa Pombalina.

Terreiro do Paço / Praça do Comércio

De grande monumentalidade e aberta ao Tejo, orientada em função do rio, é uma das maiores e mais belas praças do mundo. Constitui a expressão mais notória da arquitectura pombalina que renovou o centro de Lisboa após o Terramoto de 1755. Ao centro ergue-se a estátua equestre do rei D. José I, da autoria de Machado de Castro, mandada erigir pelo Marquês de Pombal, ministro do rei e responsável pelo novo urbanismo da Baixa da capital. A norte abre-se o imponente Arco da Rua Augusta, de inspiração neoclássica, hoje um magnífico moradouro da Baixa. O conjunto escultórico representa, no topo, a Glória coroando o Génio e o Valor, enquanto mais abaixo as duas figuras deitadas ilustram os rios Tejo e Douro, encontrando-se à esquerda as estátuas de Viriato e de Vasco da Gama, e à direita as figuras de Marquês do Pombal e de Nuno Álvares Pereira.

Nas laterais da Praça, extensas galerias acompanham o conjunto edificado, albergando hoje esplanadas, restaurantes e cafés, fruto de um grande projecto de recuperação e revitalização levado a cabo no final da década de 2000. Aí, salientamos a instalação do Lisboa Story Center,

O singular miradouro do Elevador de Santa Justa oferece excelentes panoramas sobre a Baixa Pombalina.

inaugurado em 2012, moderno centro de interpretação da história de Lisboa, assente em tecnologia multimédia como recurso principal, e numa lógica interactiva onde se alia o carácter lúdico ao rigor histórico. Um percurso por 12 salas transporta-nos numa viagem no tempo desde a fundação da capital até à modernidade. Recentemente, abriu o Centro de Interpretativo da História do Bacalhau, cuja visita constitui uma outra grande viagem portuguesa.

Inaugurado oficialmente no dia 7 de Janeiro de 1782, o Café do Martinho da Arcada é uma referência histórica e cultural de Lisboa. Ao longo de mais de 200 anos este foi um ponto de encontro e de tertúlia, dos quais um frequentador habitual muito especial: Fernando Pessoa (1888-1935), um dos maiores poetas do mundo.

O Terreiro do Paço sempre foi um centro do poder, onde outrora se erguia o imponente Paço da Ribeira, destruído pelo sismo, e onde ainda hoje funcionam diversos ministérios dos governos da República.

Jardim da Ribeira das Naus

A RIBEIRA DA NAUS é um dos mais notáveis espaços públicos ribeirinhos da cidade de Lisboa, nascido de uma grande intervenção de reabilitação inaugurada em 2014, ligando o Cais das Colunas e a Praça do Comércio às Agências Europeias (Segurança Marítima e Observatório da Droga e Toxicodependência) e ao Cais do Sodré, na companhia das águas do Tejo.

A recriação das antigas Doca Seca e Doca da Caldeirinha permitiu valorizar culturalmente a memória histórica de um conjunto de estaleiros navais, cuja origem remonta à época dos Descobrimentos. A Doca da Caldeirinha, agora a descoberto, voltou a ter uma ligação direta com as águas do rio, sobre as quais passamos através de uma ponte. Esta doca é, aliás, alvo de uma solução ecológica inovadora – para depuração da água foram instaladas pequenas ilhas de cortiça flutuantes com plantas, que por sua vez se desenvolvem captando os nutrientes em excesso (nitratos, fosfatos), havendo já patos-reais que adotaram este novo habitat.

A acompanhar o Tejo prolonga-se uma escadaria que desce até à beira de água, e do lado interior um amplo jardim arrelvado estende-se até ao grande edifício da Marinha, que bem marca a sua presença em tons de azul, não faltando locais que convidam a contemplar o estuário.

Há ainda um quiosque com esplanada e espreguiçadeiras para relaxar enquanto se desfruta de uma magnífica vista sobre o rio, a Ponte 25 de Abril e o Cristo-Rei. E aqui se encontra o monumento dedicado a Almada Negreiros, idealizado pelas suas netas, Catarina e Rita, colocado por altura da celebração dos 120 anos do nascimento do pintor e escritor português.

Jardim Roque Gameiro (Cais do Sodré)

REQUALIFICADO EM 2017 fica junto da estação ferroviária / metropolitana do Cais do Sodré. O jardim apresenta dois quiosques, um com esplanada e o outro, de arquitetura peculiar, exibe seis painéis de azulejos Arte Nova, datados de 1915, da autoria de José Pinto. Ao centro do jardim destaca-se a escultura "Homem do Leme", da autoria de Francisco Santos, e na sua imediação encontra-se uma instalação em pedra que homenageia o pintor Alfredo Roque Gameiro, com a referência "Mestre acuarelista – admirável pintor de aspetos e costumes de Lisboa. Medalha de oiro de mérito municipal." No arvoredo do jardim destaca-se uma grande tipuana (*Tipuana tipu*) classificada com árvore de Interesse Público.

Na praça situada junto à Rua do Alecrim (que sobe ao Chiado), é de realçar a estátua do Duque da Terceira, da autoria de Simões de Almeida, vencedor da Batalha da Asseiceira, onde os liberais venceram os absolutistas. É de reparar no desenho de Abel Manta da calçada à portuguesa que rodeia o monumento.

Largo do Barão de Quintela.

Jardim de Inverno do Teatro de São Luiz.

Pela encosta de São Francisco

SAIR POR MOMENTOS da frente ribeirinha, na zona do Cais do Sodré, sem nunca a perder de vista, é um dos trajetos mais interessantes e literários que podemos fazer em Lisboa. Tanto podemos subir pela Rua do Alecrim, como pela Rua das Flores. No Largo Barão de Quintela, onde surge a estátua de Eça de Queirós, da autoria de Teixeira Lopes, em que foi esculpida a bela figura feminina "Verdade", frase do escritor, encontra-se um conjunto de palmeiras-do-Senegal (*Phoenix reclinata*) classificado de Interesse Público. Mais acima, chegamos à Praça Luís de Camões, ladeada por vários jacarandás

Praça Luís de Camões.

Largo do Teatro de São Carlos.

Museu do Chiado.

e onde se ergue a estátua do grande poeta, da autoria de Víctor Bastos, rodeado de homens de letras e ciências, como por exemplo Fernão Lopes, João de Barros e Pedro Nunes. Os cafés e a arquitectura enchem-nos os olhos de século XIX, como também acontece quando passamos pelas estátuas de Fernando Pessoa (de La-

Jardim do Grémio Literário.

Largo das belas Artes.

goa Henriques), sentado numa esplanada, e do poeta António Ribeiro (Chiado), de Costa Mota (tio), e descemos ao Teatro São Luiz, com o seu jardim de Inverno, passamos pelo Largo do Picadeiro, onde pontuam dois lódãos e um choupo, como se estivessem a trepar os edifícios, e nos detemos no Largo do Teatro de São Carlos. É pena que ainda não esteja acessível o extraordinário terraço-miradouro do antigo convento de São Francisco, com vista de 360º, com possível entrada pelo Museu do Chiado. Consola-nos podermos ir ao Grémio Literário, fundado, entre outros, por mais dois grandes vultos da literatura portuguesa, Alexandre Herculano e Almeida Garrett, e onde, no jardim, podemos descansar da jornada e preparar o regresso à margem do rio Tejo, pelo Largo das Belas Artes.

JARDIM SÁ DA BANDEIRA / PRAÇA D. LUÍS I

O Jardim do Mercado da Ribeira

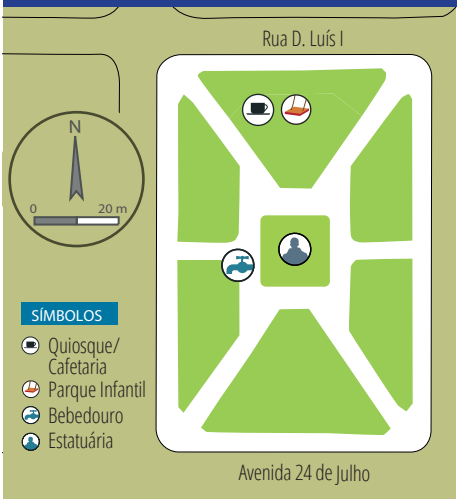
UM AGRADÁVEL JARDIM, voltado a sul, mesmo ao lado do buliçoso Mercado da Ribeira que mereceu intervenção profunda em 2014 e voltou a ser ponto de encontro de milhares de lisboetas e estrangeiros. No centro da praça está o monumento em memória do Marquês de Sá da Bandeira (l795-1876), guardado por dois leões laterais esculpidos na base do pedestal, obra concebida pelo arquiteto Germano José de Sales, com estatuária de bronze executada por G. Ciniselli. Ao fundo, ressalta o edifício encimado com uma torre do relógio, hoje museu das telecomunicações.

O Marquês, Bernardo de Sá Nogueira

INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** cerca de 0,4 hectares
- **Ano de criação:** 1865 (estátua inaugurada 1884)
- **Endereço:** Praça D. Luís I
- **Entrada:** jardim não vedado
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** sim
- **Quiosque/cafetaria:** sim
- **Área de merendas:** não
- **Acesso a cães:** sim (com trela)

MAPA



de Figueiredo, em 1829, na guerra liberal, como governador militar do Porto, participa na batalha do Alto da Bandeira, onde, por infortúnio, perde um braço. Após esta batalha recebe o título nobiliárquico. Foi várias vezes ministro da Marinha, chefe do Governo Setembrista e, em 1851, presidente do Conselho Ultramarino, tendo sido responsável pela abolição da escravatura.

O plátano (*Platanus* x *hispanica*) é a árvore de maior porte neste jardim. No canteiro que envolve o monumento e no relvado em frente encontram-se árvores de porte pequeno e retorcido: as olaias (*Cercis siliquastrum*). São várias as palmeiras que sobressaem e, perto da estátua, ergue-se uma bela tamareira (*Phoenix dactylifera*) com vários caules (espiques), muito cultivada no Médio Oriente e Norte de África, pela importância dos seus frutos, as tâmaras, na alimentação desses povos e é uma espécie naturalmente associada aos oásis. Num dos cantos do jardim encontra-se uma grande palmeira-das-Canárias (*Phoenix canariensis*). Vejam-se ainda duas palmeiras-brancas (*Brahea armata*), cuja cor azul-cinza das suas folhas torna-as inconfundíveis. As sementes torradas servem de alimento a alguns grupos indígenas na sua terra de origem (México).

Há um plátano que se destaca como a árvore de maior porte neste jardim.

Largo de São Paulo e Elevador da Bica

Na frescura do Largo da Igreja de São Paulo, envolto por magníficas tílias, onde se encontra o obelisco-chafariz de Reinaldo dos Santos, e um dos primeiros quiosques da cidade, podemos ganhar força, ou vontade, de subirmos à cidade alta, pelo icónico elevador da Bica. Aí é obrigatório sentarmo-nos, protegidos pelos freixos, no Largo de Sto. Antoninho, onde parece que entramos noutro mundo, reunindo várias épocas, tradições e inovações. Na Rua da Boavista, em baixo, ainda resiste a Bica que dá nome a todo o bairro. De notar ainda as várias caravelas em pedra, símbolo da cidade, que pontuam a rua.

MIRADOURO DO ALTO DE SANTA CATARINA / JARDIM DO ADAMASTOR

A Vista do Adamastor

INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** 0,13 hectares
- **Ano de criação:** 1883
- **Endereço:** Rua de Santa Catarina
- **Abertura:** todos os dias
- **Horário de abertura:** 7h30-23h30
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** não
- **Quiosque/cafetaria:** sim
- **WC:** sim
- **Parque de merendas:** não
- **Acesso a cães:** sim (com trela)

É UMA AUTÊNTICA varanda voltada para o Tejo. Corre a lenda que é de onde vem a expressão "ficar a ver navios" e não há dúvida que daqui é um regalo olhar para o rio e ver o vaivém dos barcos. Um imponente Adamastor ergue-se em pedra no centro deste pequeno jardim, da autoria de Júlio Vaz Júnior que, ao que dizem, se fez representar na própria escultura. O Adamastor é um gigante da mitologia greco-romana popularizado n'Os Lusíadas por Luís de Camões, que representava as forças

Estátua do Adamastor.

MAPA

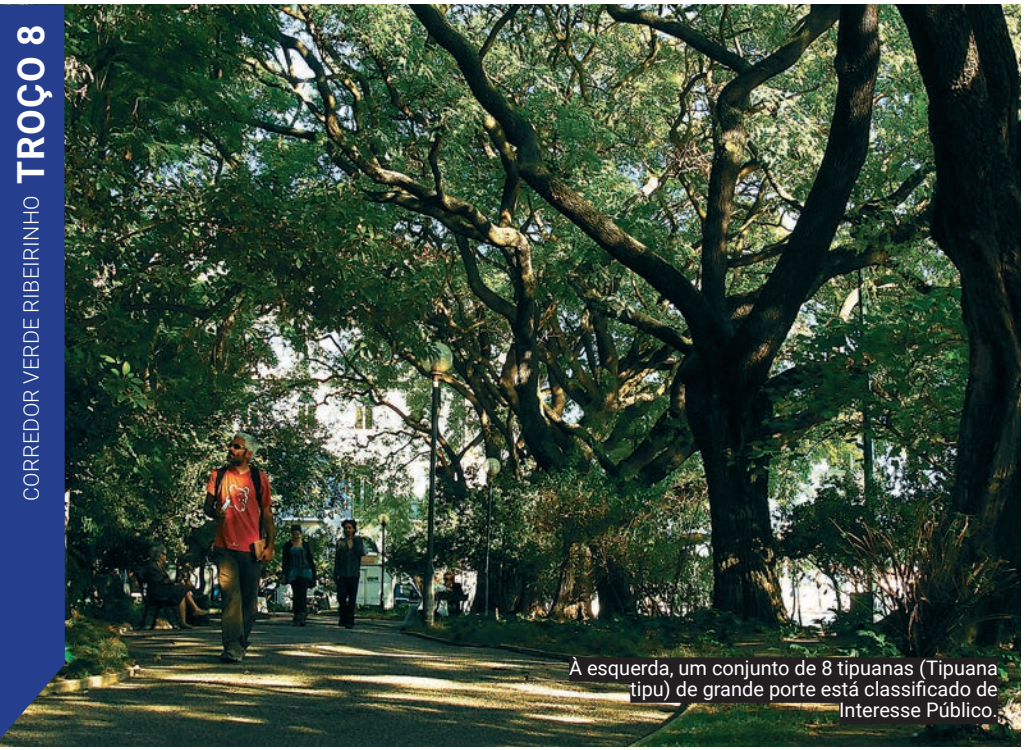
da natureza sob a forma de tempestades, ameaçando os navegadores que ousassem passar o Cabo das Tormentas em direção ao Oceano Índico.

Requalificado em 2019, este é um dos miradouros mais concorridos de Lisboa e, estando voltado para sul, quando as nuvens o permitem, mostra-se sempre bem iluminado pelo sol ao longo do dia. Não falta uma esplanada com vista desafogada, enquadrada por uma moldura de árvores, das quais se destacam uma grevílea (*Grevillea robusta*) e um plátano, ambas junto à estátua, e no outro lado do jardim (a poente), um lódão (*Celtis australis*).

Largo Vitorino Damásio / Av. D. Carlos I / Largo da Esperança

Vale a pena fixar este ponto de encontro – o Largo Vitorino Damásio, um dos fundadores da Associação Industrial Portuguesa e presidente da Companhia das Águas, protagonista do desembarque do Mindelo. A partir daqui recomenda-se um passeio até à escondida Rua do Merca-Tudo, ainda hoje muito concorrida por jovens, e olhar para o chafariz da Esperança, da autoria de Carlos Mardel. Mas, imperdível, é percorrer a Av. Dom Carlos I no princípio do mês de junho, e admirar a exuberância dos jacarandás floridos e sentir o inebriante perfume das tílias. Este também é o local de chegada do notável percurso que pode vir das Amoreiras, por São Bento, até ao rio.

Largo e Chafariz da Esperança.



À esquerda, um conjunto de 8 tipuanas (Tipuana tipu) de grande porte está classificado de Interesse Público.

JARDIM NUNO ÁLVARES / JARDIM DE SANTOS

O Jardim das Tipuanas

PEQUENO E LUXURIANTE. Requalificado em 2018, o Jardim de Santos está envolvido por densa vegetação, e principalmente pela sombra de 8 belas tipuanas (*Tipuana tipu*) (1). As suas silhuetas ramificadas, em contraluz, formam um distinto enquadramento visual neste pequeno oásis de verdura nascido no meio de edifícios, ruas e avenidas, servindo de barreira da movimentada avenida.

No interior do jardim, plantado num canteiro circular do lado oposto à avenida, podemos contemplar um grande jacarandá (*Jacaranda mimosifolia*) (2), e atrás destacam-se diversos troncos que saem de uma grande massa de raízes: é uma bela-sombra (*Phytolacca dioica*) (3). Já no canteiro do lago podemos ver mais do que uma olaia (*Cercis siliquastrum*) (4), que por volta de março se enche de flores cor-de-rosa, sendo muito procuradas por abelhas. O jardim tem vários bancos para descanso e algumas mesas de apoio, um parque infantil e celebra o escritor Ramalho Ortigão (1836-1915) através de uma estátua da autoria de Bessone.

Estátua, da autoria do Bessone, do escritor Ramalho Ortigão (1836-1915).

INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** 0,4 hectares
- **Ano de criação:** 1873
- **Endereço:** Largo de Santos
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** sim
- **Quiosque/cafetaria:** não
- **WC:** não
- **Parque de merendas:** algumas mesas de apoio
- **Acesso a cães:** sim (com trela)
- **Equipamentos de manutenção física:** sim

MAPA

Largo da Igreja de Santos, Jardim da Embaixada de França

No coração da Madragoa, a Igreja de Santos-o-Velho evoca os santos mártires, Veríssimo, Máxima e Júlia, que no séc. IV terão sido perseguidos e mortos à ordem do déspota romano Dioclesiano. O largo em frente é um cruzamento em que, debaixo das suas árvores, podemos escolher várias direções. Uma das possibilidades é descer até ao rio pela Calçada Ribeiro Santos ou pelas Escadinhas da Praia. Também se pode prosseguir pela Rua de Santos-o-Velho e depois subir pela Rua das Trinas e visitar o antigo Convento do Mocambo, hoje Instituto Hidrográfico, ou então seguir pela Rua da Esperança (nos antigos domínios do convento com o mesmo nome), parar no Convento das Bernardas e visitar o Museu da Marioneta. Para completar o passeio, o ideal seria conseguir ainda uma visita ao Jardim da Embaixada de França, sita no antigo Palácio Marquês de Abrantes, outrora Paço Real, na rua de saída de Lisboa para ocidente, onde abundavam conventos, palco de centenas de acontecimentos e episódios que podemos estudar, lembrar ou ouvir a olhar para o magnífico Tejo.

Vista da Varanda da Cruz Vermelha.

Varanda da Cruz Vermelha Jardim do Museu de Arte Antiga Largo José Figueiredo e Jardim York House

A varanda do Palácio da Rocha do Conde d'Óbidos – Cruz Vermelha Portuguesa e o terraço do Museu de Arte Antiga (MAA) são locais privilegiados de contemplação do rio e do porto de Lisboa. Nestes sítios, aproveitando as suas sombras, podemos preparar uma visita a um dos museus mais importantes de Portugal e que também possibilita uma viagem pelo itinerário iconográfico botânico e zoológico que o MAA e a Câmara Municipal de Lisboa prepararam no âmbito da Lisboa Capital Verde Europeia 2020. É um percurso singular, curioso pelos pormenores, pela história, mas, principalmente, pela simbologia e conhecimento.

Jardim do Museu de Arte Antiga.

À saída, quer o Largo José Figueiredo, fundador do museu, com uma estátua evocativa de Vénus, quer o pátio silencioso do hotel York House, são outros refúgios a merecerem uma paragem.

Largo José Figueiredo.

Jardim York House.

JARDIM 9 DE ABRIL / JARDIM DA ROCHA CONDE DE ÓBIDOS

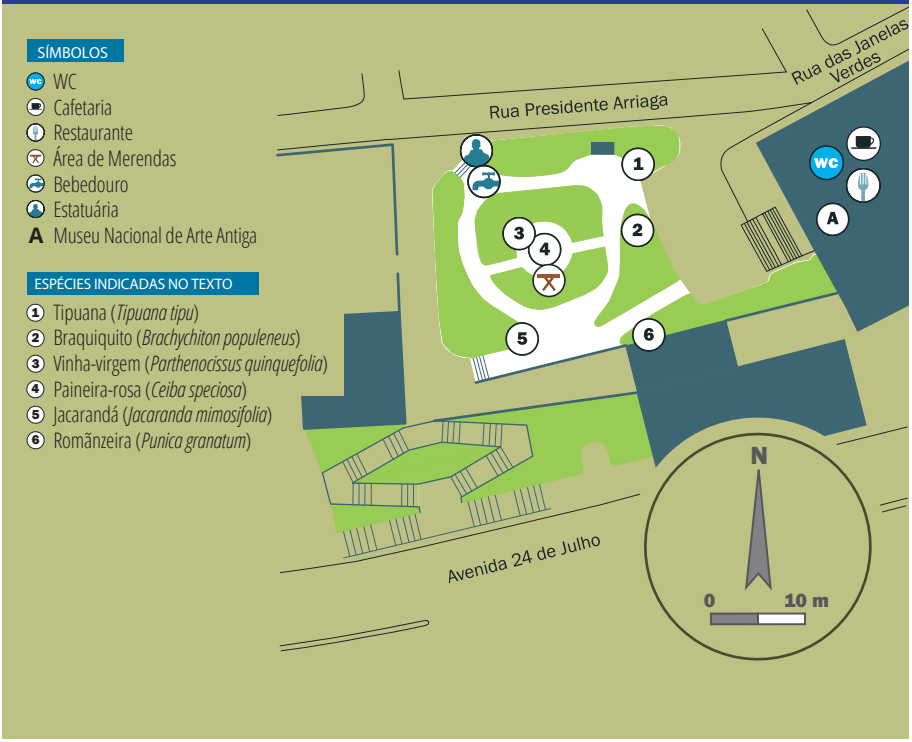
Um Olhar Sobre o Porto

É O PEQUENO JARDIM implantado entre o Museu Nacional de Arte Antiga e a sede da Cruz Vermelha Portuguesa, com vistas sobre o Tejo, o porto de Lisboa e a ponte 25 de Abril, com as colinas de Almada na outra margem. O nome do jardim evoca a Batalha de La Lys, da Primeira Guerra Mundial, 9 de abril de 1918, onde pereceram milhares de soldados portugueses e, também, o fundador da Cruz Vermelha Portuguesa, o médico José António Marques (1822-1884), com

INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** 0,37 hectares
- **Data de criação:** final do século XIX
- **Endereço:** Rua das Janelas Verdes
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** não
- **Quiosque/cafetaria:** não
- **WC:** não
- **Parque de merendas:** algumas mesas de apoio
- **Acesso a cães:** sim (com trela)

MAPA



um busto da autoria de Manuel Bastos Baltazar. É um jardim para estender as vistas, ler um jornal ou partilhar uma conversa.

Três árvores têm a classificação de Interesse Público: uma tipuana, um braquiquito e uma tamareira.

A majestosa tipuana (*Tipuana tipu*) (1)dá as boas-vindas a quem visita o jardim. De salientar outra grande árvore, um braquiquito (*Brachychiton populneus*) (2). O seu tronco largo funciona como reservatório de água, permitindo uma boa adaptação à secura. Ao centro, a vistosa pérgula coberta por vinha-virgem (*Parthenocissus quinquefolia*) (3), enquadra uma magnífica paineira-rosa (*Ceiba speciosa*) (4). No Outono, a combinação das folhas avermelhadas da primeira com as flores cor-de-rosa da segunda, confere um quadro imperdível.

A enquadrar a vista sobre o rio estão dois jacarandás (*Jacaranda mimosifolia*) (5), que entre maio e junho revelam uma exuberante floração azul-lavanda. De assinalar ainda as romãzeiras (*Punica granatum*) (6) que se encontram no jardim em vários locais, naturais do Sudoeste da Ásia e cultivadas nas regiões do Mediterrâneo desde há séculos.

FRENTE RIBEIRINHA OCIDENTAL

De Alcântara a Belém

Doca do Espanhol, Gare Marítima da Rocha Conde d'Óbidos

Este local, quase inexplorado pelos Lisboetas, é um dos mais aprazíveis junto ao rio Tejo. Uma ponte móvel leva-nos da Doca até à Gare. Há um silêncio estranho, talvez o da memória daqueles que partiram daqui para a guerra colonial. A Gare da Rocha de Conde d'Óbidos, obra também do arquitecto Pardal Monteiro, com pinturas de Almada Negreiros ("Domingo da Lisboa Ribeirinha"), merece um olhar. Esperemos que o Porto de Lisboa abra em

Logradouro da Av. Infante Santo / Rua Tenente Valadim

Fica a sugestão de uma saída de perto do rio para presenciar duas situações que marcaram uma época. Por um lado, os logradouros ajardinados da Avenida Infante Santo, pioneiros no tratamento paisagístico por parte da primeira geração de arquitetos, discípulos de Caldeira Cabral, e um exemplo muito mais recente que incluiu a retirada de alcatrão e que vai permitir um melhor acesso pedonal à Calçada das Necessidades – ideias que acompanham o espírito inicial da Avenida Infante Santo. Por outro lado, destaca-se uma das arborizações de arruamentos melhor conseguidas em Lisboa, datada dos anos 60 e da autoria de Edgar Sampaio Fontes. Hoje a sombra dos choupos-negros, das acácias-do-Japão e das aveleiras-turcas tornam a Rua Tenente Valadim um exemplo a replicar.

Geomonumento da Av. Infante Santo

Curiosidade – aqui foi mar há 97 milhões de anos. No início do Cretácico Superior o nível global dos oceanos subiu e o mar invadiu grande parte das terras emersas até então. A atual região de Lisboa não escapou a este fenómeno à escala planetária. Neste local existia então um ambiente marinho litoral, pouco profundo, propício à sedimentação de vasas calcárias e argilosas e à precipitação da sílica dissolvida na água. Milhões de anos depois, os sedimentos foram transformados em calcário. A sílica, por seu lado, originou o sílex contido no calcário. O sílex, ou pederneira, é uma rocha muito dura, usada na Pré-história no fabrico de utensílios e, mais tarde, nas primitivas armas de fogo. São vários os locais na região de Lisboa onde se explorou esta matéria-prima.

Gare Marítima de Alcântara.

Gare Marítima de Alcântara / Doca de Sto. Amaro

Esta doca foi uma das primeiras zonas da frente ribeirinha devolvidas à cidade, meados da década de 90, do século passado, com diversos restaurantes e bares, encostada ao edifício modernista de Pardal Monteiro, de 1943, onde foram instalados os notáveis painéis de Almada Negreiros, nomeadamente os dois trípticos "Nau Catrineta" e "Quem não viu Lisboa, não viu coisa boa". Vale a pena a visita

Doca de Sto. Amaro.

Ponte 25 de Abril e Jardim das Docas

Inaugurada em 1966 para estabelecer a ligação entre as duas margens do Tejo (Lisboa e Almada) tem um vão de 10120 metros de comprimento, e foi construída a 70 metros do nível da água, sendo que as duas torres alcançam os 190 metros de altura. Com uma vista privilegiada sobre a ponte encontra-se o Jardim das Docas, cuja ponte pedonal estabelece uma ligação entre o rio Tejo e o singular edifício histórico da Cordoaria.

Cordoaria

Pela mão do Mestre António Baptista de Sá, através do futuro Marquês de Pombal, construiu-se neste local a grande fábrica de cordame para apresto dos navios. A obra demorou muitos anos, mas, finalmente, em finais do séc. XVIII, viu a luz do dia e também o fim da dependência externa deste produto.

O edifício, depois de várias vicissitudes e ocupantes, é hoje um local para exposições e é uma das grandes referências do património industrial da cidade.

CONJUNTO MONUMENTAL DE BELÉM

A Sala de Visitas

São três jardins unidos como um só e estão no centro da monumentalidade de Belém. É onde confluem turistas de todo o mundo, e sobretudo aos fins-de-semana, multidões de portugueses. O Mosteiro dos Jerónimos, o Centro Cultural de Belém, o Palácio de Belém e o Padrão dos Descobrimentos fazem sentir a sua presença.

O extenso relvado do jardim Vasco da Gama é muito procurado pelos lisboetas aos fins-de-semana.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** 10 hectares
- **Data de criação:** século XX
- **Corredor Verde:** Ribeirinho
- **Entrada:** jardins não vedados
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** sim
- **Quiosque/cafetaria:** sim
- **WC:** sim
- **Parque de merendas:** sim
- **Acesso a cães:** sim (com trela)

NO JARDIM DO IMPÉRIO sobressaem oliveiras (*Olea europaea*) (1) e os sempre aprumados ciprestes (*Cupressus sempervirens*) (2), que parecem combinar com os pináculos do mosteiro, autênticos símbolos da paisagem e do aroma mediterrânicos, entre espécies arbustivas como buxos (*Buxus sempervirens*), murtas (*Myrtus communis*) e santolinas (*Santolina chamaecyparissus*), cujas sebes conferem a geometria do espaço.

Na passagem para o grande relvado do

Jardim Afonso de Albuquerque e ao fundo o Palácio de Belém, residência oficial do Presidente da República.

Jardim Vasco da Gama a vegetação multiplica a sua variedade, numa disposição que foge à simetria. Aí encontram-se várias tipuanas (*Tipuana tipu*) (3), originárias da América do Sul, cuja floração amarela desperta na Primavera. Outro alinhamento de árvores surge em frente às esplanadas – são laranjeiras (*Citrus sinensis*) (4), que embora estejam mais associadas a pomares, são também frequentes em arruamentos de vilas no Alentejo. É uma árvore oriunda da China, como o seu epíteto indica, bem adaptada às regiões mediterrânicas. Foi trazida para a Europa no século XVI pelos portugueses, o que resultou no nome que em muitos países lhe dão: por exemplo na Grécia chamam-lhe "portokali" e na Roménia "portocala".

Por fim, em frente ao Palácio de Belém encontra-se o Jardim da Praça Afonso de Albuquerque. Nele se destacam duas espécies, ambas autóctones de Portugal: o lódão (*Celtis australis*) (5) e o pinheiro-manso (*Pinus pinea*) (6). De referir ainda que junto à fachada lateral oriental do Mosteiro dos Jerónimos (rua dos Jerónimos) se encontra uma notável paineira-barriguda (*Ceiba crispiflora*) classificada de Interesse Público.

Paineira-barriguda (*Ceiba crispiflora*) - uma árvore classificada de Interesse Público localizada junto ao Mosteiro dos Jerónimos.

Mosteiro dos Jerónimos, Padrão dos Descobrimentos, Centro Cultural de Belém: distintos monumentos e edifícios que marcam a sua presença no Jardim do Império.

HISTÓRIA

CONSTRUÍDOS E REMODELADOS no século XX, os Jardins de Belém constituem importantes espaços de enquadramento paisagístico, destacando-se particularmente os das Praças do Império e de Afonso de Albuquerque, nas obras realizadas em 1940 para a Exposição do Mundo Português, que visava comemorar os 800 anos da Independência de Portugal (Tratado de Zamora) e os 300 anos da Restauração da Independência. Não obstante a maioria dos edifícios construídos ter tido um carácter efémero, sendo posteriormente desmontados após a realização da exposição, alguns elementos patrimoniais acabaram por se manter, designadamente o Padrão dos Descobrimentos, o edifício do Espelho de Água e o Jardim do Império.

JARDIM DO IMPÉRIO

O Jardim da Praça do Império configura-se num importante espaço aberto de cariz panorâmico, resultante do aterro da antiga enseada e praia de Belém (Praia do Restelo). Concebido pelo arquiteto Cottineli Telmo (1897-1948), os trabalhos de jardinagem ficaram a cargo de Gomes Amorim, sendo plantado segundo os modelos dos jardins greco-romanos. A fonte e o desenho dos arruamentos constituem elementos estruturantes do ponto de vista panorâmico, tornando-se necessário, para percecionar a intenção de Cottineli, subir ao terraço do Padrão dos Descobrimentos. Os pavimentos são em genuína calçada portuguesa, integrando motivos decorativos na marcação das três principais entradas do jardim, onde figuram os signos do Zodíaco.

JARDIM VASCO DA GAMA

Este jardim é ladeado a norte por uma fachada de prédios com fundações que provavelmente remontam ao século XVI, mas mais seguramente ao século XVII. Todo o conjunto tipifica a construção ribeirinha, distanciando-se pouco da margem do Tejo. O jardim foi construído na década de 1980, sendo o projeto da autoria do arquiteto paisagista municipal António Saraiva. Com cerca de 5 hectares, estende-se num amplo relvado rodeado por uma orla de árvores e arbustos que lhe dão enquadramento e proteção do intenso tráfego da Av. da Índia.

JARDIM AFONSO DE ALBUQUERQUE

Construído sobre um antigo terreiro setecentista, foi sob a iniciativa do Rei D. Fernando (1816-1885) que o local passou a ser utilizado como passeio, a exemplo do que se passara no Pas-

O Jardim do Império foi concebido durante a Segunda Guerra Mundial, em 1940, no âmbito da Exposição do Mundo Português que comemorou os 800 anos da Independência de Portugal e os 300 anos da Restauração da Independência.

seio Público, onde é hoje a Av. da Liberdade. Em 1846, o antigo terreiro ficará conhecido por Praça D. Fernando, notabilizando-se com mobiliário urbano, iluminado a gás a partir de 1858. Mais tarde receberia um coreto, peça nuclear de animação musical na celebração de festividades régias e populares.

Com a integração do concelho de Belém na Câmara de Lisboa em 1885, o espaço recebeu novos arranjos, desta vez sob a responsabilidade do arquiteto municipal Augusto César dos Santos (1860-1900). O terreiro foi transformado em praça central, permitindo a circulação no seu espaço envolvente, e dispondo de um passeio ao longo da muralha do cais. Nos finais do século XIX a Praça D. Fernando era considerado o espaço mais frequentado pelos habitantes locais do "bonito bairro extramuros de Belém", tendo por perto a "ponte dos vapores lisbonenses", que transportava os locais de meia em meia hora para Lisboa.

Com o arranque das obras do Porto de Lisboa em 1887, viria a ampliar-se a praça, demolindo-se o antigo cais e a muralha setecentista, obra justificada para a implementação do troço de linha férrea de ligação entre Belém e o Cais do Sodré, uma vez que esta linha já fazia a ligação de Belém a Cascais.

Falecido em 1891, o historiador Luz Soriano deixou dinheiro em testamento com vista à realização de um monumento dedicado a Afonso de Albuquerque, que viria a ser inaugurado em 1902, erigindo-se no centro da praça em substituição do coreto que seria transferido para o lado ocidental da praça. A autoria do monumento, em estilo neomanuelino, é do escultor Costa Mota, discípulo de Simões de Almeida, e do Arquiteto Silva Pinto, então considerado adequado para a consagração dos vultos "dos nossos tempos heróicos".

Em 1905 a praça sofre um novo programa municipal de melhoramentos (de arborização e ajardina-mento), com um novo desenho de canteiros recortados (tipo biscoito) entre passeios sinuosos, dentro do gosto romântico. Após a implantação da República (5 de Outubro de 1910), o local ficará conhecido por "Jardim da Praça Afonso de Albuquerque". Novas alterações surgirão com as obras de remodelação urbana no âmbito da Exposição do Mundo Português em 1940. Em 1939 altera-se a fisiono-mia do jardim orgânico oitocentista de feição romântica, dando lugar a um desenho de cariz mais geométrico, pontuado nos vértices com fontes ornamentadas com figuras ferinas atribuídas ao escultor Barata Feyo.

JARDINS DO PALÁCIO DE BELÉM

O PALÁCIO E OS JARDINS DE BELÉM detêm um imenso repositório de história de mais quinhentos anos, remontando ao século XVI, em que a zona de Belém era à data um povoado com casario disperso, sobre o qual sobressaia o Mosteiro de Santa Maria de Belém, cuja construção decorreria praticamente por todo o século XVI e a Torre de S. Vicente de Belém, erguida entre 1515-1519. A montante, fundava-se uma pequena ermida no cimo do Monte de Santo Amaro dinamizada por um crescente movimento de prática devocional àquele taumaturgo, propiciando em 1549 a edificação de um novo e singular templo.

Na segunda metade do século XVI, acentuava-se o cariz defensivo de Belém, através da sua Torre de São Vicente, de vital importância na defesa da entrada na barra do Tejo, cruzando fogo de artilharia com a Torre de S. João da Caparica, edificada no reinado de D. João II, em 1488, sendo reedificada já no reinado de D. Sebastião em 1570, passando denominar-se "Torre Velha". Mais adiante à saída do rio na margem direita, o Forte de S. Gião (Julião), constituíam os seus principais baluartes defensivos.

Neste contexto defensivo e religioso fortemente arreigado à zona de Belém, será erguida a Quinta de Belém por D. Manuel de Portugal (1516-1606), poeta, filosofo e diplomata de grade cultura e erudição. O seu pai, D. Francisco de Portugal (1480-1549), primeiro conde do Vimioso, já havia anteriormente adquirido naquele local uma propriedade pertencente a João de Castilho (1470-1552), proeminente arquiteto; mestre de obras, que entre outras colaborações, conduziu as obras do Mosteiro dos Jerónimos.

Num propósito mecenático D. Manuel de Portugal amplia a propriedade aforando em 1559 aos frades arrábidos do mosteiro dos Jerónimos dois prazos foreiros, compostos por vinte e oito "chãos" e um Outeiro, conforme nos refere a conhecida Carta de Padrão de venda da Quinta de Belém, datada de 1726, realizada por ocasião da compra desta propriedade por D. João V. Nestes terrenos D. Manuel de Portugal ergueu as casas principais na denominada Quinta do Outeiro das Vinhas, nas quais acolheria também os monges franciscanos arrábidos, construindo também uma ermida, porventura, agregando-se ao conjunto medieval de casas implantadas no lado norte e poente da Quinta, cuja vista de "Lisabona, Cascale, Betheleem, Braun & Hogenberg, c. 1575", nos mostra a primeira representação do palácio de Belém, identificado na gravura como "Betheleem".

No seu núcleo original, cuja área corresponderia sensivelmente as atuais salas protocolares, destacam-se dois núcleos construtivos distintos entre o lado poente e nascente, testemunhando a passagem de um antigo núcleo orgânico de casas medievais situado no lado poente, para no lado nascente, encontrarmos um conjunto arquitetónico e paisagístico, já com referências renascentistas italianizantes, integrando um jardim geométrico cujo sistema hidráulico que alimentava os jardins provinha das águas das minas de variadas nascentes existentes na encosta da Ajuda, sendo armazenada num reservatório existente no topo da propriedade, sendo daí transportada através de galerias subterrâneas até à Quinta.

O núcleo nascente, composto dois corpos implantava-se em L, enquadrando, na parte central e lateral (nascente) um terraço que permitia a circulação por três dos seus lados, ao qual se acedia por lógias. Superiormente, no corpo central, sobre as arcadas, estende-se uma varanda corrida, privilegiando a relação casa-jardim numa unidade axialmente posicionada para disfrutar a magnifica vista para o rio Tejo. O Palácio era ainda servido por um pontão para desembarque flanqueado do lado nascente por um torreão. A ligação a Belém era feita pelo rio, através das suas múltiplas enseadas marginais existentes na margem esquerda do Tejo, encontrando na praia fluvial da Junqueira as melhores condições de acostagem, entre a plataforma de S. João e o forte da Estrela.

O limite desta Quinta a montante, chegava até ao Palácio dos condes da Calheta. Neste chão, junto ao Tejo, construiria um jardim que

JARDINS DO PALÁCIO DE BELÉM

nas palavras de Cristina Castel -Branco "...ilustram os primórdios da arte paisagística do Renascimento".

No século seguinte, a Quinta de Baixo encontra-se já vinculada em 1623 ao morgado Vale de Palma dos Cortes Reais. D. Joana Inês de Portugal casou com Luís da Silva Tello e Menezes, 2.º Conde de Aveiras, tornando-se a Casa de Aveiras administradora do "prazo de baixo". Contudo, seria o 3.º conde de Aveiras, D. João da Silva Teles de Menezes, que reedificaria o palácio ampliando-o e introduzindo-lhe diversificados elementos decorativos dentro dos modelos da sociedade cortesã barroca.

Através da já referida "Carta de Padrão...", temos conhecimento que na segunda metade do século XVII, o "jardim de baixo", detinha três casas de recreação, sendo a central decorada com relevos de estuque, contendo uma fonte com uma figura de jaspe, atualmente desaparecida. Esta casa de fresco central, suporta uma plataforma saliente posicionada a eixo no jardim superior aonde se colocou uma mesa de pedra maciça para doze pessoas, lugar privilegiado debruçado no rio, que ao tempo, ficava a cerca de cem metros de distância.

Neste plano cimeiro, encontrava-se o "jardim de cima" cujo espaço foi objeto da particular atenção do conde de Aveiras. A fachada virada para a Tejo manteria a varanda corrida quinhentista, agora ornamentada com painéis azulejares azuis e brancos, sendo ladeada por escadas de pedra com grades de jaspe que davam acesso ao jardim formal de buxo. O seu novo tratamento cenográfico, projetava ao centro um parterre ajardinado de traçado geométrico ornamentado por estatuária e bustos de mármore.

Ainda no programa decorativo do Conde de Aveiras na Quinta de Baixo destaca-se o teatro de influência francesa barroca que a funcional e prosaica designação de "pombal", afinal servira para albergar aves exóticas. No muro de suporte do terraço seriam embutidas jaulas para animais selvagens nu muro de suporte que sustenta o parterre.

O conjunto cenográfico fortemente polarizador, é composto por dois corpos porticados

geminados com configuração trapezoidal, sendo o lado menor chanfrado que faz a ligação aos respetivos pórticos tripartidos de cada um destes corpos. Por sua vez, o corpo central em cujo arco do meio, com cércea subida em relação aos restantes, se encontra uma cascata com grotescos ornamentada por uma estátua representando "Hercules esmagando a Hidra" da autoria do escultor genovês Giuseppe Gag-

gini (1643-1713). Todo o conjunto projeta-se cenograficamente num parterre com padronagem de jardim "à francesa", composto por canteiros com topiária ornamental seccionados por oito áleas que irradiam de um lago central.

A compra ao 3.º conde de Aveiras da sua Quinta feita pelo rei D. João V seria realizada em 1726, adquirindo também a Quinta da Calheta (hoje Jardim Colonial), contigua à parte cimeira da Quinta de Belém e a montante à Quinta dos Condes de Óbidos, situada no Alto da Ajuda, que viria a ser igualmente por si adquirida, em 1728, aonde se ergueria o Jardim Botânico da Ajuda. As duas quintas (de Baixo e do Meio) viriam a ser ligadas por um jardim formal de passeio com alamedas retas, com desenho estrelar dentro do estilo francês clássico, que o monarca veio a designar por "Regis Hor-

JARDINS DO PALÁCIO DE BELÉM

tus Suburbanus", composto essencialmente por arvores de fruto.

O seu interesse pela zona da encosta da Ajuda, residia na vontade do monarca em implementar um projeto de um Palácio e Patriarcal de Lisboa no cimo da encosta, projetando pela vertente da encosta jardins cenograficamente dispostos em terraços escalonados até à zona ribeirinha terminando num cais monumental junto ao Tejo. Com este projeto em mente, procurou instalar em Belém infraestruturas de lazer, mandando construir as cavalariças reais da Ajuda e suprir as conhecidas dificuldades de acostagem em Belém, dotando a zona com um novo cais da Praça de Belém.

A proposta seria desenvolvida pelo abade-arquiteto italiano Fillipo Juvarra (1678-1736), tendo em 1719 sido convidado pelo monarca, com vista à propositura do modelo e ao estudo da sua futura localização. Contudo, esta intenção não se viria a realizar, possivelmente pela vontade do monarca fazer um novo redimensionamento do convento do Real Edifício em Mafra, introduzindo-lhe um novo significado na afirmação do seu poder, opção que absorveu toda a mão de obra disponível no reino assim como avultados recursos monetários.

Com esta orientação de prioridades, os melhoramentos introduzidos durante o seu reinado na Quinta de Belém, foram reduzidos, possivelmente por nunca a ter habitado, situação que se alteraria com o terramoto de 1755, já no reinado de D. José, em cuja data fatídica, o monarca juntamente com a família real, se encontravam na Quinta Real de Baixo em Belém.

Na segunda metade do séc. XVIII a zona de Belém/Ajuda foi objeto de sensíveis transformações que se viriam a evidenciar particularmente na encosta da Ajuda. Receoso de novas réplicas sísmicas, D. José I mandou erguer um paço de madeira, vulgarizado pelo nome de "Real Barraca" (1756) para residência régia construído em terrenos do "Casal do Tojal" a norte do Paço Velho. Juntamente com este paço edifica-se a Capela Real (também em madeira). A Secretaria de D. José instala-se, mais abaixo, no palácio do conde da Calheta, a par de aquartelamentos e

conventos que viriam de forma sensível alterar o antigo perfil rural da encosta da Ajuda.

Neste contexto promove-se a ampliação e a reorganização dos antigos eixos urbanos que faziam a ligação de Belém ao Alto da Ajuda, procedendo-se à ampliação da Calçada da Ajuda (reorientava-se agora para noroeste até à Real Barraca, tornando-se o eixo viário principal de ligação entre Belém e a Ajuda, e a remodelação da Calçada do Galvão na ligação com a zona da Memória, que progressivamente se transformará num bairro com arruamentos regulares.

Já no reinado da rainha D. Maria II, os jardins da Quinta de Belém recebem um traçado mais naturalista já adaptado ao gosto da escola inglesa "Landscape Garden", introduzindo no jardim novas fontes. O palácio de Belém seria destinado a habitação de importantes visitantes estrangeiros, tendo ocorrido com frequência

durante o reinado de D. Carlos I.

Em inícios do seculo XX, com a implantação da República o palácio Quinta de Belém passou a receber as funções de palácio presidencial, vindo a receber neste século intervenções nos jardins como a implantação de pinheiros mansos no jardim grande durante a primeira República marcando nos dias de hoje, visualmente, com o seu volume vegetal, a relação do palácio com o rio.

A instalação do jardim Colonial na década de 40, com a sua preparação para a Exposição do Mundo Português, acabou por destruir estruturas preexistentes do seu antigo jardim, instalando-se nos terrenos retalhados da Quinta de Baixo.

Num sentido positivo, destaca-se a intervenção paisagística realizada em 1981 pelo arquiteto paisagista Manuel Sousa da Câmara num projeto de arranjo do jardim da Arrábida ligado à residência privada do Presidente Ramalho Eanes.

Na transição para o século XXI, a intervenção realizada no âmbito da Presidência de Jorge Sampaio realizada pelo arquiteto Carrilho da Graça, João Gomes da Silve e Inês Norton de Matos, procedeu-se à instalação inovadora de um jardim em terraço que cobre a construção do Centro de Documentação e Informação.

Em face desta história multisecular, muitos melhoramentos se realizaram na antiga Quinta de Baixo, merecendo muito justamente a classificação em 2007 como monumento nacional de todo o conjunto do seu palácio e jardins confinantes de 2,5 hectares, integrando ainda os 7,5 hectares do Jardim Botânico Tropical, conjunto de jardins que outrora faziam parte da Real Quinta de Belém.

O Mosteiro dos Jerónimos é considerado a obra-prima da arquitectura manuelina.

Claustro do Mosteiro dos Jerónimos ou de Santa Maria de Belém

Local de contemplação, meditação de sombras e contrastes onde muitas vezes deparamos com representações botânicas esculpidas, como se de um jardim simbólico e perene se tratasse, em contraste com o verde, efémero e desenhado em redor do lago central. É, provavelmente, a obra prima da arquitetura e escultura portuguesa. Várias foram as "mãos" que o fizeram, das quais destacamos João Castilho.

Pátio do Museu da Marinha

Enorme terreiro onde se situa a chamada Torre Oca, conjunto que merecia melhor tratamento, mais mobiliário urbano para descanso e reflexão, e que poderia ser a sala de estar ao ar livre do Museu.

Pátio do Museu da Marinha.

Claustro do Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

Centro Cultural de Belém

Construção polémica que hoje é uma referência cultural da cidade, com assinatura dos arquitectos Vittorio Gregotti e Manuel Salgado. Têm no Terraço das Oliveiras a sombra e o horizonte vasto para o azul do rio até à outra banda e para o mar.

Claustro do Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso

Antigo convento do século XVII, encostado à antiga praia do Bom Sucesso, cuja construção se deve a D. Iria de Brito. Possui um claustro maneirista de grande beleza. Destaque para Sala do Capítulo, Refeitório e Igreja, que evoca Nossa Sra. do Bom Sucesso.

Padrão dos Descobrimentos

Edificado à beira do Tejo entre 1958 e 1960. Esta estrutura reproduz uma caravela galgando as ondas, em cuja proa se situa a figura do Infante D. Henrique (o grande artífice dos Descobrimentos portugueses), liderando 32 grandes estátuas que representam figuras importantes desse período histórico, incluindo navegadores, monarcas, clérigos, homens da ciência e das letras. O topo do edifício é um miradouro que proporciona excelentes panoramas sobre Belém e o rio Tejo.

Museu da Marinha

Localizado nos anexos do Mosteiro dos Jerónimos, o Museu da Marinha apresenta a evolução das técnicas náuticas e das campanhas marítimas portuguesas até aos nossos dias. Um espólio que integra documentos cartográficos, instrumentos náuticos, modelos de navios (barcas, caravelas, naus, fragatas, lugres, veleiros, etc.) reproduzidos com extrema fidelidade e embarcações régias como galeotas e bergatins do século XVIII. De destacar também o magnífico conjunto sobre a

O Padrão dos Descobrimentos é composto por 33 grandes estátuas que representam figuras históricas associadas aos Descobrimentos. O topo do edifício é um miradouro de onde se obtêm excelentes vistas sobre Belém e o Tejo.

pesca tradicional na costa portuguesa e o tráfego fluvial nos principais rios do país (incluindo uma sala destinada ao Tejo), onde se pode contemplar o valor patrimonial da grande diversidade de embarcações que ainda no século XX coloriam as águas de norte a sul do país, incluindo os Açores e a Madeira.

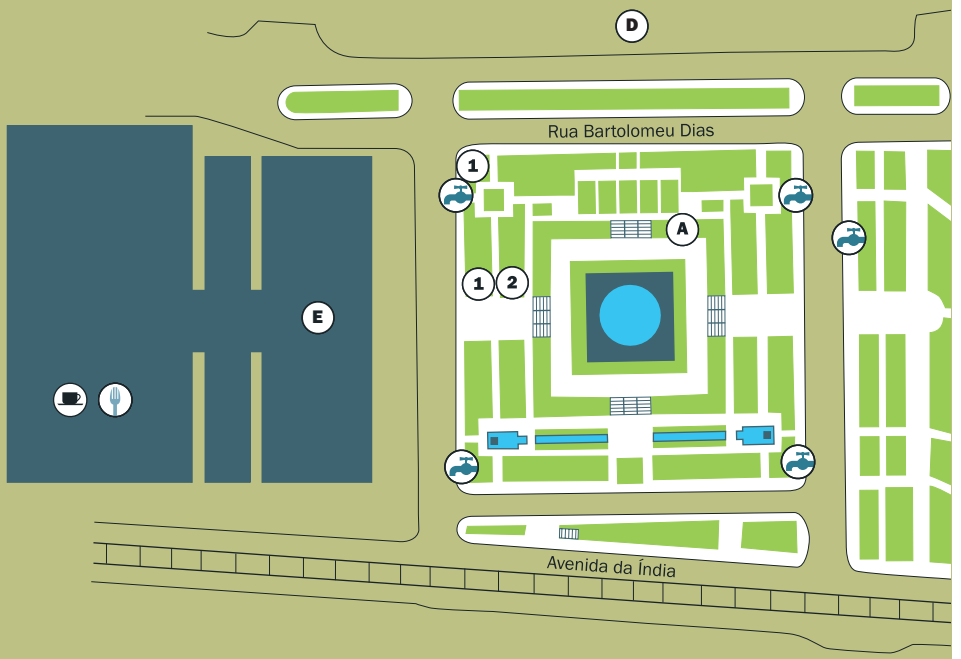
Museu de Arte Popular

Inaugurado em 1948 e situado à beira do Tejo, entre o Padrão dos Descobrimentos e a Torre de Belém, o Museu de Arte Popular encerra uma valiosa colecção etnográfica de todas as regiões do país: alfaias agrícolas, arte pastoril, têxteis, trajos, cerâmica, cestaria, escultura, instrumentos musicais, mobiliário, ourivesaria, pesca e transportes.

Antiga Confeitaria de Belém (Pastéis de Belém)

Na Antiga Confeitaria de Belém confeccionam-se os doces mais famosos de Lisboa: os Pastéis de Belém. A sua receita conventual é mantida na íntegra desde 1837. Esta confeitaria, com inúmeras salas, recebe diariamente uma romaria de gente. Os seus pastéis cremosos de massa folhada, polvilhados com canela, são uma óptima sugestão para adoçar o paladar em qualquer pausa junto ao Tejo.

MAPA DO CONJUNTO MONUMENTAL DE BELÉM



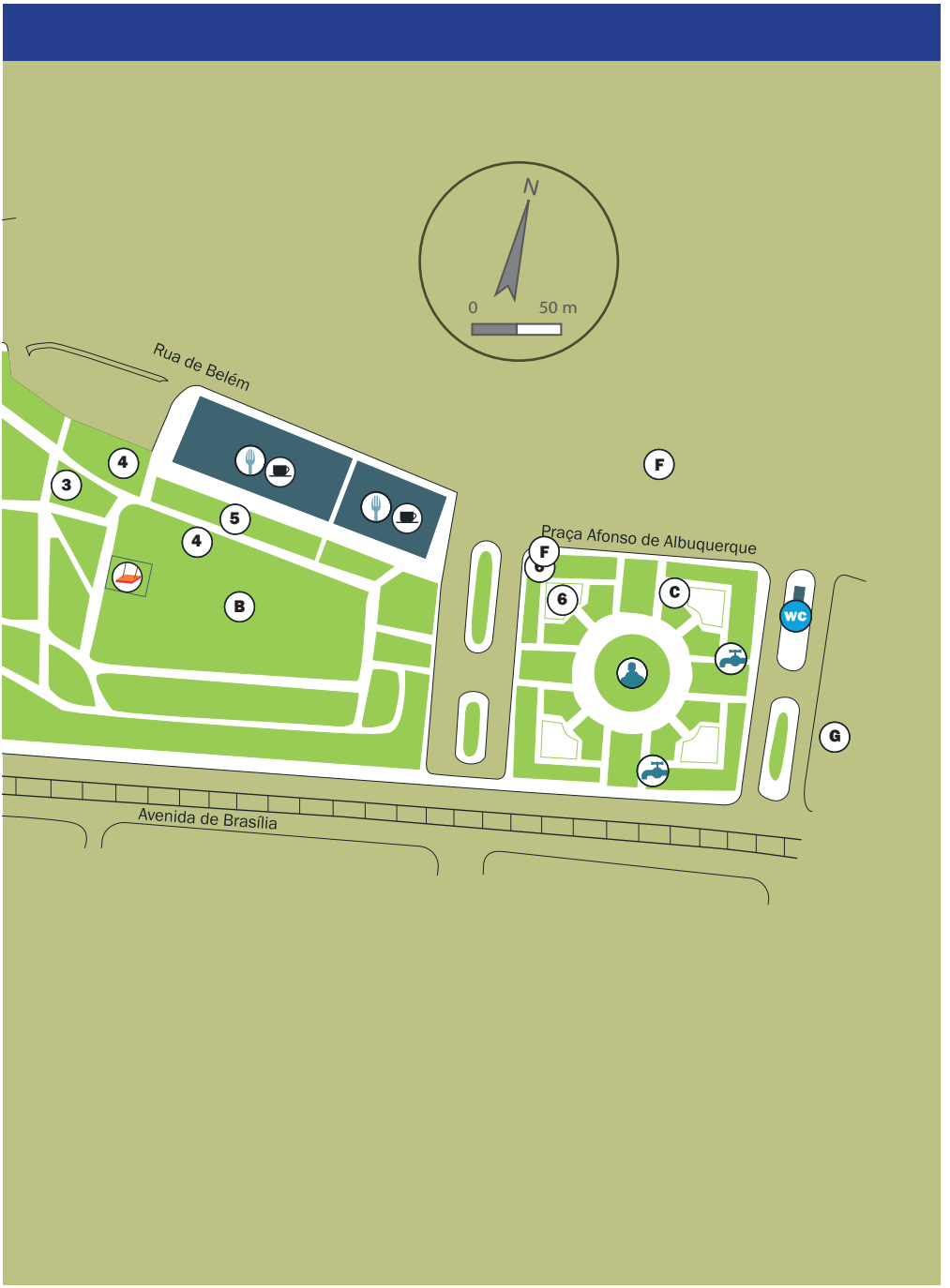
SÍMBOLOS

- WC
- Quiosque/Cafetaria
- Restaurante
- Parque Infantil
- Área de Merendas
- Bebedouro
- Estatuária

- **A** Jardim do Império
- **B** Jardim Vasco da Gama
- **C** Jardim Afonso de Albuquerque
- **D** Mosteiro dos Jerónimos
- **E** Centro Cultural de Belém
- **F** Palácio de Belém
- **G** Museu Nacional dos Coches

ESPÉCIES INDICADAS NO TEXTO

1. Oliveira (*Olea europea*)
2. Cipreste (*Cupressus sempervirens*)
3. Tipuana (*Tipuana tipu*)
4. Laranjeira (*Citrus sinensis*)
5. Lódão (*Celtis australis*)
6. Pinheiro-manso (*Pinus pinea*)


N
0
50 m
Rua de Belém
Praça Afonso de Albuquerque
Avenida de Brasília
WC
F
G
B
C
3
4
5
6

Jardim do MAAT.

Jardim Central Tejo e Jardim do Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT)

Os jardins servem de enquadramento, respetivamente, ao edifício histórico da Central EléctricaTejo (hoje Museu da Eletricidade), que abasteceu a cidade e região de Lisboa, e do MAAT, ambos propriedade da EDP - Energias de Portugal.

O primeiro, junto à Estação Fluvial de Belém, de onde partem os barcos que nos levam a Porto Brandão e à Trafaria, na outra banda do Rio Tejo, é servido por uma ponte pedonal que atravessa a avenida rodoviária e a linha de caminho de ferro até ao centro da cidade, mesmo junto ao novo Museu dos Coches. O segundo, com uma densa vegetação arbórea, procura representar as matas ribeirinhas que ainda caracterizam alguns troços do Tejo, conseguindo também atenuar o ruído e o impacto visual da circulação rodoviária e ferroviária que o ladeiam. Há ainda um miradouro que proporciona ótimas vistas sobre o rio e a cidade.

Este conjunto proporciona igualmente um passeio à beira do Tejo onde não faltam locais para usufruto desta zona ribeirinha.

Jardim Central Tejo.

JARDIM DA TORRE DE BELÉM

Uma Joia do Tejo

O TEJO E A TORRE DE BELÉM – o rio e a sua nobre sentinela – estão sempre presentes em qualquer recanto do jardim, como autênticos ícones de Lisboa. No seu amplo relvado sobressaem oliveiras, grandes pinheiros-mansos e algumas alfarrobeiras. Construído nos terrenos anteriormente utilizados pela Fábrica de Gás de Belém, o jardim foi projetado pelo arquiteto paisagista António Viana Barreto em 1954. Para além da joia da arquitetura manuelina, classificada como Património Mundial pela UNESCO, é possível relembrar outros momentos históricos. É o caso do singular Monumento aos Combatentes do Ultramar, cujos mártires têm os seus nomes perpetuados num extenso mural. Este monumento está enquadrado pelo Forte do Bom Sucesso, morada do Museu do Combatente. De destacar ainda, junto ao Tejo, o monumento comemorativo da primeira viagem aérea entre a Europa e a América do Sul, que Gago Coutinho e Sacadura Cabral levaram a cabo em 1922. Mas voltemos às árvores.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

- **Área total:** 5 hectares
- **Ano de criação:** 1954
- **Corredor Verde:** Ribeirinho
- **Endereço:** Av. de Brasília
- **Entrada:** jardim não vedado
- **Acesso a pessoas com mobilidade reduzida:** sim
- **Parque infantil:** não
- **Quiosque/cafetaria:** sim
- **WC:** sim
- **Parque de merendas:** não
- **Acesso a cães:** sim (com trela)
- **Equipamentos de manutenção física:** não

Pinheiros, oliveiras e carvalhos

O pinheiro-manso (*Pinus pinea*) (1) e a oliveira (*Olea europaea*) (2) estão bem

MAPA

presentes nas paisagens de Portugal. O pinheiro-manso é uma árvore de copa larga e arredondada, conferindo-lhe um grande valor paisagístico, sendo também um bom refúgio para aves. A oliveira, facilmente reconhecida pela cor cinza da sua folhagem e os troncos retorcidos e bem marcados pelo passar dos anos, é uma árvore de grande longevidade, podendo ultrapassar os 2 mil anos de idade.

Junto da passagem aérea de peões encontra-se um carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) (3). Também conhecido por carvalho-roble, é a grande árvore dos bosques de folha caduca do Norte da Europa e de Portugal, embora com uma distribuição já muito fragmentada no país. Esta espécie pode ultrapassar os 500 anos de vida, formando ecossistemas de grande importância para a biodiversidade.

O singular monumento em homenagem aos Combatentes do Ultramar.

Jardim Ana Sommer

É um espaço verde público que envolve o singular edifício do Centro de Investigação Champalimaud, erigido no início deste século, distinguido com uma Menção Honrosa do Prémio Valmor e Municipal de Arquitetura de 2011. O jardim prolonga-se pelo passeio que acompanha as margens do Tejo, com vários locais de estadia e um restaurante.

Que futuro entre Lisboa e o mar?

A FORTÍSSIMA LIGAÇÃO de Lisboa ao mar passa, obviamente, pelo estuário do Tejo. Por esta razão, e no âmbito da Lisboa Capital Europeia Verde 2020, a Câmara Municipal de Lisboa lançou os livros "Estuário do Tejo - Onde o Rio Encontra o Mar", da autoria da Prof. Maria José Costa, e o "Guia dos Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal Continental", coordenado pela Prof. Maria João Collares-Pereira.

O compromisso da "Carta dos direitos do Estuário do Tejo", com a chancela do senhor ministro do Mar, é um sinal positivo e de grande relevância política.

CARTA DE DIREITOS DO ESTUÁRIO DO TEJO

O ESTUÁRIO DO TEJO é um dos maiores estuários da Europa Ocidental e, como todos os sistemas estuarinos, é uma zona de transição entre os tributários de água doce, a montante, e o mar, a jusante, sendo diretamente influenciado por estes e pela zona terrestre adjacente.

Por se encontrar numa zona de transição biogeográfica, com influências temperada e subtropical, e possuir elevada dimensão, apresenta uma grande variedade de habitats e encerra uma biodiversidade muito significativa, a par da abundância de organismos típica deste tipo de sistemas.

A sua excecional riqueza biológica é a razão para a presença de recursos vivos abundantes, que a par dos recursos não vivos, servem de base a uma panóplia de serviços prestados por este ecossistema ao ser humano, e em particular às populações que vivem nas suas margens há vários milénios, e que deles têm dependido, direta e indiretamente.

O crescimento populacional na envolvente do estuário do Tejo nos tempos modernos conduziu a fortes pressões antrópicas no ecossistema e à sua degradação, que felizmente se começou a inverter nos últimos anos. Contudo, muito há ainda a fazer para recuperar o sistema, assegurando-se a manutenção dos seus serviços, valorizando-se os diferentes conhecimentos e adotando-se modos de viver e fazer, em harmonia com os ritmos da natureza.

Neste contexto, as entidades signatárias do presente documento comprometem-se a colaborar no sentido de se concretizarem as seguintes medidas para aumentar o conhecimento e salvaguardar a sustentabilidade do ecossistema estuarino:

1.
Promover a implementação de um observatório do estuário do Tejo, (que inclua um sistema de monitorização, arquivo e tratamento de informação associado e, quando relevante, uma componente de previsão em tempo real), nas diversas áreas do conhecimento, que permita aferir de modo continuado e integrado o estado do sistema e atuar em tempo útil caso sejam detetados problemas relevantes.

2.
Incrementar, nas diferentes vertentes, o conhecimento sobre o sistema e regiões influentes e as diversas vivências a ele ligadas, e desenvolver formas de aplicação desse conhecimento que contribuam para a sua conservação, recuperação e usufruto.

3.
Promover ações para assegurar o normal funcionamento e manutenção da estrutura do ecossistema, bem como a sustentabilidade dos seus serviços, nomeadamente através de intervenções preventivas que visem a proteção dos habitats, da biodiversidade e dos recursos ou de programas de mitigação dos impactos, ou de recuperação dos mesmos, promovendo simultaneamente a qualidade de vida das populações.

4.
Fomentar a criação e desenvolvimento de atividades económicas de base sustentável ligadas ao estuário, que permitam aumentar a ligação das populações ao sistema e substituir modos de vida insustentáveis.

5.
Desenvolver a literacia estuarina da população em geral e especialmente das comunidades ribeirinhas, de forma a fortalecer a ligação das pessoas ao estuário e respetivas culturas, promovendo a sua salvaguarda e usufruto sustentado.

Corvinas no Oceanário de Lisboa – uma espécie cada vez mais frequente no estuário do Tejo, a ser avaliada no "Livro Vermelho dos Peixes Marinhos de Portugal", mas que não deverá constar como estando em risco.

Assinale-se, ainda, mais duas importantíssimas iniciativas:

O "Livro Vermelho dos Peixes Marinhos de Portugal" tem como objetivo avaliar o risco de extinção de todas as espécies de peixes marinhos que ocorrem em Portugal Continental e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, encontrando-se já em elaboração na sequência do Protocolo assinado entre o Município de Lisboa, o Oceanário de Lisboa, S.A. e a Fundação Oceano Azul;

O início da investigação sobre o canhão de Lisboa, que após o workshop "Do estuário do Tejo ao canhão de Lisboa, conhecer para valorizar", realizado em parceria com o IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera, em 22 de Junho de 2021, deu o "pontapé de saída" para se discutirem e procurarem respostas às seguintes perguntas: o Estuário do Tejo e o canhão de Lisboa são berçários para peixes? Quais os movimentos, a frequência e a quantidade dos sedimentos, dos poluentes e dos lixos que vão do rio Tejo para a planície abissal? Qual a importância ecológica do canhão e do estuário para os cetáceos? Para quando a monotorização do canhão de Lisboa?

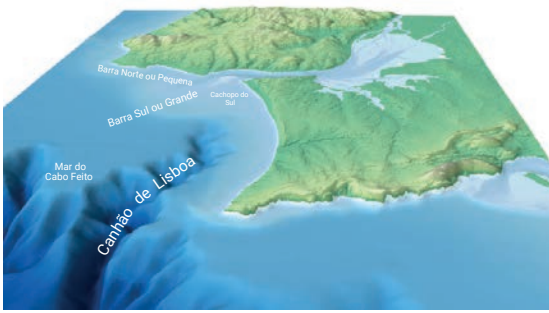


Foto de grupo das gentes da nascente e da foz do Tejo.

Encontro entre a Nascente e a Foz do Tejo

A ALEGRIA E A AMIZADE, espontâneas e sem cálculos, do reencontro das gentes do Tejo que recentemente aconteceu em Lisboa, é um sinal de que é possível continuar por este caminho de fraternidade, entre populações e locais, entre pessoas de experiências e vivências diferentes, que são vizinhas do mesmo rio.

Seria bonito que, no futuro, anualmente, se realizasse uma prova desportiva ou um passeio, umas vezes com partida da nascente, outras da foz, que percorresse todo o Tejo, como forma de divulgar que existe um rio sem fronteiras, com diversas e variadas culturas. Seria o modo de lançarmos pontes com referência àquilo temos em comum e à partilha, sem pensar nas distâncias ou nos orgulhos de cada um. Afinal, é o Tejo que nos une.

Lisboa em Albarracin, cidade classificada pela Unesco, a 12 quilómetros da nascente do Tejo.

Passeio de peralejanos e lisboetas pelo estuário do Tejo.

Forte de São Lourenço (Bugio).

Bugio

Também conhecido como Forte de São Lourenço da Cabeça Seca, ou simplesmente Torre do Bugio, é o marco da Barra do Tejo, desde os fins do século XVI/XVII. Isolado e sozinho na água imensa, é o farol de quem parte e quer chegar, é o primeiro sítio em que se diz e vê: Lisboa.

A canoa "Esperança", recuperada pelo município de Lisboa, voltou a navegar nas águas do Tejo.

Até termos respostas às perguntas anteriormente enunciadas, fiquemos com a nova receita do "Brás com alface do mar do rio Tejo" já atrás referida neste guia, com o presente livro que nos dá a conhecer a grandeza do rio Tejo, da nascente à foz, com os passeios na canoa da cidade de Lisboa, para que no futuro tenhamos, como indica o nome da embarcação: Esperança.

O futuro começa em terra

Aguarela do arquiteto António Braga, representando a futura ponte sobre o Trancão, que vai unir as terras de Loures e Lisboa.